

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

DEBORAH LAVORATO LEME

**Matula no sertão:**

a trajetória do coronel Percy Harrison Fawcett no Brasil (1906-1951)

**Versão corrigida**

São Paulo

2023

DEBORAH LAVORATO LEME

**Matula no sertão:**

a trajetória do coronel Percy Harrison Fawcett no Brasil (1906-1951)

**Versão corrigida**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida de Menezes Borrego

São Paulo

2023

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a):** Deborah Lavorato Leme

**Data da defesa:** 31/05/2023

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Maria Aparecida de Menezes Borrego

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 20/08/2023



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L551m Leme, Deborah Lavorato  
Matula no sertão: a trajetória do coronel Percy Harrison Fawcett no Brasil (1906-1951) / Deborah Lavorato Leme; orientadora Maria Aparecida de Menezes Borrego - São Paulo, 2023.  
232 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Percy Harrison Fawcett. 2. Relato de viagem. 3. Cidades perdidas. 4. Demarcação de fronteiras. 5. Royal Geographical Society. I. Borrego, Maria Aparecida de Menezes, orient. II. Título.

LEME, Deborah Lavorato. **Matula no sertão**: a trajetória do coronel Percy Harrison Fawcett no Brasil (1906-1951). 2023. 232 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Para Helena (1948-1977), *in memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Universidade Virtual do Estado de São Paulo pela bolsa concedida através do Programa de Formação Didático-Pedagógica para Cursos na Modalidade a Distância. Além de viabilizar a pesquisa, a bolsa permitiu que eu tivesse uma formação complementar ao me conceder a oportunidade de obter o certificado de especialista em ensino a distância.

Deixo aqui registrado o meu profundo agradecimento a minha orientadora, professora Maria Aparecida de Menezes Borrego. Muito obrigada, Cidinha, pela parceria nos últimos anos, desde a concepção do projeto de pesquisa – quando eu ainda era estagiária no Museu Paulista – até os momentos finais e por todo o diálogo profícuo durante esse processo. Sinto-me privilegiada por poder contar com sua leitura acurada e rigor intelectual. Obrigada por ter tornado a experiência da pós-graduação mais leve e enriquecedora para mim.

Agradeço aos professores da pós-graduação, Francisco Queiroz, Gabriela Pellegrino Soares, Ricardo Sequeira Bechelli e Sonia Maria Troitiño Rodriguez pelas valiosas contribuições a minha pesquisa através de sugestões bibliográficas. Agradeço em especial ao professor Ricardo por ter oferecido uma disciplina no período noturno (muito valiosa para discentes que, como eu, tentam conciliar vida acadêmica com vínculo empregatício) e à professora Sonia pelo convite para publicar um artigo em um dossiê organizado por ela na Revista LaborHistórico.

Agradeço as professoras Maria Helena Pereira Toledo Machado e Stella Maris Scatena Franco pelas valiosas observações feitas no exame de qualificação, seus apontamentos e sugestões foram de grande valia para o meu processo de escrita.

A todos os meus professores desde o ensino básico que me apresentaram ao mundo da leitura e das ciências, especialmente meus professores de história: Soraya, João Gazeta e Antonio Celso. Sou imensamente grata por terem despertado em mim o gosto pela literatura, pela história e pela docência.

A todos os profissionais de instituições de guarda que se dedicam à preservação e à difusão de acervos. Sem esse trabalho hercúleo e – infelizmente – quase invisível, essa e muitas outras pesquisas não existiriam.

Agradeço a Cintia R. Almeida e Luanna G. M. do Nascimento por terem aceitado embarcar comigo na odisseia de tentar entender os itinerários de Fawcett através da América do Sul e pelos mapas que resultaram desse esforço conjunto.

A todos os colegas de graduação e pós-graduação, em especial a Caroline da Silva Mariano, amiga dos tempos do cursinho pré-vestibular e da Linha 7 Rubi da CPTM. Foi uma honra e um prazer compartilhar com você – e outras colegas – caminhadas até a estação, o dia do trote, as filas do bandeirão, da xerox e os trabalhos em grupo, experiências fundamentais da vida acadêmica.

Ao time de rugby feminino da FFLCH que eu acompanho desde a semana de recepção de calouros, em 2013. Lá se vão 10 anos de terceiros tempos, cervejadas, campeonatos e amistosos com muita raça, força e união. Esse time me presenteou com momentos e amizades inesquecíveis.

A Ina Hergert e Flávia Urzua pelo aprendizado durante o estágio no Museu Paulista que me proporcionou crescimento profissional e pessoal; essa dissertação nasceu ali, às margens do Ipiranga, tal como a nossa amizade, que vou levar para a vida toda.

Às minhas amigas Amanda Lucio, Graziela Lojor, Larissa Blanco, Letícia Rocha, Mariana Xavier, Stephanie Iris e Valquiria Palermo por todos os momentos de alegria e choro compartilhados. Sozinha eu não teria conseguido atravessar todos esses anos de pesquisa, repletos de dúvidas e reviravoltas. Vocês foram a minha salvação nos momentos mais difíceis.

À minha avó, Marli Lavorato, que, desde que eu me lembre, proporciona aos netos uma calorosa acolhida em sua casa, que na última década venho chamando de lar.

Aos meus irmãos Stefano Lavorato e Thales Lavorato pelo companheirismo de sempre e pela aventura que é compartilhar uma trajetória de vida com vocês. Agradeço ao Stefano por ter me apresentado com quatro sobrinhos maravilhosos – Mayara, Manuela, Helena e Leonardo – e ao Thales por ter nos escolhido como sua família – como ele mesmo costuma dizer – para dividir conosco a sua forma peculiar de ver o mundo.

À minha cunhada Vanessa pela escuta sempre atenta e por dividir comigo sua rica sabedoria por meio de bons conselhos.

Às minhas tias Cilmara, Cida e Zélia por todo o apoio, carinho e respeito mútuos.



Quero fazer um agradecimento especial aos meus pais, Silvia e Robinson, pelos gestos e palavras de incentivo aos estudos desde a infância. Jamais esquecerei das vezes em que, passando ao lado do muro da USP na Marginal Pinheiros, eles me diziam: “um dia você vai estudar aqui”, ou das vezes em que, voltando da escola, vocês me perguntavam o que eu tinha aprendido naquele dia. Hoje eu sei que esses momentos são muito mais valiosos do que qualquer conteúdo que eu tenha aprendido durante a minha vida escolar. Sou eternamente grata pelos pequenos e grandes sacrifícios que vocês fizeram, desde comprar um livro que eu pedia de presente até lutar por uma bolsa de estudos numa escola particular, o que, eventualmente, me ajudou a ultrapassar os muros tão altos da universidade pública. Todas essas pequenas-grandes ações me conduziram até aqui e são essas coisas – e muitas outras que não cabem nesses agradecimentos – que eu nunca vou esquecer.

Por fim, aos  $N$  motivos que me levaram a participar do processo seletivo da pós-graduação – o que na época não estava no meu horizonte de possibilidades –, minha eterna (enquanto dure) gratidão.

Ao vir de antiga terra, disse-me um viajante:  
Duas pernas de pedra, enormes e sem corpo,  
Acham-se no deserto. E jaz, pouco distante,  
Afundando na areia, um rosto já quebrado,  
De lábio desdenhoso, olhar frio e arrogante:  
Mostra esse aspecto que o escultor bem conhecia  
Quantas paixões lá sobrevivem, nos fragmentos,  
À mão que as imitava e ao peito que as nutria  
No pedestal estas palavras notareis:  
“Meu nome é Ozimândias, e sou Rei dos Reis:  
Desesperai, ó Grandes, vendo as minhas obras!”  
Nada subsiste ali. Em torno à derrocada  
Da ruína colossal, a areia ilimitada  
Se estende ao longe, rasa, nua, abandonada

(Percy Bishop Shelley, “Ozimândias”, **Ode ao vento oeste e outros poemas**, tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos)

[...] nós, que resfolegávamos divididos entre preguiça e produtividade, perdíamos horas na incerteza de decidirmos se éramos preguiçosos ou produtivos.

(Natalia Ginzburg, “Retrato de um amigo”, **As pequenas virtudes**, tradução de Maurício Santana Dias)

## RESUMO

LEME, Deborah Lavorato. **Matula no sertão**: a trajetória do coronel Percy Harrison Fawcett no Brasil (1906-1951). 2023. 232 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O tema desta pesquisa é a trajetória do explorador inglês Percy Harrison Fawcett (1867-1925) no Brasil na primeira metade do século XX, analisada aqui pela lente da história transnacional proposta por Barbara Weinstein (2013). A primeira vinda de Fawcett à América do Sul ocorreu em 1906 a convite da *Royal Geographical Society*, da qual era membro, para se juntar à chamada Comissão Mixta [sic] de mapeamento da fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Entre 1906 e 1925 Fawcett realizou sete expedições à América do Sul, interrompidas durante a I Guerra Mundial, quando foi convocado para ir ao front. Além de militar bem-sucedido, Fawcett foi reconhecido ainda em vida como um ótimo topógrafo e adepto do espiritualismo, o que contribuiu para a construção de uma aura mística em torno de sua figura. As incursões de Fawcett eram embasadas em suas controversas teorias sobre a possibilidade de existir uma cidade perdida remanescente da Atlântida nos sertões brasileiros a qual ele denominou “Z”. Seguidor da doutrina teosófica de Madame Blavatsky, Fawcett acreditava que, ao descobrir a cidade de Z, ele encontraria “índios brancos” descendentes dos atlantes vivendo lá, mas em estado de degeneração. Nosso objetivo aqui é analisar os relatos de viagem e outros escritos de Fawcett em seus respectivos contextos de produção, reprodução e circulação – conceitos abordados por Roger Chartier (2001) – utilizando o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989). Ao nos debruçarmos sobre a trajetória de Fawcett encontramos diversos documentos produzidos por ele – cartas, relatórios, mapas, artigos, entre outros – dispersos em acervos brasileiros e estrangeiros. Por meio da análise de alguns desses documentos, concluímos que a intrincada relação entre as ideias de Fawcett, suas crenças e sua posição social – o que ele pensa, no que ele crê e quem ele é – combinaram-se num contexto histórico específico que viabilizou não apenas que ele aventasse a possibilidade de Z estar localizada no Brasil bem como permitiu que ele se dedicasse a essa busca por anos a fio, levando sua investigação até as últimas consequências.

**Palavras-chave:** P. H. Fawcett; *Royal Geographical Society*; Demarcação de fronteiras; Cidades perdidas. Relato de viagem.

## ABSTRACT

LEME, Deborah Lavorato. **Matula no sertão**: colonel Percy Harrison Fawcett's trajectory in Brazil (1906-1951). 2023. 232 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

The subject of this research is the trajectory of the English explorer Percy Harrison Fawcett (1867-1925) in Brazil in the first half of the twentieth century, analyzed here through the lens of transnational history proposed by Barbara Weinstein (2013). Fawcett's first visit to South America took place in 1906 at the invitation of the Royal Geographical Society, of which he was a member, to join the so-called Comissão Mixta for mapping the border between Brazil and Bolivia. Between 1906 and 1925 Fawcett undertook seven expeditions to South America, interrupted during World War I when he was summoned to go to the front. In addition to being a successful military man, Fawcett was recognized during his lifetime as an excellent topographer and spiritualist, which contributed to building a mystical aura around him. Fawcett's incursions were based on his controversial theories about the possibility of the existence of a lost city, a remnant of Atlantis, in the Brazilian hinterlands, which he called "Z". Our aim here was to analyze Fawcett's travel reports and other writings in their respective contexts of production, reproduction and circulation – concepts addressed by Roger Chartier (2001) – using the evidentiary paradigm proposed by Carlo Ginzburg (1989). When looking into Fawcett's trajectory we found several documents produced by him – letters, reports, maps, articles, among others – dispersed throughout Brazilian and foreign collections. Through the analysis of some of these documents, we concluded that the intricate relationship between Fawcett's ideas, his beliefs and his social position – what he thinks, what he believes in and who he is – were combined in a specific historical context that made it possible for him not only to raise the possibility of Z being located in Brazil, but also to devote himself to this quest for years, taking his research to its ultimate consequences.

**Keywords:** P. H. Fawcett; Royal Geographical Society; Border delimitation; Lost cities; Travel report.

## LISTA DE MAPAS

- Mapa 1** – Itinerário aproximado da 1ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (maio de 1906 a outubro de 1907) .....p. 61
- Mapa 2** – Itinerário aproximado da 2ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (março de 1908 a novembro de 1908) .....p. 69
- Mapa 3** – Itinerário aproximado da 3ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (maio de 1909 a 1909?) .....p. 72
- Mapa 4** – Itinerário aproximado da 4ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (junho de 1910 a janeiro de 1912) .....p. 75
- Mapa 5** – Itinerário aproximado da 5ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (1913 a 1914).....p. 79
- Mapa 6** – Itinerário aproximado da 6ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (fevereiro de 1920 a agosto de 1921) .....p. 118
- Mapa 7** – Itinerário aproximado da 7ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (setembro de 1924 a maio de 1925) .....p. 177

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1** – Reprodução dos caracteres esculpidos abaixo de uma figura humana entalhada no arco da entrada principal da cidade abandonada encontrada em 1753...p. 133
- Imagem 2** – Reprodução dos caracteres esculpidos nas ruínas do templo da cidade abandonada encontrada em 1753 .....p. 134
- Imagem 3** – Reprodução dos caracteres encontrados em um monolito quadrado em frente ao pórtico do templo da cidadã abandonada encontrada em 1753 .....p. 135
- Imagem 4** – Reprodução dos caracteres encontrados nas ruínas do templo, da mina de prata e dos túmulos .....p. 136
- Imagem 5** – Reprodução dos caracteres encontrados nas ruínas do templo, da mina de prata e dos túmulos .....p. 137
- Imagem 6** – Reprodução do ídolo de pedra feita por Brian Fawcett.....p. 148
- Imagem 7** – Reprodução da caricatura *Matula no Sertão* no jornal *Diário da Noite*. .....p. 172
- Imagem 8** – Fotografia de Assis Chateaubriand desfilando nos festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo ao lado de um “curumim” .....p. 198

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNRJ	Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro
CFEACB	Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil
FBC	Fundação Brasil Central
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MDJ	Museu Dom José
MHN	Museu Histórico Nacional
MN	Museu Nacional
MP	Museu Paulista
NANA	North American Newspaper Alliance
RAI	Royal Anthropological Institute
RBG	Royal Botanic Gardens
RGS	Royal Geographical Society
SNI	Serviço Nacional de Informação
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
SPR	Society for Psychical Research

## SUMÁRIO

<b>Introdução: P. H. Fawcett, o último vitoriano .....</b>	<b>18</b>
<b>Capítulo 1 – A vinda de Fawcett ao Brasil: expedições entre 1906-1914 .....</b>	<b>39</b>
1.1 O viés transnacional e o ciclo da borracha na Amazônia .....	39
1.2 Demarcação de fronteiras e a questão da exploração da mão-de-obra nativa .....	46
1.3 Itinerários de Fawcett antes da I Guerra Mundial.....	57
1.3.1 A primeira expedição (maio de 1906 – outubro de 1907).....	57
1.3.2 A segunda expedição (março de 1908 – novembro de 1908).....	67
1.3.3 A terceira expedição (maio de 1909 – 1909?).....	70
1.3.4 A quarta expedição (junho de 1910 – janeiro de 1912).....	73
1.3.5 A quinta expedição (1913-1914) .....	76
1.4 As fontes biográficas e a questão do indivíduo na história.....	80
1.5 O episódio do rio Verde .....	83
1.5.1 A versão do jornalista Edmar Morel .....	83
1.5.2 A versão do jornalista Larry Rohter .....	86
1.5.3 A versão do almirante José Candido Guillobel.....	91
1.5.4. A versão do coronel Percy Fawcett.....	98
<b>Capítulo 2 – A cidade perdida de Z: expedição entre 1920-1921 .....</b>	<b>106</b>
2.1 A sexta expedição (fevereiro de 1920 – agosto de 1921) e o embate com o marechal Rondon.....	106
2.2 Gold Bricks at Badulla.....	120
2.3 The lost city of my quest.....	130
2.4 O Documento 512 no contexto do primeiro volume da Revista do IHGB e a busca por cidades perdidas.....	141
2.5 O ídolo de pedra.....	147
<b>Capítulo 3 – A expedição de 1925 e o desaparecimento de Fawcett .....</b>	<b>154</b>
3.1 A sétima expedição (setembro de 1924 – maio de 1925) e a questão da raça....	154
3.2 O desaparecimento de P. H. Fawcett e seu grupo.....	166
3.3 As expedições de resgate .....	178
3.4 Os ossos de Fawcett.....	193



**Considerações Finais: Por que Fawcett? ..... 206**

**Referências Bibliográficas ..... 212**

1 Fontes primárias principais..... 212

2 Fontes primárias complementares ..... 214

3 Bibliografia..... 217

## Introdução: P. H. Fawcett, o último vitoriano

Se atingirmos o objetivo e retornarmos, ou se deixarmos nossos ossos apodrecerem lá, uma coisa é certa. A resposta para o enigma da América do Sul Antiga – e talvez do mundo pré-histórico – poderá ser encontrada quando aquelas antigas cidades forem localizadas e abertas à pesquisa científica. Estou certo de que essas cidades existem...<sup>1</sup>

Percy Harrison Fawcett

Esse excerto é parte de um dos últimos registros documentais de que se tem notícia até hoje do coronel<sup>2</sup> inglês Percy Harrison Fawcett (1867-19??) e se trata de uma carta<sup>3</sup> endereçada à sua esposa, Nina Fawcett, datada de 29 de maio de 1925. Após esse dia sua família nunca mais obteve qualquer prova material que determinasse o paradeiro do explorador e de seus companheiros de expedição ou mesmo que indicasse se eles estavam vivos. A carta foi escrita durante a sétima e última expedição realizada pelo coronel Fawcett na América do Sul, a partir da latitude 110° 43' sul e longitude 540° 35' oeste, coordenadas que correspondem a um ponto no mapa do Brasil atualmente dentro dos limites da cidade de União do Sul, município a cerca de 650 km de Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso, de onde o coronel havia partido no dia 02 de abril de 1925<sup>4</sup> na companhia de dois jovens: seu filho mais velho, Jack Fawcett (1903-19??), e um amigo da família, Raleigh Rimmel (1902-19??).

---

<sup>1</sup> “Whether we get through, and emerge again, or leave our bones to rot in there, one thing’s certain. The answer to the enigma of Ancient South America – and perhaps of the prehistoric world – may be found when those old cities are located and opened up to scientific research. That the cities exist, I know...” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 304, tradução nossa.

<sup>2</sup> Percy Harrison Fawcett se aposentou do exército britânico como *lieutenant colonel* (tenente-coronel), mas ficou conhecido popularmente apenas como coronel.

<sup>3</sup> De acordo com um artigo publicado no *Geographical Journal* em 1928, “The last authentic news of Col. Fawcett is dated 30 May 1925” e consistem em um despacho enviado para a *North American Newspaper Alliance* (NANA), um conglomerado de jornais estadunidenses que em 1924 aceitara patrocinar a empreitada de Fawcett exigindo, em contrapartida, que ele lhes enviasse em primeira mão todo e qualquer avanço ou descoberta realizados pela expedição. COLONEL FAWCETT’S Expedition in Matto Grosso. **Geographical Journal**, v. 71, n. 2, pp. 176-185, feb. 1928.

<sup>4</sup> “We leave Cuyaba on April 2 [...]” / “Deixamos Cuiabá no dia 2 de abril [...]” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 280, tradução nossa.

No interior do Mato Grosso o trio estava à procura de resquícios de uma cidade perdida originária de Atlântida<sup>5</sup>, uma ilha descrita pela primeira vez na literatura ocidental por volta do ano 355 a.C.<sup>6</sup> pelo filósofo Platão em seu diálogo *Timeu-Crítias*<sup>7</sup>. É a essa cidade perdida – cujos habitantes seriam descendentes diretos dos atlantes – que Fawcett se refere no excerto acima e cuja descoberta ele considerava “a resposta para o enigma da América do Sul Antiga”. Ele chamou essa cidade de “Z”.

Se focalizarmos a expedição de 1925 como um evento isolado no âmbito das atividades exploratórias de Fawcett de fato pode soar como desvario a mera referência à presença de resquícios da Atlântida em território brasileiro, e não nos surpreende que, no calor dos acontecimentos, ao levar a cabo o intento de buscar provas materiais de suas teorias e suposições, Fawcett tenha sido taxado como louco. No entanto, ao examinarmos os acontecimentos de 1925 como parte integrante de uma sequência de eventos e, portanto, levarmos em consideração que aquela era não a primeira, mas a sétima expedição de Fawcett à América do Sul e que ele era *Fellow of the Royal Geographical Society*<sup>8</sup>, a linha interpretativa que questiona a sanidade mental dele perde força e então começamos a olhar para a expedição de 1925 e para a trajetória de Fawcett em perspectiva histórica desde a sua primeira vinda ao continente sul-americano, em 1906. Apesar da derradeira expedição de 1925 atizar a curiosidade do público em geral e ser um bom ponto de partida para estudar o chamado “caso Fawcett”, é preciso olhar para além e aquém dos

---

<sup>5</sup> “*The connection of Atlantis with parts of what is now Brazil is not to be dismissed contemptuously, and belief in it – with or without scientific corroboration – affords explanations for many problems which otherwise are unsolved mysteries.*” / “Não é de desprezar-se a relação que existe entre a Atlântida e partes do que é o Brasil atualmente, e a crença nessa relação – com ou sem corroboração científica – fornece-nos explicações para muitas questões que, de outra forma, seriam mistérios insolúveis.” *Ibidem*, p. 14, tradução nossa.

<sup>6</sup> “A maioria dos intérpretes situa a redação do *Timeu* e do *Crítias* por volta de 355 a. C.” VIDAL-NAQUET, Pierre. **Atlântida**: pequena história de um mito platônico. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 25.

<sup>7</sup> PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

<sup>8</sup> A *Royal Geographical Society* (RGS) foi fundada em Londres no ano de 1830 com o apoio do rei Guilherme IV e, desde então, seu propósito permanece praticamente o mesmo: “*the advancement of geographical science*” – “o progresso da ciência geográfica”. Ao longo dos anos, os métodos para alcançar esse propósito modernizaram-se concomitantemente ao processo de evolução da ciência e da técnica, mas continuam a incluir a realização de publicações diversas, palestras, conferências, o apoio e financiamento de expedições e pesquisas de campo, além da salvaguarda de coleções históricas. Desde sua fundação, a trajetória da RGS esteve intimamente ligada ao processo de exploração colonial da África, Ásia, Américas e regiões polares pelos europeus, especificamente pelo Império Britânico. Muitos exploradores consagrados foram *fellows* (membros) da RGS, dentre os quais podemos citar David Livingstone (missionário apontado como o primeiro europeu a descobrir as Cataratas Vitória, na fronteira entre a Zâmbia e o Zimbábue), Richard Francis Burton (considerado o descobridor do lago Tanganica, o segundo maior lago da África), Alfred Russel Wallace (codescobridor da teoria da evolução das espécies), Ernest Shackleton e Robert Falcon Scott (ambos exploradores das regiões polares).

últimos registros em vida do coronel para entender como ele chegou àquele ponto no estado do Mato Grosso, tanto no sentido geográfico quanto no sentido de seu percurso intelectual.

Nosso intento, portanto, é abordar a expedição de 1925 conectada às expedições anteriores realizadas na América do Sul, as quais, por sua vez, estão inseridas no contexto do plano de ação do Império Britânico, que entre o final do século XIX e início do XX estendia seus tentáculos através de uma grande rede de representantes e contatos bem estabelecidos e consolidados em todos os continentes – o próprio Fawcett fez carreira militar no Ceilão, atuou também em Hong Kong e em Malta, além de ter realizado um serviço secreto na África<sup>9</sup>.

Contextualizar os acontecimentos de 1925 é imprescindível para compreendermos como foi possível que um sujeito como Fawcett concebesse certas ideias em torno do passado brasileiro, reconstituindo-o como uma espécie de “Atlântida colonial” e, portanto, se faz necessária uma análise historiográfica calcada no estudo de fontes documentais e bibliográficas diversas. Levando em consideração a definição da nossa problemática – analisar a trajetória de Fawcett à luz da historiografia, abarcando as sete expedições que ele realizou na América do Sul entre 1906-1925 no âmbito do imperialismo britânico – para dar conta do contexto histórico optamos pela abordagem da história transnacional, a qual “[...] transcende as fronteiras nacionais e demonstra a circulação de mercadorias, ideias e instituições.”<sup>10</sup> Um breve esboço biográfico nos ajudará a entender um pouco melhor quem foi o coronel Fawcett nessa conjuntura.

Percy Harrison Fawcett nasceu em 31 de agosto de 1867 em Torquay, cidade litorânea no sul da Inglaterra. Era filho de Myra Elizabeth MacDougall e do capitão Edward Boyd Fawcett<sup>11</sup>, oficial do exército britânico nascido na Índia. P. H. Fawcett seguiu os passos do pai e optou pela carreira militar, tornando-se oficial de artilharia aos 19 anos, quando foi enviado ao Ceilão<sup>12</sup>. Foi lá que ele conheceu e se casou com Nina Agnes Paterson<sup>13</sup>, filha de um magistrado local, com quem teve três filhos: Jack (1903-19??), Brian (1906-1984) e Joan (1910-2005). Ele veio para a América do Sul pela

---

<sup>9</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 16.

<sup>10</sup> WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, pp. 9-36, jan./jun. 2013.

<sup>11</sup> MARRIAGES. **The Gentleman's Magazine and Historical Review**, v. 219. p. 109, jul./dec. 1865.

<sup>12</sup> Atual Sri Lanka.

<sup>13</sup> Posteriormente Nina Fawcett.

primeira vez em 1906, quando aceitou o convite da *Royal Geographical Society* (RGS) para se juntar à chamada Comissão Mixta [*sic*] de mapeamento da fronteira entre o Brasil e a Bolívia<sup>14</sup>. Entre 1906 e 1925 Fawcett realizou sete expedições à América do Sul, nas quais percorreu os territórios da Bolívia, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Peru e Brasil. Suas atividades exploratórias foram interrompidas durante a I Guerra Mundial (1914-1919), quando foi convocado para ir ao front, o que acabou resultando numa promoção de patente, de major para tenente-coronel<sup>15</sup>.

Além de militar bem-sucedido, Fawcett foi reconhecido ainda em vida como um ótimo topógrafo e um estudioso do ocultismo<sup>16</sup>, o que acabou por contribuir para a construção de uma certa aura mística e supersticiosa em torno de sua figura. Seu círculo de amigos contava com algumas figuras proeminentes da cena literária britânica do final do século XIX e começo do XX como, por exemplo, os escritores Henry Rider Haggard (1856-1925) e Arthur Conan Doyle (1859-1930), conhecidos por serem os criadores dos icônicos personagens Allan Quatermain e Sherlock Holmes respectivamente, personagens que marcaram a cultura e o imaginário da Era Vitoriana.

Foi justamente durante o reinado da rainha Vitória (1837-1901) que surgiram os romances de aventura repletos de personagens viris que se lançavam pelos quatro cantos do “[...] vasto império no qual o sol nunca se põe e cujos limites a natureza ainda não determinou”<sup>17</sup>, expressão que denota a extensão territorial do Império Britânico, o qual seria tão grande que sempre haveria um pedaço do globo terrestre sob o domínio inglês iluminado pela luz solar. Apesar de ter sido atribuída ao administrador real *Sir* George Macartney (1737-1806), segundo o filólogo alemão Georg Büchmann<sup>18</sup>, o uso dessa expressão para se referir a um império com uma grande extensão territorial remonta ao discurso de Xerxes I antes de invadir a Grécia, registrado por Heródoto em suas *Histórias*

---

<sup>14</sup> PEREIRA, Cel. Renato Barbosa Rodrigues. O Barão do Rio Branco e o traçado das fronteiras do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, pp. 187-244, abr./jun. 1945.

<sup>15</sup> Motivo pelo qual ele aparece descrito como major nos documentos relativos às expedições anteriores a 1914.

<sup>16</sup> Ver, por exemplo, artigo no qual ele descreve uma experiência sobrenatural na Turquia. FAWCETT, Percy Harrison. At the hot wells of Koniar. *Occult Review*, v. 42, n. 2, pp. 114-119, aug. 1925.

<sup>17</sup> “[...] vast empire on which the sun never sets and whose bounds nature has not yet ascertained.” In: MACARTNEY, Sir George. An Account of Ireland in 1773 by a late Chief Secretary of that Kingdom. London: 1773, p. 55. *Apud* KENNY, Kevin (Ed.) *Ireland and the British Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 72, tradução nossa.

<sup>18</sup> BÜCHMANN, Georg. *Geflügelte Worte: Der Citatenschatz des deutschen Volkes*. Berlin: Haude und Spener (F. Weidling), 1898, pp. 180-181.

(440-430 a.C.)<sup>19</sup>. Em sua obra Büchmann explica como essa expressão foi apropriada ao longo do tempo até finalmente ser associada ao Império Britânico entre os séculos XVIII e XIX graças ao enorme sucesso da empreitada imperialista inglesa, que entre 1876 e 1915 “[...] aumentou seus territórios em cerca de 10 milhões de quilômetros quadrados”<sup>20</sup>, chegando a dominar um quarto da superfície terrestre<sup>21</sup>.

A literatura serviu como importante meio de propaganda – assim como de crítica – do imperialismo europeu. Os versos do poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936) sintetizam a autoimagem que muitos europeus tinham de seus esforços civilizatórios: colonizar era “o fardo do homem branco”<sup>22</sup>. Por outro lado, o clássico *Coração das Trevas* (1902) do polonês naturalizado inglês Joseph Conrad (1857-1924) é um grande exemplo crítico do domínio europeu sobre a África. Versos de um outro poema de Kipling denominado *The Explorer* aparecem como epígrafe<sup>23</sup> no livro onde foram reunidos os manuscritos do coronel Fawcett pelo seu filho Brian, que chega inclusive a agradecer à filha de Kipling, Mrs. George Bambridge, por ela ter permitido a citação do poema de seu pai<sup>24</sup>.

Aparentemente Fawcett pendia mais para o lado propagandista de Kipling do que para o lado crítico de Conrad, o que se confirma pelo fato de que Conan Doyle se inspirou em Fawcett para criar o controverso personagem *Lord John Roxton*<sup>25</sup> e o cenário do altiplano que abriga espécimes pré-históricas presentes na obra *O mundo perdido* (1912), um romance de aventura no qual um grupo de exploradores europeus<sup>26</sup> descobre um platô

---

<sup>19</sup> A fala de Xerxes I dirigindo-se ao seu exército foi registrada por Heródoto da seguinte forma: “[...] we shall make the borders of Persian territory and of the firmament of heaven to be the same; for no land that the sun beholds will lie on our borders, but I will make all to be one country, when I have passed over the whole of Europe.” In: HERODOTUS. **Histories**. Translated by A. D. Godley. London: William Heinemann Ltd., 1921, v. 3, p. 311.

<sup>20</sup> HOBBSAWM, Eric. **A Era Dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 84.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>22</sup> KIPLING, Rudyard. *The White Man’s Burden: The United States & The Philippine Islands* (1899). In: **Rudyard Kipling’s Verse**. New York: Doubleday, 1940, pp. 321–323.

<sup>23</sup> KIPLING, Rudyard. *The Explorer* (1898). *apud* FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 1.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. VII.

<sup>25</sup> Para mais detalhes, ver: IWAI, Marcia Miyuki. **O romance de aventura europeu e a construção do Outro: uma análise de O mundo perdido (1912), de Arthur Conan Doyle**. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 69.

<sup>26</sup> Percy Fawcett não foi o único a inspirar Conan Doyle na criação dos personagens de *O Mundo Perdido*. Outro explorador inglês, Sir Edward Ferdinand im Thurn (1852-1932), inspirou o personagem do Professor George E. Challenger. Além de explorador, Thurn era botânico e ficou conhecido por ter liderado a expedição que atingiu o cume do Monte Roraima em 1884. DALZIELL, Rosamund. *The Curious Case of*

supostamente inexplorado, subjugam os selvagens que lá habitam e retornam para a Inglaterra como heróis<sup>27</sup>. Assim como Fawcett, “Consta que lorde Roxton se encontrava, alguns anos atrás, naquela terra de ninguém que é formada pelas fronteiras mal definidas entre Brasil, Peru e Colômbia.”<sup>28</sup> Além da experiência em expedições na floresta amazônica, Fawcett e Roxton guardam uma outra similaridade entre si: o interesse pelo paranormal e pelo espiritualismo<sup>29</sup>. No romance *A terra da bruma* (1926), continuação de *O mundo perdido*, John Roxton “[...] adere ao espiritualismo e investiga a existência de fantasmas.”<sup>30</sup> Segundo David Grann:

No passado, o interesse de Fawcett pelo oculto tinha sido uma expressão de sua rebeldia juvenil e sua curiosidade científica, que contribuíram para a sua tendência a contestar as ortodoxias predominantes em sua sociedade e a respeitar lendas e religiões tribais. Agora, porém, sua abordagem estava ligada ao rigoroso treinamento na RGS e ao seu acurado poder de observação. Ele absorveu os ensinamentos mais extravagantes de Madame Blavatsky sobre corpos astrais e hiperbóreos e Espíritos da Face e chaves para decifrar o universo [...]. Corriam boatos entre alguns oficiais de que Fawcett usava um Tabuleiro Ouija, instrumento popular entre os médiuns, para tomar decisões críticas no campo de batalha.<sup>31</sup>

O coronel de fato seguiu as instruções da RGS de recolher, sempre que possível, relatos dos nativos, e acabou combinando a habilidade da escuta com seu interesse pelo sobrenatural. Fawcett era próximo de médiuns e ocultistas, sendo bem conhecida sua amizade com uma das criadoras da Teosofia, Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891). Percy a conheceu por intermédio de seu irmão mais velho, Edward Fawcett, que “[...]”

---

Sir Everard im Thurn and Sir Arthur Conan Doyle: *Exploration & the Imperial Adventure Novel*, *The Lost World*. **English Literature in Transition 1880-1920**, v. 45, n. 2, pp. 131-157, 2002.

<sup>27</sup> DOYLE, Arthur Conan. **The lost world**: being an account of the recent amazing adventures of professor George E. Challenger, lord John Roxton, professor Summerlee, and mr. E. D. Malone of the “Daily Gazette”. Nova York: Oxford University Press, 1998, p. 195.

<sup>28</sup> DOYLE, Arthur Conan. **O mundo perdido**: relato das maravilhosas aventuras recentes do professor George E. Challenger, lorde John Roxton, professor Summerlee e do sr. E. D. Malone da Daily Gazette. São Paulo: Todavia, 2018, p. 81.

<sup>29</sup> Utilizamos o conceito de espiritualismo no sentido amplo de crença, doutrina, religião ou sistema filosófico que consiste na afirmação da existência ou realidade substancial do espírito e de sua autonomia e diferença em relação à matéria. Essa definição de espiritualismo está diretamente ligada ao pensamento do polímata e espiritualista sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772), que criou a teoria da correspondência, segundo a qual existe uma conexão tangível entre o mundo material e o mundo espiritual. Encontramos nos escritos de Fawcett sinais de afinidade tanto com o espiritualismo quanto com o ocultismo e o misticismo, por isso esses três conceitos aparecem relacionados ao seu pensamento. Para mais detalhes sobre o espiritualismo de Swedenborg, ver: BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006, pp. 19-21.

<sup>30</sup> GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 209.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

ajudou Blavatsky a pesquisar e escrever seu grande *opus*, *A doutrina secreta*.<sup>32</sup> Dividida originalmente em dois volumes, *A Doutrina Secreta* (1888) apresenta os principais dogmas da Sociedade Teosófica, fundada em Nova York em 1875 por Helena Blavatsky, William Quan Judge (1851-1896) e Henry Steel Olcott (1832-1907). O primeiro volume de *A Doutrina Secreta* é dedicado à cosmogênese – a origem do universo –, enquanto o segundo é dedicado à antropogênese – a origem e evolução do ser humano. Para Blavatsky a origem da humanidade se deu a partir do que ela denomina como “sete raças-raízes”, e, portanto, ela acreditava na origem poligênica da espécie humana. Os atlantes seriam a quarta raça-raiz, a qual teria sido dizimada por um cataclismo, dando lugar à quinta raça-raiz, a dos arianos, que estaria atualmente em desenvolvimento<sup>33</sup>.

Em 1888, ano de publicação de *A Doutrina Secreta*, o arianismo, tal como ele se tornaria amplamente conhecido no século XX (associado à Alemanha nazista de Adolf Hitler<sup>34</sup>), ainda estava em processo de formação. A raça ariana a qual Blavatsky está se referindo em sua obra corresponde aos “[...] antigos indianos, habitantes de Aryavarta, a terra dos árias, os nobres.”<sup>35</sup> A estrutura do livro é dividida em “Estâncias” ou “Dzyans”, que seriam “[...] uma série de instruções dadas aos estudantes de esoterismo no Oriente.”<sup>36</sup> Blavatsky escreve que:

A matéria contida nesta obra pode-se encontrar esparsa nos milhares de volumes que encerram as Escrituras das grandes religiões asiáticas e das primitivas religiões europeias, ocultas sob glifos e símbolos<sup>37</sup> e que, até agora, passaram despercebidas por causa desse véu. [...] Em verdade, se grande parte das obras sânscritas, chinesas e mongólicas citadas nestes volumes é conhecida de alguns orientistas, a obra principal, aquela da qual foram recolhidas as Estâncias, não figura nas bibliotecas europeias. O Livro de Dzyan (ou Dzan) é completamente ignorado pelos nossos filólogos ou, pelo menos, jamais ouviram falar dele com esse nome.<sup>38</sup>

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>33</sup> BLAVATSKY, Helena. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 2012, pp. 109-118.

<sup>34</sup> Para mais informações sobre a relação entre o nazismo e a teosofia de Madame Blavatsky, ver o tópico “O evolucionismo místico de H. P. Blavatsky e a origem do mal” in SILVA, Ricardo José Barbosa da. **História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-socialismo**. 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, pp. 90-97.

<sup>35</sup> BLAVATSKY, Helena. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 2012, p. 118.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>37</sup> É interessante essa menção de Blavatsky a glifos e símbolos que, posteriormente, serão objeto de estudo de Fawcett.

<sup>38</sup> BLAVATSKY, Helena. *A Doutrina Secreta*. São Paulo: Pensamento, 2012, pp. 29-30.



Como podemos observar, alguns temas caros ao ocultismo e ao misticismo como a valorização da cultura oriental, estudos de filologia e a tentativa de determinar a origem da humanidade, estão presentes na obra de Madame Blavatsky e nas discussões teóricas do século XIX, tanto no seio das comissões geográficas como também nos institutos históricos e nas academias de ciências. Na busca pela origem da civilização europeia, filólogos, etnólogos, antropólogos e outros cientistas<sup>39</sup> se debruçaram sobre o estudo das línguas como uma das opções disponíveis para mapear a cultura europeia desde os seus primórdios. Alguns desses homens de ciência, como Friedrich Schlegel (1772-1829), acabaram concluindo “[...] que o sânscrito e o persa, de um lado, e o grego e o alemão, de outro, tinham mais afinidades uns com os outros do que com línguas semíticas, chinesas, americanas ou africanas.”<sup>40</sup> Os filólogos denominaram essas afinidades linguísticas como “[...] tronco ariano, depois denominado indo-europeu.”<sup>41</sup> Num primeiro momento o assim chamado *aryan myth* pode não ter sido associado à ideia de superioridade dos europeus, mas no decorrer do século XIX ele foi sendo apropriado até determinar

[...] uma hierarquia das línguas e das civilizações espalhadas ao redor do mundo, que foram organizadas numa escala evolutiva baseada em padrões linguísticos, na análise da cultura material e na presença/ausência de instituições sociais e políticas tidas como universais.<sup>42</sup>

Outro indício da relação estabelecida entre o mundo da ciência e o mundo sobrenatural<sup>43</sup> no século XIX foi a criação da *Society for Psychical Research* (SPR) em 1882. Inicialmente eram seis as suas áreas de estudo: telepatia, mesmerismo (magnetismo animal), mediunidade, fenômeno de Reichenbach (estudo de forças e energias vitais),

---

<sup>39</sup> Dentre os quais podemos citar o filósofo francês Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), que escreveu o famoso *Essai sur l'inégalité des races humaines* (1855), no qual ele desenvolve a sua tese sobre “*the superiority of the white type, and, within this type, of the aryan family*”, além de postular que a miscigenação racial foi e ainda é o motivo da degeneração e queda de grandes civilizações. GOBINEAU, Arthur de. **The inequality of human races**. London: William Heinemann, 1915, pp. 205-112.

<sup>40</sup> SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 147-148.

<sup>41</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 135.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 136.

<sup>43</sup> O estadunidense William James (1842-1910), considerado o “pai da psicologia”, acreditava, inclusive, que a aproximação entre a ciência e o sobrenatural representaria uma forma de popularizar a ciência, dado que, “*If scientists did not afford some respect to the beliefs of the lay public, James warned, was little reason for the public to respect the pronouncements of science.*” BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006, pp. 32-33

aparições e casas assombradas, e *séances* (sessões espíritas/reuniões mediúnicas). O objetivo da SPR era “[...] abordar esses variados problemas sem preconceito ou predisposição de qualquer tipo, e com o mesmo espírito de investigação exata e imparcial que permitiu à ciência resolver tantos problemas.”<sup>44</sup> Muitos membros da SPR eram cientistas renomados, dentre os quais podemos citar o médico fisiologista Charles Robert Richet (1850-1935) – laureado com Nobel de Medicina em 1913 –, o filósofo utilitarista e economista Henry Sidgwick (1838-1900), a física Eleanor Mildred Sidgwick (1845-1936), o químico *Sir* William Crookes (1832-1919) e o naturalista, explorador, geógrafo, antropólogo e biólogo Alfred Russel Wallace (1823-1913), que também era membro da *Royal Geographical Society*.

A ciência e o sobrenatural misturavam-se também no pensamento de Fawcett, que era capaz de conciliar em suas teorias elementos tanto do cientificismo – como a arqueologia e a geografia – quanto da teosofia – como a crença numa raça-raiz. Além de Fawcett, outros se inspiraram na obra de Madame Blavatsky, como o historiador, antropólogo e folclorista brasileiro Luís da Câmara Cascudo<sup>45</sup> (1898-1986), que, num panfleto de 1933 intitulado *O Homem Americano e Seus Temas*<sup>46</sup>, atribuiu a origem do homem americano aos habitantes da extinta Atlântida<sup>47</sup>. Como podemos observar, Fawcett não era um indivíduo excepcional – ou “fora de seu tempo” – desenvolvendo linhas de pensamento e de pesquisa isoladas do resto do mundo. Pelo contrário, ele estava inserido num contexto histórico que o estimulou a colocar em prática seus planos de partir em busca das ruínas de uma cidade perdida tributária do reino dos Atlantes. De acordo com a historiadora Maria Helena P. T. Machado:

[...] seguindo a sugestão proposta por Haeckel, entre outros, e abraçada por intelectuais americanos, e cujo escopo foi extensamente desenvolvido por Mme. Helena P. Blavatsky (1831-1891), em *Ísis sem Véu* (1872) e *A Doutrina Secreta* (1888), Câmara Cascudo postula a existência dos continentes da

---

<sup>44</sup> “[...] to approach these varied problems without prejudice or prepossession of any kind, and in the same spirit of exact and unimpassioned enquiry which has enabled science to solve so many problems.” Disponível em: <https://www.lib.cam.ac.uk/collections/departments/manuscripts-university-archives/significant-archival-collections/society> Acesso em: 25 jan. 2021, tradução nossa.

<sup>45</sup> Cascudo foi também delegado, no Rio Grande do Norte, do Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB), entidade responsável por autorizar e fiscalizar expedições científicas realizadas por estrangeiros a partir de 1933. MUSEU de Astronomia e Ciências Afins. **Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil**: inventário. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012, p. 246.

<sup>46</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. **O Homem Americano e seus Temas**, ed. Facsimilar, Coleção Mossoroense, Série C, vol. 746, 1992.

<sup>47</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 151.

Lemúria e da Atlântida, como berço da origem da vida e da civilização humanas.<sup>48</sup>

Percy Fawcett acreditava que quando finalmente encontrasse Z ele iria se deparar com “índios brancos”, loiros, de olhos claros e compleição atlética, descendentes dos atlantes. Como observado por Grann:

[...] em 1924 Fawcett preencheu suas anotações com sonhos e escritos delirantes sobre o fim do mundo e sobre um mítico reino atlante, que lembrava o Jardim do Éden. Z foi transformada no “berço de todas as civilizações” e no centro de um dos “Alojamentos Brancos” de Blavatsky, onde um grupo de seres altamente espirituais ajudava a direcionar o destino do universo. Fawcett esperava descobrir um Alojamento Branco que existia desde “o tempo da Atlântida” e chegar à transcendência.<sup>49</sup>

Porém Fawcett não teria sido o primeiro a imaginar a existência de uma cidade perdida no interior do Brasil como sendo o refúgio de uma grande civilização. No livro *Doutor Benignus* (1875), do português Augusto Emílio Zaluar (1826-1882), somos apresentados a essa mesma teoria, entretanto não se trata de uma obra com viés histórico, mas de um romance que é considerado ainda hoje pioneiro<sup>50</sup> em introduzir a ficção-científica no Brasil. Ao encontrar em uma caverna um papiro com um desenho representando o sol e uma inscrição contendo caracteres de origem desconhecida, o Doutor Benignus decide partir à procura de um mundo perdido numa expedição pelo interior do Brasil. Depois de uma série de aventuras rocambolescas o pobre cientista descobre que, na verdade, ele havia perseguido uma fantasia: o tal papiro era uma falsificação feita por seu criado com o intuito de tirá-lo da tristeza na qual ele mergulhara diante da realidade pouco gloriosa do país. Não é mera coincidência que uma das primeiras obras de ficção-científica publicada no Brasil tenha sido um romance

---

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 152.

<sup>49</sup> GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 319.

<sup>50</sup> Segundo Lucas de Melo Andrade, “[...] os redatores referiram-se diretamente ao público de leitores com o intuito de dizer que *O Doutor Benignus* era ‘na literatura nacional o primeiro ensaio do romance científico ou instrutivo’; que a ficção em questão era uma ‘bela digressão humorística, empreendida nos domínios até há pouco não incursados pelos poetas e romancistas’. [...] *O Doutor Benignus*, assim como já adiantara *O Município*, é novo enquanto ‘gênero literário’ no Brasil; é novo, assim como adiantara *O Globo*, enquanto o ‘primeiro ensaio científico ou instrutivo’; é novo, como diria Zaluar sob pretensa modéstia, como ‘o simples pressentimento da nova fase em que necessariamente [iria] entrar a literatura contemporânea’.” In: ANDRADE, Lucas de Melo. **Romantismo e ciência em O Doutor Benignus (1875): Augusto Emílio Zaluar e seu romance científico e instrutivo**. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014, p. 10-11.

arqueológico<sup>51</sup> de mundos perdidos. Procurar monumentos de pedra escondidos na floresta densa podia ser risível, mas o dilema se fomos “inferno ou Eldorado” durante muito tempo foi um dos principais motivos de discussão<sup>52</sup> entre arqueólogos<sup>53</sup>. Pesquisas desenvolvidas pelo professor Eduardo Góes Neves<sup>54</sup>, especialista em arqueologia amazônica, colocam em xeque<sup>55</sup> a tese do “inferno verde”<sup>56</sup> e da “ilusão de um paraíso”<sup>57</sup>, ambas muito difundidas na primeira metade do século XX.

A vida de Fawcett guarda muitas similaridades com a trama do Doutor Benignus: envolve a descoberta de um documento manuscrito antigo, a busca pelos primórdios da civilização e o anseio em fornecer uma interpretação alternativa sobre a origem das diversas etnias que compõem a população brasileira. A solução almejada por esses homens de ciência parecia querer se desvencilhar ao mesmo tempo das raízes nativas dos índios e das heranças africana e portuguesa, num momento de afirmação da identidade nacional, um tema muito discutido por intelectuais no Brasil entre meados do século XIX e início do XX. Segundo Carlos Fioravanti:

---

<sup>51</sup> No sentido de entender a formação de estados nacionais, Benedict Anderson propõe que “[...] não se pode descurar da importância da imaginação museológica e dos serviços arqueológicos coloniais que se conformaram como instituições de poder e de prestígio. Edifícios viraram monumentos, e histórias particulares foram consagradas como nacionais, nos novos museus coloniais. Com essas operações comuns e ordenadas, os dados retirados dos censos, dos museus e dos mapas passaram a ser signo puro, e não mais bússolas do mundo.” SCHWARCZ, Lília. In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 15.

<sup>52</sup> Como a discussão em torno do trabalho da arqueóloga estadunidense Betty Meggers, segundo a qual a floresta amazônica não teria propiciado o desenvolvimento de comunidades pré-históricas complexas devido à suposta pobreza do solo e escassez de recursos. Para mais informações sobre o impacto das pesquisas de Betty Meggers nos estudos sobre a ocupação pré-colonial da Amazônia, ver SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O legado de Betty Meggers na constituição de acervos museológicos no Brasil. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 50, p. 69-84, 2018.

<sup>53</sup> HAAG, Carlos. O sonho do Eldorado Amazônico. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 160, p. 78, jun. 2009.

<sup>54</sup> NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu, 2022.

<sup>55</sup> O documentário *No País das Amazonas* (1922), do cineasta luso-brasileiro Silvino Simões Santos Silva (1886-1970) é apontado hoje como pioneiro no sentido de renunciar às visões estereotipadas da região amazônica. Luciana de Lima Martins escreve que “Ao invés de reiterar a imagem de um inferno verde, *No País das Amazonas*, revela uma região de potencial produtivo.” MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 239. Para maiores informações a respeito das diferentes visões de viajantes sobre a Amazônia no século XX, ver MEIRELLES FILHO, João; MARTINS, Fernanda. *Amazônias viajantes*. Os viajantes e a reflexão sobre a Amazônia nos últimos cem anos. **Revista de Estudos Brasileños**, v. 6, n. 11, p. 13-31, 2019. Sobre as diferentes representações literárias sobre a Amazônia durante o ciclo da borracha, ver BERNUCCI, Leopoldo M. **Paraíso suspeito**: a voragem amazônica. São Paulo: Edusp, 2017. Este último inclusive cita o coronel Fawcett na página 224.

<sup>56</sup> RANGEL, Alberto. **Inferno Verde** (cenas e cenários do Amazonas). Desenhos por Arthur Lucas. Gênova: S. A. I. clichês celulóides Bacigalupe, 1908.

<sup>57</sup> MEGGERS, Betty. **Amazônia**: A Ilusão de um Paraíso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Benignus pretendia provar que o homem americano teria surgido no Brasil e daqui migrado para outros continentes, em consonância com um dos temas científicos debatidos naquela época no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).<sup>58</sup>

Assim como o Doutor Benignus da ficção, o Fawcett da realidade encontrou um documento determinante para a continuidade de suas pesquisas. Em uma das visitas de Fawcett ao Brasil – não está bem claro o momento exato – ele supostamente teria descoberto um manuscrito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) datado do século XVIII, o qual continha a descrição de uma cidade perdida sem localização precisa que teria sido encontrada por acaso por uma bandeira em busca de metais preciosos. É provável que o primeiro contato de Fawcett com esse manuscrito não tenha sido na BNRJ, uma vez que esse documento já havia sido publicado na íntegra no Tomo I da Revista do IHGB de 1839 e como apêndice no livro *Explorations of the Highlands of Brazil* (1869), de Sir Richard Burton.

Em seu diário, Fawcett registrou que:

Ocasionalmente civis se arrematavam com esse propósito [a busca por cidades perdidas], armavam certo número de escravos negros, recrutavam índios mansos como guias e embrenhavam-se no Sertão, onde desapareciam por anos, se não para sempre. Quando se tem o espírito romântico – o que acontece com a maioria de nós, creio eu – vê-se nesses eventos que mencionei o pano de fundo para uma história fascinante e incomparável. Eu mesmo me deparei com uma história como essa num velho documento que ainda se conserva no Rio de Janeiro, e, à luz da evidência que se irradia de muitos pontos, nela acredito implicitamente. Não vou fazer uma transcrição do estranho relato que consta no documento – a escrita em português apresenta muitas lacunas –, mas a história começa em 1753, quando um natural de Minas Gerais, cujo nome não se guardou, decidiu partir em busca das Minas Perdidas de Muribeca.<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> FIORAVANTI, Carlos. Doutor Benignus e os Extraterrestres. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 250, p. 89, dez. 2016.

<sup>59</sup> “Occasionally civilians banded together for the purpose, armed a number of negro slaves, enlisted tame Indians as guides, and disappeared into the Sertão (bush) for years at a time, if not for ever. If you are romantically minded—and most of us are, I think—you have in the foregoing the background for a story so fascinating that I know none to compare. I myself came upon it in an old document still preserved at Rio de Janeiro, and, in the light of evidence gleaned from many quarters, believe it implicitly. I am not going to offer a literal translation of the strange account given in the document—the crabbed Portuguese script is broken in several places—but the story begins in 1743, when a native of Minas Gerais, whose name has not been preserved, decided to make a search for the Lost Mines of Muribeca.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 3, tradução nossa.

É a partir do contato com esse documento – popularmente conhecido como “Documento 512” – que Fawcett se sente impelido a voltar aos sertões brasileiros em busca de Z, e é justamente esse manuscrito a evidência da qual ele mais se utiliza para dizer que está no caminho certo e para respaldar suas ações e planos futuros, daí a importância dele na trajetória de Fawcett no Brasil. Além de Fawcett, outros exploradores procuraram pela cidade abandonada descrita no Documento 512 como, por exemplo, o cônego Benigno José de Carvalho e Cunha, sócio do IHGB que, apenas dois anos após o Documento 512 ter sido publicado na Revista do IHGB, se embrenhou nos sertões da Bahia<sup>60</sup> com o intuito de encontrar a tal cidade perdida descrita no manuscrito, contando, inclusive, com o apoio e financiamento do IHGB<sup>61</sup>. Como bem observado por Langer:

Os investigadores do Instituto Histórico não conheciam os autores do manuscrito, mas mesmo assim a narrativa foi encarada como um fato totalmente verdadeiro. Ao contrário das tribos indígenas, habitantes de rudimentares choupanas, essas ruínas aventavam a possibilidade de uma antiga civilização muito adiantada ter ocupado a jovem nação. Imediatamente, todos os esforços em encontrar esses maravilhosos vestígios foram efetuados.<sup>62</sup>

Além do IHGB, é preciso considerar ainda o protagonismo de outra grande entidade com objetivos que se espraiam para além do compromisso cientificista: a *Royal Geographical Society*. Não podemos ver Fawcett como um agente isolado, fora do contexto do projeto de dominação imperialista inglês que, apesar de não estar mais no auge durante os primórdios do século XX, ainda se fazia presente e atuante em diversos países da América, África e Ásia. Se Fawcett esteve envolvido na demarcação das fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru, foi por recomendação da RGS, e, embora não tivesse o patrocínio dessa grande instituição, ele contava com seu apoio na derradeira expedição de 1925. Essa sombra constante da RGS se esgueirando por trás de cada passo de Fawcett pode ter motivado a desconfiança do marechal Rondon em relação ao coronel inglês, como fica claro ao examinarmos a troca de farpas entre eles por meio de artigos publicados em jornais brasileiros, nos quais Rondon, ferrenho nacionalista, acusa Fawcett

---

<sup>60</sup> Para mais informações sobre essa empreitada do cônego Benigno José de Carvalho e Cunha, ver: ALMEIDA, Sérgio Luiz Muricy de. **Cônego Benigno José de Carvalho: Imaginário e Ciência na Bahia do século XIX**. 2003. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

<sup>61</sup> CUNHA, Cônego Benigno José de Carvalho e. Correspondência do Sr. Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha, ocupado nos sertões da Bahia em descobrimento da cidade abandonada. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo VI, pp. 298-318, 1844.

<sup>62</sup> LANGER, Johnni. A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil império. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n.43, p.131, 2002.

de ser movido mais por interesses comerciais nos recursos naturais do Brasil e menos por interesses puramente científicos. Será que Rondon viu em Fawcett os “olhos do império”<sup>63</sup>?

O oxigênio mental da época de Fawcett estava saturado por diversas lendas e mitos que ressurgiram com toda a força, e era alimentado por uma busca frenética por documentos coloniais<sup>64</sup>, sendo objetos de discussão inclusive no IHGB. Dentre essas lendas e mitos o caso mais famoso é o do Eldorado, o qual tem permeado o imaginário ocidental desde o início do século XVI, quando Sebastião Benalcázar começou a disseminar o relato oral que ele teria recolhido entre os nativos sobre um chefe indígena que cobria seu corpo com pó de ouro – evidenciando um rito por trás do mito –, datado da época da conquista de Quito em 1533<sup>65</sup>.

O mito do Eldorado apresenta na sua concepção e disseminação uma “[...] mobilidade espantosa tanto na sua estrutura quanto na sua localização.”<sup>66</sup> É nesse sentido que Taunay fala em uma “toponímia eldoradiana”<sup>67</sup>, o que significa que vários geógrafos, cartógrafos e topógrafos localizaram Eldorado em diversos pontos diferentes dependendo do mapa em que a cidade do ouro era pretensamente alocada. Assim como Eldorado, Z também assumiu diversas localizações possíveis: ora se encontrava nos sertões da Bahia, ora diziam que se localizava no interior do Mato Grosso ou, ainda, na Amazônia<sup>68</sup>.

Afonso Taunay conhecia a história de Fawcett e fez um breve levantamento do mito do Eldorado no capítulo quatro da obra *Zoologia Fantástica do Brasil (séculos XVI*

---

<sup>63</sup> PRATT, Mary-Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Editora EDUSC, 1999.

<sup>64</sup> Fawcett admirava os conquistadores espanhóis e quando esteve em Lima em 1906 foi visitar o túmulo de “*Don Francisco Pizarro, resurrected from a niche in the crypt of the Cathedral and placed in a glass coffin to preserve him from the memento-hunting fingers of travelling Americans [...] and I paid my debt for the privilege of gazing on his emaciated remains.*” / “[...] Don Francisco Pizarro, ressurgido de um nicho na Cripta da Catedral e colocado num caixão de vidro a fim de evitar que os dedos curiosos dos viajantes tocassem nele [...] tendo eu pago o meu pequeno quinhão pelo privilégio de poder contemplar os seus emaciados despojos.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 24, tradução nossa.

<sup>65</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 40.

<sup>66</sup> ROY, Gabriel. A Busca do El Dourado. **Revista de História (USP)**, v. 49, n. 99, p.46, 1974.

<sup>67</sup> TAUNAY, Afonso. As lendas eldoradianas – Fábulas geográficas. *In: Zoologia Fantástica do Brasil – Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 62.

<sup>68</sup> Para mais detalhes, ver: RAMOS JÚNIOR, Dernal Venâncio. Cartografias do passado, arqueologias do presente: as ideias de Percy Harrison Fawcett sobre a Amazônia. **Revista de História da UEG**, Anápolis, v.4, n.2, pp. 97-113, ago./dez. 2015.

e XVII), intitulado “As lendas eldoradianas – Fábulas geográficas”. Alexander von Humboldt (1769-1859) também estudou com afinco a lenda de Eldorado; ao ler os autores espanhóis e os diversos mapas produzidos por eles, sua conclusão foi a de que “[...] toda a região compreendida entre o rio Amazonas e o rio Orinoco era vagamente conhecida pelo nome de Província Del Dorado.”<sup>69</sup> Até Euclides da Cunha na obra *Os Sertões* (1902) atribuiu à cidade de Monte Santo – que havia servido de base para o quartel-general do exército durante a Guerra de Canudos em 1897 – um ar lendário, caracterizando-a como um “eldorado apetecido”, atestando a referida mobilidade do mito, que “associa intimamente o real e o imaginário”<sup>70</sup>:

Monte Santo é um lugar lendário.

Quando, no século XVII, as descobertas das minas determinaram a atração do interior sobre o litoral, os aventureiros que ao norte investiam com o sertão, demandando as serras da Jacobina, arrebatados pela miragem das minas de prata e rastreando o itinerário enigmático de Belchior Dias, ali estacionavam longo tempo. A serra solitária – a Piquaraçá dos roteiros caprichosos – dominando os horizontes, norteava-lhes a marcha vacilante.

Além disto, atraía-os por si mesma, irresistivelmente.

É que em um de seus flancos, escritas em caligrafia ciclópica com grandes pedras arrumadas, apareciam letras singulares – um A, um L e um S – ladeadas por uma cruz, de modo a fazerem crer que estava ali e não avante, para o ocidente ou para o sul, o eldorado apetecido.

Esquadrinharam-na, porém, debalde os êmulos do Muribeca astuto, seguindo, afinal, para outros rumos, com as suas tropas de potiguaras mansos e forasteiros armados de biscainhos...<sup>71</sup>

A lenda das minas de Muribeca remonta a meados do século XVI, quando a caravela de Diogo Álvares – o Caramuru – teria naufragado no litoral do que viria a ser o Brasil. Único sobrevivente do naufrágio, Diogo foi resgatado por integrantes da tribo dos Tupinambás e acabou se casando com uma nativa chamada Paraguaçu. Após anos convivendo entre os indígenas, Diogo mudou-se para a Bahia, trazendo sua esposa. Anos depois, o sobrinho de Diogo também se casou com uma nativa Tupinambá e foi apelidado de Muribeca. A partir de histórias contadas pelos indígenas, Muribeca descobriu várias minas de ouro, prata e pedras preciosas. Tornou-se um homem muito rico e sua descoberta repercutiu até na Europa. Muribeca teve um filho, o qual chamou Robério Dias.

---

<sup>69</sup> HUMBOLDT, Alexander von. **Travels to the Equinoctial Regions of America during the Years 1799-1804**. London: G. Routledge & Sons, 1804, pp. 26-28.

<sup>70</sup> ROY, Gabriel. A Busca do El Dourado. **Revista de História (USP)**, v. 49, n. 99, 1974, p. 46.

<sup>71</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016, p. 140.



Já no século XVII, Robério pediu ao rei de Portugal Pedro II o título de marquês. Em troca, Robério ofereceu a exata localização das minas descobertas por seu pai. A princípio o rei disse estar de acordo com os termos da barganha, mas o título só seria deferido após as minas serem encontradas. Robério acompanhou então os militares destacados para localizarem as minas, indicando o caminho a eles. Entretanto, durante a viagem, Robério teria conseguido abrir o envelope que acreditava conter o título de marquês, mas teve uma desagradável surpresa: o envelope continha apenas um título de capitão, posto irrelevante diante do aspirado título de marquês. Revoltado com quebra dos termos do acordo, Robério recusou-se a continuar e não revelou a localização das minas. Foi preso por isso e passou anos encarcerado, sempre se recusando a revelar o local do tesouro. Morreu anos depois, levando consigo o segredo das minas de Muribeca. A história do naufrágio de Diogo Álvares inspirou o frei José de Santa Rita Durão a escrever em 1781 o poema épico *Caramuru*, ao passo que a lenda das minas de prata de Muribeca inspirou José de Alencar a escrever em 1865 o romance histórico *As Minas de Prata*<sup>72</sup>.

O longo processo de criação, disseminação e consolidação de um mito é sobreposto a fatos e relatos históricos, abarcando eventos que aconteceram no plano do real, mas que se confundem com o plano imaginário. “Assim como um mito pode ser tornado histórico, a história também é passível de mitificação”<sup>73</sup>, o que explica como as lendas das minas de prata do Muribeca aparecem narradas em vários manuais de história, dentre eles *História da América Portuguesa*<sup>74</sup>, de Sebastião da Rocha Pita – publicado originalmente em 1730 –, e *O segredo das minas de prata*<sup>75</sup>, de Pedro Calmon.

Quase um século após o engajamento do IHGB na busca por cidades perdidas, o coronel Fawcett se dedicou com igual ou maior afincamento a essa mesma tarefa com o apoio da RGS, porém havia uma sensível diferença entre ele e os sócios do IHGB: Fawcett foi descrito muitas vezes como mentiroso e caçador de tesouros. A imprensa brasileira, inglesa e estadunidense acompanhou de perto as expedições de Fawcett, desempenhando

---

<sup>72</sup> Para mais informações sobre a relação entre literatura e história no âmbito da lenda das minas de Muribeca, ver MUELLER, Geisa. A arqueologia ficcional de *As Minas de Prata*: um romance brasileiro de capa e espada. **Revista Labirinto**, ano XVI, v. 25, pp.194-210, jul./dez. 2016.

<sup>73</sup> RUTHVEN, K. K. **O Mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997, pp. 49-51.

<sup>74</sup> PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

<sup>75</sup> CALMON, Pedro. **O segredo das minas de prata**. Novos aspectos da conquista da terra. Rio de Janeiro: S.N., 1950.

um papel determinante na sua trajetória, exercendo muita influência sobre ele e sobre a opinião pública a seu respeito, sendo decisiva no processo de concepção, difusão e consolidação do mito em torno de Fawcett e do seu desaparecimento. Desde a primeira expedição realizada em 1906 Fawcett tem sido uma figura constante nas páginas dos jornais brasileiros e na imprensa internacional. Ciente disso, ele afirma numa carta datada de fins de janeiro de 1925 que “[...] estamos agora a caminho para Mato Grosso, e com ao menos quarenta milhões de pessoas já a par de nosso objetivo.”<sup>76</sup>

Talvez Fawcett estivesse exagerando um pouco a seu favor quando diz que aproximadamente quarenta milhões de pessoas estão acompanhando o desenrolar da expedição ou talvez essa cifra de fato seja condizente com o público estimado da *North American Newspaper Alliance* (NANA), conglomerado que reunia canais de comunicação diversos e que comprou os direitos de reportagem da expedição de 1925.

O tratamento dispensado a Fawcett pela imprensa brasileira muda um pouco após os eventos de 1925. O desaparecimento não foi percebido de imediato, dado que o próprio Fawcett prevenira sua família de que ele e seus companheiros de expedição poderiam ficar incomunicáveis durante três anos ou mais. Por conta disso passaram-se alguns anos até que grupos de busca e resgate fossem mobilizados e, mais uma vez, a imprensa teve um papel decisivo ao patrocinar esses grupos e enviar correspondentes que transformaram o relato das expedições de resgate em *best-sellers* de sua época.

Porém não foram apenas os jornalistas que menosprezaram Fawcett como pesquisador e explorador. “Louco, aventureiro e místico”<sup>77</sup> foram as palavras escolhidas pelo pesquisador Chris Burden para descrever o coronel Fawcett. O jornalista estadunidense David Grann, por sua vez, classifica a crença de Fawcett numa cidade perdida em meio as florestas brasileiras como “obsessão mortal na Amazônia”<sup>78</sup>. Sobre esse suposto atributo de seu pai, Brian – o filho do meio de Fawcett –, escreve que:

Talvez isso não passasse de uma acusação ou de sutil insinuação de excentricidade com o propósito de explicar a tenacidade com que seguia o que

---

<sup>76</sup> “[...] we are now on the way to Matto Grosso, and with at least forty million people already aware of our objective.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 278, tradução nossa.

<sup>77</sup> BURDEN, Chris. Louco, aventureiro e místico. A saga do obstinado inglês Coronel Fawcett em busca da cidade perdida nas florestas tropicais está até hoje cheia de mistérios. *In*: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **História do Brasil para ocupados**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013, p. 86.

<sup>78</sup> GRANN, David. **The lost city of Z: A tale of deadly obsession in the Amazon**. New York: Random House, 2005.

muitos consideravam ser apenas uma fantasia. Acontece, porém, que qualquer homem corre o risco de ser chamado de ‘místico’ quando busca conhecimento além do material. Ele não escondeu seu interesse pelo ocultismo, e isso foi usado contra ele, insinuando que alguém tão crédulo a ponto de acreditar em ‘truques psíquicos’ não deveria ser levado a sério. Há pessoas respeitáveis no mundo da ciência e das letras que poderiam também por isso ser condenadas! Afinal, ele era um explorador – um homem de espírito inquiridor, cuja sede de conhecimento o levou a explorar diversos canais. Místico ou não, os seus trabalhos como geógrafo foram reconhecidos pelos cientistas e incorporados aos mapas oficiais. Mas tanto o sonhador quanto o místico se fundiam na essência do explorador, arqueólogo e etnólogo quando ele viajava, e é essencialmente sobre as viagens que versam seus manuscritos.<sup>79</sup>

Os manuscritos aos quais Brian se refere são as cartas, diários e registros diversos que o coronel Fawcett produziu ao longo de suas expedições e que ele deixou sob os cuidados de sua esposa antes de partir para o Brasil pela última vez em 1925. A grande questão a respeito da compilação desses documentos que foram publicados pela primeira vez em 1954 em formato de livro, é que não foi o coronel Fawcett quem os compilou e editou, apesar de ser o nome dele – e não de Brian Fawcett, seu filho e editor – que aparece em destaque na capa como sendo o autor. Ao longo de todo o texto sentimos a “mão” de Brian nos guiando no decorrer da narrativa em primeira pessoa, inadvertidamente assumindo para si uma tarefa que originalmente era um anseio de seu pai: a publicação de seus feitos como topógrafo e explorador. Em alguns momentos o disfarce é revelado e, de repente, surge a voz de Brian numa nota de rodapé, misturando-se com o relato de Percy e nos lembrando que ele continua desaparecido e que quem escreve o livro, na verdade, é seu filho.

Na edição em inglês, ao final de todas as notas de rodapé aparece a sinalização “Ed.”, indicando que aquela intervenção no texto é de autoria do editor. Mas no caso de *Exploration Fawcett* a sensação que temos é que o livro todo, na verdade, é uma composição do editor, o que nos leva a inferir que essa obra é o exemplo bem-acabado de

---

<sup>79</sup> “An accusation, perhaps, or a subtle suggestion of eccentricity to explain the tenacity with which he followed what many considered to be nothing but a fantasy. But any man risks being termed ‘mystic’ who seeks knowledge beyond the material. He made no secret of his interest in the occult, and it has been quoted in his disfavour, the insinuation being that anyone so credulous as to believe in ‘psychic hocus-pocus’ must not be taken seriously. There are respected people in the worlds of science and letters who might be similarly condemned! After all, he was an explorer – a man of inquiring turn of mind whose desire for knowledge led him to explore more channels than one. Mystic or not, his work as geographer received scientific recognition, and has been incorporated into official maps. But both dreamer and mystic dissolved into the essence of the explorer, archaeologist and ethnologist when he was on the trail, and it is essentially of the expeditions that his manuscript deals.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. XV, tradução nossa.

que “Os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios. Os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas.”<sup>80</sup>

*Exploration Fawcett* é um livro no qual “a mão do autor e a mente do editor” fundem-se uma na outra, especialmente pelo fato de que autor e editor são pai e filho, respectivamente. A forma como a obra *Exploration Fawcett* foi costurada parece entrever em sua concepção um pedido de desculpas do coronel à sua família por ele continuar desaparecido e não ter retornado ao lar trazendo Jack – seu filho mais velho – de volta. O texto contém muitas referências aos filhos e à esposa, muitos trechos saudosos da vida no seio familiar. O autor/editor dedica o livro à “*Cheeky*” (apelido da esposa de Percy, Nina Fawcett) e o conclui com a seguinte sentença:

Minha esposa e filhos têm sido sacrificados por isso e privados dos muitos benefícios que teriam usufruído se eu tivesse uma vida ordinária. Dos vinte e quatro anos de casados, passamos apenas dez juntos. Fora os quatro anos na Grande Guerra, passei dez anos nas selvas, mesmo assim minha esposa jamais se queixou. Ao contrário, a sua ajuda prática e constante estímulo têm sido grandes fatores nos êxitos até então alcançados, e se no fim eu for bem-sucedido, o triunfo será em grande parte devido a ela.<sup>81</sup>

É como se, do início ao fim, *Exploration Fawcett* representasse uma espécie de “prêmio de consolação” para os familiares desamparados e sem respostas em relação ao paradeiro do marido e do filho, no caso de Nina, e do pai e do irmão mais velho, no caso de Brian e de sua irmã caçula Joan. Cientes da problemática envolvendo a escrita de si e o uso de fontes biográficas, ao longo da dissertação nos aprofundaremos na discussão teórico-metodológica abarcando o uso desses tipos de fontes documentais.

Lançamos mão de todas essas fontes diversas na tentativa de nos desvencilharmos de uma abordagem exclusivamente mística e fora do contexto histórico em torno de Fawcett. A contribuição que esta pesquisa tem a oferecer à historiografia é, portanto, uma

---

<sup>80</sup> CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 38.

<sup>81</sup> “My wife and children have been sacrificed for it, and denied many of the benefits that they would have enjoyed had I remained in the ordinary walks of life. Of our twenty-four years of married life only ten have been spent together. Apart from four years in the Great War, I have spent ten in the forests, yet my wife has never complained. On the contrary, her practical help and constant encouragement have been big factors in the successes so far gained, and if I win in the end the triumph will be largely due to her.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 271, tradução nossa.

abordagem crítica da trajetória de Fawcett embasada em fontes documentais analisadas dentro do seu contexto de produção, reprodução e circulação. cremos que se faz urgente e necessária tal abordagem histórica, pois estamos a pouco menos de dois anos de completar o centenário do último resquício material deixado por Fawcett sendo que, desde então, ele figura como personagem principal de um grande mistério, quase como uma lenda, e sua história é resgatada e apropriada em diversas situações na atualidade.

Essas apropriações e reproduções da imagem de Fawcett no presente foram o ponto de partida da pesquisa e nos fizeram questionar por que Fawcett aparecia tanto e com tal apelo sensacionalista em vários lugares? Por mais que tivéssemos que nos voltar para o passado para responder a essas perguntas, estamos conscientes de que também faz parte da pesquisa histórica uma leitura crítica do presente, o que nos induz a especular que a presença de Fawcett em diversas manifestações culturais em pleno século XXI diz mais sobre nós do que sobre Fawcett. Essa curiosa permanência será esmiuçada nos capítulos a seguir.

No capítulo 1, intitulado “A vinda de Fawcett ao Brasil: expedições entre 1906-1914”, daremos início à contextualização histórica da trajetória de Fawcett focalizando as primeiras expedições de demarcação de fronteira, sua rede de contatos na América do Sul, sua relação com a *Royal Geographical Society*, entre outros aspectos de sua biografia, relacionando-os à conjuntura geopolítica, econômica e sociocultural desse período. Abordaremos questões relativas ao imperialismo inglês, ao ciclo da borracha, à *Belle Époque* e ao fim da Era Vitoriana, ou seja, abarcaremos o espírito do tempo relacionando-o diretamente às suas implicações na vida do coronel Fawcett. Ao adentrarmos no campo da história desse indivíduo, discutiremos as questões em torno do uso de dados biográficos como fonte historiográfica. Também analisaremos detalhadamente um desentendimento que ocorreu entre as comissões brasileira e boliviana (liderada por Fawcett) de demarcação de fronteiras em 1909 na nascente do rio Verde, episódio que marcou a trajetória de Fawcett no Brasil de forma indelével.

No capítulo 2, intitulado “A cidade perdida de Z: expedição entre 1920-1921”, abordaremos a sexta incursão de Fawcett ao Brasil, motivada pelo seu anseio de encontrar uma cidade perdida remanescente da Atlântida. Abordaremos o embate entre o coronel Fawcett e o marechal Rondon; trataremos do interesse de Fawcett em arqueologia desde os tempos do Ceilão e de sua busca por cidades perdidas, tentando entender o motivo que

o levou a localizar Z no Brasil; discutiremos ainda a apropriação do Documento 512 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e analisaremos o papel dessa e de outras instituições correlatas no processo de construção do passado brasileiro, além da influência do imperialismo nesse processo.

No capítulo 3, intitulado “A expedição de 1925 e o desaparecimento de Fawcett”, discutiremos a crença de Fawcett no espiritualismo e na teosofia, doutrina que apregoava que a vida humana na Terra teria surgido a partir de sete raças-raízes que se degeneraram ao longo do tempo, sendo que a cidade perdida que Fawcett procurava no Brasil seria remanescente da quarta raça-raiz, a raça dos atlantes, composta por seres extremamente evoluídos que dominavam tecnologias avançadas e cuja compleição física seria de uma pessoa alta, branca, loira e de olhos azuis. Segundo a Teosofia, essa quarta raça-raiz teria sucumbido em decorrência de um desastre natural e sido substituída pela quinta raça-raiz, a dos arianos, a qual corresponderia ao atual estágio de desenvolvimento do ser humano. Neste ponto abarcaremos as questões relacionadas ao racismo científico, a eugenia, ao darwinismo social, entre outras teorias a respeito da raça que estavam em voga nos séculos XIX e XX. Por fim, trataremos das principais expedições de resgate que foram lançadas com o objetivo de encontrar pistas sobre o paradeiro de Fawcett.

## Capítulo 1 – A vinda de Fawcett ao Brasil: expedições entre 1906-1914

Viajar era de certa forma escrever.<sup>82</sup>

**Roberto Ventura**

*Cada uno de nosotros es, sucesivamente, no uno, sino muchos. Y estas personalidades sucesivas, que emergen las unas de las otras, suelen ofrecer entre sí los más raros y asombrosos contrastes.*<sup>83</sup>

**José Enrique Rodó**

### 1.1 O viés transnacional e o ciclo da borracha na Amazônia

Os relatos de Percy Harrison Fawcett oscilam entre os desígnios da política externa e o cotidiano do viajante-explorador, que abrange questões menos glamourosas do que a diplomacia – mas não menos importantes no sentido de entender sua trajetória no Brasil –, como o atraso na entrega de materiais imprescindíveis para o início dos trabalhos de demarcação de fronteira, problemas para angariar fundos para a expedição e para providenciar o transporte dos suprimentos ao longo de grandes distâncias percorridas a pé, no lombo de animais ou em embarcações diversas. Sendo assim, se faz necessário dividir nosso olhar, num primeiro momento, entre questões referentes à conjuntura política sob um viés transnacional e questões do dia a dia do explorador narradas em seus escritos, dado que a vinda de Fawcett deve-se não apenas ao fato dele ser um militar bem-sucedido e habilidoso topógrafo, mas também ao contexto de litígio entre o Brasil e a Bolívia pelo território que hoje corresponde ao estado do Acre.

Apesar do foco de análise do nosso objeto – a trajetória de P. H. Fawcett – estar direcionado para o Brasil na primeira metade do século XX, optamos pelo viés transnacional para dar conta do contexto histórico mais abrangente pois, segundo a historiadora estadunidense Barbara Weinstein, essa abordagem “[...] enfatiza questões para as quais o país não é a principal arena de interação ou conflito”<sup>84</sup>, além de focalizar “[...] *las redes, los procesos, las creencias y las instituciones, trascendiendo el espacio*

---

<sup>82</sup> VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha**: Esboço biográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 241.

<sup>83</sup> RODÓ, José Enrique. **Motivos de Proteo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985, p. 63.

<sup>84</sup> WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, p. 10, jan./jun. 2013.

*nacional*.”<sup>85</sup> O viés transnacional surge na historiografia num contexto de intensificação das relações globalizantes, num momento em que o uso da chave de leitura comparativa está começando a ser considerado ultrapassado. As principais críticas ao modelo comparativo dizem respeito ao risco de o historiador acabar pautando sua comparação em critérios eurocêntricos e/ou eventualmente redundar em dualismos e maniqueísmos. Surge nessa mesma toada a proposta do paradigma das histórias conectadas, amplamente defendido e difundido pelo historiador Serge Gruzinski<sup>86</sup>. A historiadora Maria Ligia Prado, no entanto, afirma que “[...] a escolha da história comparada não exclui a abordagem de histórias conectadas” e que “[...] é possível fazer história comparada e permanecer crítico das visões eurocêntricas e dicotômicas”, concluindo que “[...] há mais complementação entre comparação e conexão do que exclusão.”<sup>87</sup>

Um ponto importante ressaltado tanto por Barbara Weinstein quanto por Maria Ligia Prado ao abordarem a pertinência dos estudos transnacionais diz respeito à circulação de mercadorias, ideias e instituições, e todos esses aspectos estão presentes nos relatos de Fawcett e de outros viajantes que passaram pela região da bacia amazônica mais ou menos na mesma época, como, por exemplo, Euclides da Cunha – que foi à Amazônia a pedido do Barão do Rio Branco<sup>88</sup> – e Roger Casement – cônsul britânico que denunciou o regime de trabalho análogo à escravidão nos seringais. É comum nos relatos desses viajantes figurarem muitos estrangeiros, a descrição de portos, vilas e postos alfandegários dando a impressão de que aquele determinado tempo e espaço está em ebulição, fervilhando de gente de todo o canto do mundo. É inerente a este contexto a troca de mercadorias, o intercâmbio de ideias e influência cultural recíproca, e, claro, não podemos deixar de pontuar que grande parte dessa efervescência se deve ao chamado ciclo da borracha.

---

<sup>85</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario digital**, Escuela de Historia, Facultad de Humanidades y artes de la Universidad Nacional de Rosário, v. 24, p. 19, 2012.

<sup>86</sup> GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 176, 2001.

<sup>87</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 153, p. 30, 2005.

<sup>88</sup> Para mais informações sobre a passagem de Euclides da Cunha pela Amazônia, ver CAMASSA, José Bento de Oliveira. **Os icebergs e os seringais: representações e projetos políticos nos relatos de viagem de Roberto Payró sobre a Patagônia (1898) e de Euclides da Cunha sobre a Amazônia (1904-1905)**. 2021. 401 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



O auge do ciclo da borracha no Brasil se deu entre 1850 e 1913, mas essa matéria-prima já era conhecida e despertava a curiosidade dos estrangeiros muito antes disso, desde o final do século XV e início do XVI, quando Colombo e Cortés foram os primeiros europeus a relatarem o uso de um estranho material elástico pelos nativos do assim chamado “Novo Mundo”. Ambos observaram e relataram que grupos de indígenas corriam atrás de uma esfera escura que pulava muito alto e em todas as direções. Cortés registrou que na Corte do rei Montezuma II os astecas chamavam essa atividade de *tlatchl*. Em 1735 foi a vez do explorador francês Charles Marie de La Condamine (1701-1774) recolher amostras desse estranho material e estudar suas propriedades, nomeando a substância da qual ele se originava de “látex”, nome derivado da palavra espanhola para “leite”<sup>89</sup>, uma vez que se parecia muito com leite o líquido branco que escorria do tronco das árvores das quais o látex era extraído por meio de incisões.

Ao longo do século XVIII muitos cientistas se dedicaram a estudar essa intrigante substância. Em 1770 o teólogo e cientista inglês Joseph Priestley (1733-1804) descobriu que um pedaço de látex servia para remover do papel as marcas de um lápis de grafite, e em 1791 outro inglês, Samuel Peal (1754-1818), patenteou o processo de impermeabilização através da borracha. Mas a verdadeira revolução se deu a partir de 1839 com o processo de vulcanização descoberto por acidente e aperfeiçoado pelo inventor estadunidense Charles Goodyear (1800-1860). Ele estava estudando a resistência da borracha a altas temperaturas quando, segundo ele, teria derrubado por acidente um pouco de enxofre num recipiente com látex que foi aquecido e que, quando resfriou, se transformou numa borracha menos elástica, porém mais resistente ao calor e ao frio (antes da vulcanização os itens feitos de borracha costumavam derreter e se tornavam pegajosos no calor ou então endureciam e se tornavam quebradiços no frio). O processo de vulcanização culminou com a aplicabilidade da borracha no maquinário industrial e no bem de consumo que revolucionou o século XX: o automóvel<sup>90</sup>.

De acordo com Barbara Weinstein:

Poucos fenômenos tiveram impacto tão forte e de tão amplo alcance sobre o mundo industrial quanto a invenção e popularização do automóvel. Ainda que, durante os primeiros anos do século XX, ele permanecesse um luxo acessível apenas aos muito ricos, o carro sem cavalos logo surgiu como um elemento vital da produção industrial e da cultura burguesa. [...] Em 1910, as fábricas norte-americanas produziam perto de 200.000 automóveis por ano e, cada

---

<sup>89</sup> JACKSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueiras e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 32.

<sup>90</sup> *Ibidem*, pp. 31-36.

carro produzido, independentemente de seu tamanho, preço ou modelo, exigia pelo menos quatro pneus e um estepe, feitos quase que exclusivamente da borracha da Amazônia.<sup>91</sup>

Diversos autores se debruçaram ao longo dos anos sobre o tema da exploração da borracha na Amazônia valendo-se das mais variadas chaves interpretativas para elaborar questões pertinentes e obter respostas. “De modo geral, os pesquisadores da história econômica da Amazônia elegeram como objeto privilegiado de seus estudos os obstáculos ao desenvolvimento da produção da borracha, tanto na perspectiva micro quanto macroeconômica”<sup>92</sup> e, portanto, mantiveram o foco de suas análises na teoria de que o sucesso da exploração dos seringais dependia muito do capital estrangeiro e da implementação da lógica de mercado capitalista na região em detrimento do tradicional extrativismo. Dentre esses teóricos destacamos Roberto Santos<sup>93</sup>, Leandro Tocantins<sup>94</sup>, Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato<sup>95</sup>, e Rosineide Bentes<sup>96</sup>, os quais, em maior ou menor grau, enfatizaram o papel dos atores políticos regionais e de agentes estrangeiros no escoamento dos lucros para outras regiões brasileiras e para o exterior, impedindo, dessa forma, o desenvolvimento da região por falta de investimentos. Barbara Weinstein denomina essa linha interpretativa de “teoria da dependência” e seus teóricos de “dependentistas”<sup>97</sup>.

Em nossa análise optamos por seguir a linha de autores cujo foco não seja exclusivamente a dependência do elemento político regional e do capital externo; nossa escolha de aporte teórico, portanto, almeja estar alinhada com a metodologia do viés transnacional. Concordamos, nesse sentido com Paul Singer<sup>98</sup> quando ele destaca que o

---

<sup>91</sup> WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 191.

<sup>92</sup> OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. A luta pela borracha no Brasil e a história ecológica de Warren Dean. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 2, p. 111, 2010.

<sup>93</sup> SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

<sup>94</sup> TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo, uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

<sup>95</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. “A Borracha na economia brasileira da Primeira República”. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985.

<sup>96</sup> BENTES, Rosineide. A apropriação ecológica de seringais na Amazônia e a advocacia das Rubber Plantations. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 151, pp. 115-150, 2004.

<sup>97</sup> WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 15.

<sup>98</sup> SINGER, Paul. “O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930”. In: FAUSTO, Boris (Org.) **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985, p. 361.

objetivo da Inglaterra não era acabar com o extrativismo do látex na Amazônia, mas sim garantir que a exploração dessa matéria-prima transcorresse dentro de limites territoriais que pudessem ser controlados ou minimamente influenciados pelo Império Britânico para que os ingleses obtivessem o seu monopólio, estratégia que não deu certo via litígio de fronteiras e nem por meio da tentativa de infiltrar seus agentes na região via aquisição de propriedades. A tática britânica só deu certo com o extravio das sementes por Henry Wickham e, mesmo assim, demorou para o monopólio britânico sobre a borracha se consolidar com a produção da borracha asiática, pois levou certo tempo<sup>99</sup> até as mudas de *Hevea brasiliensis* (nome científico da seringueira) serem transplantadas para lá, crescerem e começarem a produzir a seiva que, só então, seria extraída e transformada em matéria-prima. É claro que esse extravio é significativo no rol dos motivos da derrocada da borracha amazônica, mas esse fato por si só não foi assim tão determinante, como afirma Barbara Weinstein. Segundo ela:

[...] por ser preocupação primordial da maioria dos dependentistas demonstrar a persistência da dependência em todas as economias periféricas, sua obra em geral não ajuda a elucidar as distinções e variações existentes entre essas economias. Analogamente, a ênfase geralmente dada pelos teóricos da dependência ao papel do capital estrangeiro e da integração da periferia no “sistema capitalista mundial” tem relegado a uma posição de importância secundária certas questões, como a da formação de classes.<sup>100</sup>

Weinstein chama nossa atenção para o papel da força de trabalho local, para as relações entre seringueiros, patrões e comerciantes, que ela caracteriza como paternalistas<sup>101</sup>, sendo que, os tipos de relações de produção e de troca estabelecidas entre eles, para a autora “[...] definiam a economia regional e as forças que impediam toda e qualquer tentativa de transformação de tais relações.”<sup>102</sup> Ela também enfatiza o papel do meio natural na dificuldade de racionalizar a produção da borracha e afirma que “[...] a natureza providenciara um meio mais eficiente de dissuasão sob a forma de uma série de

---

<sup>99</sup> Henry Wickham extraviou as mudas em 1876, mas foi somente no ano de 1913 que “[...] a produção extrativista foi suplantada pela produção dos seringais do sudeste asiático. Com o elevado aumento da produtividade [...] os preços da borracha no mercado mundial baixaram, tornando a produção brasileira (de altos custo e preço) incapaz de competir.” OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. A luta pela borracha no Brasil e a história ecológica de Warren Dean. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 2, p. 110, 2010.

<sup>100</sup> WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 16.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 16.

cachoeiras que, além de certo ponto, tornavam absolutamente impossível o transporte fluvial.”<sup>103</sup>

De fato, ao longo de seus deslocamentos fluviais, Fawcett observa e registra que as corredeiras (*rapids*, em inglês), as cachoeiras e os troncos de árvores cravados no leito dos rios e seus galhos encobertos pelo nível da água representavam um grande obstáculo para a navegação (de extrema importância para o escoamento da produção dos seringais), mesmo que em pequenas canoas ou em batelões<sup>104</sup>, o que os obrigava frequentemente a realizar a dura tarefa de “suspender os barcos e os suprimentos por cima delas”<sup>105</sup>, o que significava um trabalho “contínuo e de deixar a gente com as costas doloridas”<sup>106</sup>.

Essa dificuldade de transporte encarecia muito o custo de produção da borracha, pois deixava os seringueiros à mercê da cobrança de fretes caríssimos realizado pelos donos de lanchas, embarcações mais leves e rápidas, capazes de navegar nos rios da região amazônica. Mas mesmo as lanchas, às vezes, tinham que ser carregadas por terra através dos varadouros por não serem capazes de transpor os trechos com cachoeiras e corredeiras. Outro fator natural que influenciava diretamente a navegabilidade fluvial era o volume das chuvas que, por sua vez, determinava a profundidade dos rios, o que permitia ou não o deslocamento de barcos maiores que as lanchas nesses rios.

Os grandes barcos a vapor – que, no século XIX, juntamente com a locomotiva<sup>107</sup>, transformaram radicalmente “[...] as dimensões do que, em quais quantidades e quem podia se fazer transportar”<sup>108</sup> – navegavam apenas nos rios mais caudalosos e sem corredeiras ou cachoeiras e, portanto, não adentravam nos pequenos afluentes dos rios da região amazônica. Talvez seja por conta disso que, navegando pelo rio Acre em 1907,

---

<sup>103</sup> *Ibidem*, 211.

<sup>104</sup> Embarcação movida a remo ou a reboque, utilizada no comércio fluvial para o transporte de cargas pesadas.

<sup>105</sup> “[...] *lifting the canoes and supplies over them.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 71, tradução nossa.

<sup>106</sup> “[...] *was endless and back-breaking.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>107</sup> Francisco Foot Hardman, em sua magnífica metáfora do “trem-fantasma” usada para se referir ao intento capitalista de cravar na floresta amazônica os trilhos da modernidade e do progresso através da criação da ferrovia Madeira-Mamoré, observa que “Com a ferrovia e a navegação a vapor, o mercado mundial ganhava ao mesmo tempo concretude, o que vale dizer, nesse caso, que a forma fetiche das mercadorias estava definitivamente liberada para encantar toda a humanidade.” HARDMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p. 26.

<sup>108</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 10.

Fawcett se mostra surpreso ao avistar um navio a vapor, “uma coisa raríssima”, segundo ele, descrevendo-o da seguinte forma:

Tratava-se de uma embarcação pequena comparado a outros vapores – deslocando talvez mil toneladas – mas naquele momento que o encontrávamos assim inesperadamente, pareceu-nos mais majestoso que o *Mauretania*, maior que o *Olympic*<sup>109</sup>. Quase não podíamos acreditar no que estávamos vendo. Parecia inacreditável que fôssemos encontrar um verdadeiro vapor do outro lado do mundo, ali, no coração do continente, cercado pela selva densa, separado do oceano, de um lado pelas altas *cordilleras* e do outro por uma grande extensão do rio! [...] Ao passarmos por ele, vimos o nome *Antonina* na proa, com as letras meio apagadas. [...]

– O que será que aquele barco está fazendo aqui? Perguntou Chalmers.

– Borracha. Veio atrás da borracha, declarou Dan. Veio fazer carregamento. Provavelmente trouxe maquinário e mercadorias para negociar. Interessante trazer-se um navio até esta distância!

Era isso o que me surpreendia. Vapores eram ocasionalmente avistados no rio Madeira, porém jamais esperávamos que fôssemos encontrar um no Acre. A sua presença ali demonstrava que o rio era navegável, pelo menos até aquele ponto.<sup>110</sup>

Aprofundando-se na análise do papel do bioma natural amazônico no ciclo da borracha, Warren Dean publicou em 1987 o livro *A luta pela borracha no Brasil*<sup>111</sup>, no qual ele elenca a finitude dos recursos naturais como um grande obstáculo ao desenvolvimento industrial, o que hoje soa como obviedade, mas que durante as décadas de 1970 e 1980 estava em amplo debate nos primórdios da chamada História Ambiental nos Estados Unidos. Nesta obra Dean traz à tona a formação do seu pensamento

---

<sup>109</sup> O RMS (*Royal Mail Steamer*) *Mauretania* foi um navio britânico que levou mais de dois anos para ser construído, cuja viagem inaugural ocorreu em 1907. Foi considerado o maior navio a vapor de sua época, superado em tamanho somente em 1911 pelo RMS *Olympic*. É curiosa a referência de Fawcett a ambos os navios no ano de 1907, o que nos leva a indagar até que ponto o relato dele foi editado e por quem, dado que, no calor dos acontecimentos no rio Acre em 1907, seria quase impossível que Fawcett tivesse de antemão informações sobre um navio que só começaria a ser construído em dezembro do ano seguinte, em 1908, e que foi lançado em 1911, portanto quatro anos depois desse episódio do avistamento de um vapor no rio Acre.

<sup>110</sup> “*She was a small vessel as steamers go – displacing perhaps a thousand tons – but in that minute of unexpected encounter she seemed mightier than the Mauretania, grander than the Olympic. We could hardly believe our eyes. It seemed incredible that we should find a real steamer from the other side of the world – here, in the heart of the continent, walled in by rank jungle, separated from the ocean on one side by the sky-scraping Cordilleras, and on the other by sixteen hundred miles of river! [...] As we glided past we saw the name Antonina in faded letters on her bow. [...] ‘Wonder what she’s doing here?’ murmured Chalmers. ‘Rubber’, Dan said. ‘She’s come to load rubber. Probably brought machinery and trade goods. Fancy bringing a ship right up this far!’ That was the thing that amazed me. Steamers were occasionally seen on the Madeira, but none of us expected to find one on the Acre. Its presence there proved that the river was navigable up to that point at least.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 79-80, tradução nossa.

<sup>111</sup> DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil**: um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

econômico-ambiental e realiza um belo trabalho interdisciplinar ao incorporar também a botânica e a geografia às suas análises.

## 1.2 Demarcação de fronteiras e a questão da exploração da mão-de-obra nativa

Em suas primeiras expedições Fawcett perambulou por uma vasta região ainda sem fronteiras demarcadas (sendo esse o principal objetivo de sua primeira viagem para o continente sul-americano), que representava um amplo território a ser explorado pelas partes interessadas, grandes áreas que não pertenciam a país algum porque não havia um consenso em relação aos marcos da fronteira. As resoluções diplomáticas que resultaram em tratados e acordos internacionais funcionavam apenas em parte, pois para a consolidação da fronteira de um país era necessária a criação de marcos (uma placa, uma pedra, um poste, qualquer tipo de sinal) ao longo dos acidentes geográficos escolhidos para estabelecer onde termina um país e onde começa outro. O Tratado de Petrópolis, por exemplo, firmado em 17 de novembro de 1903, no qual a Bolívia cedeu o território que hoje corresponde ao estado do Acre para o Brasil, ficou estabelecido no parágrafo 5º do artigo I que “Da confluência do Beni e do Mamoré descera a fronteira pelo Rio Madeira até a boca do Abunan, seu afluente da margem esquerda [...]”<sup>112</sup> O problema é que nenhuma das partes sabia a latitude e a longitude exata desses acidentes geográficos e, tratando-se em sua maioria de rios caudalosos, era preciso ainda estabelecer qual o local da nascente, os afluentes e outros aspectos fluviais e topográficos da região.

A demarcação de fronteiras no processo de formação do estado-nação brasileiro é apenas um dos múltiplos fatores que serão focalizados neste trabalho, uma vez que na trajetória de Fawcett não é o seu comprometimento com a Comissão Mixta [*sic*] de Demarcação de Fronteira ou com a *Royal Geographical Society* o que irá fazê-lo voltar ao Brasil repetidas vezes no primeiro quartel do século XX. Há muitos outros motivos que consideramos mais determinantes em sua passagem pelo Brasil, como a sua concepção de raça, suas ideias a respeito da origem do ser humano e suas crenças espiritualistas, que desafiam a preponderância da nação como conceito-chave na narrativa histórica.

---

<sup>112</sup> BRASIL. Decreto nº 5.161, de 10 de março de 1904. Artigo I, Parágrafo 5º. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1900-1909/D05161.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1900-1909/D05161.html). Acesso em: 25 jan. 2021.

Fawcett relata que em 1906 ele e sua família estavam estabelecidos na ilha Spike, Condado de Cork, na Irlanda, quando ele recebeu “[...] uma proposta para fazer um trabalho de delimitação de fronteiras na Bolívia.”<sup>113</sup> O autor da proposta foi o presidente da *Royal Geographical Society*, Sir George Dashwood Taubman Goldie (1846-1925), responsável por ter garantido o controle do Império Britânico sobre a Nigéria entre as décadas de 1880-1890. Na ocasião do convite, Goldie abriu um mapa da América do Sul sobre uma mesa e explicou para Fawcett as condições de trabalho:

[...] aqui nessa região de cultura de borracha, ao longo dos rios Abuna e Acre, onde o Peru, Brasil e Bolívia se encontram, trava-se um grande debate acerca das divisas, e o preço da borracha está tão absurdamente alto que um grande conflito poderá surgir a partir da questão sobre a quem pertence cada parte daquele território [...] Os países envolvidos nessa disputa acerca das fronteiras não estão dispostos a aceitar uma demarcação feita pelas partes interessadas. Tornou-se necessário solicitar os serviços de outro país, o qual atuaria de forma imparcial. Por essa razão, o governo da Bolívia, por intermédio de seu representante diplomático aqui em Londres, pediu à Sociedade Geográfica Real para atuar como juiz na contenda, recomendando, ao mesmo tempo, um oficial experiente do exército para executar esse trabalho para a Bolívia. Como o senhor terminou com grande brilhantismo o nosso curso de delimitação de fronteiras, pensei logo em seu nome.<sup>114</sup>

O então major Fawcett titubeia diante da proposta, pensa no filho pequeno Jack e na esposa grávida, mas acaba aceitando o convite, que ele vê como “[...] a oportunidade que há muito vinha esperando, a oportunidade de escapar da vida monótona de oficial de artilharia nas guarnições do país.”<sup>115</sup> O presidente da RGS prevê que a tarefa de delimitação da fronteira duraria pelo menos dois anos e ainda adverte Fawcett a respeito dos perigos inerentes às expedições dessa envergadura, como o provável encontro com populações indígenas então consideradas hostis e o risco de contrair doenças como malária e febre amarela, por exemplo. Fawcett indaga Goldie sobre a obtenção da

---

<sup>113</sup> “[...] the offer of boundary delimitation work in Bolivia was made to me.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 16, tradução nossa.

<sup>114</sup> “[...] up here in the rubber country along the Abuna and the Acre, where Peru, Brazil and Bolivia meet, there is considerable argument about the frontier, and so fantastically high is the price of rubber now that a major conflagration could arise out of this question of what territory belongs to whom. [...] The countries concerned in the dispute about the frontiers are not prepared to accept a demarcation made by interested parties. It has become necessary to call in the services of another country which can be relied on to act without bias. For that reason the Government of Bolivia through its diplomatic representative here in London has requested the Royal Geographical Society to act as referee, and to recommend an experienced army officer for the work on Bolivia's behalf. As you completed our course in boundary-delimitation work with outstanding success, I thought of you at once.” *Ibidem*, p 19, tradução nossa.

<sup>115</sup> “[...] the chance I had been waiting for – the chance to escape from the monotonous life of an artillery officer in home stations.” *Ibidem*, tradução nossa.

dispensa do exército, necessária para a realização desse trabalho, ao que *Sir George Goldie* responde que:

Talvez o senhor venha a encontrar alguma dificuldade, porém, com o apoio da RGS, não há dúvida de que acabarão dando-lhe permissão. Afinal de contas, é uma esplêndida oportunidade para elevar-se o prestígio do exército britânico na América do Sul.<sup>116</sup>

Esse trecho evidencia dois aspectos importantes para a vinda de Fawcett à América do Sul: a influência da RGS no âmbito das relações internacionais e o imperialismo manifesto do exército britânico, ambas as instituições atuando no sentido de defender os interesses ingleses ao redor do mundo. Apesar de Fawcett ser incumbido de atuar como uma terceira parte internacional isenta na disputa territorial entre Bolívia e Brasil, é evidente que há interesses imperialistas em jogo na América do Sul, especificamente na bacia amazônica, rica em recursos naturais e onde os ingleses já haviam estabelecido uma colônia desde 1796, quando eles se apropriaram de assentamentos holandeses em Essequibo, Demerara e Berbice, unificados em 1815, após o Congresso de Viena, ocasião em que essas colônias foram oficialmente cedidas ao Reino Unido e receberam o nome de Guiana Inglesa. Desde então os ingleses reclamaram para si terras na fronteira oriental com a Venezuela e terras ao sul, na fronteira com o Brasil.

As disputas em torno da fronteira da Guiana Inglesa começaram por volta de 1838, após repetidas incursões na região do geógrafo e explorador alemão Robert Schomburgk (1804-1865), posteriormente naturalizado inglês. Enviado pelo Império Britânico à região para demarcar a fronteira com a Venezuela, ele recebia apoio logístico e patrocínio da *Royal Geographical Society* para o cumprimento de suas incumbências. Há aqui um padrão de atuação de instituições inglesas de renome no sentido de assegurar ao Império Britânico o domínio sobre grandes porções territoriais em todas as partes do mundo. Antes do domínio britânico, os governos neerlandês, venezuelano e brasileiro aceitavam os rios Essequibo e Amazonas como divisores naturais da fronteira. Porém em 1838, ao chegar à aldeia de Pirara, onde estivera três anos antes e havia sido bem recebido pelas autoridades brasileiras, Schomburgk encontrou-a abandonada e decidiu se apossar dela

---

<sup>116</sup> “*You may have some difficulty, but with the backing of the R.G.S. I have no doubt they will release you in the end. After all, it’s a wonderful chance to enhance the prestige of the British Army in South America.*” *Ibidem*, p. 20, tradução nossa.



em nome do governo britânico, chegando inclusive a incentivar que o pastor anglicano Thomas Youd fundasse ali uma missão de catequese dos índios da região. Ao ter conhecimento dessa invasão do território brasileiro o presidente<sup>117</sup> do Pará, general Soares de Andréia, enviou à região um destacamento militar comandado pelo capitão Barros Leal com a incumbência de retomar a posse do território ocupado intimando o pastor anglicano a dirigir-se para os domínios da Guiana Inglesa, deixando a catequese dos índios a cargo do frei José dos Santos Inocentes<sup>118</sup>.

Esse litígio se arrastou ao longo de toda a segunda metade do século XIX, até que as negociações entre os dois países resultaram no Tratado de Arbitramento de 6 de novembro de 1901, segundo o qual o rei da Itália Vitorio Emanuel III seria o responsável pelo veredito final. Joaquim Nabuco foi indicado para representar os interesses brasileiros no processo de julgamento, cujo resultado foi desfavorável para o Brasil: Emanuel III determinou que, da região em litígio, 19.630 km<sup>2</sup> seriam retirados do Brasil e entregues à Inglaterra e apenas 13.570 km<sup>2</sup> seriam devolvidos ao Brasil.

Além da RGS outra instituição inglesa bem-conceituada internacionalmente e que desempenhou um papel determinante no imperialismo britânico foi o *Royal Botanic Gardens* (RBG), responsável por incentivar o que décadas depois seria denominada de biopirataria. Por intermédio dessa instituição, em 1876 o inglês Henry Wickham<sup>119</sup> extraviou do Brasil sementes de seringueira (*Hevea brasiliensis*) que posteriormente seriam cultivadas na colônia britânica na Malásia, permitindo que a Inglaterra obtivesse o monopólio sobre esse recurso estratégico que revolucionou a produção industrial, principalmente a partir da demanda da indústria automobilística<sup>120</sup>. Além das sementes de seringueira, o RBG foi responsável pelo extravio de sementes de quinino do Peru. O quinino era utilizado para combater a malária, doença que acometia severamente os soldados britânicos nas colônias da Ásia, América e África, atrapalhando de certa forma o controle exercido pelo Império nessas localidades.

---

<sup>117</sup> Nessa época o cargo de presidente de estado correspondia ao atual cargo de governador.

<sup>118</sup> JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. **Rio Branco e as fronteiras do Brasil**: uma introdução às obras do Barão do Rio Branco. Brasília: Senado Federal, 1999, p. 83-86.

<sup>119</sup> Para mais detalhes sobre a história de Henry Wickham e os primórdios da biopirataria, vale a leitura do livro do jornalista Joe Jackson, **O ladrão no fim do mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueiras e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

<sup>120</sup>WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 191.

O presidente da RGS, *Sir George Goldie*, estava plenamente ciente das implicações do aumento do preço da borracha no cenário internacional (mercado e indústria) na ocasião do convite feito a Fawcett para participar da demarcação das fronteiras, sendo as condições de trabalho nos seringais tema frequente de seus relatórios. A abolição do trabalho escravo no Brasil em 1888 não resultou no fim imediato da escravidão<sup>121</sup> e por muito tempo ainda depois do marco legal da Lei Áurea surgiram casos de exploração ostensiva de mão-de-obra de contingentes populacionais tanto de negros quanto de indígenas, como ocorreu na Amazônia no início do século XX. Enquanto demarcava a fronteira entre Brasil, Peru e Bolívia no auge do Ciclo da Borracha, Fawcett presenciou exploração da mão-de-obra indígena local, como ele registra em seu diário:

Estávamos agora na orla da verdadeira região da borracha e prestes a descobrir o que havia de verdade nas histórias que circulavam a respeito. Muitos duvidaram das revelações de Putumayo, porém é um fato que desde o início a exploração da borracha tanto na Bolívia quanto no Peru deu margem a barbáries chocantes. Não que os governos desses dois países se mostrassem indiferentes aos abusos que ocorriam – eles se mostravam profundamente preocupados com a situação, mas a grande distância que havia entre aquelas regiões da borracha e a parte controlada pelo estado estimulava estrangeiros sem escrúpulos a agir e, também, a bolivianos e peruanos da mesma índole. De fato, muitos dos exploradores da borracha eram degenerados que se sentiram tentados pela oportunidade de fazerem fortuna de maneira fácil. Acredite ou não, mas a imensa força de trabalho dispersa da indústria da borracha tinha pouco entendimento das causas reais subjacentes aos seus sofrimentos, e estava disposta a até mesmo lutar para manter as coisas como estavam, se esse fosse o desejo do patrão. Individualmente pouco se incomodavam com os sofrimentos dos outros, viam nisso uma espécie de divertimento.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Na verdade, é como se a escravidão nunca tivesse sido abolida na prática, dado que alguns pesquisadores atestam que, em valores absolutos, há mais escravos hoje do que durante o período do tráfico atlântico, o que muda é a porcentagem em relação à população mundial que o número de escravos representa, sendo hoje menor do que naquela época. O jornalista estadunidense Benjamin Skinner, por exemplo, diz que as estimativas mais aceitas apontam que existem atualmente entre 12,3 milhões e 27 milhões de pessoas vivendo em condições análogas à escravidão no mundo todo. Ele também escreve que não basta apenas a abolição legal, sendo preciso combater diariamente a escravidão real, através de fiscalização rigorosa, por exemplo. Embora os números sejam desanimadores, Skinner aponta que movimentos abolicionistas do passado e manifestos contra a exploração de um ser humano por outro foram importantes para combater essa prática funesta no mundo todo e obter conquistas como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, por exemplo. SKINNER, E. Benjamin. **A Crime So Monstrous: Face-to-Face with Modern-day Slavery**. New York: Free Press, 2008.

<sup>122</sup> “*We were now on the fringe of the real rubber country, and about to find out for ourselves what truth there was in the stories told about it. Many people had doubted the Putumayo disclosures, but it is a fact that from the start the exploitation of rubber in both Bolivia and Peru led to shocking barbarities. Not that the Governments of these countries were indifferent to the abuses that went on – they were very deeply concerned – but the great distance of the rubber regions from any effective State control encouraged unscrupulous foreigners and, for that matter, Bolivians and Peruvians of the same ilk. In fact, most of those rubber exploiters were degenerates tempted by the chance of making big money the easy way. Believe it or not, but the huge scattered labour force of the rubber industry had little understanding of the real causes underlying their sufferings, and were even quite willing to fight to keep things as they were if to do so was the wish of the patrón. So long as the individual did not suffer he cared little what happened to the others – in fact their misfortunes rather amused him.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged

O coronel Fawcett não foi o único a denunciar as atrocidades cometidas durante o ciclo da borracha no início do século XX; o escritor Euclides da Cunha e o cônsul britânico Roger Casement estiveram na Amazônia no mesmo período e ambos rechaçaram a exploração dos índios, negros e brancos que eram mantidos em condições precárias de subsistência e obrigados a trabalhar até a exaustão, sujeitos a contraírem doenças como malária e febre amarela, sem acesso a condições mínimas de conforto e sofrendo maus-tratos por parte dos capatazes que eram responsáveis pela fiscalização do processo de extração do látex<sup>123</sup>.

No dia 06 de agosto de 1904 Euclides da Cunha havia sido convocado pelo Barão do Rio Branco para chefiar a comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, cujo objetivo era fazer o levantamento cartográfico das cabeceiras do rio Purus, fronteira natural entre Peru e Brasil e cenário de conflitos armados entre tropas peruanas e seringueiros brasileiros<sup>124</sup>. Dessa experiência de Euclides resulta a grandiosa obra *À margem da história* (1909), na qual o autor descreve a Amazônia como a “terra sem história”, pois a imagem dessa região que se propagava até então era proveniente da literatura de viagem que havia sido produzida ao longo dos séculos e que correspondia ao que Euclides chamou de “Amazônia ideal”, sendo a proposta de seu novo livro descrever a “Amazônia real”, o que incluía denunciar a exploração dos seringueiros<sup>125</sup>. Nesse e em outros livros contendo os chamados ensaios amazônicos, Euclides empregou largamente a metáfora do deserto para descrever a selva amazônica, também chamada de “inferno verde”, título do livro<sup>126</sup> de Alberto Rangel, cujo prefácio foi escrito por Euclides, amigo de Rangel desde o tempo da Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro<sup>127</sup>.

---

from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 44, tradução nossa.

<sup>123</sup> Segundo Barbara Weinstein, “O tratamento que dispensavam aos trabalhadores era tão cruel e assassino, que escandalizou até mesmo os investigadores estrangeiros calejados por uma larga experiência com as guerras coloniais e com as estratégias de dominação imperial.” WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 42.

<sup>124</sup> VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha: Ensaio biográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 233.

<sup>125</sup> Infelizmente Euclides não chegou a ver sua obra publicada, pois foi morto em 15 de agosto de 1909 pelo amante de sua mulher, Dilermando de Assis que, de acordo com o inquérito policial da época, agiu em legítima defesa, dado que Euclides havia se dirigido até sua residência armado com o intuito de se vingar pela traição da esposa. *Ibidem*, p.259.

<sup>126</sup> RANGEL, Alberto. **Inferno Verde** (cenas e cenários do Amazonas). Desenhos por Arthur Lucas. Gênova: S. A. I. clichês celulóides Bacigalupe, 1908.

<sup>127</sup> VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha: Ensaio biográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 236.

Para Euclides:

Tanto o sertão quanto a selva são vistos como “*terra ignota*”, paisagem fantástica ou maravilhosa que provoca vertigem no observador, ao oscilar entre a desilusão e o deslumbramento, entre o horror e o êxtase, entre a “visão” do inferno e a do paraíso. São territórios tidos como à margem da história, fora da escrita e da civilização.<sup>128</sup>

Essa comparação da selva amazônica com um deserto feita por Euclides vai de encontro com o relato de Fawcett sobre a região, uma vez que ele e seus companheiros de viagem muitas vezes se depararam com a fome, a desidratação e a desorientação, muito associadas a um cenário desértico arenoso, mas que os membros da expedição começaram a associar à selva densa. Para Fawcett “[...] jamais a morte esteve tão perto como em 1908, quando fomos colhidos naquele inferno envenenado do rio Verde, na Bolívia Oriental.”<sup>129</sup> Ele diz ainda que “Enganamo-nos com a abundância de peixe e caça na embocadura do rio. [...] A água do rio já se tornava mais amarga e os peixes a haviam abandonado. Talvez pela mesma razão é que não havia caça.”<sup>130</sup>

Nessa ocasião, entre 15 de setembro e 15 de outubro de 1908, “Cinco dos seis peões morreram em consequência da viagem”<sup>131</sup> e o próprio Fawcett quase morreu de inanição, pois nesse período de um mês ficaram perdidos na região do rio Verde, sem suprimentos e sem conseguirem obter qualquer fonte de alimento através da caça, pesca ou extrativismo. Só conseguiram se localizar ao encontrarem o rio Guaporé, às margens do qual se deparam com o que Fawcett chama de “colônia de negros”, onde foram bem recebidos e conseguiram provisões para seguirem viagem. Em muitas ocasiões é a população local que ajuda os expedicionários a obterem os recursos necessários para o sucesso da expedição. Fawcett também relata o auxílio recebido pelos donos dos armazéns que ficavam às margens dos rios – majoritariamente estrangeiros – e pelos seringueiros, que dividem o pouco que têm com os viajantes.

---

<sup>128</sup> *Ibidem*.

<sup>129</sup> “[...] *I consider that never was death so close as in 1908, when we were caught in the poisoned hell of the River Verde, in Eastern Bolivia.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 110, tradução nossa.

<sup>130</sup> “*The abundance of fish and game at the mouth of the river deceived us. [...] The river grew bitter to the taste and fish abandoned it. Probably for the same reason there was no game.*” *Ibidem*, p. 121, tradução nossa.

<sup>131</sup> “*Five of the six peons died from the effects of the journey.*” *Ibidem*, p. 125, tradução nossa.

Sobre a exploração dos trabalhadores no processo de extração da borracha na Amazônia, Euclides escreve que “[...] o seringueiro realiza uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se”<sup>132</sup>, isso porque, além dos maus-tratos, o seringueiro sofria com a manipulação das cláusulas do contrato de trabalho que eram estipuladas pelo próprio patrão, o qual impunha taxas abusivas ao seringueiro, cobrando juros exorbitantes de forma que esse trabalhador ficava preso ao patrão até quitar todos os seus débitos com ele, ou seja, era um escravo por dívidas. Como bem observou Euclides:

Adicionai isto o desastroso contrato unilateral, que lhe impõe o patrão. Os “regulamentos” dos seringais são a este propósito dolorosamente expressivos. Lendo-os, vê-se o renascimento de um feudalismo acalanhado e bronco. O patrão inflexível decreta, num emperramento gramatical estupendo, cousas assombrosas. [...] O “regulamento” é impiedoso: “Qualquer freguês ou aviado não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...”. Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões um acordo de não aceitarem, uns os empregados de outros, antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes.<sup>133</sup>

Fawcett descreve na região do Beni fatos muito semelhantes aos observados por Euclides na Amazônia brasileira, como podemos observar a seguir:

Os mais trágicos casos da região do Beni ocorreram na cidade e província de Santa Cruz de la Sierra. Os trabalhadores eram levados até lá acorrentados em bandos de cinquenta de cada vez e vendidos. [...] Enquanto todos os transportes nos rios estivessem nas mãos das grandes firmas não haveria esperança alguma para aquela gente. Qualquer tentativa de fuga redundaria, sem dúvida, num desastre. [...] Quanto mais eficiente um homem fosse, mais difícil lhe seria escapar das garras das empresas de borracha. Brancos, pretos ou índios, uma vez endividados, pouca esperança tinham de poder reconquistar a liberdade. Crédito era concedido generosamente com o objetivo de enredar os homens. Para uma firma que, além de pagar ao homem seu salário, lhe fornecia tudo o que necessitava, descontando o respectivo valor de seus vencimentos, era muito fácil manipular as contas de maneira a deixá-lo sempre endividado – e, por conseguinte, escravizado.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: UNESP, 2019, p. 58.

<sup>133</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>134</sup> “The most tragic cases on the Beni occurred in the town and province of Santa Cruz de la Sierra. Here the labourers were brought down in chain gangs of fifty at a time and sold. [...] So long as all transport on the rivers was in the hands of the big firms there was no hope for those people. Any attempt to escape was almost certain to end in disaster. [...] The more capable a man, the harder it was for him to escape from the clutch of the rubber concerns. White, black, or Indian, once enmeshed in the toils of debt, had little hope of ever winning free again. Credit was generously given with the object of ensnaring men. It was easy for a firm, which besides paying a man’s wages supplied him with all his needs and deducted the cost from his pay, to ‘cook’ the accounts in such a way that he remained always in debt—and therefore always a servant.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 56-57, tradução nossa.

Se por um lado o ciclo da borracha trouxe a civilização, o progresso e a modernidade às paragens da selva amazônica, por outro trouxe a exploração do homem pelo homem, as doenças e armas de fogo que banalizaram os tiroteios naquela região. Para atender às elites locais foi construído entre 1884-1886 o Teatro Amazonas, um símbolo do que havia de mais moderno na época, projetado com o intuito de fazer com que Manaus fosse equiparada às capitais europeias como Paris, por exemplo. Mas por trás de toda essa opulência civilizatória estava a exploração da mão-de-obra local que imputava castigos bárbaros aos nativos. O Teatro Amazonas se caracteriza, portanto, como uma, dentre tantas, “máscaras da civilização”<sup>135</sup>, utilizadas geralmente pelo homem branco civilizado para esconder e recalcar seu ímpeto destrutivo através do recurso à suposta civilidade e refinamento cultural representados, nesse caso, pela ópera e a música clássica. Sobre o Teatro Amazonas e o que ele representou à época escreveu Caio Prado Júnior que:

O símbolo máximo que ficará desta fortuna fácil e ainda mais facilmente dissipada é o Teatro Municipal de Manaus, monumento em que à imponência se une o mau gosto [...]. É claro que desfeito o castelo de cartas em que se fundava toda esta prosperidade fictícia e superficial, nada sobraria dela. Em poucos anos [...] a riqueza amazonense se desfará em fumaça. Sobrarão apenas ruínas.<sup>136</sup>

O irlandês Roger Casement, que foi cônsul britânico no Brasil em três locais distintos: em Santos, entre 1906-1908, em Belém do Pará, entre 1908-1909 e no Rio de Janeiro, entre 1909-1913, foi um grande delator e opositor da exploração do homem pelo homem não apenas na Amazônia, como também na África, onde ele passou cerca de vinte anos trabalhando no que Angus Mitchell chamou de “funções coloniais”. Uma dessas funções foi exercida na Associação Internacional do Rei Leopoldo, monarca belga<sup>137</sup>.

Quando os primeiros rumores a respeito das atrocidades cometida no Congo Belga começaram a surgir, Casement renunciou ao seu cargo. Em 1903, *Lord Lansdowne*, secretário britânico, incumbiu Casement de ir ao Congo para verificar e reportar qualquer irregularidade que ele notasse lá ao governo britânico. Ele prontamente atendeu à solicitação do secretário e produziu um relatório completo sobre as torturas a que eram

---

<sup>135</sup> STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>136</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 240-241.

<sup>137</sup> MITCHELL, Angus. **Roger Casement no Brasil: a borracha, a Amazônia e o mundo atlântico, 1884-1916**. São Paulo: Humanitas, 2011, pp. 15-19.

submetidos o povo congolês pelos administradores belgas. O relatório incluía imagens de crianças que tiveram uma ou ambas as mãos amputadas por não terem cumprido as metas de extração de borracha exigidas para a sua faixa etária. Essas imagens correram o mundo, provocando um mal-estar na civilização, mas que logo foi esquecido, dado que o rei Leopoldo II investiu muito dinheiro em campanhas publicitárias para amenizar essa imagem associada ao Estado Livre do Congo sob o domínio belga<sup>138</sup>.

Sobre os problemas na extração da borracha na Amazônia Casement também escreveu um relatório, que ficou conhecido como o *Blue Book*, baseado em seus diários, que foram publicados e ficaram conhecidos como *The Amazon Journal*. No relato de Casement mais uma vez nos deparamos com denúncias muito similares às de Euclides da Cunha e do coronel Fawcett, como a que podemos observar a seguir, fruto de uma entrevista que Casement realizou com um capataz barbadiano chamado Stanley Sealy:

[...] Diz que ele próprio açoitou índios – muitas vezes – muitas e muitas vezes, sempre obedecendo a ordens do chefe, que decidia qual índio seria açoitado. Era sempre por não trazer borracha – às vezes vinte e cinco chibatadas, outras doze, algumas seis; e algumas até mesmo apenas duas – dependendo de quanto faltava para atingir a cota. Os índios “se deitavam eles mesmos” para receber os açoites – “Como um cão, hein?”, comentei. As costas – ou melhor, as nádegas – ficavam laceradas – muitas vezes com cortes profundos – e assim a narrativa horripilante continuou. Os índios não viviam felizes e traziam a borracha porque tinham medo. Recebiam comida nas “seções”, mas não quando coletavam borracha no mato. Ele tinha visto mulheres açoitadas como os homens e um menino açoitado em Sabana [...].<sup>139</sup>

De acordo com Fawcett,

As atrocidades em Putumayo, no Peru, reveladas por *Sir Roger Casement*, constituem apenas uma fração daquela terrível história. A escravidão, o assassinio e o vício reinaram nos rios até o dia da queda da borracha.<sup>140</sup>

Em 1912 o governo britânico publica o *Blue Book*, atraindo os olhares da imprensa e da opinião pública no mundo todo. Após essa repercussão negativa, as investidas de

---

<sup>138</sup> Para mais informações sobre o domínio belga no Congo, ver HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo**. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>139</sup> CASEMENT, Roger. **Diário da Amazônia de Roger Casement**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 80.

<sup>140</sup> “*The atrocities on the Putumayo in Peru, disclosed by Sir Roger Casement, were only a fraction of the terrible story. Slavery, bloodshed and vice reigned supreme on the rivers, and there was no halt to it until the bottom fell out of the rubber market.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 58, tradução nossa.

firmas europeias e estadunidenses e os investimentos de capital estrangeiro no extrativismo da borracha – que nunca foram muito expressivos nem deram muito retorno aos investidores, segundo Barbara Weinstein<sup>141</sup> – passaram da Amazônia para as colônias inglesas e holandesas na Ásia, demonstrando que o interesse britânico na disseminação do *Blue Book* de Casement não condizia apenas com a nobre preocupação com o bem-estar das populações exploradas, mas obedecia a interesses econômicos, dado que, segundo o jornalista e divulgador científico Carlos Haag:

Os britânicos exaltavam a civilidade das plantations em contraste com a suposta incivilidade dos seringais, percepção comungada pelas elites cafeicultoras no poder. A política oficial, em especial após a República, comprou essa ideia e promoveu essas plantations, sem dar importância aos conhecimentos locais e às visões dos produtores locais de borracha, que discordavam da promoção da monocultura. Para eles, o extrativismo garantia a perenidade da produção e não destruía a terra e as árvores, ao contrário da opção ‘civilizada’.<sup>142</sup>

A defesa da monocultura somada ao roubo das sementes e à publicação do *Blue Book* foram de grande valia para a consolidação do monopólio britânico sobre a produção de látex em larga escala em suas colônias na Ásia. E, apesar de tanto almejar o ideal de civilidade e progresso disseminado pelas potências imperialistas da Europa, essa elite brasileira à qual Haag se refere não escapou da crítica e da sátira dos europeus.

Em 1867 o futuro Barão do Rio Branco estava viajando pela Europa após concluir o curso de direito quando assistiu a uma ópera-bufa do compositor Jacques Offenbach intitulada *La Vie parisienne*, que havia estreado em Paris no ano anterior e contava com um personagem chamado *Le Brésilien*, “[...] um novo-rico, sujeito dado à ostentação e inteiramente destituído de modos, verniz cultural e bom gosto.”<sup>143</sup> Um dos biógrafos do Barão do Rio Branco escreve que:

Por essa época, os franceses cunharam a palavra *rastaquouère* – que no Brasil acabou aportuguesada para “rastaquera” – para definir o tipo de novo-rico cujo arquétipo passou a ser o Brasileiro de Offenbach. Juca [o Barão do Rio Branco] não terá achado especialmente graciosa essa representação do Brasil na

<sup>141</sup> Para informações detalhadas, como tabelas de valores e outros dados mais específicos sobre o capital estrangeiro investido na extração da borracha na Amazônia durante esse período, ler o capítulo 6 do livro de Barbara Weinstein, intitulado “Os limites do domínio estrangeiro”. WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, pp. 191-218.

<sup>142</sup> HAAG, Carlos. As sementes da discórdia: Pesquisas discutem impacto do contrabando de sementes da seringueira por ingleses. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 158, p. 25, abr. 2009.

<sup>143</sup> RODRIGUES, Sérgio. Rastaquera, uma herança do racismo francês. **Revista Veja**, 20 de setembro de 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/rastaquera-uma-heranca-do-racismo-frances/> Acesso em: 1 abr. 2021.



Europa: a caricatura feria o sentimento de identidade com a civilização a que as elites brasileiras imaginavam pertencer. Se a monarquia brasileira se imaginava europeia, não havia reciprocidade. O Velho Continente via o Brasil de uma forma mais próxima da realidade: um país atrasado, com grandes riquezas naturais, dirigido por uma elite pouco afeita ao trabalho. A impressão deve ter sido dolorosa: a imagem do país no exterior iria tornar-se uma das grandes preocupações de Paranhos Júnior no desempenho de suas funções diplomáticas e na chefia da chancelaria.<sup>144</sup>

### 1.3 Itinerários de Fawcett antes da I Guerra Mundial

#### 1.3.1 A primeira expedição (maio de 1906 – outubro de 1907)<sup>145</sup>

Não obstante o brilhantismo da atuação do Barão do Rio Branco na diplomacia, a imagem que se construiu do Brasil no exterior – e da América Latina de forma geral – não mudou muito entre 1867 e 1906, quando Fawcett partiu para Nova York acompanhado por um jovem auxiliar chamado Chalmers. Ele não especifica o dia de partida, apenas registra que ele zarpou em maio, que a viagem entre o Reino Unido e os EUA durou uma semana e descreve como o navio quase colidiu com um iceberg em meio a um nevoeiro no Atlântico Norte<sup>146</sup>. No mesmo dia em que chegam a Nova York eles embarcam no vapor Panamá, com destino ao porto de Cristóbal, no Panamá. Fawcett escreve que “Para nós, a América Latina começava na cidade de Panamá. Sentia-se ali o desleixo da higiene. O mau cheiro parecia predominar em quase tudo.”<sup>147</sup> Muitos outros viajantes europeus que estiveram na América do Sul antes e depois de Fawcett enfatizaram o aspecto anti-higiênico das populações locais, a grande maioria com conotações negativas, descrevendo a população e as vilas e cidades como extremamente sujas. “Preguiçoso” e “indolente” são adjetivos muito usados pelos viajantes para descrever os latinos<sup>148</sup>. Por diversas vezes Fawcett se irrita com a suposta preguiça e procrastinação da população local assim que pisa em território boliviano e escreve que:

---

<sup>144</sup> SANTOS, Luís Cláudio Villafaña G. **Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 54.

<sup>145</sup> Para fins de delimitação das datas de início e término das expedições de Fawcett consideramos o mês e/ou ano apontado pelo explorador no momento em que ele deixa a Inglaterra e o mês e/ou ano em que ele retorna para sua terra natal.

<sup>146</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 20.

<sup>147</sup> “For us, Latin America began in Panama City. There was little attempt at sanitation, the smells were almost overpowering.” *Ibidem*, pp. 21-22, tradução nossa.

<sup>148</sup> O naturalista russo Georg Heinrich von Langsdorff, por exemplo, em seus diários relativos à expedição que realizou no Rio de Janeiro e em Minas Gerais entre janeiro de 1824 e fevereiro de 1825 escreve sobre

Pela primeira vez experimentei o sabor de “deixe isso para amanhã”, e com isso ia-se protelando sempre a solução da questão para o dia seguinte. Como continuava a importuná-los, a protelação passou de dias para semanas! Perdi a paciência com o flagrante desinteresse dos departamentos em dar uma solução; procurei então o cônsul britânico e pedi-lhe para ver o que se podia fazer para acelerar as coisas.<sup>149</sup>

O mais intrigante em relação a essa primeira expedição entre 1906-1907 é que não encontramos nenhum documento referente a ela em nossa pesquisa no acervo do Arquivo Histórico do Itamaraty, realizada em janeiro de 2020. Claro, pode-se alegar que Fawcett trabalhava para o governo da Bolívia, mas essa alegação não procede, pois encontramos documentos de comissões brasileiras anteriores a 1906 que contêm informações sobre as demais comissões, até porque ocorriam diversos encontros presenciais entre os membros das comissões de diferentes países, além de volumosa troca de correspondência entre eles.

Encontramos, por exemplo, o *Livro de Actas da Comissão de Limites entre o Brasil e a Bolívia*, chefiada por Luiz Cruls<sup>150</sup>, datado de 1901, que continha o nome dos representantes brasileiros e bolivianos. Não encontramos no Arquivo Histórico do Itamaraty nada referente a Fawcett antes de 1908. Era como se ele não estivesse integrado oficialmente à Comissão Mixta [*sic*] de Demarcação de Fronteira entre 1906-1907, o que acabou se confirmando com o aprofundamento da pesquisa bibliográfica ao nos depararmos com uma ata da Comissão Permanente de Relações Exteriores publicada no Diário do Congresso Nacional em 16 de junho de 1959 contendo uma fala do general Sebastião Claudino de Oliveira Cruz<sup>151</sup> a respeito da primeira expedição de Fawcett. Diz ele que:

---

o Arraial das Mercês, vilarejo próximo ao município mineiro de Barbacena, que: “A perversão dos costumes é tão grande aqui como em outros lugares e maior do que em Barbacena. O desleixo e a preguiça das pessoas superam qualquer expectativa.” SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (Org.). **Os diários de Langsdorff**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997, v. 1, p. 65.

<sup>149</sup> “I had my first taste of ‘mañanas’ and was put off from one day to another. Then, as I continued to pester them, the delays were extended from one week to the next! ‘Passing the buck’ between departments wore my patience thin, and I asked the British Consul to see what he could do to hurry things along.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 31, tradução nossa.

<sup>150</sup> CRULS, Luiz. **Livro de Actas da Comissão de Limites Entre o Brasil e a Bolívia**. Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 369, prateleira 4, lata 454, maço 12 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1901-1902.

<sup>151</sup> Descobrimos pouquíssimas informações sobre o general Sebastião Claudino de Oliveira Cruz, apenas que, em 1959, ele era o delegado-chefe da Comissão Mista de Limites e Caracterização da Fronteira Brasil-Uruguaí. Há muito mais informações a respeito de seu filho, que também seguiu carreira militar, o general Newton de Araújo de Oliveira Cruz, que atuou em diversos órgãos de repressão da Ditadura Militar no Brasil entre 1964-1985, como o SNI (Serviço Nacional de Informações).

A Comissão Mista não realizou nenhum trabalho no rio Verde em 1907 e 1908. Mas na Ata da Conferência efetuada em novembro desse último ano, aparece esta declaração:

“Não sendo possível na presente estação empreender o exame e levantamento do rio Verde, cujo estudo preliminar acaba de ser executado pela Subcomissão boliviana dirigida pelo Senhor Fawcett, concordam os senhores Comissários em suspender os trabalhos até primeiro de maio de mil novecentos e nove, data em que de novo deverá reunir-se nesta Cidade – Corumbá – a Comissão Mista para aquêle fim.”

Era o início da execução de ardiloso processo boliviano visando a evitar a exploração em comum do rio Verde, porque, na verdade, a exploração prévia do rio por Fawcett não podia ser objeto de consideração pela Comissão Mista. O Primeiro Comissário brasileiro, Almirante José Cândido Guilhobel, disse em seu relatório, de 26 de dezembro de 1912, que as duas Comissões demarcadoras reuniram-se em maio de 1908, em Corumbá, e também que, nessa ocasião, já se incluía na Comissão boliviana o major Percy H. Fawcett. Mas não noticiou o Primeiro Comissário brasileiro que consentira ou, ao menos, soubera da exploração prévia do rio Verde que iria ser empreendida pelo novo membro demarcador boliviano. Destarte, essa exploração, para a Comissão Mista, foi clandestina e, naturalmente, terá sido por delicadeza do chefe brasileiro que foi referida, na Ata de novembro, como “estudo preliminar”.<sup>152</sup>

O relato do general Claudino Cruz explica o motivo de não termos encontrado documentos oficiais no Arquivo do Itamaraty abrangendo a primeira expedição de Fawcett, realizada entre maio de 1906 e outubro de 1907: porque o levantamento preliminar de Fawcett era não-oficial, era *off the records*, dado que ele não estava ainda integrado à Comissão Mixta [*sic*] de Limites – apesar de ele se referir a uma certa “comissão britânica”<sup>153</sup>. Além disso, segundo o relato de Fawcett, nessa primeira expedição à América do Sul, ele realiza trabalhos como topógrafo para o governo boliviano que não têm ligação alguma com a demarcação de fronteiras, como, por exemplo, o projeto de uma estrada de ferro entre Porvenir e Cobija<sup>154</sup>.

Após aportarem no Panamá, Fawcett e Chalmers passam pelo Equador e seguem para o sul, em direção ao Peru, onde se reúnem com o ministro britânico em Lima e desfrutam da calorosa recepção<sup>155</sup> dos ingleses residentes na capital peruana. Em seguida, eles vão de trem até o Lago Titicaca, na fronteira com a Bolívia. Atravessam o lago num barco a vapor e desembarcam no porto de Guaqui, em território boliviano, e Fawcett registra o estranhamento relativo ao fato de que “Talvez em nenhum outro lugar seja

---

<sup>152</sup> BRASIL. **Ata da comissão permanente de relações exteriores**. In: Diário do Congresso Nacional, Seção I, ano XIV, nº 73, capital federal, terça-feira, 16 de junho de 1959, pp. 3069-3075.

<sup>153</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 32.

<sup>154</sup> *Ibidem*, p. 64.

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 24.

possível a um viajante sofrer de enjoo de mar e mal das alturas ao mesmo tempo como se dá ali.”<sup>156</sup>

De lá eles percorrem a estrada de ferro Guaqui-La Paz, passando por Tiahuanaco e Fawcett escreve que, na sua opinião, as ruínas desse sítio arqueológico pré-colombiano “[...] são talvez as mais antigas do mundo, mais antigas que a própria Esfinge.”<sup>157</sup> Ele crê que Tiahuanaco foi construída por uma raça de gigantes que teria sofrido uma espécie de cataclismo muito similar ao que deu fim à população de Atlântida. Em La Paz Fawcett tem dificuldades em conseguir o equipamento de topografia e é informado de que todo o equipamento que ele precisa será disponibilizado pelo governo boliviano em Rurenabaque, cidade às margens do rio Beni. Após muito protestar, ele acaba recebendo a quantia de mil libras esterlinas em ouro do governo<sup>158</sup> e registra que “Com esse tesouro tinindo nas bolsas da sela, Chalmers e eu partimos para o Altiplano em 4 de julho de 1906, com destino a Sorata e ao Beni.”<sup>159</sup> Portanto, após dois meses de viagem desde que deixou a Inglaterra em maio de 1906, finalmente Fawcett parte para a região da borracha utilizando mulas como meio de transporte.

De forma geral, Fawcett não é muito linear na descrição de seu itinerário de viagem. Ele vai citando os nomes dos lugares por onde passou sem, no entanto, seguir uma ordem cronológica, que, aliás é difícil de estabelecer em seus escritos, pois são poucas as ocasiões em que ele elenca as datas dos eventos vivenciados por ele. Acreditamos que isso se deve ao fato de que, durante a escrita do rascunho do que viria a ser o livro publicado em 1953 pelo seu filho Brian, ele mistura relatos de viagem (*log-books*/diário de navegação) com memórias de viagem (registros que são feitos tempos depois de realizada a expedição). Essas e outras imprecisões<sup>160</sup> fizeram com que os mapas produzidos a partir dos dados contidos no livro de 1953 representem apenas uma estimativa do itinerário de Fawcett, como podemos observar no Mapa 1, abaixo.

---

<sup>156</sup> “*Perhaps nowhere else is it possible for a traveller to suffer from sea-sickness and mountain-sickness at the same time!*” *Ibidem*, p. 26, tradução nossa.

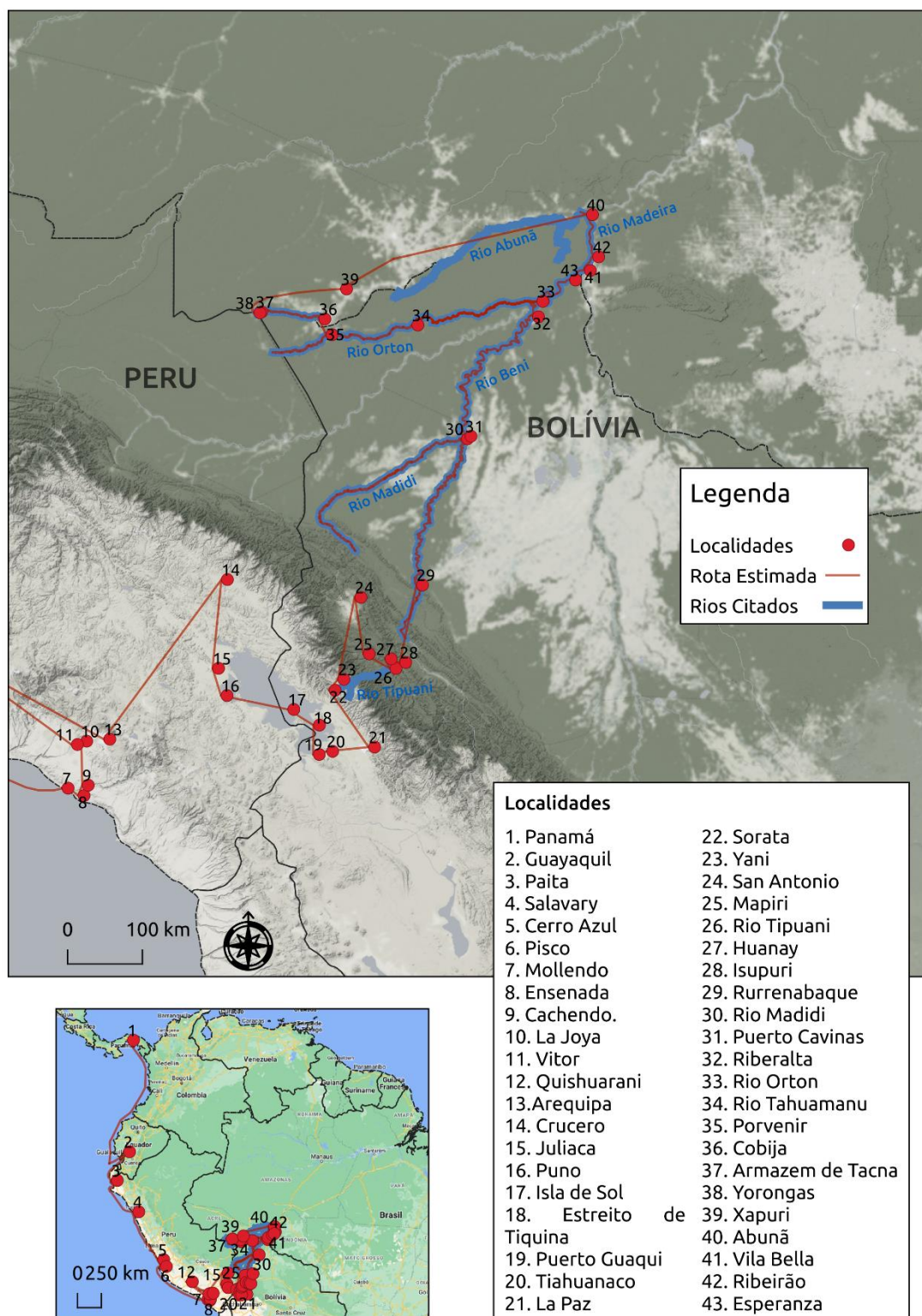
<sup>157</sup> “[...] *whose ancient ruins are perhaps the oldest in existence anywhere – older even than the Sphinx.*” *Ibidem*, p. 27, tradução nossa.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>159</sup> “*With this treasure jingling in the saddle-bags, Chalmers and I set out over the Altiplano on the fourth day of July, 1906, bound for Sorata and the Beni.*” *Ibidem*, p. 33, tradução nossa.

<sup>160</sup> Fawcett também é pouco preciso sobre as formas de deslocamento que ele utiliza, pois não é sempre que ele indica em seus escritos se ele está se locomovendo a pé ou utilizando algum meio de transporte como mulas, canoas ou trens.

**Mapa 1 – Itinerário aproximado da 1ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (maio de 1906 a dezembro de 1907)**



Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

Fawcett fica deslumbrado com a beleza e os perigos da travessia da Cordilheira dos Andes e descreve em detalhes o contraste que ele observa entre a neve do Altiplano Andino e a vegetação mais densa da floresta tropical. No meio do caminho, em Mapiri, ele contrata “[...] um negro da Jamaica chamado Willis, que sóbrio era um excelente cozinheiro”<sup>161</sup>. Uma semana depois de sair de Mapiri eles chegam a Rurenabaque e Fawcett escreve que “Aqui estávamos separados de tudo, diante de nós a perspectiva de três anos de um trabalho difícil e perigoso – anos que começavam com a nossa chegada ao Beni.”<sup>162</sup>

Para a surpresa dos expedicionários, lá não havia nenhum equipamento para a realização do levantamento topográfico esperando por eles, como havia sido prometido na capital boliviana. Mais uma vez as autoridades – um certo coronel Ramalles – lhes dizem que o material poderá ser obtido em Riberalta. Ramalles afirma que “O general Pando está lá e dispõe desse material.”<sup>163</sup> Muito contrariado, Fawcett segue viagem e, após vinte dias navegando pelo rio Beni, em 28 de agosto de 1906 chega a Riberalta, onde ele encontra “[...] o general Pando, ex-presidente da Bolívia e delegado da Província do Beni, um homem de aparência impressionante e habilidade marcante.”<sup>164</sup> Foi José Manuel Pando Solares (1849-1917) – o general Pando –, presidente da Bolívia entre 1899-1904, quem comandou pessoalmente as tropas bolivianas no combate aos colonos brasileiros na região do atual estado do Acre durante a Revolução Acreana (ou *Guerra del Acre*), que teve início em 1899 e terminou somente em 1903, com a assinatura do Tratado de Petrópolis, intermediada pelo Barão do Rio Branco.

O embate entre brasileiros e bolivianos na região se intensificou quando “[...] em 1902 o governo da Bolívia anunciou seus planos de dar em arrendamento milhares de quilômetros quadrados no Acre a um conglomerado norte-americano que assumiria tanto o controle econômico quanto a autoridade civil na área em questão.”<sup>165</sup> Os colonos brasileiros, seringueiros em sua maioria, obviamente não ficaram satisfeitos com essa

---

<sup>161</sup> “At Mapiri I obtained the services of a Jamaican negro named Willis, who when sober was an excellent cook.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 38, tradução nossa.

<sup>162</sup> “Here we were, cut off from everything, before us the prospect of three years’ most difficult and dangerous work – years that commenced on arrival at the Ben.” *Ibidem*, pp. 43-44, tradução nossa.

<sup>163</sup> “General Pando is there, and he has them.” *Ibidem*, p. 44, tradução nossa.

<sup>164</sup> “Here I met General Pando, ex-President of the Republic and Delegate of the Beni Province, a man of striking appearance and marked ability.” *Ibidem*, p. 51, tradução nossa.

<sup>165</sup> WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p. 203.

negociação entre Bolívia e EUA, e portanto, “[...] não admira que os governos federal e estadual tenham recebido essas notícias como um desafio à soberania brasileira na Amazônia.”<sup>166</sup>

A solução diplomática via Tratado de Petrópolis resultou na concessão desse território em litígio da Bolívia para o Brasil mediante algumas compensações, como o pagamento de uma indenização no valor de dois milhões de libras esterlinas, a concessão do Brasil para a Bolívia de uma parte do território do Mato Grosso e o financiamento da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, interligando esses dois rios com o objetivo de propiciar o escoamento da produção boliviana de borracha. Essa tratativa acabou se mostrando muito vantajosa para o Brasil pois, como bem observa Fawcett, “Entre o Purus e o Acre havia uma grande área triangular que a Bolívia havia vendido ao Brasil por dois milhões de libras. Em menos de três anos, o Brasil retirou da região uma quantidade de borracha consideravelmente maior do que esse valor.”<sup>167</sup>

Em Riberalta Fawcett descobre que teria que esperar algumas semanas antes de prosseguir viagem devido ao período de seca que mantém o nível dos rios abaixo do necessário para a navegação. É então que o general Pando lhe faz uma proposta: “Por que não aproveita o tempo fazendo um levantamento preliminar para uma estrada de ferro entre Porvenir e Baía? Se o fizesse, estaria prestando um grande serviço ao governo [da Bolívia].”<sup>168</sup> Fawcett aceita o serviço e escreve que “Discutindo os detalhes do trabalho de divisas com ele [Pando], resolvi trabalhar primeiro na parte do Acre e voltar depois para Riberalta para o levantamento da fronteira. Depois disso faria a parte central e voltaria novamente a tratar do serviço de fronteira.”<sup>169</sup>

Após passar quase um mês em Riberalta, Fawcett deixa a cidade em 25 de setembro de 1906 a bordo de um batelão. Navega pelo rio Orton e passa por um local onde havia “[...] vestígios das divergências com o Brasil em 1903, que conduziram à

---

<sup>166</sup> *Ibidem*.

<sup>167</sup> “Between the Purus and the Acre was a large triangular area that Bolivia had sold to Brazil for two million pounds. In less than three years Brazil took considerably more than this value of rubber out of it.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 67, tradução nossa.

<sup>168</sup> “Why not put in the time running a preliminary survey for a railway between Porvenir and Bahía? It would be a great service to the Government if you would.” *Ibidem*, p. 53, tradução nossa.

<sup>169</sup> “Discussing details of the boundary work with him, I decided to do the Acre section first, and then return to Riberalta to plot the frontier. After that I would do the middle section, and again return to plot.” *Ibidem*, tradução nossa.

redefinição da fronteira.”<sup>170</sup> Depois de quarenta e três dias navegando, chegam a Porvenir e de lá seguem para Cobija, cidade distante vinte milhas<sup>171</sup> uma da outra. Fawcett pontua que “Cobija fica nos limites da Bolívia com o Brasil. A fronteira é o próprio rio Acre.”<sup>172</sup> e que ele

Não desejava de forma alguma perder tempo em Cobija. Terminei logo os trabalhos topográficos e de investigações que tinha a fazer nas imediações. [...] Na ocasião em que enviei ao General Pando uma planta e cálculos para a construção de uma estrada de ferro de bitola de um metro entre Porvenir e Cobija, estavam fazendo os preparativos para nossa partida rio acima a fim de irmos elaborar o seu traçado [do rio Acre] desde as suas nascentes.<sup>173</sup>

Mas o que Fawcett quis dizer quando se referiu às “investigações que tinha a fazer nas imediações” que iam além do trabalho topográfico? Ele estava falando do projeto de uma estrada de ferro entre Porvir e Baía encomendado pelo general Pando? Ou ainda de uma terceira incumbência (além da demarcação de fronteiras e do projeto da estrada de ferro)? Fica difícil determinar a natureza dessas “investigações” porque Fawcett não fornece mais detalhes sobre esse tema – pelo menos não no relato publicado.

O próximo grande acontecimento no diário é a celebração do Natal de 1906, “[...] que foi celebrado com um banquete.”<sup>174</sup> Deixam Cobija no dia 26 de dezembro e celebram o Ano Novo no meio do caminho para Rosário, de onde partem no dia 09 de janeiro em direção à Tacna, na confluência do rio Acre com o Yaverija, sendo que perto dali fica Yorongas, o último armazém do rio Acre. Percorrem-no até chegarem

[...] a uma cachoeira bem alta. [...] As canoas não podiam prosseguir. Gostaria de ter seguido a pé até a nascente do rio, que deveria estar a poucas milhas de distância, porém os índios se recusaram a seguir adiante, e eu receava deixá-los para atrás com as canoas, pois podiam fugir com elas, deixando-nos isolados. Portanto, nós esculpimos numa grande árvore um marco da passagem

---

<sup>170</sup> “[...] traces of the trouble with Brazil in 1903, which led to the rearrangement of the frontier.” *Ibidem*, p. 59, tradução nossa.

<sup>171</sup> 1 milha equivale a aproximadamente 1,6 quilômetro, portanto 20 milhas seriam mais ou menos 32 quilômetros.

<sup>172</sup> “Cobija is on the border between Bolivia and Brazil, where the frontier is the River Acre itself.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 61, tradução nossa.

<sup>173</sup> “I had no wish to waste time in Cobija, and soon completed what investigation and topographical work had to be carried out in the vicinity. [...] By the time I had dispatched to General Pando a plan and estimate for a metre-gauge railway between Porvenir and Cobija, arrangements were under way for our departure up river with the object of mapping it to its source.” *Ibidem*, p. 64, tradução nossa.

<sup>174</sup> “Christmas Day, 1906, was welcomed with another banquet.” *Ibidem*, p. 65, tradução nossa.



da expedição por ali e voltamos. Chegamos a Yorongas em 07 de fevereiro [de 1907], e permanecemos ali durante alguns dias.<sup>175</sup>

Fawcett aproveita e realiza o levantamento do rio Yaverija (afluente do Acre), volta para Tacna, de lá segue para Rosário e, em 23 de fevereiro de 1907, chega a Cobija novamente. Ele escreve que “Após deixarmos Cobija, entramos em território brasileiro, e notamos imediatamente uma mudança no cenário: viam-se armazéns magníficos, casas bem construídas e prósperos proprietários.”<sup>176</sup> Nessa região o grupo de Fawcett permanece

[...] apenas tempo suficiente para apanhar o coronel Plácido de Castro, governador do Acre, o qual nos acompanhou até seu armazém, Capatara. Foi graças a ele que em Capatara pudemos conseguir mulas para a nossa viagem pelo interior até Abuna, sua hospitalidade e conversa animada nos deixaram ainda mais em dívida com ele. Os afluentes superiores do Abuna precisavam ser explorados e mapeados, pois eram extremamente importantes nas disposições de fronteira.<sup>177</sup>

José Plácido de Castro (1873-1908) havia liderado o levante de colonos brasileiros contra o governo boliviano durante a Revolução Acreana e, em reconhecimento pelos serviços prestados, fora nomeado presidente do território do Acre em 1906. Em abril de 1907 os expedicionários chegam a Santa Rosa, onde Plácido de Castro aparece para se despedir do grupo e Fawcett relata que

Como de costume, o coronel estava acompanhado por uma matilha de cães de várias raças [...]. Foi a última vez que vi o coronel, pois pouco tempo depois foi morto por assassinos desconhecidos enquanto percorria um trilho. Sua morte representou uma perda enorme para aquela região da borracha, pois era um homem bom e esclarecido. [...] que tinha exercido um papel relevante para o Brasil na luta contra os bolivianos durante a contenda de 1903 no Acre. [...] Sua opinião era que a má administração havia precipitado o conflito. Quanto

---

<sup>175</sup> “[...] to a fairly high waterfall [...]. Canoes could go no farther. I should have liked to continue on foot to the source, which could not have been more than a few miles distant, but the Indian crew refused to go on, and I was afraid to leave them behind with the canoes in case they made off with them and left us stranded. We therefore carved a record of the expedition on a large tree and turned back. We reached Yorongas on February 7, and stayed there for several days.” *Ibidem*, p. 73, tradução nossa.

<sup>176</sup> “After leaving Cobija we entered Brazilian territory, and at once a change was noticeable in the flourishing barracas, well-built houses and prosperous owners.” *Ibidem*, p. 80, tradução nossa.

<sup>177</sup> “[...] there we stayed only long enough to pick up Colonel Placido de Castro, Governor of the Acre, who accompanied us as far as his barraca, Capatara. It was due to him that at Capatara we were able to obtain mules for the overland trip to the Abuna, his hospitality and entertaining conversation placing us still more in his debt. The upper affluents of the Abuna had to be explored and mapped, for they were extremely important in the frontier arrangements.” *Ibidem*, p. 81, tradução nossa.

às suas proezas, mostrou-se muito reservado, mas sua fama já se espalhara para muito além do Acre.<sup>178</sup>

Em 09 de agosto de 1908, Plácido de Castro foi vítima de uma emboscada orquestrada por um desafeto político, um outro coronel que havia lutado na Revolução Acreana ao lado dele, mas que estava descontente por não ter recebido o mesmo reconhecimento político. Aqui temos mais uma evidência de como a narrativa de Fawcett passou por uma seleção, por uma edição e por um processo de acréscimos memorialísticos a posteriori, cujo autor e origem dificilmente conseguiremos determinar sem ter acesso aos manuscritos originais.

Após deixarem Santa Rosa partem para Vila Bela, um importante posto alfandegário boliviano na confluência dos rios Mamoré e Beni, na metade do caminho para Riberalta, onde Fawcett é acusado de ser um espião, um informante<sup>179</sup> do governo britânico. Em 18 de maio de 1907 vão de lancha até Riberalta, onde Fawcett recebe um grande volume de correspondências, dentre as quais “Havia jornais e comunicações oficiais e, o mais importante de tudo, instruções para protelar novas expedições devido a dificuldades de ordem financeira.”<sup>180</sup> Finalmente em 17 de outubro de 1907 Fawcett chega na capital La Paz e de lá retorna para a Inglaterra a tempo de “passar o Natal [de 1907] em casa”<sup>181</sup>, encerrando, dessa forma a primeira expedição.

---

<sup>178</sup> “As usual, the Colonel was accompanied by a pack of dogs, of several breeds [...]. It was the last time I saw the Colonel, for shortly afterwards he was shot by unknown assassins while on the trail. His death was a loss to the Brazilian rubber country, for he was a good and enlightened man. [...] who took an important part on the side of Brazil against the Bolivians in the 1903 trouble on the Acre. [...] His opinion was that misgovernment had precipitated the trouble. Of his own exploits he was modestly reticent, but his renown had spread far beyond the Acre.” *Ibidem*, pp. 83-84, tradução nossa.

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 91. A expressão que Fawcett utiliza no trecho em questão é “*stool pigeon*”, cuja tradução literal seria “pombo de banquinho”, mas que, nesse contexto, pode ser definido como um termo coloquial geralmente empregado para se referir a uma pessoa que atua como informante ou espião para as autoridades, assumindo frequentemente uma conotação negativa, atrelada a um comportamento criminoso. O termo originou-se na prática de usar pombos amarrados a um banquinho como isca para atrair outros pombos ou aves. Assim, um “*stool pigeon*” seria alguém que fornece informações, muitas vezes secretamente, para as forças da lei ou outras autoridades sobre as ações ou planos de outras pessoas, especialmente aquelas envolvidas em atividades ilegais. Para mais informações, ver **STOOL PIGEON**. In: **Merriam-Webster.com dictionary**. Disponível em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/stool%20pigeon> Acesso em: 28 ago. 2022

<sup>180</sup> “There were newspapers and official communications – and, most important of all, instructions to postpone further expeditions on account of financial difficulties.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 94, tradução nossa.

<sup>181</sup> “I spent Christmas at home.” *Ibidem*, p. 109, tradução nossa.

Em seus escritos Fawcett não descreve a primeira expedição como não-oficial, ele omite o fato de não ser um agente plenamente integrado às comissões de demarcação de fronteira, o que nos leva a relacionar seus relatos ao conceito de “ilusão biográfica” cunhado por Pierre Bourdieu, que seria “[...] uma espécie de ficção de si, apoiada em instituições de totalização e unificação de si que direcionam a atribuição de sentidos e a busca de coerência aos acontecimentos considerados, pelo narrador, como mais significativos na história de sua vida.”<sup>182</sup>

### 1.3.2 A segunda expedição (março de 1908 – novembro de 1908)

Saindo de Southampton em 06 de março de 1908, Fawcett e seu novo assistente, Mr. Fisher, desembarcam no continente sul-americano em Buenos Aires, onde, “Após duas semanas agindo como lotófagos<sup>183</sup>, embarcamos num vapor fluvial rumo a Asunción, capital do Paraguai.”<sup>184</sup> Eles percorrem o rio Paraguai até chegarem em Corumbá, onde “A Comissão de Limites Brasileira nos recebeu a bordo com muita cerimônia.”<sup>185</sup>, sendo essa a primeira menção de Fawcett a um encontro presencial entre os comissários a serviço da Bolívia e os comissários brasileiros. Isso somente em 1908, mas Fawcett já havia feito levantamentos da fronteira entre 1906-1907, época em que ele estava na América do Sul, mas não participou das duas primeiras conferências da Comissão Mixta [*sic*], uma realizada em 02 de setembro de 1907 e a outra em 27 de novembro de 1907. Fawcett está presente apenas a partir da terceira conferência, que aconteceu em Corumbá no dia 14 de novembro de 1908.

Na opinião de Fawcett

---

<sup>182</sup> COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 65, set./dez. 2015.

<sup>183</sup> No original, “*lotus-eating*”. Aqui P. H. Fawcett faz referência aos “comedores de lótus” (em tradução literal) ou “lotófagos”, povo citado na Odisseia (Canto IX, versos 82-104) e cuja principal característica é alimentar-se exclusivamente de lótus, planta com efeito narcótico que seria responsável por induzir em quem a consumisse um agradável estado de torpor e amnésia. Segundo Homero, “Todo aquele que comesse o fruto meloso do lótus/não desejava servir de mensageiro nem retornar,/mas preferia lá mesmo, com os varões lotófagos,/ comendo lótus, permanecer e esquecer o retorno.” *In*: HOMERO. **Odisseia**. Tradução e introdução: Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018, p. 288.

<sup>184</sup> “*After two weeks of lotus-eating in Buenos Aires, we embarked on a river steamer for Asunción, capital of Paraguay.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 111, tradução nossa.

<sup>185</sup> “*The Brazilian Boundary Commission met us on board with much ceremony.*” *Ibidem*, p. 114, tradução nossa.

Não há necessidade de descrever-se o levantamento de uma fronteira. Todos os levantamentos são iguais, e o que os tornam interessantes são os incidentes que podem ocorrer, não a tediosa rotina do trabalho em si. O meu antecessor não era um perito, e quando a Comissão ali se reuniu no ano anterior, ele se mostrou incapaz de realizar o trabalho, não obstante o grande alarde em torno dos trabalhos que ele havia realizado na África. Os brasileiros eram sujeitos simpáticos, mas não se mostravam muito ansiosos para acelerar os trabalhos – de fato, encaravam com aversão qualquer atividade nesse sentido. Cumpria a mim completá-los, e era o que eu pretendia fazer sem mais atrasos desnecessários.<sup>186</sup>

Neste trecho fatos importantes são registrados: havia um antecessor de Fawcett na Comissão, Fawcett sabia das conferências realizadas no ano anterior e, indiretamente, ele caracteriza os brasileiros como preguiçosos. Mas, se havia um outro árbitro substituindo Fawcett na Comissão, qual o propósito de todos os levantamentos e demarcações realizados por Fawcett entre 1906-1907? Aqui temos mais um ponto que corrobora a interpretação da primeira expedição de Fawcett feita pelo general Claudino Cruz pois, de fato, essa prospecção inicial nos parece senão clandestina, minimamente extraoficial. De qualquer forma, o resultado da Conferência de 14 de novembro de 1908 em Corumbá foi “[...] que ambas as Comissões concordaram em ir, no ano seguinte, à nascente do rio Verde sob a minha orientação [de Fawcett].”<sup>187</sup>

Os pontos mais relevantes dessa segunda expedição foram a oficialização da participação de Fawcett como membro das Comissões Boliviana e Mista, o encontro com a Comissão Brasileira em Corumbá, o consenso entre ambas de retornarem àquela região no próximo ano compondo uma Comissão Mista e a suposta descoberta<sup>188</sup> da nascente do rio Verde realizada por Fawcett. O itinerário dessa segunda expedição pode ser observado a seguir, no Mapa 2.

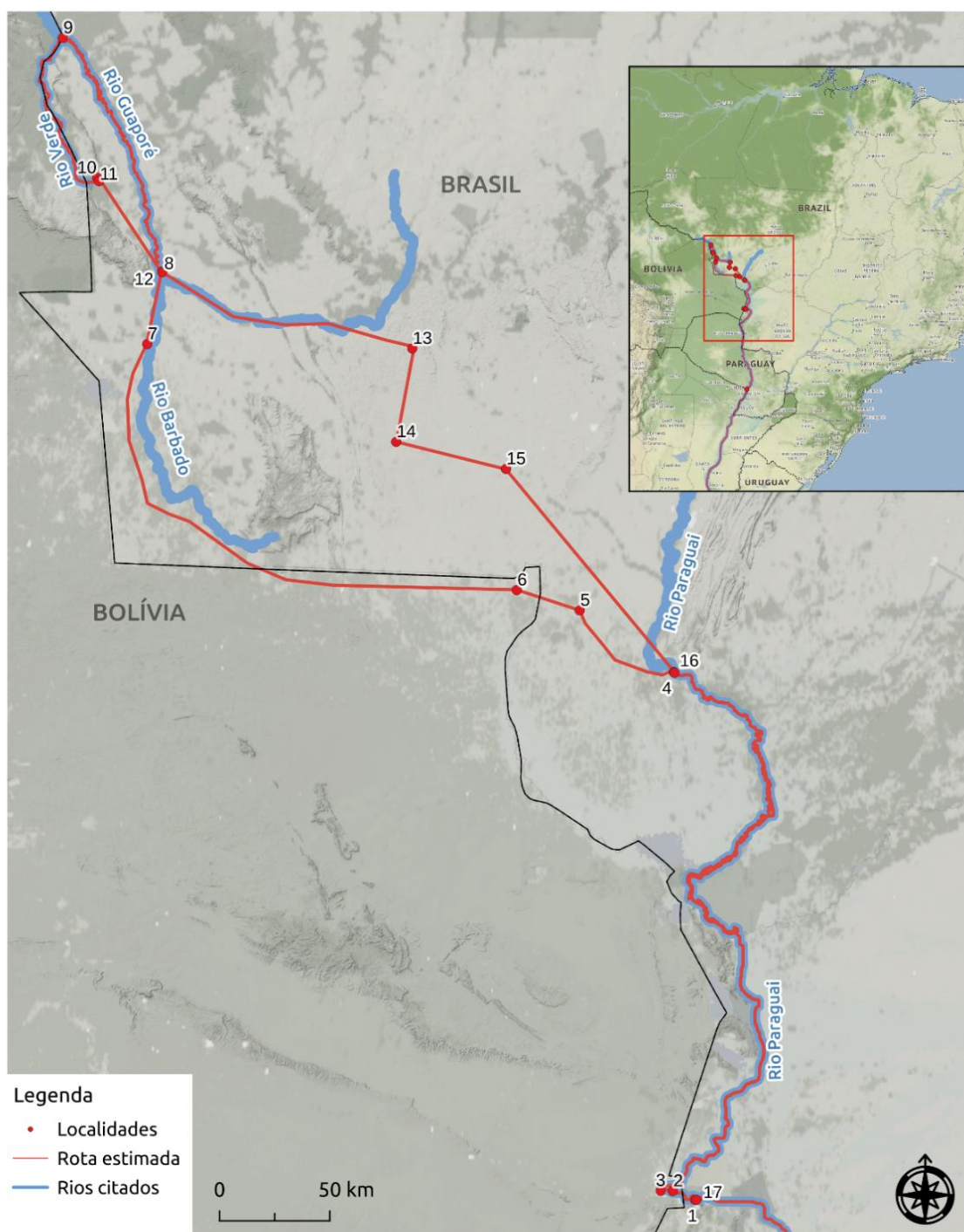
---

<sup>186</sup> “*There is no need to describe a frontier survey. One is much the same as another, and what make it interesting are the incidental happenings, not the tedious routine of the work itself. My predecessor was no expert, and when the Commission met here in the previous year he was incapable of doing the job, in spite of big talk of what he had achieved in Africa. The Brazilians were likable chaps, but not at all anxious to expedite the work – in fact, they looked on any activity with marked distaste. It was up to me to complete it, and I intended to do so without any avoidable delays.*” *Ibidem*, p. 115, tradução nossa.

<sup>187</sup> “[...] *that both Commissions agreed to proceed in the following year to the source of the Verde under my guidance.*” *Ibidem*, p. 125, tradução nossa.

<sup>188</sup> As coordenadas referentes à posição da nascente do rio Verde fornecidas por Fawcett – descobertas em 1908 e demarcadas em 1909 – eram as seguintes: latitude 14° 37’ 15’’ S; longitude 60° 13’ 56’’ O. No entanto, em 1946 o tenente-coronel Ernesto Bandeira Coelho descobriu que a localização determinada por Fawcett estava incorreta, sendo as coordenadas corretas: latitude 14° 37’ 13’’40’’ S; longitude 60° 16’ 19’’ 54’’ O, o que representa uma diferença de poucos metros em relação à demarcação de Fawcett.

**Mapa 2 – Itinerário aproximado da 2ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (março de 1908 a novembro de 1908)**



**Localidades**

- |                             |   |                              |
|-----------------------------|---|------------------------------|
| 1. Porto Fluvial de Corumbá | 7. Cassalvasco                            | 13. Jauru                    |
| 2. Lagoa de Caceres         | 8. Vila Bela da Santíssima Trindade       | 14. Aguapeí                  |
| 3. Puerto Suárez            | 9. Entroncamento dos Rios Verde e Guaporé | 15. Porto Esperidião         |
| 4. Descalvado               | 10. Serra Ricardo Franco                  | 16. Descalvado               |
| 5. Baía de Pedra            | 11. Nascente do Rio Verde                 | 17. Porto Fluvial de Corumbá |
| 6. San Matías               | 12. Vila Bela da Santíssima Trindade      |                              |

Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

### 1.3.3 A terceira expedição (maio de 1909 – 1909?)

Em maio de 1909 os expedicionários retornam a Buenos Aires, de onde partem em direção a Asunción, dirigindo-se de lá para Corumbá. Deixam Corumbá no dia 13 de junho<sup>189</sup> e vão até San Matias. Fawcett escreve que “A escassez de transporte nos forçou a deixar uma quantidade de provisões para trás quando saímos de San Matías em 1º de julho.”<sup>190</sup> sendo que, poucos dias depois, eles alcançam “[...] a Comissão Brasileira, a qual estava empenhada na verificação de antigas posições e que nos recebeu com grande pompa.”<sup>191</sup> Esse encontro se deu em Vila Bela<sup>192</sup>, antiga capital do estado do Mato Grosso<sup>193</sup>. De Vila Bela partem dois grupos: um liderado pelo comandante Oliveira, chefe da Comissão Brasileira, e o outro chefiado por Fawcett, composto pelos demais membros da Comissão Boliviana e um membro da Comissão Brasileira, o comandante Lamenha. O itinerário estimado do grupo liderado por Fawcett pode ser observado no Mapa 3.

O grupo de Lamenha e Fawcett sobe até o cume da Serra de Ricardo Franco para ter uma visão panorâmica da região. Em 16 dias chegam ao ponto que eles acreditam ser a nascente do rio Verde, que seria também o ponto de encontro entre o grupo de Oliveira e o grupo de Lamenha. Fawcett decide reunir seus homens, voltar para Vila Bela e deixar Lamenha esperando pelo grupo de Oliveira, que vinha subindo o rio Verde desde a sua confluência com o Guaporé. O problema é que o grupo do comandante Oliveira encontrou diversas dificuldades na navegação fluvial rio acima e optou por retornar para Vila Bela antes de chegar ao ponto de encontro na suposta nascente do rio Verde. Esse episódio, ao qual vamos nos referir daqui para frente como “o episódio do rio Verde”, marcou para sempre a reputação de Fawcett no Brasil.

Após esse fatídico episódio, Fawcett propõe a Fisher e Pacheco, seus assistentes, se embrenharem no mato a fim de encontrarem e contactarem os índios Parecis. Ambos

---

<sup>189</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 128.

<sup>190</sup> “*Shortage of transport forced us to leave a quantity of provisions behind when we left San Matías on July 1.*” *Ibidem*, p. 130, tradução nossa.

<sup>191</sup> “[...] *the Brazilian Commission, engaged in verifying old positions, and were entertained lavishly by them.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>192</sup> Fawcett abrevia aqui o nome da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. Fundada em 19 de março de 1752, ela foi a capital do Mato Grosso até o dia 28 de agosto de 1835, quando a sede do poder executivo do estado foi transferida para Cuiabá.

<sup>193</sup> Nessa época existia apenas o estado do Mato Grosso, o estado do Mato Grosso do Sul só seria criado em 1979.

recusam a proposta de Fawcett e ele decide ir sozinho. Como não encontra nativo algum, desiste de continuar sua busca e vai para Cuiabá. De lá retornam para La Paz e reúnem-se com o presidente da Bolívia, dr. Villazon, o qual Fawcett descreve como “[...] muito gentil em exprimir sua grande satisfação pelos resultados obtidos pela expedição, e convidou-me para fazer o levantamento da fronteira com o Peru. Para isso, seria necessário fazer uma investigação preliminar do rio Heath.”<sup>194</sup>

Neste momento Fawcett começa a demonstrar preocupação com a sua licença do exército e com o seu soldo, ponderando que “Tal trabalho significava ter que me afastar do exército [...]. Decidi me aposentar, e o Ministério da Guerra lançou sua última investida contra mim, reduzindo uma pensão miserável sob a alegação de que eu havia servido um governo estrangeiro!”<sup>195</sup> Neste trecho fica claro que Fawcett não entendia seu trabalho como topógrafo na América do Sul como uma prestação de serviço exclusivo ao governo boliviano. Implicitamente ele entendia que sua missão abarcava também servir aos interesses de seu próprio governo, do contrário ele não teria recebido mil libras esterlinas em 1906 provenientes do Império Britânico, o que nos remete às “investigações” que ele realizou na região do rio Acre, também em 1906. Seriam elas de cunho particular ou motivadas pelo interesse dos britânicos nessa parte da América do Sul? O objetivo dessas investigações não está claro.

No cerne das questões referentes às investigações misteriosas, ao levantamento topográfico, aos trabalhos paralelos e ao litígio das fronteiras está o jogo de múltiplos interesses: os interesses dos países ansiosos pela delimitação das fronteiras, os interesses dos seringueiros, os interesses estrangeiros (inclusive dos ingleses) e os interesses do próprio Fawcett. Todas essas partes interessadas interagem entre si, ora harmoniosamente, ora conflituosamente, como demonstra o descontentamento de Fawcett ao sentir-se renegado pelo próprio governo, um aborrecimento que fica evidente nessa passagem na qual ele manifesta seu desejo de abandonar o exército e de se aposentar para que ele pudesse se dedicar integralmente às expedições de demarcação de fronteira.

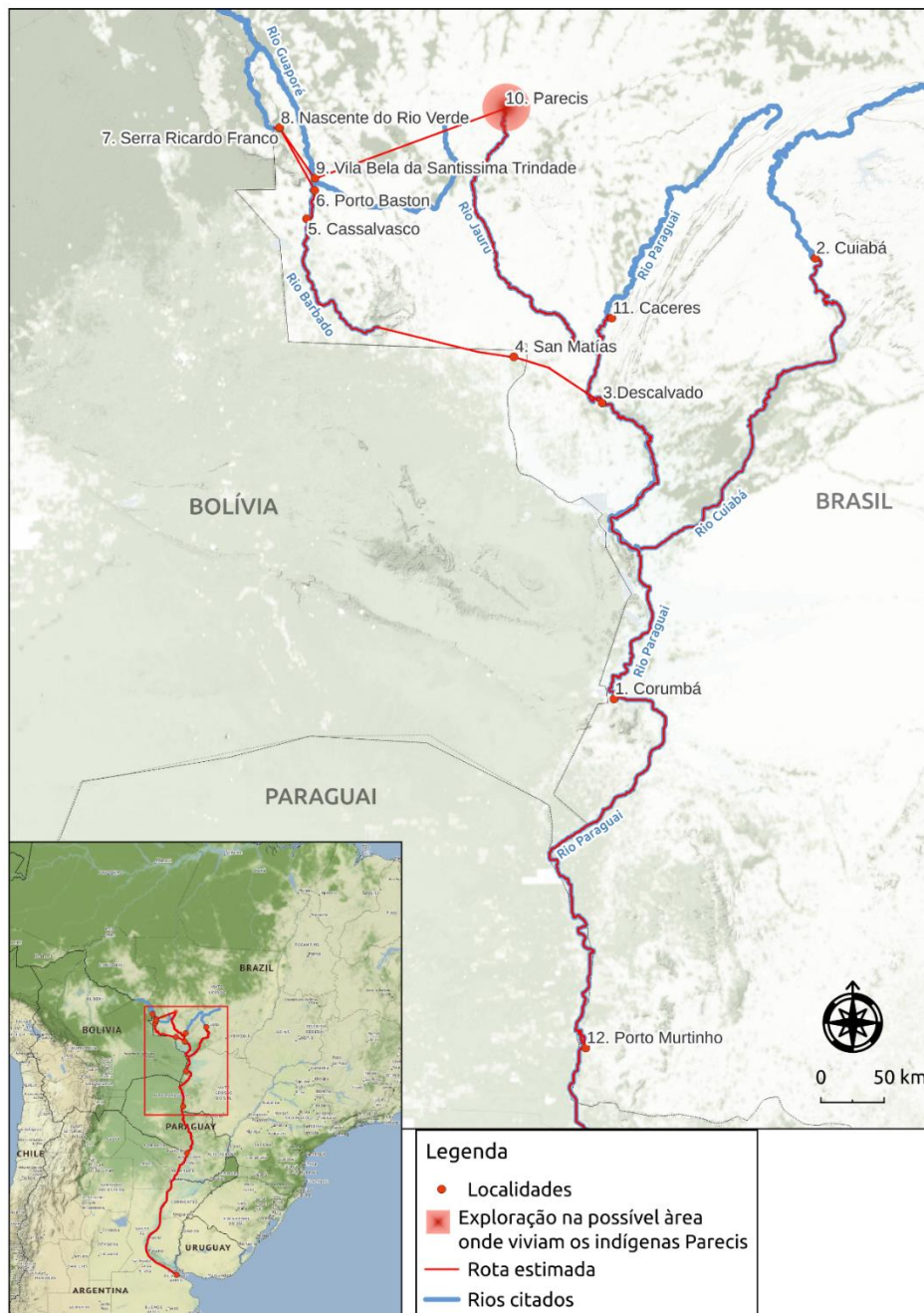
---

<sup>194</sup> “*The President of Bolivia, Dr. Villazon, was good enough to express his great pleasure at the results of the expedition, and invited me to undertake the Peruvian boundary. For this, preliminary exploration of the River Heath would be necessary.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 138, tradução nossa.

<sup>195</sup> “*This work would mean my retiring from the army [...]. I decided to retire, and the War Office took its last kick at me by cutting down a miserable pension on the ground that I had served a foreign government!*” *Ibidem*, tradução nossa.

Fawcett decide voltar para a Inglaterra no final de 1909 – mas não sem antes prometer que voltaria à América do Sul no ano seguinte –, pois está com saudades da família. E, assim, encerra-se a terceira expedição.

**Mapa 3 – Itinerário aproximado da 3ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (maio de 1909 a 1909?)**



Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.



### 1.3.4 A quarta expedição (junho de 1910 – janeiro de 1912)

A quarta e quinta expedições realizadas antes da I Guerra Mundial, abrangem 69 páginas divididas em cinco capítulos cujos títulos são “*Good savage*”, “*Roof of the World*”, “*The Turn of the Road*”, “*Bulls and Bultos*” e, por fim, “*A Prehistoric Peep*”, que, por sua vez, correspondem na edição inglesa do livro publicado em 1953 aos capítulos XII, XIII, XIV, XV e XVI, respectivamente. Todo esse conteúdo foi deliberadamente suprimido na tradução brasileira, o que gerou um hiato enorme na narrativa fawcettiana ao avançar do final da terceira expedição, em 1909, diretamente para a sexta expedição de 1920, sem fazer menção aos acontecimentos ocorridos antes e durante a guerra da qual Fawcett participou. Até o momento não encontramos qualquer justificativa<sup>196</sup> para essa significativa supressão de conteúdo feita pelo tradutor – Leonidas Gontijo de Carvalho – e/ou pela Editora Civilização Brasileira. Além desses cinco capítulos, foram retirados da edição brasileira todas as imagens presentes na edição original inglesa, que consistem em fotografias e desenhos.

De volta à América do Sul via Callao, porto de Lima, Fawcett se reúne aí com o ministro das relações exteriores<sup>197</sup> e, no dia 10 de junho de 1910, se reúne com o presidente da Bolívia em La Paz<sup>198</sup>. Começam a expedição pelo rio Inambari, passam pelos rios Tambopata, Maldonado e Madre de Díos até atingirem o rio Heath, do qual se dedicam a realizar um levantamento mais detalhado<sup>199</sup>. Eventualmente eles acabam se encontrando com índios Echocas, com os quais estabelecem contato amigável, chegando inclusive a receber mantimentos dessa comunidade indígena<sup>200</sup>.

Essa primeira parte do trabalho de delimitação da fronteira entre o Peru e a Bolívia, que consistiu principalmente na exploração do rio Heath, logo é finalizada e, em 25 de outubro de 1910, o grupo de Fawcett se dispersa em La Paz, onde ele e seu companheiro Costin permanecem para se prepararem para o próximo ano de trabalho.

---

<sup>196</sup> Uma possibilidade é que a supressão desses cinco capítulos e, principalmente, das imagens, tenha sido motivada por questões financeiras, provavelmente para baratear a obra, que não conta com capa dura (como a versão original) e foi impressa em papel de baixíssima qualidade.

<sup>197</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 140.

<sup>198</sup> *Ibidem*, p. 141.

<sup>199</sup> *Idem*. Further explorations in Bolivia: The River Heath. **Geographical Journal**, v. 37, n. 4, pp. 377-397. abr. 1911

<sup>200</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p.150.

Esse período de presumível ociosidade talvez se explique, em parte, pela estação das chuvas na Bolívia, que vai de novembro a maio<sup>201</sup>.

Em abril de 1911 juntam-se à Fawcett e Costin em La Paz um jovem assistente chamado Manley e juntos atravessam o Lago Titicaca e seguem para Juliaca, no Peru<sup>202</sup>. Nessa região Fawcett registra que “Nosso primeiro trabalho foi a delimitação da linha divisória entre o Peru e a Bolívia onde esses países se encontram ao longo da costa do Titicaca, e continuamos com a demarcação da fronteira avançando pelas montanhas até a [...] região com vegetação densa.”<sup>203</sup> Exploram em seguida o curso do rio Queara até sua confluência com o rio Pelechuco, depois o rio Cocos, um afluente do Tambopata. Eles encontram-se novamente com os índios Echocas e Fawcett expressa seu desejo de retornar ao rio Heath e percorrê-lo através de trilhas na mata fechada até Ixiamas e dali para Rurenabaque, no rio Beni, pois ele teria ouvido boatos sobre a existência de ruínas Incas nessa região<sup>204</sup>. Para uma melhor visualização da rota de Fawcett, vejam o Mapa 4, logo abaixo.

Finalmente, em 19 de dezembro de 1911, Fawcett e seus homens retornam para La Paz<sup>205</sup> e, cansado de todas essas andanças, o explorador exausto sentencia: “[...] então eu desisti do trabalho de fronteira.”<sup>206</sup> Num momento de reflexão, Fawcett expõe um certo ressentimento e, ao mesmo tempo, otimismo com a possibilidade que se abre diante de seu futuro: “Para mim não havia chances de retornar ao exército. Não havia como voltar atrás; mas isso, por outro lado, me deu liberdade para a exploração particular que eu estava ansioso para realizar.”<sup>207</sup> E, assim, um Fawcett em parte amargurado, em parte inspirado, deixa La Paz em 06 de janeiro de 1912 de volta à Inglaterra.

---

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 154.

<sup>202</sup> *Ibidem*.

<sup>203</sup> “*Our first work was the delimitation of the frontier between Peru and Bolivia where these countries adjoin on the shore of Titicaca, and take it over the mountains from there down to the [...] forest region.*” *Ibidem*, p. 155, tradução nossa.

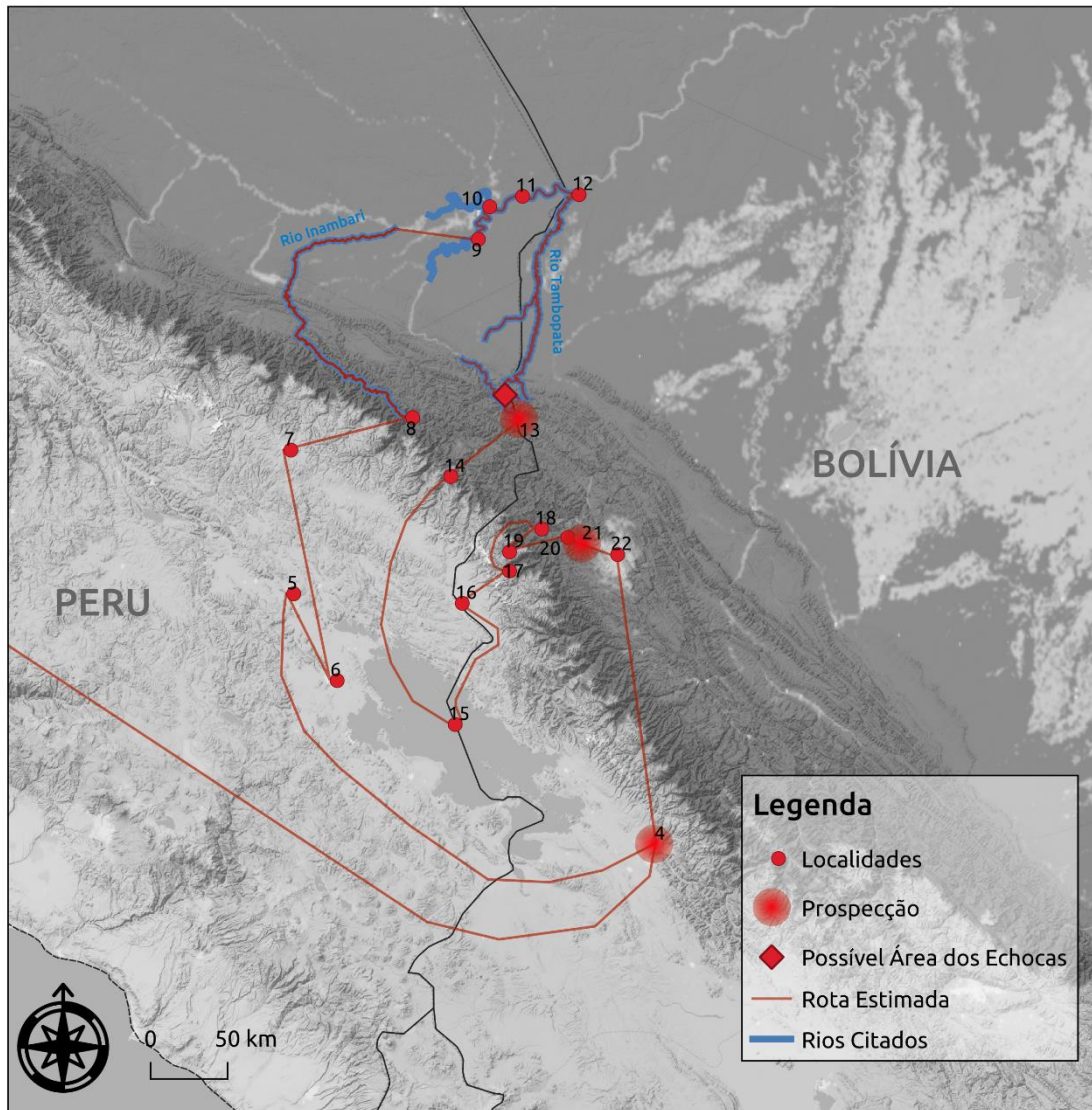
<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 164.

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 171.

<sup>206</sup> “[...] *so I resigned from boundary work.*” *Ibidem*, p. 172, tradução nossa.

<sup>207</sup> “*There was no return to the army for me. My boats were burnt; but this, on the other hand, allowed me freedom for the private exploration I was itching to make.*” *Ibidem*, tradução nossa.

**Mapa 4 – Itinerário aproximado da 4ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (junho de 1910 a janeiro de 1912)**



**Localidades**

- |                   |                   |
|-------------------|-------------------|
| 1. Panamá         | 14. Sandia        |
| 2. Callao         | 12. Puerto Heath  |
| 3. Lima           | 13. Rio Tambopata |
| 4. La Paz         | 15. Lago Titicaca |
| 5. Tirapata       | 16. Cojata        |
| 6. Aricoma        | 17. Pelechuco     |
| 7. Macusani       | 18. Mojos         |
| 8. Rio Inambari   | 19. Cueara        |
| 9. Rio Tambopata  | 20. Pata          |
| 10. P. Maldonado  | 21. Santa Cruz    |
| 11. Madre de Dios | 22. Apolo         |

Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

### 1.3.5 A quinta expedição (1913-1914)

Na quinta expedição, Fawcett realiza o seu intento de explorar a região de Ixiamas e “Numa igreja de Ixiamas vimos uma bela coleção de pratos.”<sup>208</sup> É nesse momento que Fawcett e seus companheiros dedicam-se com mais afinco a perseguir histórias de tesouros enterrados, de minas de ouro e prata cuja localização perdeu-se no tempo, como quando “Em Protero ouvimos falar de algumas minas de prata de fabulosa riqueza nas proximidades de um lugar chamado Buena Vista.”<sup>209</sup> É provável que esse lado “caçador de tesouros” de Fawcett tenha contribuído para a subsequente onda de descrédito e desconfiança que o atinge na década seguinte, nos anos 1920. Em 1928, por exemplo, um repórter do periódico *A.B.C. Políticas, Actualidades, Questões Sociais, Letras e Artes* publica um artigo chamado “A Caça ao Mysterio” que diz o seguinte:

Aquelle inglez que veiu ao Brasil á procura de um pedaço da Atlantida foi, sem duvida, o mais curioso filho da Inglaterra. Foi, talvez, o primeiro gentleman da poderosa Ilha, cujas ambições se distinguem por tão praticas e fleugmaticas finalidades, que se abalançou a deixar o conforto de sua casa de campo, nos arredores de Londres, para varrer o planeta atraz de uma chiméra. [...] não admito que um inglez tenha vindo ao Brasil com o intuito de descobrir, em plena floresta brasileira a ultima particula do continente engolido pelo Atlantico. Tudo menos esse absurdo. É inadmissivel por gordissimas razões. Os ingleses só vêm ao Brasil para explorar minas de ouro, construir estradas de ferro ou fundar casas bancarias... Disso não passam. [...] Com essa displicencia, entretanto, abocanharam metade da Terra, passeando as suas esquadras por todas as gargantas do Planeta. [...] O coronel Fawcett, como um bom official do exercito inglez, [...] não veio caçar o resto da Atlantida no Brasil. [...] A cousa foi outra. O coronel Fawcett, com certeza, veio estudar a caminhada de Antonio Raposo pelo hinterland brasileiro com o proposito de construir uma estrada de ferro que ligue ao Pacífico...A historia da Cidade Mystica é [...] apenas uma amostra do ‘humour’ inglez...<sup>210</sup>

A história segundo a qual ele veio atrás de uma cidade perdida remanescente da Atlântida não convence assim tão fácil e serve repetidamente de subterfúgio para questionarem a sanidade e/ou a verdadeira intenção de Fawcett<sup>211</sup>. A desconfiança da opinião pública divide-se entre achar que Fawcett é agente do imperialismo britânico ou

---

<sup>208</sup> “*In a church of Ixiamas we saw a very fine collection of plate.*” *Ibidem*, p. 177, tradução nossa.

<sup>209</sup> “*At Protero we heard talk of some silver mines of fabulous richness in the vicinity of a place called Buena Vista.*” *Ibidem*, p. 181, tradução nossa.

<sup>210</sup> REZENDE, Garcia de. *A Caça ao Mysterio*. *A.B.C. Políticas, Actualidades, Questões Sociais, Letras e Artes*, Rio de Janeiro, 23 jun. 1928, p. 5.

<sup>211</sup> “O explorador Fawcett aqui veio com desejos de descobrir a Atlantida, penetrou pelos sertões de Matto Grosso, talvez já sofrendo das faculdades mentaes”. *BASTA de explorações...* Os descobridores de cousas sensacionaes e as commissões scientificas têm custado caro ao Brasil. *A Esquerda*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1931, p. 2.

um caçador de tesouros, mas, conforme analisamos os relatos das expedições realizadas por Fawcett, observamos que ele tenta conciliar os interesses do império com os seus próprios, não se tratando de uma escolha entre uma coisa ou outra: ele integra ambos os objetivos ao longo de suas expedições.

Durante essa prospecção de histórias sobre tesouros perdidos, seus companheiros ficam doentes e Fawcett é obrigado a retornar a La Paz. Lá ele aluga uma casa, a qual prefere em detrimento da estadia num hotel barulhento, e contrata um cozinheiro. Curiosamente Fawcett em nenhum momento menciona com que dinheiro está financiando essa expedição: o dele próprio, o do governo ou de algum patrocinador? Fawcett e o cozinheiro conseguem ficar apenas três noites nessa casa pois, segundo eles, ela é assombrada por um espírito inquieto<sup>212</sup>.

Recuperados, os exploradores partem de La Paz em direção às montanhas ao norte de Cochabamba, onde Fawcett relata que “[...] passamos um bom tempo procurando depósitos minerais no distrito e seguimos por um desvio até Sacambaya.”<sup>213</sup> De Sacambaya pegam um trem em direção à La Paz, pois Fawcett alega que “Tinha alguns negócios a tratar na capital, incluindo conversas preliminares sobre um projeto que estava desenhando para uma autoestrada de Cochabamba a Santa Cruz.”<sup>214</sup>

Aparentemente Fawcett nunca abandonara, ao longo de todos esses anos, a realização de pequenos trabalhos paralelos para os governos da Bolívia e do Peru. Seria com a remuneração desses trabalhos que ele estaria financiando as suas expedições? Ele passa o Natal de 1913 em La Paz e logo em seguida retorna de trem para Cochabamba e depois segue para Santa Cruz, talvez fazendo uma prospecção para o projeto da estrada de rodagem entre essas cidades. Em Santa Cruz Fawcett fica muito doente, provavelmente com uma febre tifoide<sup>215</sup>.

Após recuperar-se, percorre diversos rios na fronteira entre o Peru, a Bolívia e Brasil, como o rio Grande, o Piray, o Barbados, o Guaporé, o Mequéns, conforme podemos observar no Mapa 5. Na região da Serra dos Parecis, Fawcett faz contato com

---

<sup>212</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 185-186.

<sup>213</sup> “[...] we spent some useful time looking into mining prospects in the district and came by a roundabout way to Sacambaya.” *Ibidem*, p. 190, tradução nossa.

<sup>214</sup> “I had some business to do in the capital, including preliminary talks about a scheme I was preparing for a motor-road from Cochabamba to Santa Cruz.” *Ibidem*, p. 191, tradução nossa.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 192.

os índios Maxubis e sobre eles escreve que “Acredito que esse povo, como muitos outros no Brasil, são descendentes de uma civilização mais avançada. Em uma das aldeias Maxubi havia um menino ruivo de olhos azuis e que não era albino.”<sup>216</sup> Os Maxubis alertam Fawcett sobre a presença de indígenas da tribo dos Maricoxis, seus inimigos, na região, pois eles seriam canibais<sup>217</sup>. O grupo deles chega a encontrar um grupo de nativos menos abertos ao contato com o homem branco e Fawcett conclui que esses indivíduos só podem ser os Maricoxis dos quais os Maxubis falaram. Acuados e com medo de prosseguir, os expedicionários retornam para a hospitaleira aldeia Maxubi.

Sobre a interação entre Fawcett e os Maxubi é muito interessante o artigo de Franz Caspar intitulado *A expedição de P. H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914*<sup>218</sup>, no qual ele ressalta a importância do inventário de palavras da língua Maxubi realizado por Fawcett, o qual representou um valioso instrumento etnográfico no sentido de facilitar o trabalho de identificação e classificação dos Maxubi empreendido posteriormente por antropólogos e etnógrafos que percorreram a região muito depois de Fawcett, como Emil Heinrich Snethlage em 1934, o próprio Franz Caspar em 1948 e Paul Rivet<sup>219</sup>.

A caminho de Santa Cruz eles fazem uma parada em San Ignacio em setembro de 1914 e Fawcett registra que “Foi aqui que ficamos sabendo que a guerra estourou na Europa. Um alemão me disse; e apesar de sermos oficialmente inimigos, ele me emprestou dinheiro suficiente para irmos até Santa Cruz.”<sup>220</sup> Então Fawcett fica sabendo da guerra através de um alemão que não apenas é hospitaleiro como lhe empresta dinheiro para que ele finalize a viagem e chegue com seu grupo em La Paz para daí retornarem para seus respectivos países de origem, onde “No início de janeiro de 1915, fomos

---

<sup>216</sup> “*I believe that these people, like many others in Brazil, are the descendants of a higher civilization. In one of the Maxubi villages was a red-headed boy with blue eyes – not an albino.*” *Ibidem*, p. 199, tradução nossa.

<sup>217</sup> *Ibidem*, p. 200.

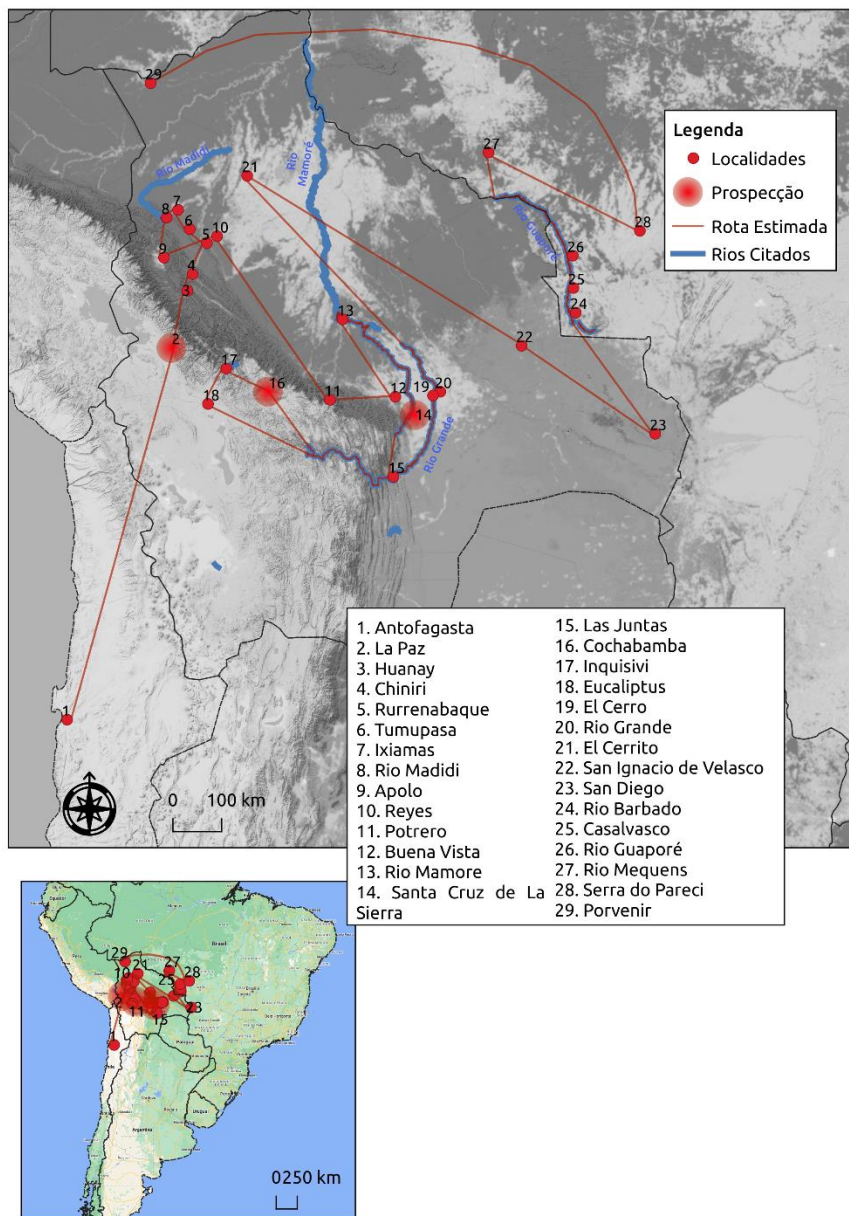
<sup>218</sup> CASPAR, Franz. A expedição de P. H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, número XXXI, 23 a 28 de agosto de 1954, São Paulo. BALDUS, Herbert (Org.). *Anais...* São Paulo: Editora Anhembi, 1954, pp. 113-120.

<sup>219</sup> Rivet também escreveu um artigo baseado no inventário de Fawcett: RIVET, Paul. La Langue Masubi. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, v. 42, pp. 119-126, 1953. Ver também: VOORT, Hein Van der. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett’s vocabulary. *Cadernos de Etnolinguística*, v. 4, n. 1, pp. 1-20, mai. 2012.

<sup>220</sup> “*It was here we heard that war had broken out in Europe. A German told me; and in spite of our being officially enemies he lent me enough money to take us up to Santa Cruz.*” FAWCETT, Percy Harrison. *Exploration Fawcett*. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 206, tradução nossa.

absorvidos pelos grandes exércitos que se formaram.”<sup>221</sup> O dever chama e Fawcett é convocado para comparecer ao front, sendo obrigado a interromper suas andanças pelo continente sul-americano, as quais só seriam retomadas em 1920.

**Mapa 5 – Itinerário aproximado da 5ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (1913 a 1914)**



Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

<sup>221</sup> “By the beginning of January 1915 we were absorbed into the great armies to be.” *Ibidem*, p. 207, tradução nossa.

#### 1.4 As fontes biográficas e a questão do indivíduo na história

Ao nos debruçarmos sobre a trajetória de Percy Fawcett observamos a existência de um grande e diversificado corpo documental. Após sua última expedição ao Brasil em 1925, na qual ele e seu grupo desaparecem, seu filho mais novo, Brian, dedicou-se a reunir os escritos do pai, o que resultou na publicação de um livro em 1953, contendo uma compilação de cartas, relatórios, anotações de viagem, fotografias, diários pessoais, entre outros documentos pertencentes ao coronel Fawcett. Esse livro foi traduzido e publicado no Brasil em 1954 pela Editora Civilização Brasileira. É dessas duas edições que extraímos a maioria das citações contendo o relato de Fawcett – a parte selecionada, compilada, editada e publicada pelo seu filho Brian. Grande parte dessas fontes documentais originais encontra-se sob a guarda permanente do *Torquay Museum*<sup>222</sup>, cidade natal de Fawcett. É preciso ressaltar que os escritos reunidos nesse livro foram amplamente editados pelo filho do coronel e devem ser lidos com cautela, pois não representam a fonte documental em seu estado original, já que estão carregados por ressignificações que extrapolam o seu contexto de produção. A obra *Expedition Fawcett* (1953) é um exemplo perfeito de que “*Whatever they may do, authors do not write books*”<sup>223</sup>, pois o coronel Fawcett escreveu um grande volume de textos de diversas tipologias documentais, mas nunca um livro.

Além dessa particularidade do relato de Fawcett ser uma colcha de retalhos costurada pelas mãos de seu filho, temos ainda outra importante questão com a qual lidar: toda fonte biográfica já carrega consigo um certo estigma historiográfico que remonta ao velho debate sobre a sua pertinência como fonte para a história e sobre o papel do indivíduo no processo histórico.

A historiadora Sabina Loriga aborda brilhantemente essas questões em seu livro *O pequeno x: da biografia à história*<sup>224</sup>, no qual ela nos apresenta um panorama teórico-metodológico da historiografia entre os séculos XVIII e XIX e ilustra como a dimensão individual da história foi ora defendida, ora repelida por diversos historiadores, filósofos

---

<sup>222</sup> HOLGATE, Mike. Percy Fawcett – The lost explorer (1867- c. 1925). In: **Local Studies Education Series**, Torquay Museum. Disponível em: <https://www.torbay.gov.uk/media/8995/percy-fawcett-the-lost-explorer.pdf> Acesso em: 30 ago. 2019.

<sup>223</sup> STODDARD, Roger E. 1987, *apud* DIEGO, José Luis de. **Los autores no escriben libros: Nuevos aportes a la historia de la edición**. Buenos Aires: Ampersand, 2019, p. 18.

<sup>224</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



e sociólogos. As três críticas mais comuns ao uso de fontes biográficas referem-se à sua proximidade com a literatura (o que comprometeria a presunção de objetividade da historiografia e a cientificidade<sup>225</sup> da disciplina histórica), ao risco de a narrativa histórica redundar em um discurso de exaltação de figuras heroicas e ao apagamento da dimensão coletiva da história.

A grande contribuição de Loriga é chamar nossa atenção para o fato de que os historiadores são capazes de apreender tanto o individual quanto o coletivo, e que ambos não se anulam, muito pelo contrário, se complementam. Portanto, a importância de se estudar um indivíduo decorre não da excepcionalidade de suas experiências em vida, mas da necessidade de apreensão da relação entre esse indivíduo específico e o mundo de possibilidades que o cerca dentro de um determinado tempo e espaço (o contexto), no caso de Fawcett, o mundo do ciclo da borracha, do estabelecimento das fronteiras nacionais, das sociedades históricas e geográficas, da paulatina extinção de grupos de expedicionários rumo aos últimos rincões desconhecidos do nosso planeta, do espiritualismo e do racismo científico.

É nesse sentido de complementariedade entre o individual e o coletivo que o historiador francês François Dosse escreve que

A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias. Walter Benjamin via no historiador aquele que promove uma desconstrução da continuidade de uma época para, nela, distinguir uma vida individual com o objetivo de “demonstrar como a existência inteira de um indivíduo cabe numa de suas obras, num de seus fatos [e] como, nessa existência insere-se uma época inteira”<sup>226</sup>. No século XIX, Dilthey dizia exatamente isso, considerando a biografia um meio privilegiado de chegar ao universal.<sup>227</sup>

De forma geral, na obra *O desafio biográfico* François Dosse faz uma análise da evolução do gênero biográfico no decorrer do tempo, debatendo sobre o uso de biografias como uma fonte pertinente para a historiografia. Quanto à evolução do gênero biográfico, Dosse propõe que ela seja dividida em três diferentes momentos: “a idade heroica, a idade

---

<sup>225</sup> Pierre Bourdieu compartilha da noção de que a biografia no sentido de “[...] história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico.” BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

<sup>226</sup> BENJAMIN, Walter. Sur le concept d’histoire (1940). In: **Écrits français**. Paris: Galimard, 1991, p. 347. Apud DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015, p. 11.

<sup>227</sup> *Ibidem*.

modal e, por fim, a idade hermenêutica”<sup>228</sup>, que, para Dosse não necessariamente substituem um ao outro com o passar do tempo, sendo muito mais frequente o surgimento de uma combinação entre as características de um e outro. Dosse faz uma defesa da biografia, argumentando que esse gênero não se restringe a uma mera narrativa de uma sequência de eventos na vida de uma pessoa e que ele deve ser encarado como uma valiosa chave de leitura que pode ser usada tanto para interpretarmos uma trajetória individual quanto para analisarmos o contexto histórico do indivíduo em questão.

A obra *O pacto biográfico*<sup>229</sup>, do teórico literário e escritor francês Philippe Lejeune representa outra grande contribuição ao debate em torno de biografias e autobiografias. Para Lejeune, quando lemos uma fonte biográfica inconscientemente firmamos um pacto com o autor/biógrafo (que no caso das autobiografias é o próprio biografado). O pacto de Lejeune se estabelece a partir de um consenso entre narrador e leitor quanto a veracidade das informações sobre a vida que está sendo narrada: o narrador se compromete a fornecer informações verdadeiras enquanto o leitor se compromete a aceitar essas informações como retrato fidedigno da realidade. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, por sua vez, desacredita qualquer possibilidade de acessar a verdade a partir do relato de vida de um único indivíduo e, para ele, deve-se desconfiar de qualquer empreendimento nesse sentido pois todos eles, em alguma medida, representam uma “ilusão biográfica”<sup>230</sup>, uma vez que para Bourdieu “[...] o sujeito é uma entidade não pertinente, tanto quanto a sucessão dos acontecimentos; portanto, com base nos critérios ‘científicos’ definidos por ele, o processo histórico fica totalmente invalidado em termos de pertinência.”<sup>231</sup>

Nossa abordagem em relação às fontes biográficas e autobiográficas se aproxima muito mais da abordagem de Sabina Loriga e de François Dosse, e estamos cientes tanto da questão da “ilusão biográfica” levantada por Bordieu quanto da questão do “pacto biográfico” levantada por Lejeune.

---

<sup>228</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>229</sup> LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

<sup>230</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

<sup>231</sup> DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015, p. 209.

## 1.5 O episódio do rio Verde

Decidimos nos aprofundar no episódio ocorrido no rio Verde durante a supracitada terceira expedição de Fawcett (1909) por considerá-lo emblemático tanto para uma reflexão sobre a escrita da história quanto para a análise da trajetória de Fawcett no Brasil. Aqui nos debruçaremos sobre quatro diferentes fontes que abordam esse episódio, são elas: a versão do jornalista Edmar Morel, a versão do jornalista e biógrafo Larry Rohter, a versão do Almirante Candido Guillobel e, por fim, a versão do coronel P. H. Fawcett. Esboçaremos uma versão resumida desses diferentes pontos de vista e cruzaremos os dados fornecidos por cada um deles.

### 1.5.1 A versão do jornalista Edmar Morel

Em meados de 1943 Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*, fez a seguinte pergunta para o jornalista Edmar Morel: “Você acha que Fawcett está vivo ou morto? Acredita que viva nas florestas um seu neto?”; ao que Morel respondeu “Nada como ir ao local...”<sup>232</sup>. A partir daí forma-se um grupo de expedicionários com o objetivo de refazer os últimos passos conhecidos do coronel Fawcett e reunir o máximo de informações possível sobre ele desde que desaparecera em 1925. Posteriormente todas essas informações e o itinerário da expedição foram reunidos num grande livro-reportagem publicado em 1944 com o título *E Fawcett não voltou*. O livro de Morel é relevante para o episódio do rio Verde pois, para escrevê-lo, Morel entrevistou alguns membros da Comissão Brasileira de Demarcação da Fronteira com a Bolívia que participaram do episódio do rio Verde e estavam dispostos a compartilhar sua visão dos acontecimentos. Além disso, o alvoroço causado pelo lançamento do livro reacendeu na mídia o debate sobre o paradeiro de Fawcett quase vinte anos após o seu desaparecimento.

Um dos entrevistados foi Sebastião Rabello Leite, “Coronel do Exército, o tenente que em 1909 foi abandonado por Fawcett nas cabeceiras do rio Verde.”<sup>233</sup> De acordo com Rabello Leite havia duas subcomissões, a boliviana e a brasileira, cujo chefe inicialmente era o capitão de fragata Frederico de Oliveira, mas Rabello acaba substituindo-o na

---

<sup>232</sup> MOREL, Edmar. *E Fawcett não voltou*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 24.

<sup>233</sup> *Ibidem*, p. 19.

liderança do grupo após ele sofrer um acidente. A subcomissão brasileira era composta ainda por um médico (Gouveia Freitas) e um farmacêutico (Júlio Cesar Diogo), sendo que “Ao todo, eram 14 pessoas, inclusive 10 soldados.”<sup>234</sup> Já a subcomissão boliviana era liderada pelo major Fawcett, que contava com um ajudante, o engenheiro norte-americano Fisher, e com um oficial brasileiro chamado Lamenha Lins.

Segundo Rabello Leite, a subcomissão brasileira se dirigiria à nascente do rio Verde navegando em canoas a partir do rio Guaporé (do qual o rio Verde é um afluente) enquanto a subcomissão boliviana iria por terra. O acordo firmado entre elas era de que quem fosse por terra levasse “[...] víveres e regular quantidade de material de engenharia, carga que não podia ser transportada por via fluvial, devido ao rio ser todo acidentado.”<sup>235</sup> Rabello Leite continua seu depoimento dizendo que:

A subida não foi tarefa fácil [...], levando em conta o curso sinuoso das águas e os abismos que se sucediam a cada instante. [...] Finalmente, depois de um mês, atingimos o local combinado. Anunciando a nossa chegada, fizemos vários disparos para chamar a atenção do major Fawcett que, pelo tempo, de há muito já deveria ter chegado... Mas o representante da Bolívia não dava sinal de vida, e os brasileiros, cuja alimentação deveria ser assegurada pela Expedição Fawcett, que trazia grande quantidade de víveres, ficaram abandonados à própria sorte. [...] Muitos soldados não tinham forças para ficar de pé. Nem o monumento-marco foi possível levantar, pois, segundo as leis internacionais, qualquer poste divisório só pode ser erguido com a presença de representantes dos países interessados. Atirados à morte, alguns dos nossos camaradas tiveram gestos de desespero. Eu mesmo evitei um suicídio [...]. A nossa fome era amenizada com um ou dois pássaros abatidos [...]. Nas poucas noites de tranquilidade em nosso acampamento, ficava eu a meditar no motivo por que Fawcett nos abandonara. Fazia conjecturas as mais sombrias, e, cheguei até a pensar que ele tivesse perecido num ataque de índios.<sup>236</sup>

A narrativa de Morel baseada no depoimento de Rabello Leite prossegue afirmando que o grupo de expedicionários brasileiros sob seu comando resolveu retornar ao ponto de partida, mas, ao invés de regressarem pelo rio Verde, eles descem o rio Capivari. O brasileiro que estava com Fawcett, Lamenha Lins, também retorna ao ponto inicial e chega antes da comissão brasileira que vinha pelo rio, sendo que “Com a chegada inesperada de Lamenha Lins, à cidade de Mato Grosso, Frederico de Oliveira soube do papel de Fawcett.”<sup>237</sup> Lins explica aos seus superiores que “Em meio do caminho, Fawcett e Fischer comunicaram que eles tinham necessidade de fazer uma pesquisa de ordem

---

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 31

<sup>235</sup> *Ibidem*.

<sup>236</sup> *Ibidem*, pp. 31-32.

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 32.

científica e só depois poderiam ir às cabeceiras do rio Verde; que o comandante Lins fosse marchando, e eles o alcançariam depois.”<sup>238</sup>

Pela narrativa de Morel subentende-se que Fawcett e Fisher sequer chegaram às cabeceiras do rio Verde; que Fawcett solicitou que Lamenha Lins seguisse sozinho por terra até a cabeceira do rio Verde e que lá esperasse pelo momento em que tanto Fawcett e Fisher como o grupo brasileiro se reuniriam e retornariam juntos ao ponto de partida; que Lamenha Lins optou por dar meia-volta e retornar ao ponto de partida para pedir ajuda antecipadamente para o grupo brasileiro que ficaria sem suprimentos quando chegasse às cabeceiras do rio Verde; e que, portanto Lamenha Lins também nunca chegou às cabeceiras do rio Verde.

Morel sai em defesa da atitude de Lamenha Lins e questiona “Que poderia fazer um homem sozinho numa área desconhecida? Avançar seria marchar para a morte. Urgia voltar, para providenciar a remessa de socorros urgentes ao grupo de Rabello Leite, abandonado por Fawcett.”<sup>239</sup> Ora, teoricamente, no ponto em que Fawcett e Fisher foram atrás de seus interesses científicos e orientaram Lamenha Lins a seguir sozinho, havia ainda o intuito deles se encontrarem com o grupo brasileiro no ponto de encontro previamente estabelecido, ou seja, os brasileiros ainda não tinham sido “abandonados por Fawcett”. Se o grupo de Rabello demorou mais de um mês para chegar ao destino final, é possível que, neste ínterim, Fawcett tivesse tempo hábil para fazer as suas pesquisas e em seguida encontrar o grupo brasileiro sem faltar com o combinado.

Após o retorno antecipado de Lamenha Lins, Frederico de Oliveira envia então “[...] uma canoa, levando víveres e remédios. [...] quando a coluna de Rabello Leite chegou às águas do Capivari, atingindo o vale do Guaporé, viu muito ao longe um barco. Era o segundo<sup>240</sup> auxílio.”<sup>241</sup> Os dois grupos então se encontram e Rabello pergunta para o grupo de resgate “Que é feito do major Fawcett?” e conclusão à qual todos chegam é que “Os índios o mataram!”<sup>242</sup> Morel conclui o episódio do rio Verde da seguinte forma:

Qual não foi a sua surpresa [de Rabello] e indignação, quando soube que ele [Fawcett] havia abandonado o seu camarada Lamenha, em plena selva e depois de uma curta viagem com fins ocultos, passara algumas horas em Mato Grosso, de regresso à Bolívia! Antes, porém, vendera vários aparelhos e animais, comprando em seguida uma boa embarcação, com a qual desceu o rio

---

<sup>238</sup> *Ibidem.*

<sup>239</sup> *Ibidem*, pp. 32-33

<sup>240</sup> O primeiro era para ser o de Fawcett.

<sup>241</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, pp. 32-33.

<sup>242</sup> *Ibidem*, p. 33.

Paraguai, atingindo finalmente Corumbá, onde o seu procedimento foi recriminado pelos chefes da Missão Boliviana, general Manuel José Pando, ex-presidente daquele país e um diplomata de nome Epina. Enquanto o tenente Sebastião Leite e seus homens estavam fracos, doentes e famintos, o felizardo Fawcett preparava suas malas para uma viagem de turismo a Londres!...<sup>243</sup>

### 1.5.2 A versão do jornalista Larry Rohter

Larry Rohter foi correspondente do jornal *The New York Times* no Brasil entre 1999 e 2007 e em 2019 lançou uma biografia do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon intitulada *Rondon – Uma biografia*. A versão do episódio do rio Verde que consta no livro de Rohter é importante porque ele teve acesso aos diários de Rondon e outros documentos que estão sob a guarda do Arquivo Histórico do Exército e do Museu Histórico do Exército/Forte de Copacabana, cujos acervos foram consultados por ele entre 2015 e 2016<sup>244</sup>. Rohter incorre em alguns erros, e optamos por analisar aqui sua versão para exemplificar até que ponto um acontecimento pode ser distorcido e se transformar numa fonte aparentemente confiável, demonstrando que realizar uma verificação dos fatos e recorrer a fontes alternativas é de extrema importância para a produção historiográfica.

Assim como na versão de Morel, na versão de Rohter havia duas subcomissões: a brasileira, chefiada por Manuel Rabelo<sup>245</sup>, e a boliviana, comandada por Fawcett. Rohter afirma que “No processo de verificação final, antes de a fronteira ser oficialmente demarcada, os protocolos de exploração da comissão conjunta exigiam que a primeira equipe chegasse ao local onde um marco seria erigido para aguardar a chegada da outra.”<sup>246</sup> Outro ponto comum às versões de Morel e Rohter, portanto, é a alegação de que não foi possível erigir o monumento-marco na nascente do rio Verde e ambos os autores fornecem a mesma justificativa para tanto: o marco divisório só poderia ter sido erguido com a presença de representantes de ambos os países interessados. Mas tanto Morel quanto Rohter incorrem numa imprecisão pois, na verdade, os marcos fronteiros

---

<sup>243</sup> *Ibidem*.

<sup>244</sup> VISITA do Professor Larry Rohter ao AHEx. **Últimas notícias**. Rio de Janeiro: 05 de novembro de 2019. Disponível em: <http://www.ahex.eb.mil.br/ultimas-noticias/119-visita-do-professor-larry-rohter-ao-ahex> Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>245</sup> Rohter refere-se erroneamente ao Tenente do Exército Sebastião Rabello Leite.

<sup>246</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, p. 372.

foram erguidos e os protocolos<sup>247</sup> foram seguidos, uma vez que no grupo de Fawcett havia pelo menos um oficial brasileiro<sup>248</sup> (Lamenha Lins), logo, não era necessário “aguardar a chegada” de ninguém para erigir os marcos.

Rohter afirma ainda que:

Não deixaram coisa alguma para trás, fosse um marco de fronteira, fosse um bilhete de explicação, e assim, quando o grupo de Rabelo finalmente apareceu – seus homens famintos, exaustos e doentes –, não havia nada à espera deles. **Dava para perceber que alguém estivera no local recentemente**, mas eles se perguntaram onde Fawcett se metera e estavam preocupados de que tivesse sido atacado e morto por índios. Com isso, tiveram de refazer todo o caminho de volta sobrevivendo do que encontravam pelo caminho – e quase morreram de fome.<sup>249</sup>

Nesse pequeno trecho o jornalista do *The New York Times* comete alguns erros e imprecisões que se acumulam e comprometem a qualidade de seu relato. Ele já havia trocado o nome de Sebastião Rabello, chamando-o de “Manuel Rabelo”, depois ele se engana quanto ao referencial espacial dos eventos, denominando o local como “a remota Vila Rio Verde” ao invés de rio Verde. Além disso, ao contrário do que Rohter afirma, aquela não era a ocasião em que “faziam o levantamento topográfico pela primeira vez”. Fawcett havia feito o levantamento do rio Verde no ano anterior e ambas as comissões estavam ali para verificar os mapas que ele havia produzido, e, muito antes disso, outros cartógrafos já haviam percorrido essa área e produzido mapas, como, por exemplo, o matemático e astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes Leme<sup>250</sup>, cujos mapas datam de 1798 e estão disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ)<sup>251</sup>. Salta aos nossos olhos a afirmação de que os membros da comissão brasileira

---

<sup>247</sup> Para mais informações sobre os protocolos de demarcação de fronteira entre o Brasil e a Bolívia recomenda-se o seguinte artigo: VERGARA, Moema de Rezende. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 2, pp. 345-361, mai./ago. 2010.

<sup>248</sup> Fato que consta no relatório oficial do Almirante Cândido Guillobel intitulado “Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras” e nas versões de Morel e Fawcett. Aparentemente Rohter não sabia dessa informação ou optou por sua omissão.

<sup>249</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, p. 373, grifo nosso.

<sup>250</sup> LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. In: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883, v. I, pp. 292-294. Ver também: VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Biografias de brasileiros ilustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brasil ou ao Brasil. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo XXXVI, v. 46, pt. 1, pp. 184-187, 1873.

<sup>251</sup> LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. **Carta geografica de projecção espherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa, e Estado do Brazil**. [193-?]. 1 mapa, cópia em ozalid, 136 x 150,1 cm. Escala [ca.1:3.820.000] Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart530285/cart530285.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart530285/cart530285.jpg). Acesso em: 6 out. 2022.

“quase morreram de fome”, pois essa alegação aparece posteriormente vinculada de forma permanente à atitude de Fawcett após o episódio no rio Verde, sendo reproduzida até hoje, como podemos observar no livro de Rohter.

Quanto ao desfecho dos acontecimentos no rio Verde, Rohter escreve que, enquanto a comissão brasileira passava por maus bocados,

[...] Fawcett já voltara para Vila Bela, o ponto de parada, caminhando ociosamente pelas áreas que o interessavam por achar que forneceriam alguma pista para a localização da Cidade Perdida – ou então até que pudesse topografar o local. Quando chegou à base em Vila Bela, o oficial brasileiro no comando perguntou por que a equipe de Rabelo não estava junto. Ao ouvir a resposta, ele despachou imediatamente uma equipe de resgate para tentar localizar Rabelo e os demais. A busca foi bem-sucedida, mas, se não tivessem encontrado o grupo – catorze homens ao todo –, não é nenhum absurdo supor que poderiam ter morrido. De fato, admitiram os sobreviventes, a situação ficou tão desesperadora durante algum tempo que chegaram a considerar o suicídio, para não morrerem na mão dos índios, comidos por animais ou de inanição.<sup>252</sup>

Pela narrativa de Rohter subentende-se que Fawcett e todo o seu grupo chegaram até o ponto de encontro, a nascente do rio Verde; que, cansado de esperar, Fawcett solicitou que o grupo se dividisse e que uma parte deles permanecesse no ponto de encontro esperando para se reunir com o grupo brasileiro para juntos retornarem ao ponto de partida; que enquanto isso, ele iria procurar pistas da localização de uma cidade perdida; e que o resgate ao grupo brasileiro só foi enviado quando Fawcett chegou ao ponto inicial sem eles, acompanhado apenas por parte do grupo boliviano.

A versão de Rohter tem muito em comum com a versão de Morel, ambas incorrem nas mesmas imprecisões e reforçam a culpa de Fawcett nas dificuldades enfrentadas pela comissão brasileira, reiterando a alegação que os brasileiros foram abandonados por ele e que, por conta disso, quase morreram todos por inanição. O general<sup>253</sup> Rondon escreveu o prefácio da obra de Morel, elogiando, inclusive, o seu trabalho na elucidação do

---

LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. **Carta geographica de projecção espherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portuguesa e Estado do Brazil**. [193-?]. 1 mapa em 4 f., cópia em ozalid, 69 x 75,1cm. Escala [ca.1:3.820.000] Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart164663/cart164663.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164663/cart164663.jpg). Acesso em: 6 out. 2022.

<sup>252</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, p. 373.

<sup>253</sup> Embora tenha entrado para a história como marechal, durante a maior parte de sua carreira militar Rondon teve a patente de general. Somente em 5 de maio de 1955, por ocasião de seu 90º aniversário, ele foi agraciado pelo Congresso Nacional com o título de Marechal do Exército Brasileiro.



chamado “Caso Fawcett”<sup>254</sup>. É muito provável que seja esse o motivo de Rohter reproduzir em sua biografia de Rondon a versão de Morel.

No entanto, diferentemente de Morel, Rohter pondera que:

[...] não há prova de que Fawcett tenha agido deliberadamente para sabotar a equipe de Rabelo ou mesmo abandonado suas obrigações para se entregar a seus próprios anseios de exploração. Mas o episódio todo deixou os brasileiros furiosos e com uma desconfiança permanente. [...] Depois de vasculhar o território de Mato Grosso e não encontrar indícios de sua cidade perdida, tomaram um barco no rio São Luiz e resolveram voltar para La Paz, aparentemente sem oferecer uma única palavra de explicação, muito menos desculpas pelo ocorrido.<sup>255</sup>

Dessa forma, a versão de Rohter se apresenta como um pastiche jornalístico da versão de Morel, uma colagem grotesca que recorta as imprecisões de Morel e a elas faz aderir ainda mais informações imprecisas, uma ginástica intelectual que se estira até ao ponto de reproduzir um discurso pronto, mas não se alonga para muito além disso, para além de uma única fonte claramente enviesada e possivelmente duvidosa. No caso de Morel alguns erros podem ser até relevados: ele escreve em 1944, o diário de Fawcett só seria publicado em 1953 na Inglaterra e em 1954 no Brasil. Mas Rohter escreve em 2019 adotando o ponto de vista de Morel sem questionamento algum. É provável que o fato de Rondon elogiar Morel tenha servido como uma espécie de chancela para a versão de Rohter. Além do questionamento relativo às imprecisões de Rohter e às limitações das fontes nas quais ele bebeu para tecer a biografia de Rondon, há críticas relativas ao suposto movimento de endeusamento da vida de Rondon, “[...] um problema potencial, já que a tendência de um biógrafo fascinado por seu biografado é magnificar os feitos e minimizar as falhas.”<sup>256</sup> Outra crítica que é feita ao trabalho de Rohter diz respeito à ausência de uma abordagem mais aprofundada em relação às dúvidas de Rondon quanto à efetividade e ao sentido de suas ações no âmbito da política integracionista e o efeito dessa política nas comunidades indígenas.

De acordo com Rubens Valente:

---

<sup>254</sup> “[...] congratulo-me com Edmar Morel pelo seu serviço nas florestas do Brasil-Central.” MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 14.

<sup>255</sup> *Ibidem*.

<sup>256</sup> VALENTE, Rubens. O dom de Rondon. Biografia feita por jornalista americano tem narrativa hábil e organizada, mas não tira o marechal do pedestal. **Revista Quatro Cinco Um**, Edição número 22, p. 19, mai. 2019.

Há pelo menos uma declaração do próprio marechal admitindo ser um equívoco buscar contato com índios isolados, colhida pelo Diário Carioca em 1949 e localizada pelo cineasta Joel Pizzini na pesquisa para seu filme Rio da dúvida (2018). O tema tornou-se central entre antropólogos e indigenistas, mas Rohter limita-se a tachar os críticos à prática rondoniana de “revisionistas”. Não parece ser um bom caminho interditar um debate. Personagens históricos não devem ficar cristalizados como intocáveis.<sup>257</sup>

No sentido de não cristalizar personagens históricos é importante cruzar dados – como o nome de pessoas e lugares, datas, entre outros – oriundos de mais de uma fonte, encarando essas fontes como se fossem um depoimento prestado no âmbito de um inquérito policial, além de ser importante também cruzar as narrativas provenientes dessas fontes diversas. Esse estilo de abordagem das fontes está alinhado ao chamado paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg, que consiste num método de análise voltado para os detalhes considerados insignificantes e que, por conta disso, muitas vezes passam despercebidos pelo olhar de quem os analisa.

Ginzburg começa a mapear a origem do paradigma indiciário no século XIX, a partir da obra de um historiador da arte e médico italiano chamado Giovanni Morelli, relacionando o método de Morelli com o ofício do eminente detetive da literatura Sherlock Holmes, que tem por incumbência elucidar crimes diversos por meio de uma investigação minuciosa à qual ele não deixa escapar os mínimos detalhes para que o autor do crime seja identificado e responsabilizado. Carlo Ginzburg chama nossa atenção ainda para o fato de que o método de Morelli pode ser relacionado ainda com a psicanálise, uma vez que Freud afirma que esse método “[...] está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos pouco notados ou despercebidos, dos detritos ou ‘refugos’ da nossa observação.”<sup>258</sup> O autor faz essa analogia entre os métodos de Morelli, Holmes e Freud postulando que “Nos três casos, entrevê-se o modelo da semiótica médica: a disciplina que permite diagnosticar as doenças inacessíveis à observação direta na base de sintomas superficiais, às vezes irrelevantes aos olhos do leigo.”<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> *Ibidem*.

<sup>258</sup> FREUD, Sigmund. 1976, *apud* GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 149

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 151.

Após apresentar-nos a essa analogia entre o historiador da arte, o detetive e o psicanalista, cujo denominador comum é a semiótica médica, Ginzburg realiza toda uma genealogia do paradigma indiciário desde os caçadores-coletores da pré-história – que para ele já se ocupavam com a interpretação de sinais e indícios diversos para serem bem-sucedidos durante a caça – até o momento em que as ciências humanas passam a valer-se desse mesmo paradigma. Para Ginzburg:

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais – com uma explícita invocação a Morelli [...].<sup>260</sup>

De forma geral, para Ginzburg os princípios do paradigma indiciário consistem em valorizar as especificidades de cada objeto, reconhecer o caráter indireto do conhecimento, deduzir causas a partir dos efeitos e exercitar a conjectura e a imaginação criativa durante a análise e a pesquisa. Conforme avançamos na investigação dos detalhes e fontes relativas ao episódio do rio Verde são esses os princípios aos quais vamos nos ater, priorizando o pluralismo documental e um estudo minucioso e exaustivo do material pesquisado.

### 1.5.3 A versão do almirante José Candido Guillobel

A versão de Guillobel está registrada num documento oficial disponível para consulta pública no Arquivo Histórico do Itamaraty sob o título de “Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das supostas nascentes d’aquelle rio. Apresentado ao Exmo. Sr. Barão do Rio Branco Ministro de Estado das Relações Exteriores. Pelo Almirante José Candido Guillobel 1º Commisario da Comissão de Limites do Brasil com a Bolívia”<sup>261</sup>. Logo no início do documento Guillobel comunica

---

<sup>260</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>261</sup> GUILLOBEL, José Candido. **Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das supostas nascentes d’aquelle rio**. Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 370, prateleira 1, lata 458, maço 3 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1910.

que a partir da Comissão Brasileira foram organizadas duas subcomissões “Para dar execução às Instruções de 6 de Fevereiro de 1907, relativas ao reconhecimento do rio Verde e suas cabeceiras e a fim de observar o programa ajustado com o Senhor General José Manoel Pando, Chefe da Comissão Boliviana de demarcação da fronteira.”<sup>262</sup>

A composição delas era a seguinte: a primeira subcomissão era chefiada pelo Commisario Substituto Capitão de Fragata Frederico Ferreira de Oliveira e era composta por um ajudante (Capitão de Corveta José Libanio Lamenha Lins de Souza), um auxiliar (Tenente do Exército Sebastião Rabello Leite), um major médico (Dr. Antonio Rogerio de Gouvea Freitas), um pharmaceutico (Julio Cesar Diogo) e dezoito soldados do exército, totalizando vinte e três membros. Por sua vez, a segunda subcomissão era liderada pelo Capitão de Corveta Antonio Alves Ferreira da Silva e contava com dois auxiliares technicos (2º Tenente da Armada Frederico Augusto Borges Junior e 2º Tenente do Exército Adolpho de Oliveira) e dezoito soldados do exército, num total de vinte e um componentes.

Os objetivos da primeira subcomissão consistiam em “[...] collocar marcos na confluência do rio Verde com o Guaporé [...] e fazer o levantamento do primeiro desses dois rios desde essa confluência até as suas cabeceiras, confrontando o seu trabalho com o executado em 1908 pela Comissão Boliviana.”<sup>263</sup> A segunda subcomissão, por sua vez, “[...] foi encarregada de explorar o rio junto ao qual, em 1877, foi levantado o marco divisório, suppondo que fosse o rio Verde, e estudar, não só o terreno onde foi levantado esse marco, como o comprehendido entre elle e o dos Quatro irmãos.”<sup>264</sup> Podemos resumir os objetivos de cada subcomissão da seguinte forma: uma delas (a primeira) faria o levantamento pelo rio e a outra (a segunda) faria o levantamento por terra.

Sobre os suprimentos das subcomissões, o relatório de Guillobel reporta o que “A ambas [...] foram fornecidos os instrumentos scientificos apropriados ao genero de trabalho que iam executar, bem assim **o material necessario e generos alimenticios para cinco mezes**, alem dos meios de transporte, guias e canoeiros.”<sup>265</sup> As duas subcomissões partem de Corumbá no dia 19 de maio de 1909 com destino a porto Carvoal, portanto, a previsão é que as provisões durem até o dia 19 de outubro de 1909,

---

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>263</sup> *Ibidem*.

<sup>264</sup> *Ibidem*, pp. 1-2.

<sup>265</sup> *Ibidem*, p. 1, grifo nosso.

contando-se cinco meses a partir do momento em que elas deixam Corumbá. Conforme Guillobel descreve detalhadamente o itinerário de cada uma delas, observamos que ambas utilizam as estações telegráficas construídas anteriormente pela Comissão Rondon como acampamento base ou apenas para pernoitar em alguns locais.

Como planejado, a primeira subcomissão começa a descer o rio Guaporé, até que no dia 15 de julho de 1909 o capitão Frederico de Oliveira e a primeira subcomissão chegam “[...] à antiga cidade de Matto-Grosso ou Villa Bella, hoje quasi completamente abandonada e em ruínas. Os seus habitantes, em pequeno número, são em quasi sua totalidade negros que vivem em constante hostilidade com os índios Cabixis.”<sup>266</sup> Em Villa Bella eles encontram “[...] o pessoal de sua turma que seguira, por terra (segunda subcomissão), pela estrada, de 14 léguas de extensão, que vae da ponte<sup>267</sup> à Matto-Grosso. Pouco depois também chegou a essa cidade a Comissão Boliviana chefiada pelo Major Fawcett.”<sup>268</sup> Neste momento temos então três grupos distintos: as duas subcomissões brasileiras e a Comissão Boliviana.

Sobre as atribuições de Fawcett, Guillobel pontua que:

Conforme ficou estabelecido no programma ajustado com o Sr. General Pando, a Sub-Comissão Boliviana deveria abrir uma picada para pôr em comunicação a margem esquerda do Guaporé, com a nascente do rio Verde, mas julgando o Major Fawcett mais fácil abrir essa picada em sentido oposto, isto é da nascente do rio Verde para o Guaporé, declarando poder tel-a prompta no prazo de quinze a vinte dias, foi esse alvitre aceito sendo designado o ajudante Capitão de Corveta Libanio Lamenha Lins para acompanhar a Sub-Comissão Boliviana em seus trabalhos nas cabeceiras do rio Verde.<sup>269</sup>

A partir deste ponto, portanto, Libânio Lamenha Lins deixa de ser ajudante da primeira subcomissão brasileira e passa a compor a Comissão Boliviana. Partindo de Villa Bella, “[...] seguiu a 20 de Julho o Capitão de Fragata Frederico de Oliveira, Guaporé a baixo, em busca da confluência do rio Verde.”<sup>270</sup> Por sua vez, no dia seguinte, 21 de julho de 1909, o capitão Libanio Lamenha Lins partiu “[...] com cinco soldados, um prático, o delegado de polícia de Matto-Grosso Antão Leite Ribeiro, [...] conjuntamente com a Sub-Comissão Boliviana em busca das cabeceiras do rio Verde

---

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>267</sup> “[...] ‘Ponte’, lugar do rio Guaporé onde, desde os tempos coloniaes, existia uma ponte, incendiada pelos índios e ultimamente reconstruída pela comissão de linhas telegraphicas, e que se acha na estrada que de Matto Grosso se dirige à Cuyabá por S. Luiz de Cáceres”. *Ibidem*.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>269</sup> *Ibidem*.

<sup>270</sup> *Ibidem*.

já assinaladas no anno anterior pelo Major Fawcett.”<sup>271</sup> A primeira subcomissão, composta então por “[...] vinte cinco homens entre officiaes, soldados e canoieiros, embarcou-se em dois batelões e duas montarias, **levando generos alimenticios para sessenta dias.**”<sup>272</sup> Como eles saíram de Villa Bella no dia 20 de julho, seus suprimentos deveriam, portanto, durar até o dia 20 de setembro.

O grupo de Oliveira (primeira subcomissão) atinge a confluência dos rios Verde e Guaporé no dia 25 de julho de 1909 e encontra o marco divisório datado de 1877 destruído, “[...] provavelmente pela mão do homem, visto não se encontrar uma causa natural para fazê-lo ruir.”<sup>273</sup> No mesmo dia os homens limpam o terreno e erigem dois novos marcos, sendo que “Ambos estes marcos teem a forma de uma pyramide quadrangular, de ferro galvanizado, com cinco metros de altura.”<sup>274</sup>

No dia 27 de julho de 1909, o grupo de Oliveira deixa a confluência do rio Verde com o Guaporé e parte em direção à nascente do rio Verde, subindo o rio com o intuito de fazer o seu reconhecimento. No dia 28, “[...] continuando a expedição o reconhecimento do rio, passou a primeira cachoeira, à qual o astrônomo Silva Pontes denominou ‘S. João’ quando, em 1789, explorou o rio Verde.”<sup>275</sup> É interessante notar como essa região já havia sido explorada e já tinha sido objeto de mapeamento muito antes de Fawcett e da Comissão de Demarcação de Fronteiras. Após atingir uma segunda cachoeira, já bem próximos da Serra Ricardo Franco, o grupo de Oliveira observa que “[...] o leito do rio muda de aspecto, tornando-se pedregoso” e comunica que “D’este ponto em diante o reconhecimento teve de ser feito a pé, por não ter sido possível passar, para cima da 2ª cachoeira.”<sup>276</sup>

No dia 29 de julho o grupo de Oliveira dedicou-se “[...] ao preparo da expedição para a marcha por terra, reduzindo-se o mais possível a bagagem, **levando cada homem rações para vinte dias** nos respectivos saccos de alpinista, além de sua arma com as

---

<sup>271</sup> *Ibidem.*

<sup>272</sup> *Ibidem*, p. 5, grifo nosso.

<sup>273</sup> *Ibidem.*

<sup>274</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>275</sup> GUILLOBEL, José Candido. **Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das suppostas nascentes d’aquelle rio.** Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 370, prateleira 1, lata 458, maço 3 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1910, p. 7.

<sup>276</sup> *Ibidem.*

respectivas munições e da sua rede.”<sup>277</sup> As rações deveriam durar, então, até o dia 18 de agosto. É preciso ter em mente que, num primeiro momento, o grupo de Oliveira tinha um estoque de provisões previsto para durar até o dia 20 de setembro (isso quando eles saíram Vila Bela, no dia 20 de julho).

Aqui nos deparamos com quatro explicações possíveis para o fato de o grupo de Oliveira ter dificuldades relativas aos suprimentos no retorno para Vila Bela: 1. o relatório de Guillobel incorre em imprecisões em relação à quantidade real de provisões que o grupo de Oliveira estava carregando consigo; 2. os membros do grupo de Oliveira consumiram mais provisões do que o previsto nos nove primeiros dias de expedição; 3. ao optarem por reduzir “o mais possível a bagagem”, o grupo de Oliveira deixou para trás provisões que seriam vitais no retorno para Vila Bela; ou 4. o que ocorreu foi uma combinação de todas as opções anteriores.

Se a informação de Guillobel estiver certa, é como se eles tivessem consumido em apenas nove dias o previsto para ser consumido ao longo de quarenta dias, ou seja, consumiram 3 vezes mais provisões além do que deveriam, a menos que nesse ínterim tenha ocorrido algum acidente – como o emborcamento dos batelões – e eles tenham perdido suprimentos durante um possível naufrágio. Mas, dado o nível de detalhamento do relatório de Guillobel, consideramos muito improvável que ele tenha simplesmente deixado passar uma informação como essa, a não ser que tenha omitido propositalmente. Outra possibilidade é que, ao optarem por reduzir “o mais possível a bagagem”, o grupo de Oliveira tenha abandonado provisões suficientes para até trinta dias de viagem – se não estivessem consumindo mais do que o previsto –, e, nesse caso, o grande problema dos expedicionários teria sido não só o suposto abandono de Fawcett, mas também uma monumental falta de planejamento.

No dia 30 de julho o grupo de Oliveira chega à Serra de Ricardo Franco e se depara “[...] com um enorme paredão que se levanta verticalmente sobre o rio, tendo a aparência de uma muralha de 90 a 100 metros de altura.”<sup>278</sup> Eles são obrigados a contornar o paredão. No dia 31 de julho, ao tentarem atravessar uma cachoeira, “[...] perderão o equilíbrio, precipitando-se em suas águas, o chefe da expedição Capitão de Fragata Frederico de Oliveira e o Médico Major Gouvea Freire, sendo ambos socorridos

---

<sup>277</sup> *Ibidem*, grifo nosso.

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 8.

pelos companheiros.”<sup>279</sup> Não há nenhuma menção a uma provável perda de suprimentos nesse episódio. Frederico de Oliveira não se recupera da queda e, “Impossibilitado, por doente, de continuar no árduo<sup>280</sup> reconhecimento do rio Verde, resolveu o chefe da primeira Sub-Comissão, a conselho do médico da expedição, retirar-se para o Matto-Grosso.”<sup>281</sup> No dia 1º de agosto eles dão meia-volta e refazem todo o caminho por onde vieram, até a segunda cachoeira do rio Verde, próximo à confluência com o Guaporé. Oliveira retorna “[...] acompanhado de 4 canoeiros, de um cabo e de um soldado doentes.”<sup>282</sup>

No mesmo dia o resto do grupo “[...] seguiu a expedição em sua diligência, confrontando o mappa do rio levantado pela sub-comissão boliviana, sob a direcção do Major Fawcett, quando em 1908, subiu o dito rio desde a sua foz até as suas cabeceiras.”<sup>283</sup> Finalmente, no dia 16 de agosto de 1909,

[...] chegou a expedição à região das cabeceiras do rio Verde, com grande escassez de víveres<sup>284</sup>. [...] Receando-o e **não querendo perder tempo em busca do local em que haviam sido deixados os recursos, que lhe eram destinados**, resolveu descer o mais promptamente ao Guaporé, enveredando por um dos mais próximos contravertentes dos formadores do rio Verde, com a esperança de encontrar a picada, que deveria ter sido feita pela sub-comissão boliviana, o que lhe teria permitido alcançar a margem do Guaporé em dois ou três dias, visto a distância não dever ser de mais de 30 a 40 kilometros.<sup>285</sup>

No dia 2 de setembro de 1909 eles alcançam a foz do rio Capivari (que deságua no rio Paraguai), onde a expedição “[...] chegou completamente exausta, depois de passar as maiores privações possíveis, sofrendo fome e moléstias que, em alguns indivíduos, já apresentavam os symptomas do beri-beri.”<sup>286</sup> Nesse mesmo dia, eles foram encontrados e resgatados pela segunda subcomissão, enviada por Frederico de Oliveira, o qual estava em Villa Bella desde o dia 11 de agosto devido ao seu retorno antecipado

---

<sup>279</sup> *Ibidem*.

<sup>280</sup> O grupo de Oliveira já havia transposto vinte e quatro cachoeiras no seu trajeto de subida do rio Verde. *Ibidem*, p. 9.

<sup>281</sup> *Ibidem*.

<sup>282</sup> *Ibidem*.

<sup>283</sup> *Ibidem*.

<sup>284</sup> Lembrando que as reações deveriam durar até o dia 18 de agosto, mesmo após a redução da bagagem.

<sup>285</sup> GUILLOBEL, José Candido. **Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das suppostas nascentes d’aquelle rio**. Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 370, prateleira 1, lata 458, maço 3 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1910, p. 9, grifo nosso.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 10.



provocado por uma queda no rio Verde e “[...] providenciou acertadamente, mandando montarias percorrer a margem esquerda do Guaporé em busca da turma do rio Verde, levando-lhe gêneros alimentícios e outros socorros que julgou necessários.”<sup>287</sup>

O almirante Guillobel conclui o relato do itinerário da primeira subcomissão afirmando que

O Major Fawcett, que havia partido a 14 de Agosto da região das cabeceiras, chegando a Matto-Grosso a 18, pelo mesmo caminho que o levava a aquela região, informou não ter aberto a picada entre essas cabeceiras e o Guaporé, serviço que se compromettera a executar e para cuja execução recebera ordem do Sr. General Pando, por ter o seu pessoal se recusado, receando ser atacado pelos índios. Era, porém, já sabido que o Major Fawcett não executaria as ordens de seu chefe.<sup>288</sup>

Nesse ponto do relatório, Guillobel começa a esmiuçar o itinerário da Comissão Boliviana, liderada por Fawcett e à qual havia se juntado Lamenha Lins e a segunda subcomissão brasileira, incumbida desde o princípio de ir por terra. No dia 21 de julho, a Comissão Boliviana parte de Villa Bella com o intuito de “[...] subir a Serra de Ricardo Franco em busca das nascentes do rio Verde.”<sup>289</sup> Eles chegam às cabeceiras do rio Verde no dia 8 de agosto de 1909 utilizando os mapas elaborados por Fawcett no ano anterior. O grupo de Lamenha Lins “[...] durante cinco dias, ocupou-se com o seu levantamento [do rio Verde], collocando na cabeceira, que reconheceu ser a principal, um poste de madeira, de forma prismática quadrangular, tendo 2 metros e 20 centímetros de altura.”<sup>290</sup> Segundo o relatório de Guillobel, a nascente do rio Verde encontrava-se na Serra Ricardo Franco, a 650 metros de altitude nas seguintes coordenadas geográficas<sup>291</sup>: latitude = 14° 37’ 15’’ S e longitude = 60° 13’ 56’’ O.

---

<sup>287</sup> *Ibidem.*

<sup>288</sup> *Ibidem.*

<sup>289</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>290</sup> *Ibidem.*

<sup>291</sup> Depois foi comprovado que essa localização estava incorreta. O próprio filho de Fawcett, Brian, aponta que “[...] *my father would have been bitterly disappointed had he known that what he took to be the source of the Verde was not the true source at all. He followed what appeared to be the main stream, but the Verde is a river of many small branches, and one of these opened out into a wide body of water not far from its mouth. The true source was discovered by Col. Bandeira Coelho in 1946, some distance to the south-west of my father's position.* / “[...] meu pai teria ficado grandemente desapontado se soubesse que o que tomara pela nascente do rio não era a verdadeira nascente. Ele seguiu o que parecia ser o curso principal do rio Verde, porém este possui muitos pequenos braços e um destes se abria, formando um grande corpo d’água não muito longe de sua embocadura. A verdadeira nascente foi descoberta pelo coronel Bandeira Coelho em 1946, a certa distância a sudoeste da posição delineada pelo meu pai”. FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 133, tradução nossa. A questão da nascente do rio Verde ainda suscitaria muito tempo depois outros embates e disputas entre os geógrafos e, conseqüentemente, entre o Brasil e a

O almirante Guillobel conclui o relato do itinerário do grupo de Fawcett reportando que “A Sub-comissão boliviana, terminando o trabalho das cabeceiras em 14 de Agosto, retirou-se em descida para o Matto-Grosso, onde chegou a 18 do mesmo mez, seguindo a 20 para Corumbá, abandonando o pessoal que levára desta cidade [Lamenha Lins e a segunda subcomissão brasileira].”<sup>292</sup> Sobre o grupo de Lamenha Lins, Guillobel informa que

A 29 do mesmo mez [agosto] regressou por sua vez o ajudante Capitão de Corveta Lamenha Lins, tendo partido das cabeceiras a 26, **deixando ahi os víveres destinados a socorrer a turma que subia o rio Verde**, mas que não mais lhe podião servir, por ter descido ao Guaporé pelo valle do Capivary. Felizmente, na expedição ao rio Verde, apesar dos contratemplos sofridos não houve perda de vidas.<sup>293</sup>

#### 1.5.4. A versão do coronel Percy Fawcett

Na primeira quinzena de julho de 1909 Fawcett registra que “A fim de fazer observações do topo do monte Boa Vista, paramos, por um dia, em Asunción, onde ouvimos boatos sobre o tesouro do rio Verde, o qual tinha subido para £37.000!”<sup>294</sup> Essa entrada do diário de Fawcett é um dos exemplos que corroboram a opinião pública de que ele era um caçador de tesouros, tornando plausível que ele tenha “abandonado” as subcomissões brasileiras para perseguir seu objetivo de caçar tesouros. Na versão de Fawcett, ele e seu grupo alcançam em meados de julho de 1909 a primeira subcomissão brasileira e, ao encontrá-los, Fawcett afirma que

O principal grupo da Comissão Brasileira estava ocupando o bangalô do telégrafo na velha cidade de Mato Grosso quando nos juntamos a ele, e no dia

---

Bolívia. Para quem deseja aprofundar-se nesse tópico, recomendamos um artigo do general Sebastião Claudino de Oliveira Cruz publicado em 1959 no jornal *O Semanário*. CRUZ, Sebastião Claudino de Oliveira. Roboré, o infeliz instrumento diplomático. *O Semanário*, Rio de Janeiro, 5 a 11 de setembro de 1959, número 175, ano IV, p. 7 e 10.

<sup>292</sup> GUILLOBEL, José Candido. **Relatório da exploração do rio ‘Verde’ da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das suppostas nascentes d’aquelle rio**. Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 370, prateleira 1, lata 458, maço 3 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1910, p. 11.

<sup>293</sup> *Ibidem*, grifo nosso.

<sup>294</sup> “*In order to make observations from the summit of Mount Boa Vista we stopped for a day at Asunción, where we heard rumours of the Verde treasure, which had grown to £37,000, and was doing well!*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 130, tradução nossa.

seguinte o Comandante Oliveira partiu para a foz do rio Verde com um médico, um assistente e **uma quantidade enorme de provisões**.<sup>295</sup>

Se, de acordo com Guillobel, Frederico Oliveira deixa Matto-Grosso/Villa Bella no dia 20 de julho, então Fawcett deve ter chegado a essa cidade no dia 19. Só foi possível chegar à essa informação por meio do cruzamento dos fatos descritos por Guillobel e por Fawcett. Nesse ponto temos um aspecto relevante para o depoimento de Fawcett: em seu relato ele descreve o acidente de Oliveira na cachoeira, relatando que

Sua expedição foi infeliz. Oliveira caiu no rio, adoeceu, teve febre e foi obrigado a retornar para Vila Bela. Os outros não conseguiram subir o rio. [...] eles encontraram nosso trilho [de 1908], porém foram obrigados a atravessar para o rio Guaporé, onde permaneceram até que uma equipe de busca os resgatou seis semanas depois.<sup>296</sup>

Mais uma vez, os relatos se complementam e fica evidente o quão importante é para a validação do relato de Fawcett que as informações fornecidas por ele constem no relatório oficial de Guillobel, uma vez que são duas fontes diferentes atestando a mesma versão dos fatos. No trecho seguinte do relato de Fawcett consta que

O comandante Lemanha<sup>297</sup>, que devia acompanhar-me, veio pelo trilho de San Matías com seis soldados armados até os dentes. No ano anterior havíamos decidido reunir os nossos homens e assim, juntos, fazermos a travessia por terra, **levando conosco em burros suprimentos tanto para a equipe fluvial quanto para a nossa**. Atravessamos o rio e à noite acampamos numa pequena cabana situada numa clareira ao pé da imponente Serra de Ricardo Franco.<sup>298</sup>

Fawcett relata então um incidente envolvendo dois soldados fortemente armados; eles teriam disparado muitas vezes contra “índios selvagens” que supostamente estavam

---

<sup>295</sup> “The main body of the Brazilian Commission was occupying the telegraph bungalow in the old city of Matto Grosso when we joined them there, and the following day Commander Oliveira left for the mouth of the Verde with a doctor, an assistant and mountains of provisions.” *Ibidem*, p. 131, grifo nosso, tradução nossa.

<sup>296</sup> “His expedition was ill-fated. Oliveira fell in the river, became ill with fever and was obliged to return to Villa Bella. The others failed to get up the river. [...] they located our trail, but were forced to cross to the Guaporé River, where they remained until a search party rescued them six weeks later.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>297</sup> P. H. Fawcett troca as letras do nome do capitão de corveta José Libanio Lamenha Lins de Souza, o correto é Lamenha, e não Lemanha.

<sup>298</sup> “Commander Lemanha, who was to accompany me, came in from the San Matias trail with six soldiers armed to the teeth. The previous year we had decided to join forces for the overland journey and take with us on donkeys stores for the river party as well. We crossed the river and camped for the night in a small hut in a clearing at the foot of the towering Ricardo Franco Hills.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 131, grifo nosso, tradução nossa.

atacando o acampamento. Fawcett e Fisher, seu assistente, deixam o acampamento para averiguar esse suposto ataque, mas em seguida ele escreve que “[...] não encontramos nenhum sinal de índio – na verdade os dois soldados haviam desperdiçado suas munições com nada além de sombras!”<sup>299</sup>, pontuando que “Atirar contra os índios era a coisa mais perigosa que eles poderiam ter feito.”<sup>300</sup>

Fawcett descreve quão magnífica é a vista dos montes Ricardo Franco e diz que

Ao atingirmos o cume, tivemos que abrir caminho para os animais numa extensão de quase duas milhas<sup>301</sup> de floresta densa. Aquilo nos servira em 1908, porém animais de carga exigem um trilho mais amplo do que o destinado ao homem. A picada foi feita por Fisher e eu, com o auxílio de alguns peões. Os soldados estavam nervosos por causa dos índios – não sem motivo, pois aqueles homens eram mulatos; e os índios, que se lembravam muito bem das perseguições que lhes tinham feito no passado, jamais poupariam um homem negro. Logo encontramos nosso trilho anterior, seguimos a vertente e, em dezesseis dias, chegamos à nascente do rio Verde.<sup>302</sup>

Segundo Guillobel, o grupo de Lamenha Lins havia chegado nas cabeceiras do rio Verde no dia 8 de agosto, sendo que Fawcett havia deixado a região no dia 14 e, Lamenha, no dia 26. Então por 12 dias o grupo de Lamenha Lins ficou esperando os remanescentes do grupo de Oliveira nas cabeceiras do rio Verde, que chegou a essa região no dia 16 de agosto, dois dias após a partida de Fawcett.

Aparentemente houve um desencontro entre os remanescentes do grupo de Oliveira e o grupo de Lamenha. Sabemos por Guillobel que o grupo de Oliveira optou por não perder tempo procurando os suprimentos provenientes do grupo de Lamenha e decidiu retornar ao Guaporé via rio Capivari. Mas o grupo de Lamenha esperou na nascente até o dia 26 de agosto, antes de retornar por terra a Villa Bella. Então havia suprimentos e uma equipe de socorro disponível para o grupo Oliveira, que não usufruiu desses recursos por ter optado por um retorno antecipado ao Guaporé antes de atingirem

---

<sup>299</sup> “[...] no trace did we find of any – in fact the two soldiers had blazed away their ammunition at shadows and nothing more!” *Ibidem*, p. 132, tradução nossa.

<sup>300</sup> “Shooting at the savages was the most dangerous thing they could have done.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>301</sup> 2 milhas equivalem a aproximadamente 3,2 quilômetros.

<sup>302</sup> “Once over the top we had to cut a path through a mile or two of thick forest for the animals. It had been adequate for us in 1908, but cargo animals must have a wider trail than men. The cutting was done by Fisher and myself, with a couple of peons to help. The soldiers were nervous on account of the Indians – not without reason, for the men were mulattos; and Indians, mindful of past persecutions, will never spare a black man. We struck our previous trail before long, followed the watershed, and in sixteen days came to the source of the Verde.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 132, tradução nossa.

a nascente do rio Verde, lembrando que o combinado entre as comissões brasileira e boliviana era de que a picada a ser aberta por Fawcett partiria da nascente do rio Verde para a margem esquerda do Guaporé, o que, segundo o relato de Fawcett foi feito: seu grupo teve que obrigatoriamente abrir um trilho maior para a passagem dos animais de carga que estavam com ele e carregavam suprimentos.

Fawcett descreve a nascente do rio Verde da seguinte forma:

Desta vez os veados eram abundantes e mansos. Uma semana foi suficiente para concluir o trabalho e erigir o marco da fronteira; então, não dispondo de provisões suficientes para uma estada de mais de dez dias, resolvi voltar para Vila Bela e, conforme tínhamos combinado, deixei Lemanha aguardando a chegada do grupo que vinha pelo rio. Entreguei a Lemanha um mapa detalhado da região, pois o seu senso de direção não estava bem apurado.<sup>303</sup>

Fawcett resolve “[...] voltar pelo mesmo caminho, baseando-nos no mapa que havíamos feito na última vez [1908].”<sup>304</sup> No relatório de Guillobel é citada a informação de que Fawcett preferiria abrir a picada partindo da nascente do rio Verde e indo em direção à margem esquerda do Guaporé, ou seja, ao retornar para Vila Bela. Mas em seus diários está registrado que Fawcett abriu apenas parte da picada na ida, ou seja, no sentido Guaporé-rio Verde, já que, na volta, ele usou o mesmo caminho que teria sido aberto por ele mesmo em 1908, o qual era mais estreito em relação a um trilho aberto para viabilizar a passagem de animais de carga. É de se considerar a versão de Fawcett em que ele abre a picada no deslocamento de ida em direção à nascente do rio Verde e volta pelo trilho de 1908, uma vez que, presumivelmente, ele havia deixado os animais de carga com provisões na nascente do rio Verde com Lamenha para suprir o grupo de Oliveira que foi pelo rio. Do ponto de vista de Fawcett essa estratégia dá certo e no quarto dia<sup>305</sup>

[...] tornamos a entrar na antiga cidade, onde encontramos o comandante Oliveira, o qual já tinha voltado do rio Verde e estava ansioso por ter notícias do resto de seu grupo. Eu disse-lhe que não os tinha visto. Ele relutou em acreditar que os seus homens não tivessem chegado a seu destino, mas enviou um grupo de salvamento pelo rio Guaporé para procurá-los. Foram encontrados na margem esquerda do rio completamente sem recursos e em más condições. Enquanto isso, Lemanha esperou na nascente do rio Verde até que

---

<sup>303</sup> “*This time deer were plentiful and quite tame. A week there was sufficient to complete the work and erect the frontier mark; and then, not having enough provisions for a stay of more than ten days, I decided to get back to Villa Bella and, as arranged, leave Lemanha to await the river party. I gave Lemanha a detailed map of the region, as his bump of locality was not well-developed.*” *Ibidem*, p. 132, tradução nossa.

<sup>304</sup> “*We decided to retrace our steps by means of the detail map made on the way out last time.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>305</sup> Portanto, dia 18 de agosto de 1909, já que deixaram a nascente no dia 14. O dia 18 também aparece no relatório de Guillobel como a data de retorno da comissão boliviana à Vila Bela.

começaram a diminuir as provisões, e então retornou, ansioso para saber qual o destino do grupo que tinha seguido pelo rio.<sup>306</sup>

O relatório de Guillobel dá a entender que, desde o dia 11 de agosto, o chefe Frederico de Oliveira havia mandado equipes de resgate percorrerem a margem do rio Guaporé em busca do resto de seu grupo que continuou a fazer o levantamento do rio Verde após seu retorno por motivos de saúde. Fawcett retorna no dia 18 de agosto, sem informações do grupo que vinha pelo rio. As buscas de resgate continuam. Lamenha e a segunda subcomissão brasileira retornam no dia 26 de agosto, e é esse mesmo grupo, segundo Guillobel, que encontra o grupo que vinha pelo rio em condições precárias e realiza a operação de resgate no dia 2 de setembro. Fawcett já havia deixado Vila Bela no dia 20 de agosto em direção à Corumbá e escreve que

Oliveira gentilmente nos forneceu provisões, **tendo as nossas sido furtadas, presumivelmente pelos habitantes negros**<sup>307</sup>. Depois [...] propus a Fisher embrenhar-nos pelas selvas, tomando a direção nordeste, a fim de visitarmos os índios Parecis. Fisher e Pacheco foram contra a ideia; cavalguei então a sós pela planície ao norte da cidade na esperança de avistar algum deles.<sup>308</sup>

Na versão de Fawcett, ele vai atrás de seus interesses após considerar concluído o trabalho relativo à demarcação de fronteira. Desse ponto de vista, o único desacerto dele

---

<sup>306</sup> “[...]re-entered the old city, to find Comandante Oliveira already returned from the Verde and anxious for news of the rest of his party. I told him we had not seen them. He was reluctant to believe that they had not reached their destination, but finally sent a relief boat down the Guapore to scout for them. They were found on the left bank, destitute of food and in a bad way. Meanwhile Lemanha waited on up at the source of the Verde until his provisions ran low, and then returned, with great anxiety as to the fate of the river party.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 133, tradução nossa.

<sup>307</sup> Guillobel já havia apontado em seu relatório que os habitantes de Vila Bela eram “quase em sua totalidade negros” e aqui Fawcett faz uma grave acusação sem provas que evidencia o seu pensamento racista. É interessante que Brian Fawcett tenha mantido essa passagem na edição dos escritos de seu pai, uma vez que ele teria a opção de suprimi-la do livro publicado em 1954. Neste trecho podemos observar como os relatos e as memórias de viagem representam o ponto de vista singular dos viajantes e exploradores que, como Fawcett, observam o mundo a partir de suas lentes socioculturais, científicas, políticas, econômicas, e, portanto, podem ser descritos como sistemas de representação da realidade. Para maiores debates em torno do uso de relatos de viagem como fonte histórica, ver FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, São Paulo, v. 2, Editora Humanitas, 2011.

<sup>308</sup> “Oliveira kindly furnished us with provisions, our own stores having been looted, presumably by the negro population. Then, as we had plenty of time, I proposed to Fisher that we entered the forest to the north-east and visited the Parecis Indians. Fisher and Pacheco were against the idea, and so I rode out alone on the plain to the north of the city in the hope of seeing some.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 133, grifo nosso, tradução nossa.

foi não ter ficado para ajudar com o resgate do grupo que vinha pelo rio e esperado para garantir que todos estivessem sãos e salvos. Tanto no relato de Fawcett quanto no relatório oficial de Guillobel não há provas de que Fawcett agiu deliberadamente para prejudicar o grupo de Oliveira em detrimento de seus interesses particulares. Fawcett chegou às cabeceiras do rio Verde com os suprimentos, deixou-os lá<sup>309</sup> juntamente com uma equipe que esperou pelo grupo do rio o máximo de tempo que lhes foi possível. O grupo que vinha pelo rio chegou às cabeceiras do rio Verde, mas nunca foi até a sua nascente, que era o ponto de encontro, tendo decidido retornar pelo rio Capivari, ou seja, mesmo Fawcett não tendo aberto a picada ou tendo aberto apenas parte dela, isso não prejudicaria totalmente o grupo do rio, pois seus membros decidem retornar por outro caminho. Nesse sentido, é importante ter sempre em mente que a picada de Fawcett partiria da nascente do rio Verde, então, para localizá-la, seria necessário chegar até esse ponto específico.

Consideramos o episódio do rio Verde um acontecimento emblemático para o historiador, que trabalha selecionando e estudando fontes diversas. A peculiaridade do episódio do rio Verde consiste no fato de que nos deparamos aqui com quatro fontes distintas abrangendo o mesmo acontecimento. Como lidar então com essas fontes? Por meio do paradigma indiciário.

Além de ser emblemático para os historiadores, o episódio do rio Verde foi determinante para a construção e consolidação da reputação de Fawcett no Brasil, uma vez que em todas as versões que não a sua própria, ele é tido como um sujeito egoísta que abandonou homens à própria sorte no meio do mato, sem suprimentos e, além disso, não ficou para ajudar a resgatá-los, tendo ido embora o mais rápido possível para perseguir seus interesses particulares. Ao cruzarmos as quatro fontes distintas pudemos observar que essa versão dos fatos é no mínimo exagerada: é possível depreender dos documentos oficiais que Fawcett não abandonou ninguém sem suprimentos. Ele até pode ter deixado de cumprir a maior parte do acordo<sup>310</sup> de abrir a picada entre a nascente do rio Verde e o rio Guaporé, mas já averiguamos – pelos mesmos documentos oficiais – que essa picada não fez diferença na operação de resgate porque o grupo que depois precisou ser resgatado optou por um caminho diferente. No entanto, prevaleceu na opinião pública brasileira a versão dos fatos na qual Fawcett não apenas descumpriu o seu compromisso com os

---

<sup>309</sup> Ele não teria conseguido voltar pelo caminho de 1908 com animais de carga.

<sup>310</sup> Fawcett afirma ter aberto a picada por 2 milhas (3,2 km), mas no relatório de Guillobel a distância que sua picada deveria cobrir compreendia de 30 a 40 km.

brasileiros como também colocou suas vidas em risco. A essa visão somaram-se as especulações a respeito do real objetivo de Fawcett em território brasileiro: o que procurava ele aqui?

É fato que Fawcett era inclinado a não revelar seus planos e objetivos a quase ninguém, e isso alimentou ao longo do tempo a desconfiança das autoridades brasileiras – como o marechal Rondon, por exemplo – a respeito das reais intenções de Fawcett ainda na década de 1910. Mais tarde, no decorrer das expedições realizadas na década de 1920 e vez ou outra quando alguém especulava sobre seu paradeiro ao longo da década de 1930, essa incipiente desconfiança cresceu e se transformou em combustível para jornalistas alimentarem uma panfletagem ufanista que protestava, com razão<sup>311</sup>, contra os assim chamados “invasores estrangeiros” que estariam atrás de nossas riquezas e que, ao retornarem para os seus respectivos países de origem, “[...] nos irão humilhar lá fora, dizendo mal dos nossos hábitos; deprimindo nossa cultura e, talvez, falando da nossa falta de hospitalidade...”<sup>312</sup>

Sobre a preferência de Fawcett em manter seus planos envoltos numa aura misteriosa e sobre o episódio do rio Verde o jornalista Antonio Callado comenta o seguinte:

O gosto pelo mistério e a escassa disposição de prestar conta de seus atos a outrem fizeram com que a figura do coronel Fawcett ficasse algo antipática no Brasil durante muito tempo. [...] em 1909, quando brasileiros e bolivianos, para cumprirem o Tratado de Petrópolis, precisaram fazer o levantamento do Rio Verde, Fawcett, que servia ao governo boliviano para as questões de fronteira, marcou com os brasileiros um encontro na mata que não se verificou. Fawcett foi por isso acusado até de haver esfomeado os brasileiros, pois, apesar de transportar os mantimentos para as duas comissões, resolvera ir fazer uma pesquisa em lugar diferente e jamais aparecera... A história parece mentirosa ou pelo menos exagerada. Tanto os depoimentos recentes do coronel Rabelo Leite como, segundo Brian Fawcett, as notas de viagem de seu pai desmentem ou alteram muito essa versão drástica.<sup>313</sup>

A primeira edição de *Esqueleto na Lagoa Verde* é de 1953, ou seja, nove anos após a publicação de *E Fawcett não voltou*, portanto é muito provável que é aos depoimentos colhidos por Morel que Callado está se referindo aqui. O comentário de

---

<sup>311</sup> Tendo em vista o episódio do extravio das sementes de seringueira protagonizado pelo inglês Henry Wickham em 1876.

<sup>312</sup> BASTA de explorações... Os descobridores de cousas sensacionaes e as commissões scientificas têm custado caro ao Brasil. **A Esquerda**, Rio de Janeiro, 6 ago. de 1931, p. 2.

<sup>313</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010, pp. 58-59.



Callado é pertinente, pois aponta para a necessidade de ponderarmos as versões diversas e frequentemente conflitantes entre si relativas a um mesmo evento antes de escrevermos sobre ele, seja num texto jornalístico ou historiográfico. Callado encerra seu comentário dizendo que:

[...] a ideia de que Fawcett se afastou da rota para fazer uma pesquisa (uma cidade, um tesouro, *quien sabe?*) carrega consigo uma convicção tremenda. Não teria sido meramente inventada. Quem conhecesse o menino de Torquay poderia inventá-la, mas os que a contaram não conheciam [o passado de Fawcett]. O resto da história será um exagero.<sup>314</sup>

De fato, nas cinco expedições que Fawcett realizou entre 1906 e 1914, era latente a sua vontade de ir em busca de cidades perdidas, como a misteriosa “Z”, por exemplo, enquanto desempenhava suas funções como topógrafo nas comissões demarcadoras de fronteira, sendo que essa combinação de interesses aparece com frequência em seus registros de viagem. Era latente também o seu racismo de base cientificista, conforme observamos no desenrolar do episódio do rio Verde e em outras ocasiões antes e depois disso. Nos próximos capítulo abordaremos justamente a intrincada relação entre racismo científico e a procura por cidades perdidas no final do século XIX e início do XX.

---

<sup>314</sup> *Ibidem*, p. 59.

## Capítulo 2 – A cidade perdida de Z: expedição entre 1920-1921

Viajar, para que e para onde,  
Se a gente se torna mais infeliz  
Quando retorna? Infeliz  
E vazio, situações e lugares  
Desaparecidos no ralo,  
Ruas e rios confundidos, muralhas, capelas,  
Panóplias, paisagens, quadros  
[...]  
Mas ficar, para que e para onde,  
Se viajar é a única forma de ser feliz  
E pleno?<sup>315</sup>

Waly Salomão

*It's not down in any map; true places never are.*<sup>316</sup>

Herman Melville

### 2.1 A sexta expedição (fevereiro de 1920 – agosto de 1921) e o embate com o marechal Rondon

Com o término da I Guerra Mundial em novembro de 1918 Fawcett se vê livre para retomar suas expedições em território brasileiro e determina que “Os meus trabalhos agora vão ser feitos no Brasil.”<sup>317</sup> Apesar de animado com a possibilidade de dar continuidade às suas pesquisas, Fawcett leva um golpe de realidade ao enfrentar obstáculos para arrecadar fundos para uma nova incursão ao *hinterland* brasileiro e para retomar o mesmo ritmo exploratório de antes da guerra. Em suas palavras, ele “[...] tinha sofrido grades perdas; pois a guerra obrigara-me a abandonar os elos de uma nova atividade; e seria bastante difícil retomar esses elos.”<sup>318</sup>

Consternado, ele registra que:

Os meus trabalhos despertaram certo interesse na Inglaterra, porém não tinham conseguido ainda atrair um apoio financeiro. Talvez o objetivo fosse demasiadamente romântico para conservadores cabeçudos, que preferiam investir em expedições ao Monte Everest e à boa e velha Antártida. [...] Como um membro condecorado com a *Founder's Medalist* da *Royal Geographical Society*, fui ouvido respeitosamente, porém era uma tarefa que estava além da minha capacidade fazer aqueles cavalheiros idosos ou os arqueólogos e peritos

<sup>315</sup> SALOMÃO, Waly. **Jet Lag**: poemas para viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 25.

<sup>316</sup> MELVILLE, Herman. **Moby Dick or, The Whale**. New York: Penguin Books, 1992, p. 117.

<sup>317</sup> “*My present work is in Brazil.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 208, tradução nossa.

<sup>318</sup> “*I had lost heavily; for the war caused me to drop the threads of a new activity; and to pick up those threads once more would be difficult.*” *Ibidem*, p. 209, tradução nossa.

do museu de Londres, acreditarem numa fração daquilo que eu sabia ser verdade.<sup>319</sup>

Além de demonstrar preocupação com as dificuldades em conseguir financiamento para suas expedições, Fawcett demonstra ainda um certo pessimismo, resultado do pós-guerra e de todos os horrores vivenciados por ele e seus companheiros de batalhas ao longo de mais de quatro anos no front.

Saí da guerra convencido de que a Grã-Bretanha, como potência mundial, estava em declínio, e vi a Europa apenas como um lugar a ser evitado. Muitos milhares devem ter passado por aqueles quatro anos de lama e sangue com uma desilusão similar, que é a consequência inevitável da guerra, salvo para os poucos que dela lucraram materialmente. [...] Deixei o exército com uma generosa pensão de £150 por ano, porém custara-me o dobro voltar para casa com Costin e Manley.<sup>320</sup>

No entanto, mesmo que obtivesse a quantia necessária para tanto, Fawcett não conseguiria dispor novamente dos serviços de Henry Costin e Henry Manley, pois o primeiro havia se casado logo após o fim da Grande Guerra e o segundo havia morrido em decorrência de problemas cardíacos. Ele então muda de estratégia e começa a tentar angariar fundos para uma nova expedição com o governo brasileiro. Ele aproveita que o recém-eleito<sup>321</sup> presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, está em Londres e solicita uma audiência com o chefe de estado brasileiro. Pessoa estava na Europa para representar o Brasil na Conferência de Paz de Paris, que ocorreu entre os dias 18 e 21 de janeiro de 1919 e só retornaria ao Brasil no dia 21 de junho do mesmo ano, portanto o encontro entre os dois se deu em algum momento entre janeiro e junho de 1919.

---

<sup>319</sup> “A certain amount of interest was aroused in England by my work, but financial support was not forthcoming. Perhaps the objective was too romantic for hard-headed conservatives, who much preferred to play safe and back expeditions to Mount Everest and the good old Antarctic. [...] As a Founder’s Medallist of the Royal Geographical Society I was accorded a respectful hearing, but to get the elderly gentlemen or the archaeologists and museum experts in London to credit a fraction of what I knew to be true was a task altogether beyond my powers.” *Ibidem*, p. 208, tradução nossa.

<sup>320</sup> “I came out of the war convinced that as a world power Britain was on the wane, and I saw Europe only as a place to avoid. Many thousands must have come through those four years of mud and blood with a similar disillusionment, which is the inevitable aftermath of war, except for the very few who gain materially by it. [...] I left the army with a noble gratuity of £1 50 a year, but it had cost me double that to come home with Costin and Manley.” *Ibidem*, p. 209, tradução nossa.

<sup>321</sup> Epitácio Pessoa foi eleito presidente do Brasil enquanto estava na Europa, numa das eleições mais atípicas de todo o período republicano. Rodrigues Alves, que havia vencido o pleito de 1 de março de 1918, não chegou a assumir o cargo por motivo de doença, vindo a óbito em 16 janeiro de 1919. O vice-presidente Delfim Moreira assumiu o cargo interinamente até que novas eleições foram convocadas às pressas em 13 de abril de 1919, cujo resultado levou o paraibano Epitácio Pessoa a assumir a presidência.

Sobre esse encontro, Fawcett escreve que:

Quando o Presidente do Brasil, dr. Pessoa, visitou Londres, ele foi muito gentil em conceder-me uma audiência e ouviu com interesse o que eu tinha a lhe dizer. Vim a saber mais tarde que o seu governo se achava, na ocasião, incapacitado de subsidiar quaisquer investigações; no entanto, isso de maneira alguma se deu por indiferença. O Brasil estava agora na sombra da crise financeira, e todos os gastos não essenciais foram reduzidos ao mínimo.<sup>322</sup>

Além do contexto de crise econômica, o país estava passando também por uma crise política gerada pela recente morte<sup>323</sup> de Rodrigues Alves e pela eleição de Pessoa realizada às pressas. Epitácio Pessoa ainda não tinha sido empossado presidente e já lhe pediam favores no estrangeiro, favores que eram difíceis de atender uma vez que nem no Brasil ele havia pisado como presidente eleito. Diante da negativa de Pessoa, Fawcett mais uma vez muda sua estratégia de arrecadação de fundos e decide vir pedir financiamento aos ministros brasileiros, pois “Talvez eu tivesse mais êxito, pensei, no Rio, onde poderia entrar em contato com os ministros que tinham a seu cargo as questões do interior. Achava que, sem dúvida, teria melhor sorte tratando do caso no próprio país. Ali cheguei em fevereiro de 1920.”<sup>324</sup>

Ele se hospeda inicialmente no Hotel Internacional, em Santa Teresa, mas sente-se impellido a se hospedar em outro local pois esse hotel “[...] estava transformando-se rapidamente em refúgio de alemães”<sup>325</sup>, o que desperta em Fawcett um certo senso patriótico que o impede de “[...] encarar os alemães com a mente aberta.”<sup>326</sup> De qualquer forma, as coisas parecem começar a dar certo, “[...] pois *Sir Ralph Paget*, o embaixador

---

<sup>322</sup> “*When the President of Brazil, Dr. Pessoa, visited London, he was good enough to give me an audience, and listened with interest to what I had to tell him. I heard later that his Government was at the moment unable to subsidize any investigations; but this was by no means through indifference. Brazil was now in the shadow of the financial crisis, and all inessential expenditure was cut to a minimum.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 210, tradução nossa.

<sup>323</sup> Sobre a morte de Rodrigues Alves a versão oficial é de que ele morreu por conta da gripe espanhola, mas as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloísa Starling questionam esse dado, pois, após o contágio, a gripe espanhola leva o indivíduo a óbito em poucos dias, e o quadro de saúde de Rodrigues Alves apresentava problemas havia meses. Para aprofundamento nessa questão, ver SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. **A Bailarina da Morte: a gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, pp. 298–9.

<sup>324</sup> “*Perhaps I should have more success, I thought, in Rio, where I could make contact with the ministers concerned with affairs in the interior. Unquestionably I would stand a better chance on the spot. In February 1920 I arrived there.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 209, tradução nossa.

<sup>325</sup> “[...] *was fast becoming a sanctuary for Germans.*” *Ibidem*, pp. 209-210, tradução nossa.

<sup>326</sup> “[...] *to regard Germans with a completely open mind.*” *Ibidem*, p. 210, tradução nossa.

britânico, convidou-me para que me hospedasse em sua bela residência, na embaixada.”<sup>327</sup> A influência de *Sir Ralph Paget* será determinante para o sucesso de Fawcett numa segunda audiência com Epitácio Pessoa – dessa vez acompanhado de alguns de seus ministros e do general Rondon –, tanto é que o próprio Fawcett reconhece que

[...] não obtive êxito até que o embaixador britânico apoiou, com o peso de sua influência, os meus pedidos. Foi então que o governo consentiu em subsidiar uma expedição. Eu não receberia pagamento, porém eles concordaram em dar um bom salário a um oficial do nosso ministério da Aeronáutica na Inglaterra, que estava ansioso para me acompanhar.<sup>328</sup>

No entanto, o oficial inglês desiste da empreitada e Fawcett se vê às voltas mais uma vez com o problema de conseguir um bom ajudante e companheiro de viagem. “Achava-me quase desesperado quando fui apresentado a um australiano enorme [...]. ‘Butch’ Reilley, com quase dois metros de altura e ombros largos, afirmava ser um major condecorado com a Cruz da Vitória, domador de cavalos, marinheiro e inúmeras outras coisas.”<sup>329</sup> Como a contratação de Butch fica a cargo de Fawcett, o governo lhe promete “[...] dois oficiais brasileiros. O general Rondon, o conhecido explorador do sertão e engenheiro que havia acompanhado Roosevelt na expedição do rio da Dúvida, teve a gentileza de fazer os arranjos necessários para a chegada deles.”<sup>330</sup>

Desse encontro achamos outras três fontes que descrevem um cenário ligeiramente menos amistoso do que o descrito no livro contendo a compilação dos manuscritos do coronel Fawcett. O biógrafo de Rondon, o repórter Larry Rohter<sup>331</sup>, o jornalista que escreveu uma grande reportagem sobre Fawcett, David Grann<sup>332</sup>, e o jornalista que nos anos 1940 tentou refazer os últimos passos de Fawcett no Brasil, Edmar

---

<sup>327</sup> “[...] for *Sir Ralph Paget*, the British Ambassador, invited me to stay with him at the beautiful Embassy residence.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>328</sup> “[...] achieved no success till the British Ambassador added the weight of his influence to my requests. Then the Government consented to subsidize an expedition. I would receive no pay, but they agreed to give a good salary to an officer in our Air Ministry at home, who was anxious to accompany me.” *Ibidem*, pp. 210-211, tradução nossa.

<sup>329</sup> “When almost desperate, I met a huge Australian [...]. ‘Butch’ Reilly, six feet five in height and broad as a barn door, claimed to be a major and a V.C., a bronco-buster, a sailor and several other things.” *Ibidem*, p. 211, tradução nossa.

<sup>330</sup> “[...] two Brazilian officers; and General Rondon, the well-known explorer and engineer who had accompanied the Roosevelt expedition to the Rio Duvida, was kind enough to make the necessary arrangements for them to come.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>331</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, pp. 375-379

<sup>332</sup> GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 220-221.

Morel<sup>333</sup>, afirmam que não havia nada de gentil na postura de Rondon em relação a Fawcett, pelo contrário, o clima geral era de desconfiança, de ambas as partes: Rondon desconfiava que Fawcett estava escondendo alguma coisa do governo brasileiro e Fawcett desconfiava que Rondon estava tentando sabotá-lo. A postura de Rondon é justificada pela insistência de Fawcett em manter em sigilo a rota e o propósito de sua expedição. É muito provável que, além disso, deve ter pesado contra Fawcett a repercussão do episódio do rio Verde, ocorrido em 1909<sup>334</sup>. Já quanto ao posicionamento de Fawcett, é provável que se deva à tentativa de não atrair atenção em demasia para o real propósito da viagem: Z – que para Fawcett era tão importante que ele não desejava intrusos atravessando o seu caminho.

De qualquer forma, os três jornalistas enfatizam que Fawcett não aceitou a proposta de Epitácio Pessoa para que se formasse uma expedição anglo-brasileira chefiada por Rondon nos moldes da expedição Roosevelt-Rondon que entre 1913 e 1914 havia percorrido o rio da Dúvida. Todos os autores destacam ainda a insistência de Fawcett em ir sozinho. Essa versão dos fatos difere muito da versão dos escritos de Fawcett, segundo os quais ele fica animado com a participação de brasileiros na expedição que ele estava organizando e se refere a Rondon num tom respeitoso.

Para escrever sobre o encontro entre Fawcett e Rondon, Edmar Morel havia entrevistado Rondon “[...] em seu gabinete, no Conselho Nacional de Proteção aos Índios, ouvi-o durante duas horas sobre os fatos ocorridos em 1920.”<sup>335</sup> Nessa entrevista realizada em 1943, portanto mais de vinte anos depois dos fatos, Rondon dá a sua versão dos acontecimentos:

No decorrer da demorada conversa, na qual Fawcett procurou envolver de denso mistério o seu propósito, o sr. Epitácio Pessoa me pediu que desse minha opinião sobre a viagem do europeu. Creio que fui um pouco rude ou, até mesmo, deselegante. Falei como soldado e sertanista. Disse-lhe que, para fazer-se explorações no Brasil não precisávamos de estrangeiros, pois quaisquer nacionais, fossem da Marinha, do Exército, ou civis estavam aptos a um empreendimento daquela monta. A minha resposta chocou o Cel. Fawcett e o sr. Epitácio Pessoa contornou a situação. O primeiro magistrado da Nação declarou, então, que estava de acordo com o meu modo de pensar. Mas, Mr. Fawcett desejava entrar em Mato Grosso e também o Governo queria servir ao embaixador inglês, Ralph Paget, que tinha interesse em atender a um seu patricio. Apresentei, então, a ideia da formação de uma comissão brasileira, à

---

<sup>333</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, pp. 37-49.

<sup>334</sup> Ao aventar a possibilidade de Fawcett estar morto depois de decorridas quase duas décadas desde seu desaparecimento em 1925, o jornalista Edmar Morel sentencia que “[...] o sertanista britânico teve o fim que, fleumaticamente, desejava aos nossos patricios na expedição do rio Verde.” *Ibidem*, p. 153.

<sup>335</sup> *Ibidem*, p. 40.

qual Fawcett seria agregado. [...] Recordo-me ainda e bem de suas palavras, retrucando esse projeto:

– Quero seguir sozinho! Uma viagem com muita gente tem seus inconvenientes...<sup>336</sup>

É notável como as versões de Rohter e Grann estão alinhadas com o depoimento de Rondon. Novamente, como no episódio do rio Verde, temos mais de uma versão para o mesmo acontecimento e os jornalistas elegem uma delas e a tomam para si, reproduzindo-a sem fazer um contraponto com versões discrepantes. No caso de Rohter até faz sentido que ele eleja a versão de Rondon, seu biografado, mas o livro de Grann é sobre Fawcett, então é mais difícil justificar porque ele não contrapõe a versão de Fawcett com a versão de Rondon. A contraposição é importante para problematizarmos o uso das fontes biográficas e autobiográficas e refletirmos sobre o contexto de publicação da compilação dos manuscritos, cartas, diários e registros do coronel Fawcett por seu filho, Brian Fawcett, em 1953. Nesse momento, Rondon ainda era uma figura pública proeminente, tanto que, em 1955, aos noventa anos de idade, ele recebe do Congresso Nacional a patente de marechal do Exército Brasileiro. Portanto, acreditamos que Brian possivelmente optou por deixar registrada no livro com os escritos do pai uma versão onde a relação do coronel Fawcett com um proeminente militar brasileiro parecesse muito mais harmoniosa e menos conflitante do que era na realidade; na versão do coronel, editada por Brian, o conflito desaparece.

O relato de Fawcett sobre a expedição de 1920 prossegue e ele descreve que, na companhia de Butch, ele parte para São Paulo em 12 de agosto e lá eles dão continuidade aos preparativos da viagem. Juntos visitam o Instituto Butantan, onde lhes fornecem “[...] uma boa quantidade de soro contra mordida de cobras para o caso de algum acidente.”<sup>337</sup> De São Paulo eles vão de trem até o rio Paraguai e sobem o rio em direção a Corumbá num barco a vapor. Chegando lá, Fawcett escreve que “Aguardava-me ali um telegrama. Dizia que o governo tinha sido forçado a cancelar os serviços dos dois oficiais devido à crise financeira e às despesas causadas pela visita do rei e da rainha da Bélgica. Era uma notícia muito grave [...]”<sup>338</sup> É difícil dizer com certeza se desde a saída do Rio de Janeiro

---

<sup>336</sup> *Ibidem*, pp. 40-41.

<sup>337</sup> “[...] a quantity of snake serum in case of accidents.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 212, tradução nossa.

<sup>338</sup> “Here a telegram awaited me. It said that the Government was forced to cancel the services of the two officers owing to the financial crisis and the heavy expenditure occasioned by the visit of the Belgian King and Queen. This was serious News [...]” *Ibidem*, tradução nossa.

já estava definido que Fawcett iria sem a presença de brasileiros em seu grupo ou se realmente aconteceu esse corte de gastos por parte do governo brasileiro enquanto ele se deslocava entre São Paulo e Corumbá.

No depoimento de Rondon consta que ele ficou responsável por determinar quem acompanharia Fawcett e ele “Já havia chamado o capitão Tibúrcio Cavalcante para iniciar os trabalhos, quando recebi novo chamado para ir ao Palácio Guanabara. O sr. Epiácio Pessoa queria comunicar-me que havia resolvido permitir a entrada de Fawcett com os seus dois homens [...]”<sup>339</sup> Infelizmente Rondon não informa a data desse acontecimento.

De um jeito ou de outro, Fawcett teve que contratar mais um ajudante, e “O novo membro da expedição chegou depois que tínhamos estado em Cuiabá cerca de um mês. Era um jovem alegre e asseado, cheio de boas intenções. Disse-me o nome todo e acrescentou: ‘Chame-me Felipe’.”<sup>340</sup> Eles partem de Cuiabá dois dias após a chegada de Felipe e Fawcett registra que “Fomos hospitaleiramente recebidos em toda a parte enquanto seguíamos para o norte.”<sup>341</sup> A intenção de Fawcett era “[...] passar pelo menos dezoito meses nas selvas e dali sair por um de seus grandes rios<sup>342</sup>. Por sugestão do general Rondon, levaria dois cavalos e dois bois de carga [...] até ao ponto em que teríamos que carregar somente o equipamento que fosse indispensável.”<sup>343</sup>

As dificuldades logo se apresentam: o valentão Butch mal consegue montar seu cavalo, retorna a Cuiabá decorridos apenas três dias de viagem e Fawcett fica apenas com Felipe, porém ele não se sentia “[...] confiante em relação à sua capacidade de suportar adversidades.”<sup>344</sup> Conforme eles avançam para o norte mais dificuldades surgem. “Chovia constantemente – as chuvas tinham começado mais cedo em 1920 – e violentas tempestades nos assolavam dia e noite. [...] tínhamos chegado com um mês de atraso

---

<sup>339</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 42.

<sup>340</sup> “*The new member of the party arrived after we had been in Cuyaba a month, a cheerful and neat young man who bubbled over with good intentions. He told me his full name, and added, ‘Call me Felipe’.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 213, tradução nossa.

<sup>341</sup> “*We were most hospitably received everywhere as we headed north.*” *Ibidem*, p. 214, tradução nossa.

<sup>342</sup> Tal como o fizera o grupo que supostamente descobriu a cidade abandonada em 1753 segundo a narrativa presente no Documento 512.

<sup>343</sup> “[...] *to spend at least eighteen months in the forest and come out eventually on one of the big rivers. At General Rondon's suggestion I would load two horses and two oxen, and take them beyond the point where we would have to give up our riding animals. There would also be a limit for the oxen, from which point we ourselves would carry what equipment was indispensable.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 213, tradução nossa.

<sup>344</sup> “[...] *confident about his ability to stand hardships.*” *Ibidem*, p. 214, tradução nossa.



para a travessia daquela região.”<sup>345</sup> Além de serem assolados pelas chuvas, eles eram constantemente atormentados por nuvens de insetos. Todos esses problemas foram agravados após o cavalo de Felipe morrer afogado, obrigando-o a prosseguir a pé. A partir desse momento Felipe começa a apresentar os mais variados sintomas de exaustão, até que Fawcett decide que “Não havia alternativa senão levá-lo de volta e renunciar àquela viagem fracassada – um fracasso revoltante e doloroso.”<sup>346</sup>

Na volta para Cuiabá eles vão “[...] caminhando de posto em posto, sempre recebendo hospitalidade e auxílio.”<sup>347</sup> Esses postos aos quais Fawcett se refere podem ser os postos Simão Lopes e Batovi do SPI – Serviço de Proteção ao Índio, criado em 1910 durante o governo de Nilo Peçanha, que nomeou Rondon para a direção do novo órgão, cargo que ele ocupou até 1930 – ou podem ser, também, postos das linhas telegráficas criados pela Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas – conhecida popularmente como Comissão Rondon, dado o papel preponderante desempenhado por ele à frente desse empreendimento.

De qualquer forma, Rondon logo foi notificado sobre o fracasso da expedição de Fawcett e, a partir disso, um breve, porém acalorado embate entre os dois se desenrola por meio da publicação de cartas e telegramas nos periódicos da época. Vamos nos ater aqui à discussão veiculada pelo jornal carioca *A Noite*, entre 15 de dezembro de 1920 e 26 de fevereiro de 1921.

O embate se inicia com a publicação de um “[...] longo despacho enviado [por Rondon] ao capitão Amílcar Botelho e datado de Cuyabá a 13 do corrente [dezembro de 1920].”<sup>348</sup> A publicação desse despacho se dá juntamente com a notícia de que a Comissão Rondon acabara de completar “[...] o levantamento do Coluêne, desde suas cabeceiras até à foz, serviço esse que foi levado a termo pelo distinto ajudante e explorador de reconhecida energia – capitão Ramiro Noronha.”<sup>349</sup> A matéria enfatiza que a Comissão Rondon obteve êxito no mesmo empreendimento em que Fawcett fracassara, dando a entender que ambas as expedições tinham o mesmo objetivo: o levantamento da

---

<sup>345</sup> “*It rained incessantly – the rains were early in 1920 – and violent thunderstorms broke over us day and night. [...] we were a month too late for this section of the trip.*” *Ibidem*, p. 216, tradução nossa.

<sup>346</sup> “*There was nothing for it but to take him back and give up the present trip as a failure – a sickening, heartrending failure.*” *Ibidem*, p. 217, tradução nossa.

<sup>347</sup> “*From post to post we went on, always receiving great hospitality and help.*” *Ibidem*, p. 218, tradução nossa.

<sup>348</sup> DESBRAVANDO os nossos sertões. O insucesso da expedição do coronel Fawcett. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1920, p. 1.

<sup>349</sup> *Ibidem*.

bacia do rio Culuene, tanto é que o subtítulo da matéria é “O insucesso da expedição do coronel Fawcett – Mas a Comissão Rondon realiza [*sic*] o feito, em vão, tentado, no Alto Xingú.”<sup>350</sup>

O telegrama de Rondon diz o seguinte:

A expedição do coronel Fawcett foi desbaratada em pleno chapadão pelas chuvas de novembro. Primeiramente voltou Australiano, que o acompanhava, e, por fim, o próprio coronel Fawcett, apesar de todo o seu orgulho de explorador, que não queria auxílio de animal, nem de ninguém, para carregar seu trem de exploração. O homem, que partiu disposto a atravessar e cruzar os sertões do Xingú, sem cogitar como havia de se alimentar durante essa travessia, aqui está de volta, magro, naturalmente acabrunhado por ter sido forçado a bater em retirada antes de entrar no duro da exploração ainda em pleno chapadão das cabeceiras do Xingú. Lamento não ter o governo organizado a expedição brasileira que deveria acompanhar a inglesa; teria assim o explorador inglês apoio firme para varar o sertão bruto, estabelecido como está que uma vez iniciada qualquer exploração, nenhum explorador de nossa comissão jamais voltaria em meio caminho. Abraços. – Rondon.<sup>351</sup>

Rondon é duro em sua assertiva sobre o desfecho da expedição do coronel inglês, o telegrama revela o sentimento de superioridade de Rondon, que toma o fracasso de Fawcett como sinônimo de seu triunfo profissional. A réplica de Fawcett vem à tona dois meses depois, por meio de uma carta publicada no dia 16 de fevereiro de 1921. Nessa carta ele pede o direito de resposta e questiona a veracidade do telegrama de Rondon. Fawcett escreve o seguinte ao editor do jornal *A Noite*:

[...] Não sei de que fonte o distinto general Rondon colheu a sua informação; mas eu estava em Cuyabá, na data do aparecimento do telegrama, não havendo, portanto, dificuldades em procurar esclarecimentos que o corroborassem. A expedição não se empregava no mesmo trabalho da missão Rondon [...]. O meu trabalho, terrestre, foi completado em dezembro, e tendo eu só um companheiro, decidi entrar em Cuyabá, para esperar o fim das chuvas antes de atacar uma secção mais importante. [...] Os australianos mencionados pelo general Rondon, voltaram de Cuyabá em setembro e não me acompanharam. [...] No que diz respeito à ‘expedição Fawcett’ até aqui ella não tem sido abandonada. [...] Os objetivos são muito distintos de inspecção topográfica das cabeceiras do Xingú e Pacaratinga, que estão, creio, sendo levadas a effeito, admiravelmente, pela comissão Rondon.<sup>352</sup>

O mais curioso é que em seu diário Fawcett registra o retorno à Cuiabá como sendo um “fracasso doloroso”, mas de fato, isso não significava o encerramento da

---

<sup>350</sup> *Ibidem*.

<sup>351</sup> *Ibidem*.

<sup>352</sup> DESBRAVANDO os nossos sertões. O insucesso da expedição do coronel Fawcett. *A Noite*, Rio de Janeiro, 16 fev. 1921, p. 2.

expedição, e obviamente ele não quer dar o braço a torcer e admitir publicamente o seu fracasso, palavra que fica restrita ao âmbito do registro pessoal, em seu diário, enquanto publicamente ele descreve o regresso à Cuiabá como uma pausa estratégica para esperar o fim da estação chuvosa. Não demora muito e, apenas cinco dias após a publicação da carta de Fawcett, o capitão Amílcar Botelho sai em defesa de Rondon e envia outra carta ao periódico *A Noite*, que é publicada no dia 21 de fevereiro de 1921 e diz o seguinte:

[...] Cumpro o dever de vos assegurar que este telegramma é authenticico e o seu original está archivado neste escriptorio, para ser exhibido a quem o desejar. [...] a publicação do telegramma do Sr. General foi feita concomitantemente com a notícia da exploração do rio Koluêne, realizada pela comissão Rondon exactamente porque eu quiz mostrar ao governo do meu paiz não ser necessário utilizar nenhum elemento estrangeiro para desbravar os nossos sertões [...]. Assumo disto inteira responsabilidade e continuo a ignorar o que de útil ao nosso paiz fez até este momento a expedição do coronel Fawcett, enquanto elle não exhibir alguma cousa que prove em contrário. [...] o telegramma do Sr. general Rondon não pode ser senão a expressão da verdade. [...] Encaro a contestação do coronel Fawcett como o primeiro passo para obter do governo brasileiro auxilio pecuniário, afim de voltar ao sertão e é meu dever, já que sou obrigado a vir a público emittir francamente a minha opinião individual contra semelhante projecto, na hypothese de que elle se objective, porque não me parece que mereçam fé os resultados que o Sr. Fawcett colheu de sua primeira incursão.<sup>353</sup>

A resposta de Amílcar Botelho é mais longa do que o telegrama de Rondon e a carta de Fawcett; ele se empenha em tornar público o total descrédito de Fawcett entre os amigos e colaboradores de Rondon e expressa veementemente o seu desejo pessoal de que o governo brasileiro não apoie qualquer outra tentativa de incursão do coronel inglês nos sertões brasileiros. Ao final da carta Botelho afirma ainda que Fawcett mentiu ao dizer que “Os australianos mencionados pelo general Rondon, voltaram de Cuyabá em setembro e não me acompanharam”, pois, segundo Botelho, “A affirmativa do Sr. Fawcett [...] naturalmente não se refere ao australiano Holt, que seguiu de Cuyabá com o Sr. Fawcett, quando elle partiu para o sertão, conforme o próprio Sr. Holt, agora aqui no Rio de Janeiro, já tem declarado [...].” Para Botelho, portanto, Fawcett não é digno de credibilidade por ser incompetente e mentiroso.

Mas ao envolver o “australiano Holt” nessa discussão, seria Botelho quem sairia por mentiroso, pois Ernest G. Holt decide enviar uma carta para *A Noite* contestando suas afirmações. Publicada no dia 26 de fevereiro de 1921, a carta diz o seguinte:

---

<sup>353</sup> GENERAL Rondon e os nossos sertões. Uma carta preciosa do capitão Amílcar Botelho. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1921, p. 2.

[...] há uma referência à minha pessoa como o ‘australiano Holt’. Peço-lhe notar que sou um naturalista norte-americano e que protesto contra o facto de ver o meu nome implicado numa controvérsia tão ingênua, meramente pela coincidência de eu ser companheiro do coronel Fawcett e resinto-me em ver a minha identidade confundida com a de um homem que abandonou a expedição logo no seu início<sup>354</sup>. Sendo pessoalmente conhecido pelos capitães Jaguaribe e Tibúrcio, como também pelo general Rondon, não vejo absolutamente a oportunidade do penúltimo paragrapho do supracitado artigo [de Amílcar Botelho], em especial modo porque nada foi dito por mim sobre a expedição.<sup>355</sup>

Aparentemente o embate se encerra com essa carta de Holt, que corrobora a versão dos escritos de Fawcett, segundo o qual o australiano Butch Reilley retorna a Cuiabá após três dias de viagem, obrigando Fawcett a prosseguir tendo como companheiro apenas o jovem Felipe. Após o fim momentâneo da troca de farpas com Rondon e os aliados dele via imprensa, Fawcett retoma sua expedição em abril de 1921. Nesse ínterim, Felipe havia voltado para o Rio de Janeiro com a incumbência de adquirir suprimentos para a próxima tentativa de incursão no interior do estado do Mato Grosso e ele aproveita para passar o Natal com sua família. Enquanto isso, Fawcett espera por ele desfrutando da hospitalidade do cônsul britânico em Corumbá, que “[...] tinha uma boa biblioteca, a qual ele me convidou a usar. Isso, e o cinema local, evitaram que eu me entediasse.”<sup>356</sup>

Felipe chega após a Páscoa e deixa Fawcett muito irritado, pois “Ali estava ele – dois meses atrasado – com suprimentos bem diferentes da lista que lhe dei quando seguiu para o Rio. Ainda trazia uma formidável conta para coisas extras e despesas pessoais exorbitantes.”<sup>357</sup> Desanimado, Fawcett desiste de prosseguir com sua expedição via Mato Grosso, pois “[...] sem os suprimentos adequados, a viagem estava fora de questão.”<sup>358</sup> e ele se dá conta de que o seu “[...] principal objetivo poderia ser alcançado por uma rota através do estado de Goiás, evitando-se assim uma volta por Mato Grosso.”<sup>359</sup> Ele vende os animais, vai para o Rio de Janeiro com Felipe e escreve que “Sem dúvida podia

---

<sup>354</sup> Holt se refere, muito provavelmente, a Butch Reilley.

<sup>355</sup> GENERAL Rondon e os nossos sertões. Ainda a propósito da expedição do coronel Fawcett. **A Noite**, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1921, p. 2.

<sup>356</sup> “[...] had a good library which he invited me to use. This, and the local cinema, saved me from boredom.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 219, tradução nossa.

<sup>357</sup> “Here he was – two months overdue – with quite different stores from those I listed for him when he went to Rio, and with a formidable bill for extras, as well as a shameless claim for personal expenses.” *Ibidem*, p. 221, tradução nossa.

<sup>358</sup> “[...] without proper supplies it was out of the question.” *Ibidem*, p. 222, tradução nossa.

<sup>359</sup> “[...] my principal objective might be reached by a route through the State of Goyaz, and any return to Matto Grosso thus avoided.” *Ibidem*, tradução nossa.

chamar-se aquilo de fracasso, fracasso que azedou meu espírito.”<sup>360</sup> É possível que o embate com Rondon tenha provocado um desgaste emocional e psicológico em Fawcett, afetando o seu espírito, como ele mesmo afirma. Sair do Mato Grosso – repleto de amigos e colaboradores de Rondon – e recomeçar de um outro ponto do mapa pode ter sido a melhor solução encontrada por Fawcett naquele momento.

Animado com a retomada da expedição na Bahia, Fawcett pontua que na região do rio Gongogi

Haviam encontrado inscrições nas rochas; descobriram-se nas selvas do rio Preguiça belos trabalhos de cerâmica e um antigo punho de espada de prata; nas proximidades de Conquista, um velho [...] viu-se na praça de uma antiga cidade. Ele passou por uns arcos, encontrou ruas com calçamento de pedras e viu no centro da praça a estátua de um homem. Aterrorizado, ele fugiu. O punho de espada e a cidade fizeram-me pensar que talvez o velho tivesse topado com a cidade de 1753 [...].<sup>361</sup>

Eles chegam à Bahia no dia 3 de maio de 1921. Enquanto percorrem o vasto interior baiano (vide mapa 6), Fawcett recolhe mais relatos de habitantes da região sobre cidades perdidas, povoados encantados e “índios de pele clara e cabelos vermelhos”<sup>362</sup>. Conforme adentrava o território na direção sudoeste, Fawcett achava que pisava em território inabitado e selvagem, se aproximando a cada passo do que ele chamava de “orla do sertão”. Mas dia após dia de marcha ele e Felipe continuavam encontrando fazendas ao longo do caminho, o que deixava Fawcett consternado “[...] por descobrir trilhos e povoados onde esperava encontrar apenas território selvagem. Os moradores [...] ao afirmarem serem eles os últimos a serem encontrados ali, agiam com toda a sinceridade.”<sup>363</sup> A presença de fazendas naquela região significava que dificilmente haveria ali uma cidade perdida esperando para ser descoberta. Se existisse tal cidade, ela já teria sido avistada por alguém, e é por isso que Fawcett afirma que “O terrível mistério [...] desvaneceu-se como uma bolha de sabão.”<sup>364</sup>

---

<sup>360</sup> “No doubt it could be called failure, and the taste of it was sour in my mouth.” *Ibidem*, tradução nossa.

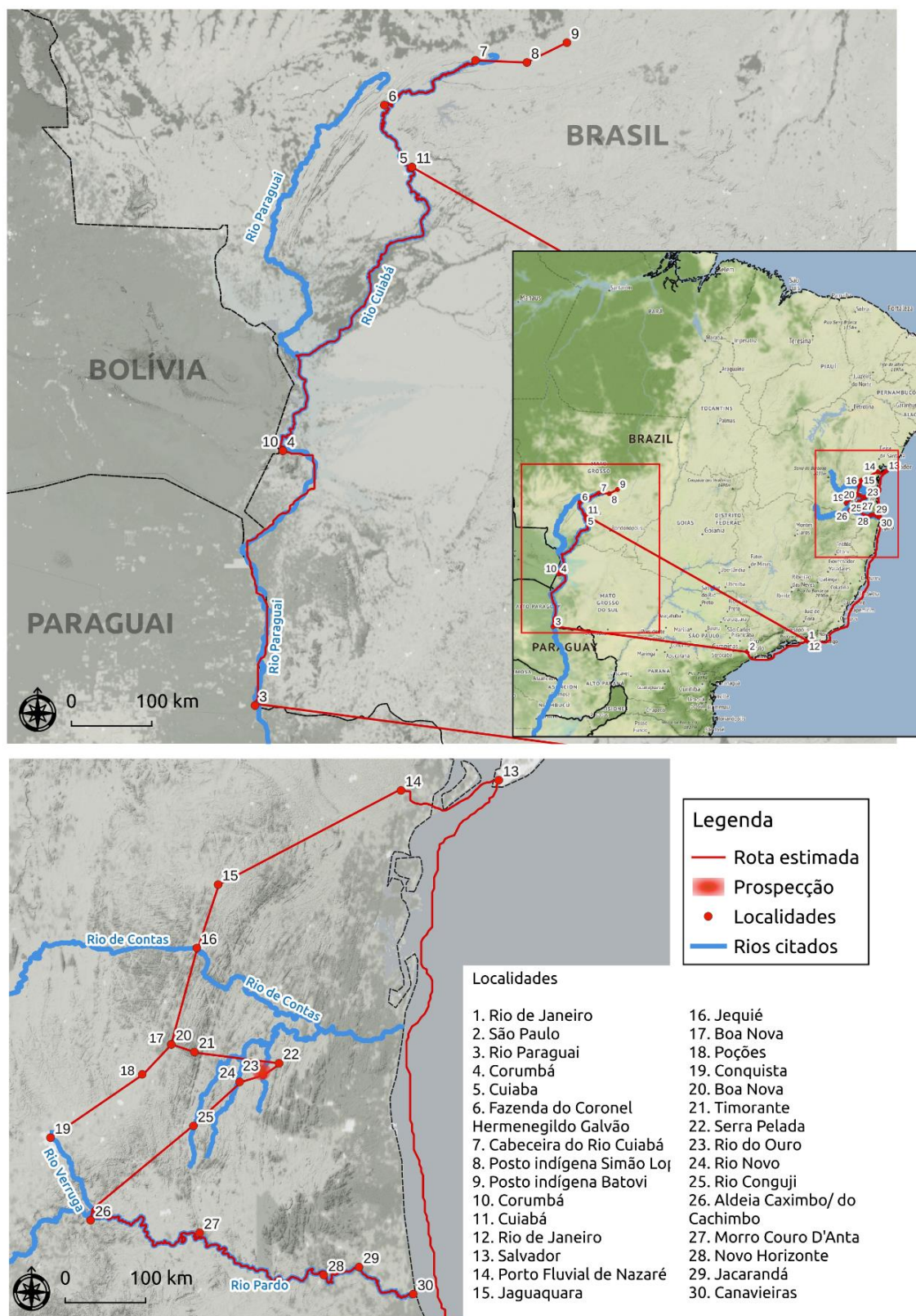
<sup>361</sup> “Rock inscriptions had been found there; in the forests of the River Preguiça fine ceramics were discovered, and an antiquated silver sword-hilt; near Conquista an old man [...] found himself in the plaza of an ancient town. He entered through arches, found streets of stone, and saw in the middle of the square the statue of a man. Terrified, he ran from the ruins. This – the sword-hilt and the town – made me think that perhaps the old man had stumbled on the 1753 city [...]” *Ibidem*, p. 223, tradução nossa.

<sup>362</sup> “[...] fair-complexioned Indians with red hair.” *Ibidem*, p. 225, tradução nossa.

<sup>363</sup> “[...] at finding trails and settlements where absolutely wild country was expected. [...] the moradores [...] in all sincerity they claimed to be the most remotely situated.” *Ibidem*, p. 232, tradução nossa.

<sup>364</sup> “The awful mystery [...] burst like a bubble.” *Ibidem*, tradução nossa.

**Mapa 6 – Itinerário aproximado da 6ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (fevereiro de 1920 a agosto de 1921)**



Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

Essa expectativa de Fawcett em encontrar um território virgem esperando para ser explorado corresponde ao conceito de *disponibilité* – “[...] a quintessência da relação colonial”.<sup>365</sup> Esse conceito foi criado por Mary Louise Pratt na obra *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*<sup>366</sup> e representa a concepção imperialista e colonial segundo a qual os nativos e seus territórios deveriam permanecer disponíveis para a exploração e ocupação dos colonizadores a qualquer momento, sempre que estes assim desejassem. Isso significa que a relação colonial demanda submissão total dos corpos, mentes e territórios colonizados. O que explica porque a partir da visão de mundo imperialista não é difícil encontrar referências a territórios onde o homem branco nunca pisou e que, portanto, eram considerados intocados, porque a presença de nativos é ignorada como sendo significativa para a ocupação desse território. O que conta é se o homem branco esteve lá ou não, esse é o parâmetro. Frustrado com a falsa *disponibilité* do interior da Bahia, Fawcett utiliza uma estratégia diferente para tentar localizar a cidade abandonada. Ele, Felipe e um guia – “um negro chamado Vasurino”<sup>367</sup> – se dirigem ao topo da Serra de Couro D’Anta, ponto mais alto da cidade de Itapetinga, na Bahia, para ter uma visão panorâmica daquela região. “Houvesse ali quaisquer ‘cidades perdidas’, poderiam muito bem ser vistas do ponto em que estávamos.”<sup>368</sup>

Mas não havia no horizonte qualquer sinal de cidade perdida e a dupla de expedicionários retorna a Salvador, onde se separam: Felipe volta para o Rio de Janeiro, Fawcett segue sozinho para o interior e, sem especificar por onde perambulou, registra que:

Estive fora, ao todo, por três meses. [...] A solidão não é intolerável quando a mente se ocupa com o entusiasmo de uma busca. A principal desvantagem seria a falta de testemunhas para corroborar qualquer descoberta minha, seja de caráter arqueológico ou científico. [...] Encontrei o suficiente para justificar um retorno àquela região. As sugestões que se seguem poderão ser suficientes para indicar o quanto é extraordinariamente interessante a natureza dessa pesquisa. Com companheiros adequados, com uma boa organização e conhecendo-se o rumo certo a seguir, estou confiante de que podemos ser bem-sucedidos. Sondei de três lados para assegurar-me do melhor caminho; vi

---

<sup>365</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 227.

<sup>366</sup> *Ibidem*, p. 316.

<sup>367</sup> “[...] *an old Negro called Vasurino.*” FAWCETT, Percy Harrison. *Exploration Fawcett*. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 234-235, tradução nossa.

<sup>368</sup> “*Had there been any ‘lost cities’ down there in that forest, they might well have been seen from here.*” *Ibidem*, p. 235, tradução nossa.

muitas coisas que compensam assumir o risco para vermos mais. Talvez a nossa história, quando voltarmos da próxima expedição, emocione o mundo!<sup>369</sup>

De fato, a história de Fawcett após a sétima e última expedição em 1925 surpreendeu o mundo, mas não pelo motivo que ele esperava – a descoberta de Z –, mas sim pelo seu desaparecimento no interior do Mato Grosso. Antes de passarmos para análise da derradeira expedição de 1925, abordaremos o processo de formação do pensamento arqueológico de Fawcett, determinante para entendermos os fatos que culminaram com o seu desaparecimento no decorrer da sétima expedição.

## 2.2 Gold Bricks at Badulla

Quase duas décadas antes de pisar na América do Sul, o jovem oficial Fawcett já era conhecido pelo seu interesse em lendas e mistérios envolvendo tesouros e cidades perdidas. Para entendermos o raciocínio de Fawcett que o induziu a considerar crível a existência de uma cidade perdida no Brasil denominada por ele de “Z”, será preciso voltarmos ao momento em que ele era um jovem tenente da Artilharia Real alocado no Fort Frederick em Trincomalee, no Ceilão, então uma colônia britânica. O domínio britânico sobre o Ceilão data de 1802, no contexto das Guerras Napoleônicas. A ilha estava sob o domínio dos Países Baixos, que haviam sido invadidos pelo general francês Napoleão Bonaparte. Temendo que a França usasse o Ceilão como ponto estratégico contra eles, os britânicos preferiram se adiantar e, sem grandes esforços, se apossaram da ilha, que fica muito próxima do subcontinente indiano.

O Ceilão, conhecido atualmente como Sri Lanka, é um país muito antigo e possui um passado riquíssimo em termos de patrimônio material e imaterial. Evidências arqueológicas indicam que a ocupação humana na ilha data de 34 mil anos antes do presente, sendo que, ao longo de milhares de anos, diversas culturas emergiram e

---

<sup>369</sup> “I was away in all three months; [...] Loneliness is not intolerable when enthusiasm for a quest fills the mind. The chief disadvantage seemed to be that were I to find anything of scientific or archaeological value there would be no witnesses to support my word. [...] I found enough to make it imperative to go again. The hints that follow may be sufficient to indicate the extraordinarily interesting nature of the research. With the right companions, the right organization, and knowledge of the right way to go, it can, I am confident, be brought to a successful conclusion. I have probed from three sides for the surest way in; I have seen enough to make any risk worth while in order to see more, and our story when we return from the next expedition may thrill the world.” *Ibidem*, p. 238, tradução nossa.



sucumbiram, deixando rastros que os arqueólogos se dedicam avidamente a resgatar. O interesse ocidental por essas pistas do passado começou oficialmente em 1868, sete anos após a criação da *Archaeological Survey of India*, quando o governador do Ceilão, Sir Hercules Robinson, criou o *Committee on Ancient Architecture in Ceylon* com o objetivo de obter informações sobre ruínas de templos e de outras construções. Então, no momento em que Fawcett chega ao Ceilão, já existia uma mobilização em torno dessas ruínas por parte da administração colonial.

Foi no Ceilão que, em 1888, Fawcett conheceu Nina Agnes Paterson, sua futura esposa, filha do juiz Paterson, um magistrado (*District Judge*) de Galle, cidade localizada no sudoeste da ilha. Em um artigo de autoria atribuída ao coronel Fawcett publicado em 1965 – portanto 40 anos após o seu desaparecimento no Mato Grosso – na *Blackwood's Magazine* intitulado *Gold Bricks at Badulla*,<sup>370</sup> consta o relato de que o juiz Paterson repassou ao tenente Fawcett um documento contendo informações sobre um suposto tesouro escondido nas proximidades da cidade de Badulla. Esse documento consistia numa “[...] carta cifrada enviada a ele [juiz Paterson] em 1875 do leito de morte de um velho chefe de aldeia cingalês – um *Ralamahatma*.”<sup>371</sup> O objetivo desse chefe de aldeia ao escrever a carta era retribuir um favor prestado pelo juiz Paterson, fornecendo-lhe a localização exata de um grande tesouro como forma de agradecimento por sua gentileza.

Sobre o local do tesouro, a carta informa que “O lugar é chamado na língua cingalesa de *Galla-pita-Galla*. O significado na língua inglesa é ‘rocha sobre rocha’.”<sup>372</sup> Essa carta tinha sido ignorada por treze anos pelo juiz Paterson, uma vez que era um homem ocupado e “[...] não tinha tempo para prestar muita atenção ao assunto.”<sup>373</sup> Intrigado, Fawcett o questiona:

E você nunca teve vontade de procurar pelo tesouro? perguntei. “Sou um homem muito ocupado”, respondeu o juiz. “Além disso, esse tipo de coisa realmente não me interessa muito. Mas estou ciente de sua predileção por tesouros, Percy; e é por isso que lhe mostrei os documentos. Se você tiver alguma inclinação para realizar qualquer investigação, aceite-os e boa sorte.”<sup>374</sup>

---

<sup>370</sup> FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood's Magazine**, v. 297, n. 1793, pp. 222-234, mar. 1965.

<sup>371</sup> “[...] cypher letter sent him [juiz Paterson] in 1875 from the deathbed of an old Sinhalese village headman – a *Ralamahatma*.” *Ibidem*, p. 222, tradução nossa.

<sup>372</sup> “The place is called in the Sinhalese language *Galla-pita-Galla*. The meaning is in the English tongue ‘Rock upon Rock’.” *Ibidem*, p. 223, tradução nossa.

<sup>373</sup> “[...] had no time to pay much attention to the matter.” *Ibidem*, p. 222, tradução nossa.

<sup>374</sup> “And you never had any desire to look for the treasure? I inquired. ‘My life has been far too busy’, the Judge replied. ‘Besides, this sort of thing really doesn’t have much interest for me. But I am aware of your

Além de fornecer o documento contendo as instruções sobre como localizar o tesouro, o juiz Paterson recomenda que Fawcett entre em contato com um outro chefe de aldeia conhecido seu chamado Jumna Das que, segundo Paterson, poderia fornecer informações complementares sobre a região de Badulla, onde o tesouro estaria escondido. Munido com um mapa do tesouro e com uma incipiente rede de contatos providenciada pelo sogro, Fawcett começa a sua investigação registrando em seu diário que “O ano era 1888 e eu tinha apenas 21 anos.”<sup>375</sup>

Badulla era a capital de uma província montanhosa na região sudeste do Ceilão, e Fawcett demora alguns dias para chegar até lá, relatando no supracitado artigo as dificuldades que ele encontra no deslocamento. Chegando lá, Fawcett começa a conversar com os locais sobre a provável localização de *Galla-pita-Galla*, onde o tesouro estaria enterrado. Um nativo lhe diz que *Galla-pita-Galla* “[...] deve estar próximo a ‘King’s Bath’ [Banho do Rei], que ficava na colina acima da plantation do Sr. Dickson.”<sup>376</sup> O nativo diz ainda que o seu povo não gosta desse lugar pois “Dizem que o local é assombrado.”<sup>377</sup> Fawcett vai então falar com o Sr. Dickson, dono de uma plantation de chá, o qual ele descreve como um alcoólatra<sup>378</sup> – “Dickinson estava com o rosto vermelho

---

*predilection for treasures, Percy; and that’s why I’ve shown you the documents. If you have any inclination to do any investigating, take them and welcome.’” Ibidem, p. 223, tradução nossa.*

<sup>375</sup> “The year was 1888, and I was just twenty-one.” *Ibidem*, p. 224, tradução nossa.

<sup>376</sup> “[...] might be near the ‘King’s Bath’, which was in the hill above Mr. Dickson’s plantation.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>377</sup> “They say the place is haunted.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>378</sup> Em seus escritos Fawcett nutre um profundo desprezo por alcoólatras e defende arduamente uma vida abstinência. Segundo o jornalista David Grann isso se deve, muito provavelmente, a um trauma pessoal de Fawcett com a bebida: seu pai era alcoólatra e gastou toda a fortuna da família em bebedeiras e apostas, morrendo precocemente aos 45 anos. Para mais informações, ver GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 53-54. Outra possibilidade é que essa aversão de Fawcett esteja relacionada a uma concepção eugênica do alcoolismo muito em voga na sua época, segundo a qual esse vício estaria relacionado a problemas psiquiátricos e colaboraria com a degeneração da raça humana, sendo o álcool muitas vezes descrito na literatura médica desse período como um “veneno racial”. O escritor Lima Barreto, ao ser internado compulsoriamente no Hospital Nacional de Alienados em 1920, escreve que “De mim para mim, tenho certeza que não sou louco; mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.” *In*: BARRETO, Lima. **Diário do hospício**. O cemitério dos vivos. São Paulo: Cia. das Letras, 2017, p. 34. As reflexões de Lima Barreto sobre psiquiatria presentes nessa obra advêm em grande parte de seu contato com as ideias do psiquiatra inglês Henry Maudsley (1835-1918), principalmente com o livro intitulado *Responsability in mental disease* (1874). Para mais informações sobre alcoolismo e psiquiatria, ver SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 17, pp. 400-420, 2010. Sobre o álcool como veneno racial, ver STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, pp. 92-101.

e parecia gostar da garrafa.”<sup>379</sup> Sobre a família de Dickson, Fawcett escreve que “Sua ‘esposa’ era nativa, sua prole era numerosa e nenhum deles era muito asseado”<sup>380</sup>, evidenciando que, desde muito jovem, Fawcett carrega consigo o preconceito colonial de apontar a falta de higiene de nativos e/ou mestiços, e, além disso, questiona o status matrimonial de Dickson, se referindo à sua esposa nativa como ‘*wife*’ (esposa) entre aspas simples.

A conversa entre os dois prossegue até que Dickson relata que, numa ocasião em que ele e um *coolie*<sup>381</sup> estavam arando a terra para plantar chá, o arado abriu uma fenda no solo e essa fenda acabou revelando um poço, e no fundo do poço “[...] havia uma caverna cujas paredes eram brilhantes com cristais de mica. No chão da caverna, Dickson coletou um rubi que depois vendeu por sessenta libras.”<sup>382</sup> Quando indagado sobre o que havia naquele buraco além do rubi, Dickson respondeu que ele nunca teve interesse em investigar o interior da caverna pois a sua preocupação era “[...] apenas com o que está acima do solo, não com o que está abaixo dele.”<sup>383</sup> Em seguida ele se dispõe a mostrar o local da caverna para Fawcett.

Chegando lá, Dickson relata que:

Mais adiante, bem longe dos limites da minha residência, há um monte delas [rochas] empilhadas com uma pequena *dagoba*<sup>384</sup> no topo – é um santuário – mas o nome não é *Galla-pita-Galla* – é *Hingaray Galla*. Há uma selva densa lá também. Um desses arqueos – como você os chama – arqueólogos – isso mesmo – ele era alemão e seu nome era Godsmid – morreu há muito tempo atrás – encontrou uma inscrição ou algo assim na rocha sob a *dagoba* e a decifrou. Ele me deu a inscrição decifrada em troca de alguma coisa – não me lembro o que – e ainda a tenho guardada em algum lugar. Você pode fazer uma cópia dela, se quiser. É tudo sobre algum tesouro enterrado. Eu não posso me aborrecer com isso. Como já disse, o que me interessa é o meu chá, e não dou a mínima para toda essa coisa de tesouro que dizem estar enterrado por aqui.

---

<sup>379</sup> “Dickinson himself was red-faced and looked as if he liked the bottle [...]” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, v. 297, n. 1793, p. 224, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>380</sup> “His ‘wife’ was a native, his progeny numerous and none too clean.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>381</sup> Forma que os ingleses usavam para se referir a trabalhadores de origem hindu ou chinesa. Para mais informações sobre a origem dessa expressão, ver YANG, Alexander Chung Yuan. O comércio dos “*coolie*” (1819-1920). **Revista de História**, [S. l.], n. 112, pp. 419-428, 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62243>. Acesso em: 3 out. 2022.

<sup>382</sup> “[...] [there] was a cave whose walls were brilliant with crystals of mica. On the floor of the cave Dickson picked up a ruby which he subsequently sold for sixty pounds.” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, p. 224, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>383</sup> “[...] only with what’s above ground, not with what’s under it.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>384</sup> *Dagoba* (noun): a shrine for sacred relics in the Far East. DAGOBA. In: **Merriam-Webster.com dictionary**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/dagoba> Acesso em: 2 nov. 2022.

Além disso, dá azar. Marque minhas palavras: dá azar – melhor deixar quieto. Aqui é o Ceilão – não a Inglaterra.<sup>385</sup>

Nesse ponto, a história se repete: mais uma vez temos uma pessoa que sabe da localização de um tesouro, mas – ao invés dela mesma ir procurá-lo – ela repassa essa informação supostamente muito valiosa para alguém como moeda de troca, como forma de pagamento por algum serviço ou como sinal de gratidão. Aparentemente Fawcett não se atentou a esse detalhe – as similitudes entre o relato do juiz Paterson – seu sogro – e o relato do colono Dickson. Após ouvir atentamente Dickson falar sobre inscrições numa rocha que foram encontradas por um arqueólogo alemão, Fawcett pede para Dickson lhe indicar o local onde estão as inscrições dizendo a ele que “Eu vou dar uma olhada nesta inscrição em *Hingaray Galla*, se você explicar exatamente como encontrar o local. E então vou visitar um *Ralamahatma* [chefe] local chamado Jumna Das.”<sup>386</sup>

Com a ajuda de Dickson o jovem oficial Fawcett encontra então o chefe Jumna Das, que o convida a se hospedar em sua casa para que eles possam conversar melhor, convite que Fawcett prontamente aceita. Ao longo da conversa entre os dois, Jumna Das fornece diversas informações relacionadas ao passado do Ceilão, e diz que “Não há dúvida de que remanescentes arqueológicos e depósitos minerais podem ser encontrados nas encostas ou próximo às encostas a sudeste de Badulla”<sup>387</sup> e que “Era costume do povo de antigamente, ao esconder seus bens, protegê-los colocando uma maldição sobre qualquer um que pusesse as mãos neles.”<sup>388</sup> Enquanto conversam na varanda da casa de

---

<sup>385</sup> “Farther along, well outside the bounds of my place, there’s a sort of isolated pile of them [rocks], with a small dagoba on top – that’s a shrine – but the name isn’t Galla-pita-Galla – it’s Hingaray Galla. There’s thick jungle there too. One of them archae – what-d’you-call- ‘ems – archaeologist blokes – that’s right – he was a German and his name was Godsmid – died long ago – found an inscription or something on the rock under the dagoba and deciphered it. Gave it to me in exchange for something or other – don’t remember what – and I’ve still got it somewhere. You can make a copy of it if you like. All about some treasure or other underneath. I can’t be bothered. As I told you, what I’m interested in is my tea, and I don’t give a tinker’s damn for all this treasure stuff they say is buried in these parts. Besides, it’s unlucky. You mark my words: it’s unlucky – better leave it alone. This is Ceylon – it isn’t England.” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, v. 297, n. 1793, p. 225, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>386</sup> “I’ll go and have a look at this inscription at Hingaray Galla, if you’ll explain exactly how to find the spot. And then I’m off to visit a local Ralamahatma called Jumna Das.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>387</sup> “There’s is no doubt that archaeological remains and mineral deposits may be found in or near the foothills to the South-east of Badulla [...]” *Ibidem*, p. 226, tradução nossa.

<sup>388</sup> “It was the custom of the people of old, when hiding their possessions, to protect them with a curse upon anyone who should lay hands on them.” *Ibidem*, tradução nossa.

Jumna Das, três nativos *Veddahs*<sup>389</sup> – os quais Fawcett descreve como “*the bush folk of the Ceylon*” (“o povo do mato do Ceilão”) – se aproximam e entregam a Das seis tijolos. Juntamente com Das, Fawcett analisa os seis tijolos e conclui que são tijolos de ouro (eles utilizam ácido nítrico para realizar alguns testes). O oficial inglês pontua que o ouro não seria tão valioso quanto o ferro para os *Veddahs*, pois com ferro eles conseguem confeccionar armas e ferramentas, ao contrário do ouro.

Quando Das questiona os *Veddahs* a respeito do local de origem daqueles seis tijolos, um deles responde que eles haviam descoberto “[...] um buraco no chão onde parte da superfície aparentemente havia cedido, e no fundo desse fosso havia muitos desses tijolos. [...] Perto do fosso, pedras esculpidas espalhavam-se pelo chão, como nos prédios antigos, ele disse. Esse local ficava longe dali, na parte baixa da floresta [...]”<sup>390</sup> Além de referências a inscrições sobre rochas, vemos aqui referências a “*carved stones lay scattered on the ground*” (pedras esculpidas espalhadas pelo chão) e a “*old buildings*” (prédios/construções antigas), que são termos de extrema importância para a arqueologia da época, como se a mera referência a esses achados sem contexto histórico algum significasse que se tratava de uma grande descoberta científica, por supostamente serem a prova material da existência de um tesouro ancestral.

Hoje sabemos que a arqueologia já não se restringe a descobertas monumentais envolvendo tesouros milenares enterrados e grandes estruturas de pedra, uma vez que muitas culturas ao longo de milhares de anos produziram pouco ou quase nenhum vestígio duradouro confeccionado em pedra ou outros materiais duráveis. A arqueologia desmistificou grande parte do fetichismo com riquezas enterradas e grandes monumentos de pedra. Esse fetiche com grandes achados arqueológicos que surgem a partir da escavação de objetos de ouro, múmias, grandes estruturas de pedra e que revelam fontes escritas (como no caso dos hieróglifos egípcios) são a marca de muitas descobertas arqueológicas do final do século XIX e começo do XX como, por exemplo, a descoberta das ruínas de Troia nos anos 1870 pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, a descoberta da cidade inca de Machu Picchu em 1911 pelo arqueólogo estadunidense

---

<sup>389</sup> *Veddah* (noun): a member of an aboriginal people of Sri Lanka. VEDDAH. In: Merriam-Webster.com dictionary. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/veddah> Acesso em: 2 nov. 2022.

<sup>390</sup> “[...] a hole in the ground where the surface had apparently fallen in, and at the bottom of the pit were many of these bricks. [...] Near this pit, carved stones lay scattered on the ground, as of old buildings, he said. It was far away in the lower forest [...]” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. *Blackwood’s Magazine*, v. 297, n. 1793, p. 228, mar. 1965, tradução nossa.

Hiram Bingham ou ainda a escavação da tumba de Tutancâmon em 1922 feita pelo arqueólogo inglês Howard Carter.

Essas descobertas, além de monumentais, são todas referentes às grandes civilizações do passado – gregos, incas e egípcios –, e foram os especialistas em cada uma dessas civilizações que lançaram ao longo dos séculos XIX e XX as bases de toda a ciência arqueológica<sup>391</sup>. Então mesmo que Fawcett volte sua atenção para achados arqueológicos na península indiana, o referencial teórico-metodológico é proveniente dessas áreas de estudos (arqueologia clássica e egiptologia). Fawcett mobiliza a referência a esses grandes achados a seu favor, estabelecendo um paralelo entre eles e a tão sonhada descoberta da cidade de Z. Diz ele que “Os homens de ciência, em sua época, ridicularizaram [...] a ideia de Herculano, Pompeia e Troia. Podia argumentar-se que essas grandes descobertas haviam confundido os incrédulos, e isso teria deposto a meu favor.”<sup>392</sup>

As inscrições e os monumentos de pedra ocupavam um lugar de destaque na arqueologia do final do século XIX e começo do XX. Não é por acaso que Fawcett insiste em saber o local de origem dos supostos “*golden bricks*” (tijolos de ouro) e demonstra profundo interesse nas inscrições de *Hingaray Galla* mencionadas por Dickson. Tanto é que, antes de deixar Badulla e retornar para Trincomalee, Fawcett volta a procurar Dickson e escreve que “[...] ele havia encontrado a inscrição de *Hingaray Galla* e a tradução feita pelo arqueólogo alemão Goldsmid, sobre a qual ele havia me falado; tirei uma cópia de ambos antes de me despedir dele.”<sup>393</sup>

Fawcett vai embora de Badulla, mas mantém contato com Jumna Das por meio da troca de correspondências, e Das lhe pede um favor:

Não posso fazer nada com os seis lingotes de ferro<sup>394</sup> que ainda estão em minha casa até que a lei esteja clara para mim. Acho que se o senhor fizer a gentileza de consultar o honorável juiz Paterson sobre o assunto como um caso puramente hipotético, sem mencionar meu nome ou o ferro que está na minha

---

<sup>391</sup> Para uma discussão mais aprofundada sobre os primórdios da arqueologia, ver TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

<sup>392</sup> “*Men of science had in their day pooh-poohed [...] the idea of Herculaneum, Pompeii and Troy. You might argue that those great discoveries had confounded the incredulous, and this should have been in my favour.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 208, tradução nossa.

<sup>393</sup> “[...] *he had found the Hingaray Galla inscription and the translation by the German archaeologist Goldsmid, of which he had told me; and I took a copy of both before taking leave of him.*” *Idem*. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, v. 297, n. 1793, p. 229, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>394</sup> Na carta Jumna Das se refere aos seis *golden bricks* como “lingotes de ferro”, provavelmente para despistar a real natureza desses achados.

casa, resultará em muita ajuda. Estou pensando nisso caso você pergunte a ele, suponha que você encontre algo valioso em *Galla-pita-Galla*, como você poderia dispor dessa descoberta legalmente e de forma honesta, sem recorrer a um ato criminoso contra a lei, sem que ao mesmo tempo o governo confisque tudo.<sup>395</sup>

Aqui fica evidente a preocupação prática de Jumna Das a respeito das implicações legais sobre os supostos achados dos *Veddahs* e sobre uma possível descoberta futura de Fawcett, o que deixa Fawcett igualmente preocupado. Conforme já mencionado, existia desde 1868 o *Committee on Ancient Architecture in Ceylon* com o objetivo de obter informações sobre ruínas de templos e outros tipos de construção, então muito provavelmente havia já nessa época leis que regulamentavam minimamente a atividade exploratória nesses locais. A preocupação de Das e de Fawcett em relação a um possível confisco de seus achados pelo governo pode sugerir que, além do interesse científico/arqueológico, havia também o interesse particular de Fawcett nessas descobertas, afinal ele aparece descrito nesse primeiro momento (aos 21 anos de idade) como um caçador de tesouros, ao invés de arqueólogo<sup>396</sup>, o que evidencia um conflito de interesses, pois aparentemente tanto Das quanto Fawcett estão cientes de que, em alguma medida, há implicações legais nos achados deles, o que eles querem saber é como não infringir a lei e, ao mesmo tempo, manter a posse e usufruir desses achados.

Aparentemente o próprio Fawcett assume para si a alcunha de “caçador de tesouros” e não à toa ele usa o substantivo “*hoards*”<sup>397</sup> para se referir às descobertas que podem ser feitas em *Hingaray Galla*, revelando que, para ele, o valor desses achados é substancialmente monetário, conforme fica evidente no trecho a seguir:

[...] meu interesse estava mais focado naquele local fascinante, *Hingaray Galla*. Se a tradução de Goldsmid da inscrição estivesse correta, esse deveria ser o ponto de partida para qualquer busca sistemática. Digo ‘ponto de partida’

---

<sup>395</sup> “I can do nothing with six ingots of iron still in my house until law is clarified to me. I think that if you, sir, will do a great good kindness by consulting honourable Judge Paterson on matter as purely hypothetical case, not mentioning my name or the indisposable iron in my house, much help will result. I am thinking of it in case you should ask him, suppose you find something valuable in Galla-pita-Galla, how would you be able to dispose of it legally and above board, without resorting to a criminal act against the law, and at same time not having the Government take it all away in confiscation.” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, v. 297, n. 1793, p. 229, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>396</sup> A fama de arqueólogo é construída ao longo do tempo, conforme ele realiza mais expedições e escavações e vai ficando mais experiente.

<sup>397</sup> *Hoard* (noun): a large amount of money or objects that someone has collected, sometimes secretly. HOARD. In: **Cambridge Dictionary**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/hoard>. Acesso em: 2 nov. 2022.

porque não menos do que três tesouros distintos foram indicados na inscrição, e *Hingaray Galla* parecia oferecer as melhores chances de sucesso inicial.<sup>398</sup>

Enquanto estuda a tradução de Goldsmid, Fawcett retoma sua rotina militar em Trincomalee e um oficial de sua guarnição sugere que ele “[...] a envie para o acadêmico indiano W., que ocupa a cadeira de Arqueologia Oriental em Oxford.”<sup>399</sup> Por intermédio desse oficial, que era amigo do acadêmico W., Fawcett envia uma cópia das inscrições em *Hingaray Galla* e da tradução de Goldsmid para serem revisadas em Oxford. Fawcett estava ciente que uma resposta demoraria a chegar e escreve que “Era improvável receber uma resposta em menos de seis meses; mas ele dispunha de muito tempo.”<sup>400</sup>

Enquanto espera um retorno de Oxford, Fawcett convida o colega oficial amigo de W. para ajudá-lo na busca pelos tesouros em Badulla “[...] quando a oportunidade de se aprofundar nisso surgir”<sup>401</sup> e procura o juiz Paterson para esclarecer suas dúvidas sobre a legislação local no que se refere aos “tesouros enterrados”, ao que o juiz lhe responde “Meu caro rapaz: se por acaso você desenterrar algo de valor em Badulla, seria obrigado a entregá-lo imediatamente nas mãos das autoridades.”<sup>402</sup>

A aspiração de Fawcett por um retorno financeiro de seus achados se confirma após essa consulta ao juiz Paterson, quando ele concluiu que “Primeiro devo encontrar o tesouro. De qualquer forma, mesmo que pela lei do tesouro tudo for entregue às autoridades, sempre haverá uma confortável porcentagem de seu valor devolvida a quem o encontrou.”<sup>403</sup> Tendo isso em mente, Fawcett prossegue com o plano de realizar escavações em Badulla, mais especificamente em *Hingaray Galla*, principalmente após a resposta do acadêmico W. de que “A tradução da inscrição estava substancialmente

---

<sup>398</sup> “[...] my interest was focusing more upon that fascinating site, *Hingaray Galla*. If Goldsmid’s translation of the inscription were correct, that should be the starting point for any systematic search. I say ‘starting point’ because no less than three separate hoards were indicated in the inscription, and *Hingaray Galla* appeared to offer the best chances of initial success.” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. **Blackwood’s Magazine**, v. 297, n. 1793, p. 230, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>399</sup> “[...] send it to the Indian scholar W., who had the chair of Eastern Archaeology at Oxford.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>400</sup> “A reply in less than six months was unlikely; but there was plenty of time.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>401</sup> “[...] when the opportunity should occur for getting down to it.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>402</sup> “My dear boy: if by any chance you were to unearth anything of value at Badulla, it would be obligatory on your part to place it in the hands of the authorities, at once.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>403</sup> “First I must find the treasure. In any case, even if under the law of treasure-trove the whole thing were handed over to the authorities, there was always a comfortable percentage of its value returned to the finder.” *Ibidem*, p. 231, tradução nossa.



correta. Até onde ele era capaz de analisar, a inscrição de fato se referia a um grande tesouro enterrado sob a rocha com a *dagoba* no topo.”<sup>404</sup>

Demorou cinco anos até que Fawcett retornasse a Badulla e iniciasse as buscas em *Hingaray Galla*. Para tanto, ele contou com o auxílio de Jumna Das, que o ajudou a arregimentar a mão-de-obra necessária para as escavações.<sup>405</sup> O local era considerado sagrado e/ou assombrado pela população local, o que implicava grande relutância por parte dos nativos em aceitarem o emprego, o que Fawcett resolveu oferecendo-lhes uma grande quantia como forma de pagamento – o privilégio colonial de ter mão de obra barata à sua disposição e dispor de dinheiro para pagar por ela. As escavações se iniciam e aos poucos os trabalhadores começam a encontrar artefatos enterrados e Fawcett registra que “[...] as picaretas agora reviravam restos de cerâmica quebrada, tijolos e pedaços de ferro enferrujado. Minha emoção foi intensa.”<sup>406</sup> No entanto, ao final do primeiro dia de trabalho, uma cobra branca é avistada e acaba afugentando os trabalhadores porque “Eles consideram isso um aviso para se manterem afastados – um aviso dos espíritos guardiões.”<sup>407</sup>

Diante da fuga dos trabalhadores, Fawcett desiste de prosseguir com as escavações e registra que “Nunca consegui voltar lá. [...] Quando eventualmente retornei ao Ceilão, era um homem casado. Posso agora abandonar qualquer pretensão de caça ao tesouro em Badulla sem me arrepende.”<sup>408</sup> Antes de encerrar o artigo na *Blackwood's Magazine*, Fawcett pontua que seu filho Jack demonstrava muito interesse por essas histórias de caça ao tesouro e ele aposta que o filho deverá seguir seus passos. Por fim, Fawcett concluiu o artigo com a tradução das inscrições em *Hingaray Galla* feita pelo arqueólogo alemão Goldsmid.

Embora tenha desistido das buscas em Badulla, Fawcett continuará suas pesquisas e, ao longo do tempo, reunirá um corpus de evidências que ele acredita apontar para a

---

<sup>404</sup> “The translation of the inscription, said the scholar, was substantially correct. As far as he could judge, the inscription did indeed refer to a large treasure buried under the rock with the dagoba on top.” *Ibidem*, p. 231, tradução nossa.

<sup>405</sup> Não no sentido arqueológico, no sentido de abrir um buraco na terra mesmo.

<sup>406</sup> “[...] the picks were now turning up scraps of broken pottery, bricks and bits of rusty iron. My excitement was intense.” FAWCETT, Percy Harrison. Gold bricks at Badulla. *Blackwood's Magazine*, v. 297, n. 1793, p. 233, mar. 1965, tradução nossa.

<sup>407</sup> “They would consider it a warning to keep away – a warning by the guardian spirits.” *Ibidem*, p. 233-234, tradução nossa.

<sup>408</sup> “I never managed to get back there at all. [...] When I eventually returned to Ceylon it was as a married man. I can now abandon any thought of treasure hunting at Badulla without regret.” *Ibidem*, p. 234, tradução nossa.

origem poligênica da humanidade. Inscrições entalhadas em rochas e construções de pedra ganham destaque em sua coleção de evidências materiais reunidas com o objetivo de comprovarem sua crença poligenista, a qual ele absorveu dos escritos de Blavastky. O apego de Fawcett com as inscrições de *Hingaray Galla* ficará latente por anos, mas elas nunca serão esquecidas.

### 2.3 The lost city of my quest

Pouco antes de partir para a expedição de 1925, Fawcett escreve um artigo que somente será publicado em 1933 na *Blackwood's Magazine* com o título *The lost city of my quest*<sup>409</sup>. Nesse artigo ele discorre sobre outra fonte de inscrições que para ele são muito importantes no rol de evidências sobre a existência de Z. Essas inscrições representam, para nós, a resposta para o nosso problema inicial: por que localizar Z no Brasil? Por conta disso, iremos nos aprofundar em mais um artigo de Fawcett na *Blackwood's Magazine*.

O artigo em questão começa com a afirmação de que “É certo que ruínas incríveis de cidades antigas – incomparavelmente mais antigas que as do Egito – existem no sertão do Mato Grosso, no vasto e inexplorado<sup>410</sup> interior do Brasil.”<sup>411</sup> Temos aqui a referência ao Egito, pois, conforme supracitado, a Egiptologia deu as cartas nos primórdios da Arqueologia e, logo, servia de parâmetro para achados diversos. Nesse trecho Fawcett especula sobre a existência de destroços de antigas cidades no Mato Grosso – o que implica mais uma vez a existência de monumentos de pedra –, e que esses vestígios remanescentes são mais antigos do que as ruínas da civilização egípcia, o que é uma afirmação muito ousada da parte de Fawcett, uma vez que até hoje se discute a antiguidade da ocupação do continente americano. Se hoje os arqueólogos ainda têm dúvidas<sup>412</sup>, no começo do século XX a arqueologia engatinhava nesse quesito.

---

<sup>409</sup> FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, pp. 88-97, jan. 1933.

<sup>410</sup> Mais uma vez temos aqui um exemplo do conceito de *disponibilité*.

<sup>411</sup> “It is certain that amazing ruins of ancient cities – incomparably older than those in Egypt – exist in the far interior of Matto Grosso, the vast and largely unexplored inland State of Brazil.” FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 88, jan. 1933, tradução nossa.

<sup>412</sup> Para um breve panorama da discussão sobre esse tema, ver ESTEVES, Bernardo. Os seixos da discórdia. Arqueólogos não conseguem entrar em acordo sobre a ocupação da América. **Revista Piauí**, São Paulo,

Esse artigo de Fawcett discorrerá basicamente sobre o conteúdo do Documento 512, nome popular de um manuscrito que está sob a guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) e cujo título oficial é “Relação histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753, nos sertões do Brazil”. Em 1839, a partir da transcrição paleográfica desse manuscrito, seu conteúdo foi publicado na íntegra no Tomo I da Revista do IHGB. Por uma questão de praticidade, a partir deste ponto vamos nos referir a esse manuscrito como Documento 512.

A estratégia de Fawcett ao longo de todo o artigo será parafrasear as partes mais importantes do manuscrito – do ponto de vista dele – ao mesmo tempo em que tece seus comentários e tira suas conclusões sobre a narrativa contida no Documento 512. Essa abordagem fica evidente desde o primeiro parágrafo, quando ele escreve que a descoberta dessa oculta e grande povoação foi feita “[...] por uma expedição portuguesa, cujo real objetivo era a caça ao tesouro.”<sup>413</sup> A partir da leitura da transcrição original do Documento 512 é possível inferir que os expedicionários eram bandeirantes e que eles procuravam pelas minas perdidas de Muribeca. Não há em parte alguma qualquer referência ao país de origem deles, mas Fawcett insiste em afirmar que eles são portugueses e que “[...] o sangue dos navegadores portugueses corria em suas veias, e nem feras, répteis venenosos, doenças, ou o paraíso do reino dos insetos poderiam deter esses aventureiros, ludibriados pelo engodo dos metais preciosos.”<sup>414</sup> É como se Fawcett imprimisse um tom épico à suposta descoberta da cidade abandonada, atribuindo um papel quase heroico aos exploradores.

Destacamos aqui o momento da narrativa em que a suposta cidade perdida teria sido descoberta. Segundo a transcrição<sup>415</sup> de Fawcett, os exploradores descobrem as ruínas do que parece ser uma cidade abandonada e decidem investigá-las. Na entrada da cidade havia três arcos de pedra, e “No alto acima da coroa do arco central, e

---

Janeiro, 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-seixos-da-discordia/>. Acesso em: 3 out. 2022.

<sup>413</sup> “[...] by a Portuguese expedition, whose real business was treasure-seeking.” FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood’s Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 88, jan. 1933, tradução nossa.

<sup>414</sup> “[...] the blood of the Portuguese navigators ran in their veins, and neither wild beasts, venomous reptiles, disease, nor a paradise of the insect kingdom could deter these adventurers, bitten by the lure of the precious metals.” *Ibidem*, p. 91, tradução nossa.

<sup>415</sup> Conceito de Haroldo de Campos, geralmente usado no âmbito da poesia e da literatura, mas que pegamos emprestado para caracterizar a tradução do Documento 512 feita por Fawcett porque achamos pertinente, uma vez que a transcrição está relacionada à “[...] criatividade ampla do tradutor, que usurpa a obra para o seu tempo e lugar, afastando-se da literalidade”. NÓBREGA, Thelma Médici. Transcrição e hiperfidelidade. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 7, p. 249-255.

profundamente gravado na pedra desgastada, havia alguns tipos de caracteres. Eles sabiam o suficiente para perceber que não se tratava de uma escrita familiar.”<sup>416</sup> O grupo adentra as ruínas até chegar a uma praça e no centro dessa praça “[...] se destacando no cenário com sublime majestade, havia uma gigantesca coluna assentada sobre um pedestal de pedra negra, e sobre eles havia a estátua de um homem, com uma mão na cintura, o outro braço estendido com o dedo indicador apontando para o norte.”<sup>417</sup>

Mais adiante o grupo encontra um prédio que eles consideram muito similar a um palácio, pois há um *hall* repleto de colunas. Nas palavras de Fawcett “O interior deste salão era rico em esculturas refinadas e mostrava ainda sinais de coloração brilhante comparável a algumas das mais belas relíquias do Egito.”<sup>418</sup> Na versão original não há nenhuma comparação com as “reliquias do Egito”, até porque – considerando que se trata de um documento de meados do século XVIII – o Egito ainda não era naquele momento a joia da arqueologia; esse cenário somente mudaria a partir dos últimos anos do século XVIII e começo do XIX, com a Campanha do Egito empreendida por Napoleão Bonaparte entre 1798 e 1801<sup>419</sup>. É uma característica da linha de pensamento de Fawcett a comparação das ruínas brasileiras com as ruínas egípcias. Ora, isso só pode significar que Fawcett almeja uma descoberta arqueológica tão ou mais grandiosa quanto a realizada pelo seu contemporâneo Howard Carter. Faz sentido ele escrever pouco antes de partir que a cidade perdida que ele procura – Z – é tão majestosa e tão antiga quanto uma pirâmide egípcia ou uma tumba do Vale dos Reis.

Ao abordar o Documento 512, o historiador Johnni Langer chama a atenção para a descrição dos elementos arquitetônicos presentes nos relatos: não são portugueses nem espanhóis. A comparação das praças da cidade abandonada com as praças construídas pelos romanos remete fantasiosamente a uma origem mediterrânica clássica, que estava em alta na Europa durante a primeira metade do século XVIII; estátuas com coroa de

---

<sup>416</sup> “High above the crown of the central arch, and deeply engraved into the weathered stone, were characters of some sort. They knew enough to realise that this was no familiar script.” FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood’s Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 92, jan. 1933, tradução nossa.

<sup>417</sup> “[...] dominating its surroundings in sublime majesty, was a gigantic black stone column set upon a plinth of the same rock, and upon it the statue of a man, one hand on his hip, the other arm extended with index finger pointing towards the north.” *Ibidem*, tradução nossa.

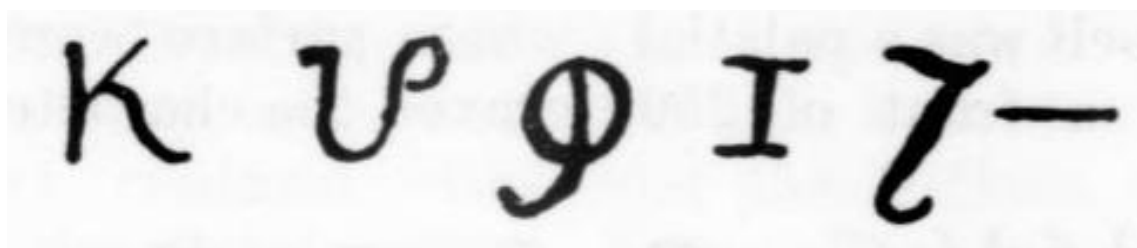
<sup>418</sup> “The interior of this hall was rich in exquisite carving, and still showed signs of a brilliance of colouring comparable with some of the finest relics of Egypt.” *Ibidem*, p. 93, tradução nossa.

<sup>419</sup> Para Edward Said, “[...] depois da expedição egípcia de Napoleão, a Europa veio a conhecer o Oriente de forma mais científica.” SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 52.

louros; pórticos grandiosos e moedas de ouro, tudo relacionado à antiguidade greco-romana que estava sendo descortinada por descobertas arqueológicas na Europa, evidenciando como “[...] os elementos da arqueologia setecentista foram muito mais determinantes na estrutura do texto [do Documento 512].”<sup>420</sup>

A narrativa prossegue com a descoberta de mais inscrições (imagem 1) e, em baixo relevo, eles encontram esculpida sobre o arco da entrada principal da cidade “[...] a figura de um jovem em excelente estado de conservação. O rosto estava barbeado e na cabeça havia uma coroa de louros. Dos caracteres desgastados abaixo da figura, foi possível distinguir o seguinte:”<sup>421</sup>

**Imagem 1 – Reprodução dos caracteres esculpidos abaixo de uma figura humana entalhada no arco da entrada principal da cidade abandonada encontrada em 1753**



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 93, jan. 1933.

Os exploradores encontram ainda o que eles deduzem ser um templo em ruínas e dentro dele acabam descobrindo mais inscrições (imagem 2). Nas palavras de Fawcett “[...] nas paredes desgastadas pelo tempo ainda havia figuras e desenhos de animais e pássaros. Sobre a entrada estavam os caracteres”<sup>422</sup>:

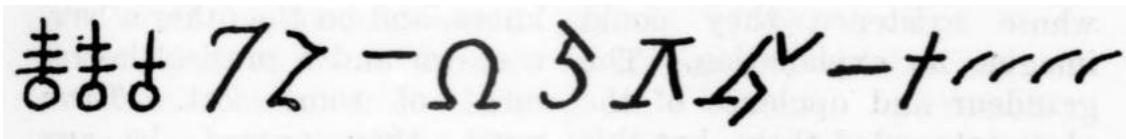
---

<sup>420</sup> LANGER, Johnni. A Cidade Perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43, p. 130, 2002.

<sup>421</sup> “[...] the figure of a youth in excelente preservation. The face was cleanshaven and the head crowned with a wreath of laurel. Of the worn characters below the figure it was possible to make out the following.” FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 93, jan. 1933, tradução nossa.

<sup>422</sup> “[...] on the weather-worn walls were still to be traced figures and designs of animals and birds. Over the entrance were the characters.” *Ibidem*, tradução nossa.

**Imagem 2 – Reprodução dos caracteres esculpidos nas ruínas do templo da cidade abandonada encontrada em 1753**



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 93, jan. 1933.

Para além da praça central e das ruínas do templo e do palácio, o resto da cidade aparenta estar totalmente destruído, dando a impressão de que a população que ali habitava foi vítima de algum desastre natural. No cenário descrito pelos exploradores “[...] grandes blocos de pedra esculpidos de forma elaborada, lajes de rocha, pedaços de pedra e colunas quebradas foram empilhados em uma terrível confusão.”<sup>423</sup> Diante dessa cena, os exploradores só poderiam imaginar “[...] a terrível tragédia desse cataclismo desconhecido, cuja força irresistível deslocou e derrubou pedras monolíticas de cinquenta toneladas ou mais e destruiu em menos de um tenebroso minuto uma civilização milenar.”<sup>424</sup>

Eles descrevem ainda um rio que serpenteia pelas colinas a noroeste e corre na direção sudeste. A referência a esse rio e a direção do rumo de seu curso d'água já tinham servido como ponto de partida para outros exploradores que antes de Fawcett tentaram descobrir a localização da cidade abandonada, isso ainda no século XIX.

Mais inscrições são encontradas (imagem 3) e registradas, dessa vez em um “[...] enorme monólito quadrado, em cuja superfície estavam profundamente entalhados os caracteres abaixo:”<sup>425</sup>

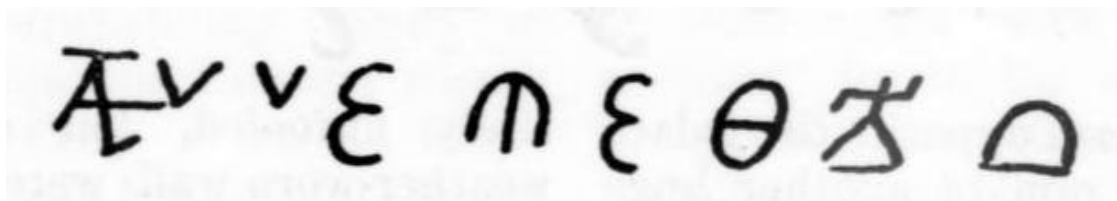
---

<sup>423</sup> “[...] great blocks of stone elaborately carved, slabs of rock, portions of stone and broken columns were piled in an awful confusion.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>424</sup> “[...] the ghastly tragedy of this unknown cataclysm, whose resistless force had displaced and thrown down monolithic stones of fifty tons and upwards and destroyed in less than one fearful minute the civilization of a thousand years.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>425</sup> “[...] huge squared monolith, on whose surface were deeply engraved the characters below.” *Ibidem*, p. 94, tradução nossa.

**Imagem 3 – Reprodução dos caracteres encontrados em um monolito quadrado em frente ao pórtico do templo da cidadã abandonada encontrada em 1753**



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 94, jan. 1933.

Em um trecho interessante do artigo – que evidencia um aspecto contraditório de seu pensamento – Fawcett associa a caça ao tesouro a homens ignorantes. Nas palavras dele “A grandeza e a opulência do lugar os deixaram atônitos, mas esse sentimento logo deu lugar a uma intensa luxúria por tesouros, inevitável entre os homens ignorantes.”<sup>426</sup> É contraditório pois Fawcett é – ou já foi, nos tempos do Ceilão – um caçador de tesouros, e dificilmente ele afirmaria ser um homem ignorante, muito pelo contrário: ele se considerava um erudito, um homem de ciência, membro da RGS.

Não sabemos quantos anos separam a redação do artigo *Gold Bricks at Badulla* de *The lost city of my quest*, mas o fato é que nesses artigos aparecem dois Fawcetts: no primeiro temos um jovem e inexperiente caçador de tesouros de 21 anos, que pouco se importa em revolver a terra à procura de barras de ouro e pedras preciosas, e que nesse processo, inclusive, acaba quebrando com picaretas artefatos em cerâmica; no segundo, temos um homem de 57 anos escrevendo sobre um manuscrito e preocupado com a preservação de um suposto achado arqueológico, conforme podemos observar no trecho a seguir: “Se eles pudessem encher seus bolsos com ouro, eles teriam destruído de bom grado cada pedra desta inestimável relíquia de uma civilização perdida. O relato deles cheira a esse impulso. É a riqueza enterrada que os atrai, não o mistério.”<sup>427</sup> Está muito claro o processo de mudança da postura de Fawcett ao longo dos anos, em que passa de caçador de tesouros para arqueólogo amador, inclusive se contrapondo a um suposto

---

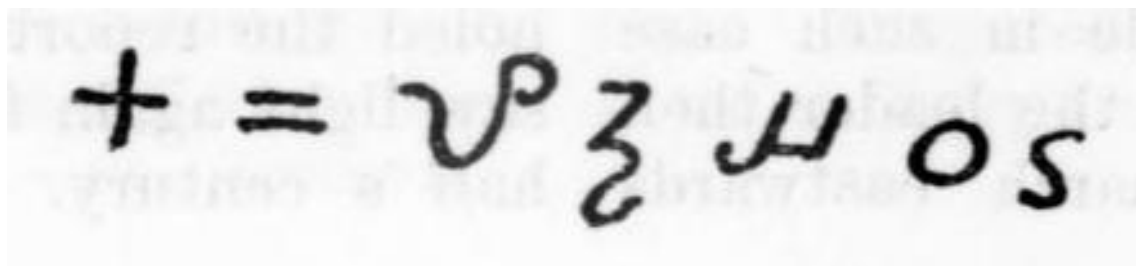
<sup>426</sup> “The grandeur and opulence of the place astounded them, but this feeling soon gave place to an intense lust for treasure, inevitable amongst ignorant men.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>427</sup> “If They could have filled their pockets with gold, They would willingly have destroyed every stone of this priceless relic of a lost civilisation. Their report reeks of this impulse. It is the buried wealth wich attracts them, not the mistery.” *Ibidem*, tradução nossa.

modelo predatório levado a cabo pelos bandeirantes de 1753, que não teriam nenhum interesse científico e cultural em seus achados e estariam preocupados somente com as riquezas que poderiam extrair daqueles monumentos abandonados.

Em seguida os expedicionários encontram “[...] uma pequena moeda de ouro, de formato esférico, contendo de um lado a figura de um jovem de joelhos, e do outro um arco, uma coroa e algum tipo de instrumento musical.”<sup>428</sup> Exaustos, famintos e preocupados com animais hostis que eles alegam terem visto – morcegos e ratos – os exploradores decidem partir e optam por seguir o curso do já mencionado rio, ou seja, seguem na direção sudeste. Após três dias de viagem, eles encontram o que julgam ser uma mina de prata, outro templo e possivelmente túmulos com algumas inscrições (imagens 4 e 5), e Fawcett escreve que “Possivelmente se tratava dos túmulos dos sacerdotes e reis da cidade”<sup>429</sup> e que, diante da magnitude dessa descoberta, “Os membros do grupo começaram a se imaginar como homens ricos.”<sup>430</sup>

#### **Imagem 4 – Reprodução dos caracteres encontrados nas ruínas do templo, da mina de prata e dos túmulos**



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 95 jan. 1933.

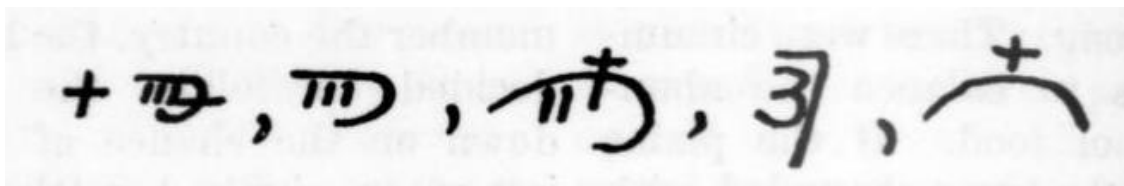
<sup>428</sup> “[...] a small gold coin, spherical in shape, and showing on one side the figure of a youth on his knees, and on the other a bow, a crown and a musical instrument of some sort.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>429</sup> “Possibly they were the tombs of the priests and kings of the city.” *Ibidem*, p. 96, tradução nossa.

<sup>430</sup> “The party pictured themselves as rich men.” *Ibidem*, tradução nossa.



### Imagem 5 – Reprodução dos caracteres encontrados nas ruínas do templo, da mina de prata e dos túmulos



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 96, jan. 1933.

Eles decidem que é melhor continuar seguindo o curso do rio e voltar àquele local mais bem preparados e prontos para explorarem suas riquezas. E assim, “[...] depois de seguirem rio abaixo por nove dias sem chegarem a lugar algum, avistaram em uma enseada dois indivíduos brancos de longos cabelos negros e vestidos com algum tipo de roupa remando numa canoa.”<sup>431</sup> Esse avistamento de pessoas supostamente brancas, de cabelos pretos longos e usando roupas é de extrema importância para Fawcett, pois isso vai corroborar a sua teoria de que não se trata de uma cidade abandonada qualquer, mas sim de uma cidade que outrora teria sido um assentamento de colonizadores originários da Atlântida. É tão importante que Fawcett escreve que “Avistamentos de pessoas com essa aparência foram reportados repetidas vezes por exploradores portugueses até cerca de meio século atrás, e nenhuma explicação jamais foi fornecida.”<sup>432</sup>

Temendo que os indivíduos avistados fossem nativos hostis, os exploradores decidem seguir por terra na direção leste, rumo à costa do Atlântico, onde eles esperavam encontrar algum assentamento de colonos. Após meses de marcha, eles alcançam o rio Paraguassu, de onde escrevem e enviam o manuscrito ao vice-rei – não se sabe qual. Fawcett encerra a narrativa do Documento 512 afirmando que “Nunca mais se teve notícia dele [do autor do manuscrito] nem de qualquer outro membro de seu grupo.”<sup>433</sup> Fawcett ainda menciona as tentativas de encontrar a cidade no século XIX, dizendo que “O Governo fez algumas tentativas tímidas para encontrar o local em meados do século XIX,

---

<sup>431</sup> “[...] after following the lower river for nine days without result, caught sight in a backwater of a canoe paddled by two white people with long black hair and dressed in clothing of some sort.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>432</sup> “People of this appearance were reported again and again by Portuguese explorers up to about half a century ago, and no explanation has ever been vouchsafed.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>433</sup> “Neither he [o autor do manuscrito] nor a single member of his party were heard of again.” *Ibidem*, tradução nossa.

mas não conseguiram descobrir nada e, para dizer a verdade, a busca não foi conduzida de maneira muito inteligente.”<sup>434</sup>

Na conclusão do artigo está resumido o pensamento de Fawcett a respeito do Documento 512 e da cidade abandonada, por isso achamos melhor reproduzir os trechos mais significativos a seguir:

Deve-se ter em mente que não era fácil para um povo imerso nas doutrinas limitadas da época imaginar algo como uma velha civilização no novo mundo. A arqueologia estava em sua infância, os hieróglifos egípcios ainda eram um mistério e não há dúvida de que os clérigos desencorajavam qualquer coisa que pudesse perturbar a história elementar do Antigo Testamento. Mas a história não deve ser descartada levemente. [...] esta velha cidade não é a única de seu tipo. Há outras. [...] Os jesuítas do século XVII pareciam ter conhecimento de sua existência. [...] é improvável [...] que alguma [...] seja encontrada por acaso até que o interior esteja devidamente colonizado e o índio selvagem desapareça ou seja domesticado.

A investigação vale a pena do ponto de vista científico? Com certeza, sim. É duvidoso que haja alguma pesquisa arqueológica e etnológica mais importante hoje do que o estudo dessas ruínas e das relíquias nelas contidas. Vejam os caracteres! Eles não são sugestivos? Qual é o significado das centenas de inscrições espalhadas pelas florestas em caracteres que se assemelham a alguns dos escritos mais antigos conhecidos por nós em outros lugares, eles próprios ainda um mistério? Não pode haver em algum lugar outra pedra de Roseta? Quem pode estimar o valor de tal descoberta sendo que, comparadas a elas, as ruínas do Egito são modernas?<sup>435</sup>

Temos nesse trecho uma síntese de tudo que pontuamos até aqui: a constante comparação com a arqueologia egípcia supondo que a grande civilização que algum dia ocupou a cidade abandonada teria existido antes dos antigos egípcios, a contraposição da abordagem científica à abordagem religiosa, especificamente ao viés católico-cristão pautado no Antigo Testamento da Bíblia, a grandiosidade da descoberta sem precedentes que Fawcett está prestes a realizar e que potencialmente ofuscaria todas as demais

---

<sup>434</sup> “The Government made some half-hearted attempts to find the place about the middle of the nineteenth century, but they failed to discover anything, and, truth to tell, the search was not conducted very intelligently.” *Ibidem*, p. 96-97, tradução nossa.

<sup>435</sup> “It must be borne in mind that it was not easy for a people steeped in the narrow doctrines of the time to imagine such a thing as an old civilization in the new world. Archaeology was in its infancy, the Egyptian hieroglyphs were still a mystery and there is little doubt that the ecclesiastics discouraged anything likely to upset the simple story of the Old Testament. Bu the story must not be lightly dismissed. [...] this old city is not alone of its kind. There are others. [...] The Jesuits of the seventeenth century seem to have known of their existence. [...] it is improbable [...] that any [...] will be found by chance until the interior is properly colonised and the wild Indian has vanished or been tamed. [...] Is the investigation worth while from scientific point of view? Assuredly, yes. It must be doubtful if there is any archaeological and ethnological research more important today than the study of these ruins and the relics contained therein. Look at the characters! Are they not suggestive? What is the significance of the hundreds of inscriptions scattered throughout the forests in characters resembling some of those contained amongst the oldest scripts known to us elsewhere, themselves as yet a mystery? May there not be somewhere another Rosetta stone? Who can estimate the value of such a discovery of ruins compared with wich those in Egypt are modern?” *Ibidem*, p. 97, tradução nossa.

descobertas arqueológicas feitas até então. A conclusão de Fawcett está carregada de um tom panfletário; ele trabalha nesse artigo para construir uma imagem grandiloquente das ruínas da cidade abandonada. Antes de partir para encontrá-la ele se autopromove, fazendo esse movimento propagandista escorado em um documento teoricamente verídico, pintado com um verniz de oficialidade, o que daria mais legitimidade às suas buscas e prepararia o terreno para que ele fosse aclamado num futuro próximo quando retornasse com evidências materiais e a localização exata da cidade abandonada e de Z.

O curioso sobre a forma com que Fawcett aborda o Documento 512 é o suposto ineditismo que ele atribui a essa publicação, alegando que “[...] aqui, pela primeira vez impressa, até onde eu sei, está a história impressionante da descoberta realizada no ano de 1753 de uma dessas [ruínas de cidades antigas], presumivelmente a maior.”<sup>436</sup> Antonio Callado no livro-reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde* (1953) apontou que

Em português já se imprimira a Relação pelo menos duas vezes, sendo que da segunda publicação valeu-se a mulher de Richard F. Burton (que era da Real Sociedade de Geografia como Fawcett) para imprimir no livro do marido uma primorosa tradução inglesa da Relação! Isto em 1869.<sup>437</sup>

Inédito ou não, o fato é que o Documento 512 representou para o coronel Fawcett a prova documental de que poderia existir uma ou mais cidades perdidas no interior do Brasil esperando para serem descobertas. Gostaríamos de enfatizar, portanto, a leitura original que Fawcett faz do Documento 512, relacionando-o a outras inscrições às quais ele teve acesso anteriormente, como as inscrições de *Hingaray Gala*, por exemplo. Acreditamos que juntas, as inscrições de *Hingaray Gala* e as inscrições extraídas do Documento 512 explicam porque Fawcett localizou Z em terras brasileiras e, assim, certo da pertinência de seu raciocínio, ele realizou diversas incursões ao território brasileiro até desaparecer em 1925. Infelizmente não conseguimos encontrar uma reprodução dos caracteres originais em cingalês (idioma do Sri Lanka) oriundos das inscrições de *Hingaray Gala*. Fawcett reproduz o texto já traduzido para o inglês no artigo da *Blackwood's Magazine*.

---

<sup>436</sup> “[...] here, for the first time in print, so far as I am aware, is the arresting story of the discovery in the year 1753 of one, presumably the greatest, of these [ruínas de cidades antigas].” *Ibidem*, p. 88, tradução nossa.

<sup>437</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

No entanto, pesquisando sobre sítios arqueológicos no Ceilão, encontramos um artigo acadêmico<sup>438</sup> sobre uma outra inscrição denominada *Lahugala Slab Inscription*. O artigo contém uma reprodução dessa inscrição em cingalês – datada entre os séculos XII e XIII depois de Cristo – e sua tradução para o inglês. Olhando mais de perto para essa reprodução dos caracteres da *Lahugala Slab Inscription*<sup>439</sup>, conjecturamos a possibilidade de Fawcett ter estabelecido algum tipo de relação entre a escrita cingalesa e os caracteres contidos no Documento 512, o que explicaria – juntamente com suas crenças e convicções – porque localizar Z no Brasil. Claro. Não sabemos de que época são as inscrições de *Hingaray Gala* (se são do mesmo período da *Lahugala Slab Inscription*), mas acreditamos que exista uma grande possibilidade delas guardarem alguma semelhança entre si, uma vez que o alfabeto e a língua cingalesa estão em uso no Sri Lanka desde o século 3 antes de Cristo<sup>440</sup>.

Sobre o Documento 512, o jornalista Antonio Callado escreve que nele aparecem transcritos “[...] certos caracteres indecifráveis que os bandeirantes teriam copiado em vários pontos da cidade. Esses caracteres, Fawcett os teria identificado com os que descobrira em Ceilão.”<sup>441</sup> No entanto, em nossa pesquisa não encontramos elementos suficientes para afirmar que a relação que Fawcett estabeleceu entre as inscrições de *Hingaray Gala* e o Documento 512 tenha sido de semelhança. O fato é que algum tipo de relação entre os dois tipos de inscrição ele estabeleceu, possivelmente de origem, dado que no pensamento de Fawcett era crível que ambos os tipos de escrita tenham sido criados a partir de um alfabeto ancestral, provavelmente o grego, uma vez que ele registrou em seu diário que as inscrições presentes no Documento 512 apresentam “[...] caracteres notavelmente semelhantes aos da antiga Grécia.”<sup>442</sup> Os habitantes de Atlântida – a quarta raça-raiz dos atlantes – eram gregos, então está claro de onde vem a ideia de Fawcett de situar Z no Brasil: na condição de colônia dos atlantes, a cidade de Z

---

<sup>438</sup> RANAWELLA, Sirimal. *Lahugala Slab Inscription*. **Vidyodaya J. Soc. Sc.**, v. 7, pp. 47-53, 1996. Disponível em: <http://dr.lib.sjp.ac.lk/bitstream/handle/123456789/690/Lahugala%20slab%20inscription.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>439</sup> *Ibidem*, pp. 50-51.

<sup>440</sup> PARANAVITANA, Senarat. **Inscriptions of Ceylon**. Colombo: Dept. of Archaeology, 1970.

<sup>441</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 9.

<sup>442</sup> “[...] characters remarkably like those of ancient Greece.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 8, tradução nossa.

conservaria em suas ruínas algum vestígio material e/ou documental dessa civilização, que Fawcett teria identificado nos caracteres do Documento 512.

É possível que, segundo o raciocínio de Fawcett, na condição de raça-raiz, os atlantes tenham colonizado outros locais além do Brasil, quiçá o Ceilão teria sido uma colônia também. Se Fawcett não acreditasse minimamente que as inscrições de *Hingaray Gala* e os caracteres do Documento 512 tinham alguma relação, ele não teria concluído o artigo *The lost city of my quest* com o seguinte questionamento: “Qual é o significado das centenas de inscrições espalhadas pelas florestas em caracteres que se assemelham a alguns dos escritos mais antigos conhecidos por nós em outros lugares, eles próprios ainda um mistério?”<sup>443</sup> Destacamos o uso da expressão “em outros lugares” (“*elsewhere*”, em inglês), pois ela indica que Fawcett se refere claramente a inscrições existentes em outras localidades além do Brasil. Sabendo que ele passou um bom tempo servindo no Sri Lanka e durante esse período teve contato com inscrições em cingalês – e inclusive se correspondeu com um acadêmico de Cambridge sobre elas –, para nós está evidente que Fawcett de alguma forma relacionou as inscrições de *Hingaray Gala* com os caracteres do Documento 512, o que não exigiria da parte dele muito mais esforço criativo do que acreditar na existência de “índios brancos” e no estabelecimento de uma colônia formada por sobreviventes do cataclismo de Atlântida no estado do Mato Grosso. Falta agora nos aprofundarmos em ambas as questões – “índios brancos” e atlantes no Brasil – para entendermos melhor o pensamento de Fawcett.

#### **2.4 O Documento 512 no contexto do primeiro volume da Revista do IHGB e a busca por cidades perdidas**

Não se sabe ao certo quando e como Fawcett teve o primeiro contato com o Documento 512, se foi por meio da tradução de Isabel Burton, publicada como apêndice na obra de seu marido *Explorations of the Highlands of Brazil* (1869)<sup>444</sup>, se foi nas

---

<sup>443</sup> “What is the significance of the hundreds of inscriptions scattered throughout the forests in characters resembling some of those contained amongst the oldest scripts known to us elsewhere, themselves as yet a mystery?” FAWCETT, Percy Harrison. *The lost city of my quest*. **Blackwood’s Magazine**, v. 233, n. 1407, p. 97, jan. 1933, tradução nossa.

<sup>444</sup> BURTON, Richard Francis. **Explorations of the Highlands of Brazil**. A full account of the gold and diamond mines. London: Tinsley Brothers, 1869, v. 2, p. 459-463.

páginas do Tomo I (1839)<sup>445</sup> da Revista do IHGB ou se ele realmente topou com o Documento 512 na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), dado que, desde a época em que ele estava lotado como oficial do exército britânico no Ceilão, é notório seu interesse e dedicação à pesquisa de civilizações antigas e velhos manuscritos. É interessante a forma como Antonio Callado manifesta a sua desconfiança em relação à alegação de Fawcett de que é a primeira vez que publica o conteúdo do Documento 512, chamando nossa atenção para o fato de que Burton e Fawcett eram ambos membros da *Royal Geographical Society*, logo, seria muito difícil que Fawcett não conhecesse o trabalho do eminente colega de instituição, cujas “[...] peripécias aventurosas foram seguidas, com maior ou menor brilho, no decorrer do século XIX, por toda uma sequência de viajantes-cientistas-aventureiros.”<sup>446</sup>

Descoberto em 1839 pelo naturalista Manuel Ferreira Lagos na Livraria Pública da Corte no Rio de Janeiro, o Documento 512 foi entregue por ele ao IHGB e publicado integralmente no Tomo I da Revista do IHGB pelo então diretor do Instituto, o cônego Januário da Cunha Barboza, que nesse mesmo tomo escreve uma “Advertência” pedindo que mais intelectuais se dediquem à elucidação do mistério envolvendo as ruínas da cidade abandonada que são descritas nesse documento. No entanto, nessa advertência não há considerações a respeito da autenticidade ou da autoria do manuscrito. Segundo Johnni Langer, o pesquisador Hermann Kruse e o historiador Pedro Calmon Vianna apontam “[...] como autor do manuscrito em questão, o bandeirante João da Silva Guimarães. Percorrendo os desconhecidos sertões da Bahia entre 1752-53, ele teria noticiado a descoberta das minas de prata de Robério Dias.”<sup>447</sup>

Langer indica que o suposto autor do Documento 512, João da Silva Guimarães, era amigo de Martinho de Mendonça de P. e Proença, governador da província de Minas Gerais e patrocinador de suas expedições. Langer atesta que é muito provável que Guimarães tenha escrito o Documento 512 com a ajuda – ou pelo menos sob influência – de Martinho de Mendonça, que, segundo Langer era “[...] bibliotecário, poliglota e

---

<sup>445</sup> RELAÇÃO histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753, nos sertões do Brazil. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo I, n. 3, pp. 181-189, out. 1839.

<sup>446</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 100.

<sup>447</sup> LANGER, Johnni. A Cidade Perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43, p. 130, 2002.

filólogo, membro da Real Academia de Lisboa.”<sup>448</sup> A conclusão de Langer é que as ruínas da suposta cidade perdida da Bahia eram uma miragem, um mito arqueológico altamente influenciado pelas descobertas verdadeiras de Pompeia e Herculano, iniciadas em 1748.

Como podemos observar, o Documento 512 foi apropriado não apenas por Fawcett, mas por diversos intelectuais ao longo de todo o século XIX e início do XX como prova documental da existência de uma civilização pré-cabralina ultradesenvolvida que seria a verdadeira responsável pela colonização, a um só tempo, do Brasil e de toda América do Sul. O contexto do resgate do Documento 512 e de sua publicação em 1839 na Revista do IHGB segue a lógica da “[...] necessidade de construir uma Memória Nacional, que minimizasse um legado colonial desagregador e fosse capaz de contribuir para a união das Províncias do Império”<sup>449</sup>, sendo que o centro de produção desse projeto de construção da memória, da identidade e da historiografia nacional era o IHGB, sediado na Corte Imperial<sup>450</sup>. A história forjada pelo IHGB no sentido de buscar uma explicação para o elemento nacional está estritamente relacionada à questão da raça<sup>451</sup>.

Ludibriados pelo conteúdo fascinante do Documento 512, os intelectuais do IHGB tiveram pouco ou nenhum interesse em desvendar a autoria do referido documento, uma vez que “[...] essas ruínas aventavam a possibilidade de uma antiga civilização muito adiantada ter ocupado a jovem nação. Imediatamente, todos os esforços em encontrar esses maravilhosos vestígios foram efetuados.”<sup>452</sup> Esse objetivo ia de encontro à meta do IHGB de recuperar as origens do povo brasileiro e “[...] criar uma história para a nação, inventar uma memória para um país que deveria separar, a partir de então, seus destinos dos da antiga metrópole.”<sup>453</sup> E essa meta do IHGB estava impregnada pela questão racial, uma vez que “Em finais do século XIX o Brasil era apontado como um caso único e singular de extremada miscigenação racial”<sup>454</sup>, tanto é que o vencedor do concurso

---

<sup>448</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>449</sup> HOLTEN, B.; GUIMARÃES, L. M. P. Desfazendo as Ilusões: o Dr. Lund e a suposta presença escandinava na terra de Santa Cruz. Locus: **Revista de História**, [S. l.], v. 3, n. 1, p.35, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20437> Acesso em: 2 nov. 2022.

<sup>450</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018, p. 66.

<sup>451</sup> *Ibidem*, p. 75-88.

<sup>452</sup> LANGER, Johnni. A Cidade Perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil Império. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 43, p. 131, 2002.

<sup>453</sup> SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 33.

<sup>454</sup> *Ibidem*, p. 15.

“Como escrever a história do Brasil”, promovido pelo IHGB em 1844, foi o naturalista alemão Karl Friedrich Philipp von Martius com a proposta de

[...] correlacionar o desenvolvimento do país com o aperfeiçoamento específico das três raças que o compunham. [...] Ao branco, cabia representar o elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação.<sup>455</sup>

No contexto de abolição da escravatura em 1888 e da Proclamação da República em 1889, intelectuais, cientistas e políticos brasileiros direcionam seus esforços no sentido de desvincular o passado nacional da herança escravocrata e da dominação colonial num duplo movimento que, no intervalo de um ano decretou, ao menos no âmbito institucional, que não havia mais escravos no país e que não éramos mais subordinados à família real portuguesa. Obviamente tais mudanças não são fruto apenas de um papel assinado, mas de um longo e penoso processo histórico permeado por rupturas e permanências. Portanto, não obstante a Lei Áurea ter libertado a população negra escravizada, perpetuou-se no imaginário, no discurso e na prática o estigma do negro como inferior ao branco, tornando o racismo um fator estruturante na formação da sociedade brasileira. Nas palavras de Roberto Ventura, “a abolição contribuiu, portanto para a marginalização do afro-brasileiro, ao barrar sua participação na esfera política e na nova ordem econômica.”<sup>456</sup>

Lilia Schwarcz, na obra *O espetáculo das raças*<sup>457</sup>, empreende um trabalho de síntese e contextualização da questão racial no Brasil entre 1870-1930, concluindo que, nesse período:

Raça é um dado científico e comparativo para os museus; transforma-se em fala oficial nos institutos históricos de finais do século; é um conceito que define a particularidade da nação para os homens de lei; um índice tenebroso na visão dos médicos. O que se percebe é como em determinados contextos reelaboram-se símbolos disponíveis dando-lhes um uso original.<sup>458</sup>

---

<sup>455</sup> *Ibidem*, p. 147.

<sup>456</sup> VENTURA, Roberto. **Um Brasil mestiço**: raça e cultura na passagem da Monarquia à República. In: MOTTA, Carlos Guilherme (Org.). Viagem incompleta. São Paulo: Senac, 2000, v. 1, p. 341.

<sup>457</sup> SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>458</sup> *Ibidem*, p. 317.



A autora realiza uma análise quantitativa<sup>459</sup> dos temas presentes nas publicações do Museu Nacional (RJ), do Museu Paulista (SP) e do Museu Paraense Emílio Goeldi (PA), observando a superioridade numérica de artigos referentes às ciências naturais no período por ela analisado. No entanto, não podemos deixar de notar e insistir que, mesmo contando com número muito reduzido de artigos, a ciência arqueológica é de extrema importância para todas as instituições citadas. Conjecturamos que o baixo número de artigos publicados sobre arqueologia não consiste em um projeto editorial, mas sim, em um sintoma da grande expectativa de encontrar vestígios materiais do período pré-colonial no Brasil, expectativa essa que se mostrou frustrada: ou os homens de ciência estavam procurando no lugar errado ou então procuravam pelos vestígios errados, buscavam encontrar cidades de pedra, mas os vestígios deixados pelas sociedades pré-coloniais consistem em artefatos produzidos com matéria-orgânica, que se decompõem com mais facilidade, deixando pouco ou nenhum vestígio material para serem escavados pelos arqueólogos.

Schwarcz até cogita a possibilidade de o baixo número de artigos publicados sobre arqueologia, no caso de Emílio Goeldi (diretor do Museu Paraense), indicar que “[...] ou Goeldi não encontrou material suficiente para a comprovação de suas suspeitas, ou acabou se dedicando apenas a pesquisas ligadas à sua especialidade profissional.”<sup>460</sup> Goeldi era naturalista e zoólogo, mas quando reformula o Museu Paraense em 1893 cria – além das seções de zoologia, botânica, etnologia, geologia e mineralogia – uma seção de arqueologia, o que indica que havia uma expectativa em produzir artigos científicos sobre esse tema. Ademais, tanto para Goeldi do Museu Paraense quanto para Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional, a questão da origem do homem americano representava um grande enigma que só seria desvendado através de achados arqueológicos. Na visão de Goeldi:

Nessa região, raças cuja origem se ignora e filiação se desconhece, cuja história não se sabe, existiram, viveram, **deixaram vestígios**... Quem sabe senhores, si aqui não está a chave de um dos enigmas mais excitantes da curiosidade científica desses tempos: a origem do homem americano.<sup>461</sup>

---

<sup>459</sup> Nessa análise, no entanto, os parâmetros da autora não estão claros como, por exemplo, o critério que ela utiliza para classificar publicações que abarcavam mais de um tema.

<sup>460</sup> SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 110.

<sup>461</sup> GOELDI, Emilio. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, pp. 6-7. 1894, grifo nosso.

Enquanto para Ladislau Netto:

[...] desde há vinte annos, quando a Europa inteira, agitada ao rumor das perquisições que se seguiram ao descobrimento de Boucher de Perthes,<sup>462</sup> lançava os olhos para o novo continente a pedir-lhe a chave dos numerosos enigmas vinculados àquella revelação. Completava eu então meus estudos em Paris e nada mais natural que deixar-me arrastar pelos vórtices da onda entusiastica dos que viam assim dilatadas as fronteiras da origem do homem nos fastos da paleontologia. Ah! Quantas páginas indecifradas, sobre a história da humanidade, não encerram ainda esses **archivos de pedra** até hoje occultos na mudez da noute eterna do passado!<sup>463</sup>

Entendemos, portanto, que a pouca quantidade de artigos sobre arqueologia publicados em revistas científicas era antes um sintoma do que um projeto, era a consequência, e não a causa. Havia, de fato, uma ânsia por parte dos homens de ciência em encontrar vestígios arqueológicos de uma civilização pré-cabralina que não fosse de origem indígena, africana ou portuguesa, uma vez que, na opinião de alguns homens de ciência, “O servilismo do negro, a preguiça do índio e o gênio autoritário e tacanho do português produziram uma nação informe, sem qualidades fecundas e originaes.”<sup>464</sup> Esses intelectuais demandavam da arqueologia provas de que aqui se desenvolveu uma civilização avançada que construiu cidades de pedra – como a que os bandeirantes teriam encontrado em ruínas no ano de 1753 – e que se degenerou ao longo dos séculos, desapareceu e foi suplantada pelos nativos encontrados pelos europeus no século XVI.

É inclusive a partir do encontro entre nativos do Novo Mundo e os navegadores europeus no século XVI que se intensificará a produção de teorias explicativas sobre a origem das diferenças entre os seres humanos e sobre a origem da própria humanidade. Schwarcz destaca no século XVIII a teoria do bom selvagem e da perfectibilidade humana de Jean-Jacques Rousseau, considerada uma teoria humanista com um viés positivo da diferença entre as raças. Em contraposição a Rousseau, surgem interpretações com uma abordagem mais negativa da diferença, dentre elas, Schwarcz destaca as teorias de Buffon sobre a “infantilidade do continente” e de De Paw sobre a “degeneração americana”<sup>465</sup>. Para Schwarcz, essas vertentes pessimistas se radicalizam no século XIX com a

---

<sup>462</sup> Arqueólogo e antiquário francês que em 1830 descobriu no Vale do rio Somme ferramentas de pedra pré-históricas. Ficou tão famoso na época que foi citado por Júlio Verne no livro *Voyage au centre de la Terre* (1864).

<sup>463</sup> NETTO, Ladislau. **Archivos do Museu Nacional**, v. VI, p. 2, 1885, grifo nosso.

<sup>464</sup> ROMERO, Silvio. **Estudos sobre poesia popular no Brasil (1879-1880)**. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1888, p. 355.

<sup>465</sup> SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 58-62.

constatação da preponderância do elemento mestiço e isso vai influenciar fortemente os intelectuais do período, inclusive o historiador britânico Henry Thomas Buckle, que em sua obra mais famosa – *History of Civilization in England* (1857) – dedica dez páginas ao Brasil, concluindo que “[...] a natureza local ‘tão abundante’ deixava pouco espaço ao homem e suas obras.”<sup>466</sup>

Fawcett não apenas leu Buckle como o cita em seus escritos,<sup>467</sup> concordando com ele, afinal Fawcett compartilhava da tese da degeneração da raça e Buckle oferecia uma explicação: o determinismo climático. Qualquer civilização que florescesse dentro dos limites do continente sul-americano estava fadada a se degenerar. No caso do Brasil, a degeneração era agravada ainda mais pela miscigenação. A desvalorização de qualquer elemento não-branco e da miscigenação na composição populacional conjugada com as teorias e crenças de Fawcett culminaram na sua busca por remanescentes de uma civilização branca extinta, outrora altamente desenvolvida, localizada no interior do Brasil e oriunda da Atlântida.

## 2.5 O ídolo de pedra

No rol de supostas provas materiais das teorias de Fawcett figura também o ilustre ídolo de pedra (imagem 6) que ele carregava consigo para todo lado, proibindo que qualquer pessoa o tocasse. Essa peça desempenha um papel tão proeminente na trajetória de Fawcett que sua história abre o capítulo dois de *Exploration Fawcett* e lhe serve de título. No primeiro parágrafo desse capítulo lemos que

Tenho em meu poder uma imagem com cerca de dez polegadas<sup>468</sup> de altura, esculpida num pedaço de basalto preto. Representa uma figura com uma placa no peito, na qual se acha gravado certo número de caracteres, e em seus tornozelos há também uma faixa com caracteres gravados da mesma maneira. Foi a mim presenteada por *Sir H. Rider Haggard*, que a obteve no Brasil, e creio firmemente que veio de uma das cidades perdidas.<sup>469</sup>

---

<sup>466</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>467</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 244.

<sup>468</sup> 1 polegada equivale a aproximadamente 2,54 centímetros, portanto 10 polegadas seriam mais ou menos 25,4 centímetros.

<sup>469</sup> “I have in my possession an image about ten inches high, carved from a piece of black basalt. It represents a figure with a plaque on its chest inscribed with a number of characters, and about its ankles a band similarly inscribed. It was given to me by *Sir H. Rider Haggard*, who obtained it from Brazil, and I firmly believe that it came from one of the lost cities.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**.

Temos aqui, numa única peça, um artefato de pedra e inscrições entalhadas, uma miragem arqueológica para Fawcett. Não sabemos em que ano exatamente Rider Haggard o presenteou com o ídolo de pedra, mas sabemos que Fawcett escreve o trecho acima em 1923<sup>470</sup> e que ele o carregava durante a expedição de 1925, por considerar que esse artefato seria uma espécie de chave ou passaporte para a cidade perdida de Z. Na tentativa de desvendar a origem e o significado do ídolo de pedra, Fawcett submete o artefato a cientistas e psicometristas. Mas “Os peritos do Museu Britânico nada souberam dizer-me sobre a origem desse ídolo. ‘Se não é falso, o fato é que ultrapassa toda a nossa experiência’, comentaram.”<sup>471</sup>

### Imagem 6 – Reprodução do ídolo de pedra feita por Brian Fawcett



Fonte: FAWCETT, Percy Harrison. *Exploration Fawcett*. London: Hutchinson, 1953, p. 33.

---

Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 12, tradução nossa.

<sup>470</sup> *Ibidem*, p. 258.

<sup>471</sup> “Experts at the British Museum were unable to tell me anything about the idol’s origin. ‘If not a fake,’ I was told, ‘it’s quite beyond our experience!’” *Ibidem*, p. 12, tradução nossa.

Insatisfeito com a resposta inconclusiva dos peritos do Museu Britânico, Fawcett sentencia: “Tenho certeza de que não se trata de uma peça falsa, pois quatorze dos vinte e quatro caracteres nela inscritos foram encontrados, separadamente, em vários fragmentos de cerâmica antiga brasileira”<sup>472</sup> – mais um sinal de que Fawcett, de fato, dispensa especial atenção a caracteres e inscrições, comparando-os entre si. Fawcett então tem uma outra ideia: “Só me ocorreu uma maneira de descobrir o segredo da imagem de pedra: lançar mão da psicometria – um método que pode suscitar o desprezo de muitas pessoas, mas que é amplamente aceito por outros que têm conseguido manter suas mentes livres de preconceitos.”<sup>473</sup> A psicometria diz respeito a ideia de “[...] que objetos materiais poderiam transmitir informações às pessoas, ou, inversamente, que algumas pessoas tinham a capacidade de ler informações a partir de rochas e madeira, papel e metal.”<sup>474</sup> Fawcett dá uma explicação similar da psicometria, defendendo o seu uso como fonte alternativa de conhecimento, quando não se tem informação alguma sobre um objeto.

Segue-se então o relato do psicometrista, que tem visões de montanhas, vulcões, e de uma grande e bem desenvolvida civilização que sucumbe a um desastre natural. A sessão é concluída com um aviso: “A sentença que teve a Atlântida será aplicada a todos aqueles que têm a presunção de endeusar o poder.”<sup>475</sup> Fawcett ainda submete o ídolo ao exame de outros psicometristas para ver se suas leituras do artefato divergem ou não, e o resultado obtido por ele é que todos disseram a mesma coisa, tiveram as mesmas visões. Diante disso, Fawcett registra que “[...] considerei-a [a estátua] a chave que possivelmente desvendaria o segredo da Cidade Perdida que eu procurava. Enquanto perdurasse essa busca, ela haveria de acompanhar-me.”<sup>476</sup> A leitura dos psicometristas

---

<sup>472</sup> “I am quite sure it is not a fake, for fourteen of the twenty-four characters inscribed on it occur separately on various pieces of ancient Brazilian pottery.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>473</sup> “I could think of only one way of learning the secret of the stone image, and that was by means of psychometry – a method that may evoke scorn from many people, but is widely accepted by others who have managed to keep their minds free from prejudice.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>474</sup> “[...] that material objects could convey information to people, or conversely, that some people had the ability to read information from rocks and wood, paper and metal.” BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006, p. 106, tradução nossa.

<sup>475</sup> “The judgment of Atlantis will be the fate of all who presume to deific power.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 14, tradução nossa.

<sup>476</sup> “[...] I look on it as a possible key to the secret of the Lost City of my quest, and when the search is continued it will accompany me.” *Ibidem*, tradução nossa.

coincide em muitos pontos com a descrição do fim da quarta raça-raiz, a dos atlantes, feita por Helena Blavastky no livro *A Doutrina Secreta*:

[...] a quarta raça atlante se desenvolveu [...] em um ponto situado<sup>477</sup> mais ou menos onde fica atualmente o meio do oceano Atlântico. Seu continente formou-se pela união de muitas ilhas e penínsulas que se ergueram acima das águas no transcurso normal dos séculos para finalmente se converterem na verdadeira morada da grande raça conhecida como atlante. Os ensinamentos secretos indicam que o ‘Dilúvio’ atingiu a Quarta Raça gigante, não por causa de sua perversidade [...], mas porque esse é o destino de todos os continentes.<sup>478</sup>

Encontramos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) uma carta do coronel Fawcett enviada para um certo Dr. Childe, na qual ele relata sua experiência com os psicometristas, afirmando que

A pequena figura de pedra é um grande mistério para o Museu B. e demais especialistas. Eles não conseguem entendê-la de forma alguma, nem as inscrições brasileiras [...] É algo que está além de toda experiência humana anterior. Levei a figura a alguns bons psicometristas para extrair alguma informação de sua história.<sup>479</sup>

Alberto Childe era conservador de arqueologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ), onde já havia trabalhado como artista ilustrando alguns trabalhos de Edgard Roquette-Pinto, que, em 1911, havia indicado Childe para a vaga de técnico de restauração de objetos egípcios. Além disso, ele “Ajudava na reprodução de desenhos, na feitura de moldes e na tradução de livros e textos em outras línguas, dedicando-se especialmente aos estudos da antiguidade clássica.”<sup>480</sup> Alberto Childe (1871-1951) era natural da cidade de São Petersburgo, na Rússia, e seu nome de batismo era Dmitri Vonizin<sup>481</sup>, tendo adotado Alberto Childe quando chegou ao Brasil. Pelo tom de Fawcett

---

<sup>477</sup> Para um aprofundamento sobre o mito da Atlântida ver VIDAL-NAQUET, Pierre. **Atlântida**: pequena história de um mito platônico. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

<sup>478</sup> BLAVATSKY, Helena. **A doutrina secreta**. São Paulo: Pensamento, 2012, p. 114-115.

<sup>479</sup> “*The little stone figure is a great mystery to the B. Museum & all other experts. They cannot understand it at all or the Brazilian writings [...] It’s something beyond all previous experience. I have taken the figure to several good psychometrists to get some ideia of it’s History.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Carta ao professor Childe**. Destinatário: Alberto Childe. Kensington Gore, 03 mar. 1922. 1 carta. 6 f. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Manuscritos – 24, 4, 20 n°002, tradução nossa.

<sup>480</sup> KEULER, Adriana Tavares do Amaral. **Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro**: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939). 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 141.

<sup>481</sup> *Ibidem*, p. 308.

na carta, eles eram amigos, já tinham se encontrado pessoalmente e trocavam missivas com certa frequência.

Além de Childe, Fawcett também se correspondia com outro estrangeiro vivendo no Brasil, uma mulher a quem ele se dirige como *Mrs. Lutz*. A Sra. Lutz era esposa do cientista pioneiro da medicina tropical Adolpho Lutz, e seu nome de batismo era Amy Marie Gertrude Fowler. Nascida na Inglaterra a 14 de julho de 1869, Amy era enfermeira e havia trabalhado num hospital no Havaí que oferecia tratamento para a hanseníase<sup>482</sup>. Foi no Havaí que ela conheceu Adolpho Lutz, com quem se casou e teve dois filhos: Bertha Maria Júlia Lutz<sup>483</sup> (1894-1976) e Gualter Adolpho Lutz (1903-1969). No conteúdo das missivas entre Amy Fowler e Percy Fawcett não é possível determinar como os dois se conheceram: se foi na Inglaterra, aqui no Brasil ou por outros meios<sup>484</sup>.

Desde 1919 Bertha era pesquisadora do Museu Nacional, onde Childe também trabalhava, entretanto, reiteramos que não há como as três cartas datadas de 04/01/2021, 14/04/2021 e 26/03/2023 endereçadas à *Mrs. Lutz* serem destinadas à Bertha, pois “*Mrs.*” (versão contraída de *mistress*/senhora) é um “*personal title*” (prônimo de tratamento) usado para se referir a mulheres casadas, e sabemos que Bertha nunca se casou. Além disso, na carta de 26/03/1923<sup>485</sup>, Fawcett menciona “a fama de sua linda filha”, e sabemos também que Bertha nunca teve filhos. Apenas duas, das cinco cartas de Fawcett sob a guarda do Arquivo Nacional, foram endereçadas a Bertha. Nessas duas missivas, datadas de 18/06/2023 e 15/12/2024 Fawcett utiliza o pronome de tratamento “*Miss*” (senhorita), destinado a mulheres solteiras. Ele só se corresponde com Bertha pois Amy havia falecido

---

<sup>482</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. **Revista de História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, pp.13-83, jan./abr. 2003.

<sup>483</sup> Parte da correspondência trocada entre Amy Fowler e Percy Fawcett aliás, foi equivocadamente identificada como pertencente à Bertha Lutz e se encontra depositada no Fundo “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino” do Arquivo Nacional, junto a outros documentos referentes à trajetória política de Bertha, grande expoente do movimento feminista e reconhecida internacionalmente pela sua militância.

<sup>484</sup> Entre 1893 e 1908 Adolfo Lutz esteve à frente do Instituto Bacteriológico de São Paulo – batizado posteriormente de Instituto Adolfo Lutz, em sua homenagem. Vinculado ao Instituto Bacteriológico havia um laboratório de produção de soro antipestoso, criado especialmente para o combate da epidemia de peste bubônica que assolou São Paulo no final do século XIX e começo do XX. Esse laboratório localizava-se na Fazenda Butantan – local distante do centro da cidade – que, em fevereiro de 1901, foi reconhecido pelo governo do estado como uma instituição autônoma, dando origem ao que depois viria a ser o Instituto Butantan. Seu primeiro diretor foi o médico Vital Brazil Mineiro da Campanha, amigo de Adolfo Lutz. Como Fawcett visitou o Instituto Butantan em 1920 e conheceu Vital Brazil, é possível que ele o tenha apresentado à família Lutz.

<sup>485</sup> “[...] *the fame of your beautiful daughter.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Carta à Mrs. Lutz**. Destinatário: Mrs. Lutz. Stoke Canon, 26 mar. 1923. 1 carta. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, BR RJANRIO Q0.BLZ, COR. TXT, A923.19, p. 1.

no dia 4 ou 5 de março de 1922<sup>486</sup> e, portanto, é Bertha quem responde a carta de Fawcett de 26/03/1923, provavelmente informando a ele que sua mãe havia morrido no ano anterior. Por conta disso, na carta de Fawcett datada do dia 18/06/2023 ele escreve que “Fico entristecido ao ouvir sobre sua mãe. Ela era uma alma querida e gentil, e a família certamente sentiu muito a falta dela.”<sup>487</sup> Nessa mesma carta, Fawcett relata para Bertha quais são seus planos para a próxima expedição (“[...] rastrear a situação atual e o passado das antigas cidades brasileiras”<sup>488</sup>) e pede que ela mande lembranças para “[...] nosso amigo em comum, o inteligente Dr. Childe.”<sup>489</sup>

Essas cartas sugerem que Fawcett dispunha de uma incipiente rede de contatos no Brasil. A família Lutz é reconhecidamente importante na história da medicina tropical e da biologia graças às pesquisas de Adolpho e de Bertha Lutz. Alberto Childe, por sua vez, era um respeitado funcionário do Museu Nacional com uma boa bagagem acadêmica e considerado um erudito pelos seus pares<sup>490</sup>. É interessante o fato dele se corresponder com Fawcett sobre temas como a psicometria, que o próprio Fawcett admite se tratar de um método “que muita gente poderia achar ridículo”. Mas ele se sente muito à vontade dialogando com Childe sobre o tema, o que nos leva a reflexão de que esses dois cientistas – Fawcett e Childe – à maneira deles estão fazendo ciência, pois dentro de seus horizontes a psicometria era um método válido para a obtenção de conhecimento.

Como pudemos observar ao longo deste capítulo, o tempo todo Fawcett está adicionando elementos ao seu caldeirão de ideias e nesse movimento ele acaba misturando as inscrições de *Hingaray Gala*, os caracteres do Documento 512, o ídolo de pedra, vestígios arqueológicos, a história determinista de Buckle, os ensinamentos de Blavatsky, o mito de Atlântida, o racismo científico e o método da psicometria. Esses elementos vão se misturar muito bem no *melting pot* de Fawcett, culminando com uma

---

<sup>486</sup> Não foi possível determinar com precisão, pois as informações que encontramos relativas a esse acontecimento são provenientes dos convites para a missa de 7º e 30º dia da morte de D. Amy Lutz, publicados respectivamente nos jornais *Correio da Manhã*, 10 mar. 1922, p. 8, e *A Noite*, 4 abr. 1922, p. 4.

<sup>487</sup> “*I am grieved to hear about your mother. She was such a dear kind soul & the family will have missed her much.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Carta à Miss Lutz**. Destinatário: Miss Lutz. Stoke Canon, 18 jun. 1923. 1 carta. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, BR RJANRIO Q0.BLZ, COR. TXT, A923.19, p. 2, tradução nossa.

<sup>488</sup> “[...] *tracking down the circumstances & history of the old Brazilian cities.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>489</sup> “[...] *our clever mutual friend, Dr. Childe.*” *Ibidem*, p.3, tradução nossa.

<sup>490</sup> ALBERTO Childe. Obituário. **Ciência para Todos: Suplemento de Divulgação Científica de “A Manhã”**, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1950, p. 8.



síntese de seu pensamento contida nos três capítulos finais de *Exploration Fawcett*, escritos pouco antes dele partir para sua última expedição em 1925.

### Capítulo 3 – A expedição de 1925 e o desaparecimento de Fawcett

Mil fragmentos somos, em jogo misterioso  
Aproximamo-nos e afastamo-nos, eternamente.  
Como poderão me encontrar?<sup>491</sup>

**Cecília Meireles**

*For every Colonel Fawcett known to the world, there  
are a hundred who have disappeared and remain  
entirely unheard of.*<sup>492</sup>

**Leonard Clark**

#### 3.1 A sétima expedição (setembro de 1924 – maio de 1925) e a questão da raça

Dos capítulos um a dezenove do livro onde foram compilados os escritos do coronel Fawcett, o autor – Percy – e o editor – Brian – se dedicaram a traçar os detalhes das seis expedições que o coronel realizou na América do Sul entre 1906 e 1921, focando nos itinerários de cada uma delas. Os capítulos vinte, vinte e um e vinte e dois, escritos, segundo Brian, logo antes de seu pai partir pela última vez, apresentam ao leitor o pensamento de P. H. Fawcett condensado e bem estruturado. São capítulos teóricos nos quais Percy concentra todo o conhecimento acumulado e mobiliza todos os argumentos supostamente científicos a favor de sua teoria sobre Z; são nessas páginas que o caldeirão de ideias toma corpo e voz, ressoando a intrincada teia de pensamento de Fawcett. É como se Percy estivesse preparando o terreno para as descobertas que ele esperava realizar no sertão do Mato Grosso no ano de 1925. Esses capítulos são a antessala de Z, a forma que ele escolheu para deixar o público leigo a par do que estava por vir: a grande revelação das cidades abandonadas.

Como nem P. H. Fawcett nem seus companheiros retornaram dessa expedição, oficialmente esses capítulos representam a sua palavra final sobre Z. O que sabemos hoje sobre a sétima e última expedição de 1925 baseia-se nas informações reunidas pelo filho e editor Brian a partir das cartas enviadas a ele pelos três membros do grupo: P. H. Fawcett, Jack Fawcett (filho mais velho de Percy) e Raleigh Rimmel (amigo de infância de Jack e Brian), além de memórias pertencentes ao próprio Brian e pesquisas que ele realizou após o desaparecimento do pai e do irmão. Brian escreve sobre a expedição de

---

<sup>491</sup> MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.178.

<sup>492</sup> CLARK, Leonard. **The rivers ran east**. San Francisco: Travelers' Tales, 2001, p. 4.

1925 num epílogo dividido em dois capítulos denominados “Através do véu” e “O Novo Preste João”. É interessante a referência ao Preste João e a comparação com Fawcett, pois o reino do Preste João é descrito nas lendas que o perpetuaram como um lugar cheio de riquezas e monstros fabulosos. Segundo Umberto Eco:

Narra a *Crônica* de Otto de Freising que, em 1145, numa visita ao papa Eugênio II, no curso de uma missão das igrejas armênias, Hugo, bispo de Gabala, falou-lhe de um certo João, *Rex et Sacerdos* cristão nestoriano, descendente dos Magos, incitando-o a convocar uma segunda cruzada contra os infiéis. Em 1165, começou a circular aquela que ficou conhecida como a Carta do Preste João, escrita pelo preste a Manuel Commeno, imperador do Oriente. Mas a carta chegou também às mãos de Frederico Barba-Ruiva e do papa Alexandre II, impressionando vivamente os seus destinatários.<sup>493</sup>

Nessa Carta é descrito um reino cristão muito próspero localizado nas terras do leste, para além do território ocupado pelos muçulmanos, o que, para Eco, ajudou a impulsionar a expansão do Ocidente cristão, uma vez que incitava a curiosidade ocidental em relação ao Oriente. Tempos depois do surgimento da Carta, no século XIV, o reino lendário foi deslocado “[...] de um Oriente impreciso para a África, e com certeza a utopia do reino de João encorajou a exploração e a conquista do continente. Enfim, os portugueses acharam que o reino do preste era a Etiópia, que de fato constituía um reino cristão.”<sup>494</sup>

As ponderações de Eco são muito pertinentes para entendermos por que Fawcett foi qualificado como “o novo preste João” pelo seu filho. Destacamos aqui cinco elementos que podem justificar a aproximação entre o reino do preste João e a Z de Fawcett: 1. a mobilidade geográfica do mito; 2. tanto o reino do preste quanto Z serviram a um propósito maior de exploração de vastas regiões supostamente desconhecidas pelos europeus; 3. ambos os locais lendários foram descritos como repletos de riquezas e de monstros (no caso de Z os monstros eram os “índios Morcegos”); 4. ambas as fábulas têm um fundo de verdade, alguma característica que corresponde a um lugar real, no caso do reino do preste era o fato de se tratar de um reino cristão e, no caso de Z, o fato de existirem sociedades pré-colombianas avançadas espalhadas pela Amazônia e capazes de realizar o manejo da floresta, conforme evidenciado pelo trabalho do arqueólogo Eduardo

---

<sup>493</sup> ECO, Umberto. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 101.

<sup>494</sup> *Ibidem*, pp. 103-104.

Góes Neves<sup>495</sup>; 5. nenhum dos dois lugares lendários foi encontrado, não obstante a persistência daqueles que procuraram por eles incessantemente.

Em 1925 P. H. Fawcett estava cansado e sentia-se velho para continuar levando a cabo expedições que cobriam grandes distâncias a pé abrindo picadas e atravessando rios caudalosos, e ele sabia que provavelmente essa seria a última chance que ele teria para encontrar Z. Após o fracasso da expedição de 1920-1921 ele volta para o Reino Unido sem, no entanto, tirar Z da cabeça, e consciente de que cada ano que ele passa longe desse objetivo pesa em sua idade e compleição física. Diz Fawcett que “Há coisas curiosas que se encontram entre o Xingú e o Araguaia, porém, às vezes, duvido que eu possa resistir à viagem. Estou ficando muito velho para carregar uns vinte quilos sobre as costas meses a fio [...]”<sup>496</sup> Brian registra que “Desde havia retornado para a Inglaterra no final de 1921, a impaciência de meu pai em realizar sua última viagem estava corroendo-o. De reservado ele passou a ficar ranzinza.”<sup>497</sup> Ciente do caráter determinante da próxima expedição em sua longa carreira de explorador, P. H. Fawcett parte para Nova York em busca de financiamento para mais essa empreitada e finaliza seu manuscrito da seguinte forma:

O meu trabalho na América do Sul terminará em fracasso se a viagem não for bem-sucedida, pois jamais poderei repeti-la. Inevitavelmente me desacreditarão como visionário e serei rotulado como alguém que tinha em mente apenas o enriquecimento pessoal. Quem poderá compreender que não aspirava a nenhuma glória – nem ao dinheiro – que estou fazendo isso gratuitamente apenas com a esperança de que o benefício ulterior para a humanidade venha a justificar os anos despendidos nessa pesquisa? Os últimos anos têm sido os mais infelizes e os mais desapontadores em minha vida – estão cheios de ansiedades, incertezas, dificuldades financeiras, obscuras negociações e flagrantes traições.<sup>498</sup>

---

<sup>495</sup> NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu, 2022.

<sup>496</sup> “*There are curious things to be found between the Xingu and the Araguaya, but I sometimes doubt if I can stand up to that journey. I am growing too old to pack at least forty pounds on my back for months on end [...]*.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 270, tradução nossa.

<sup>497</sup> “*Ever since his return to England late in 1921 my father’s impatience to start off on his last trip was tearing at him with ever-increasing force. From reticent he became almost surly.*” *Ibidem*, p. 275, tradução nossa.

<sup>498</sup> “*If the journey is not successful my work in South America ends in failure, for I can never do any more. I must inevitably be discredited as a visionary, and branded as one who had only personal enrichment in view. Who will ever understand that I want no glory from it – no money for myself – that I am doing it unpaid in the hope that its ultimate benefit to mankind will justify the years spent in the quest? The last few years have been the most wretched and disillusioning in my life – full of anxieties, uncertainties, financial stringency, underhand dealing and outright treachery.*” *Ibidem*, p. 271, tradução nossa.

Poucos meses antes de Percy ir a Nova York, Brian havia partido em direção ao Peru, onde tinha conseguido um emprego como engenheiro numa estrada de ferro, e pontua que viu seu pai “[...] pela última vez em março de 1924, quando o trem de Liverpool saiu da estação de St. David’s, em Exeter. [...] esperava sinceramente que nos encontraríamos novamente dentro de alguns anos na América do Sul.”<sup>499</sup> P. H. Fawcett mantém uma constante troca de correspondência com Brian, e lhe escreve em maio de 1924 que

Estive uma semana em Londres tratando de assuntos da expedição [...] e pode ser que as coisas agora tenham ficado acertadas de maneira satisfatória. Provavelmente todo esse negócio será feito nos Estados Unidos; se isso se der, é para lá que terão de ser enviados também os resultados. Contudo, a Sociedade Geográfica Real aprovou unanimemente a expedição, de modo que ela, pelo menos, tem um apoio científico.<sup>500</sup>

Essa espécie de “benção científica” da *Royal Geographical Society* e dos pares de P. H. Fawcett é de extrema importância, pois serve de chancela para a sua atuação no território brasileiro em busca de Z e significa que ele desfruta da confiança e do incentivo dos colegas de instituição para realizar suas pesquisas. Sem mencionar que o peso da autoridade científica da RGS era enorme nessa época. John Scott Keltie, secretário da RGS de 1896 a 1915, escreveu um relatório<sup>501</sup> chamado *Geographical Education: Report to the Council of the Royal Geographical Society*, no qual ele defende o caráter científico da geografia e do seu papel determinante para o sucesso da disseminação e predominância da cultura europeia ao redor do mundo, como podemos observar no trecho a seguir, extraído do apêndice desse relatório:

Uma concepção científica sistemática da geografia tomará toda a superfície da Terra como objeto de seus estudos comparativos, ainda mais quando, atualmente, a cultura europeia avança em todas as direções de forma exponencial. Considerando, no entanto, a tarefa histórica que recai sobre a Europa, para se tornar o representante e líder desta cultura mundial, o estudante em seus estudos histórico-geográficos aplicará sua mente especialmente à

---

<sup>499</sup> “[...] for the last time in March of 1924, when the Liverpool train pulled out of St. David's station, Exeter. [...] I fully expected that we should meet again in a few years in South America.” *Ibidem*, p. 278, tradução nossa.

<sup>500</sup> “I was up in London for a week on expedition matters, [...] and it may be that things are now fixed up satisfactorily. Probably the whole business will be done in the U.S.A., and if so the results will go there too. But the Royal Geographical Society has unanimously endorsed the expedition, so at least it has scientific backing.” *Ibidem*, p. 276, tradução nossa.

<sup>501</sup> Para mais informações sobre esse relatório, ver WISE, M. J. The Scott Keltie Report 1885 and the Teaching of Geography in Great Britain. **Geographical Journal**, v. 152, n. 3, pp. 367-382, nov. 1896.

apreciação da configuração física da Europa, e como exerceu tal influência sobre seus habitantes a ponto de qualificá-los para tal missão.<sup>502</sup>

O apelo às ciências de forma geral realizado por P. H. Fawcett é fundamental na defesa da legitimidade de suas ideias ao lhes aplicar um verniz científico que lhes confere um brilho superficial de veracidade. No rol de cientistas citados pelo coronel em seus três capítulos teóricos figuram nomes como o de Édouard Louis Trouessart (1842-1927), zoólogo francês que colaborou na escrita da obra *Le Brésil*<sup>503</sup>, uma separata de *La Grande Encyclopédie* que continha diversos mapas e ilustrações paisagísticas do Brasil. Para P. H. Fawcett “Provavelmente Trouessart [*sic*] tinha razão ao afirmar que, no fim da época terciária, as duas Américas não estavam unidas e que o Brasil era uma gigantesca ilha.”<sup>504</sup> É curioso que P. H. Fawcett pense que, no passado, o Brasil teria sido uma ilha, pois o país sozinho tem proporções continentais, sendo que o território que corresponde hoje ao estado de São Paulo é equivalente à área total da ilha da Grã-Bretanha.

Há menção também ao botânico e explorador *Sir* Joseph Dalton Hooker (1817-1911), amigo de Charles Darwin e filho de *Sir* William Jackson Hooker, o primeiro diretor do *Royal Botanic Gardens*, em Kew, tendo, inclusive, sucedido o pai na direção dessa importante instituição científica à serviço do Império Britânico<sup>505</sup>. É provável que P. H. Fawcett tenha tido contato com o trabalho de J. D. Hooker por meio de sua obra

---

<sup>502</sup> “*A systematic scientific conception of geography will take the whole earth’s surface as the subject of its comparative studies, and all the more when at the present time European culture is pressing forward on every hand with rapid progress. In consideration, however, of the historical task devolving on Europe, to become the representative and leader of this world-wide culture, the student in his historico-geographical studies will specially apply his mind to the appreciation of the physical configuration of Europe, and how it exercised such influence on its inhabitants as to qualify them for such a mission.*” KELTIE, John Scott. **Geographical Education**: Report to the Council of the Royal Geographical Society. London: John Murray, p. 549, 1886, tradução nossa.

<sup>503</sup> LEVASSER, Édouard Louis. **Le Brésil**, avec la collaboration de MM. de Rio de Branco, Eduardo Prado, d’Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart et Zaborowski. Paris: H. Lamirault, 1889.

<sup>504</sup> “*Trouessart was probably right in concluding that at the end of the Tertiary epoch the two Americas were not joined together, and that Brazil was a huge island.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 240, tradução nossa.

<sup>505</sup> Foi durante a gestão de Hooker pai que ocorreu o episódio de biopirataria que desbancou a produção de borracha no Brasil, transferindo-a para as colônias britânicas na Ásia. Na época, *sir* William Jackson Hooker teria se comprometido “[...] a prestar toda a assistência que estivesse em seu poder a quem se dispusesse a fazer a tentativa de transplantar a seringueira do Brasil para algum território amigável dentro do Império Britânico”. In: JACKSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueiras e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 54.

sobre a flora do Ceilão<sup>506</sup>. Aparecem ainda no caldeirão de ideias de P. H. Fawcett o naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), o historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-1862) e o historiador estadunidense William Hickling Prescott (1796-1859). Percebemos aqui como P. H. Fawcett mobiliza figuras importantes tanto das ciências naturais quanto das ciências sociais e humanas. Os argumentos das ciências naturais são utilizados para demonstrar como o território brasileiro era propício para ser o refúgio – e não o berço – de uma raça avançada, uma vez que, em consonância com as ideias de Buckle, a natureza no Brasil não permitiria que se desenvolvesse aqui uma raça avançada e, por conta disso, essa raça seria originária de outra localidade – Atlântida – e teria apenas buscado abrigo em terras brasileiras, propícias para os atlantes se refugiarem após serem vitimados por um grande cataclisma.

Por sua vez, os postulados das ciências sociais e humanas são mobilizados no sentido de se montar um panorama sociocultural das populações que ocuparam esse território ao longo dos séculos na chave do evolucionismo cultural, do darwinismo social e da teoria da degeneração das raças. Faz-se necessário nesse ponto diferenciar o darwinismo social do evolucionismo cultural, que, a priori, podem ser confundidos entre si. Lilia Schwarcz apontou essas diferenças em *O espetáculo das raças* ao discorrer sobre a apropriação das teorias raciais em voga na Europa entre o final do século XIX e o começo do XX, afirmando que os homens de ciência do Brasil não realizaram uma cópia ou mera reprodução dessas teorias e que “Aqui se fez um uso inusitado da teoria original, na medida em que a interpretação darwinista social se combinou com a perspectiva evolucionista e monogenista.”<sup>507</sup> Mas essa combinação de aspectos díspares entre teorias que num primeiro momento nos parecem antagônicas não é exclusividade do terreno intelectual brasileiro. Esse amálgama de conceitos e de correntes de pensamento está presente nas teorias de Ernst Haeckel (1834-1919), Louis Agassiz (1807-1873), Alfred Russel Wallace e, claro, P. H. Fawcett.

O polímata alemão Haeckel, por exemplo, defendia uma corrente evolucionista do poligenismo, duas concepções antagônicas, uma vez que, enquanto o poligenismo preconiza origens distintas para a raça humana, o evolucionismo parte da premissa da

---

<sup>506</sup> HOOKER, J. D.; TRIMEN, H. **A Handbook to the Flora of Ceylon**, Containing Descriptions of all the Species of Flowering Plants Indigenous to the Island, and Notes on their History, Distribution, and Uses. London: Dulau & Co., 1893.

<sup>507</sup> SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 85.

origem a partir de um único ancestral comum. O zoólogo e naturalista suíço radicado nos EUA Agassiz, por sua vez, era um criacionista poligenista, e, mais uma vez, a maioria das doutrinas criacionistas baseiam-se na origem comum em Adão e Eva, mas, alguns poligenistas optaram por seguir uma corrente chamada “pré-adamita” (crença na existência de grupos humanos anteriores a Adão e Eva) numa tentativa de fazer convergir poligenismo e criacionismo. Assim como Haeckel, o naturalista, geógrafo e antropólogo britânico Alfred Russel Wallace era adepto do evolucionismo poligenista, tendo publicado conjuntamente com Charles Darwin<sup>508</sup> o artigo sobre a teoria da seleção natural das espécies.

Na obra *A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural, ou Preservação das Raças Favorecidas na Luta pela Vida*, o biólogo e naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) estabelece, resumidamente, que todas as espécies vivas descendem de um ancestral comum, que a árvore da evolução pressupõe o processo de seleção natural, segundo o qual o ser vivo mais adaptado ao seu ambiente sobrevive e transmite os seus genes às gerações futuras. De forma geral, o darwinismo social se encarregou de transpor as ideias de Darwin para as ciências sociais ao entender as sociedades como um corpo que, tal como um corpo biológico, é passível de evoluir de uma configuração mais simples – tida como “primitiva” – para uma condição mais complexa – considerada “civilizada”. Portanto, para os adeptos dessa corrente, é como se todas as sociedades estivessem seguindo a mesma escala evolutiva sociocultural ascendente em direção ao nível cultural da Europa do século XIX, a sociedade considerada mais evoluída e que ocupava a posição mais alta na escala evolutiva linear. Foi o biólogo e antropólogo inglês Herbert Spencer (1820-1903) quem cunhou a expressão “sobrevivência do mais apto”<sup>509</sup> e foi o

---

<sup>508</sup> Wallace e Darwin chegaram às mesmas conclusões mais ou menos na mesma época e, para evitar um mal-estar ético em termos de originalidade, ambos decidem apresentar em coautoria um artigo à Sociedade Lineana de Londres. Na apresentação do artigo, escrita por Joseph Dalton Hooker e Charles Lyell, consta a informação de que “[...] os cavaleiros Charles Darwin e Alfred Wallace tinham concebido de forma independente a mesma engenhosa teoria”. In: CARTUM, Leda; NESTROVSKI, Sofia. **As vinte mil léguas de Charles Darwin**: o caminho até “A origem das espécies”. São Paulo: Fósforo Editora, 2022, p. 202.

<sup>509</sup> Darwin utilizou a expressão “mais adaptado”, ao invés de “mais apto”, e há ainda, segundo Stephen Jay Gould, uma outra questão conceitual: Darwin não fala em “evoluir”, mas sim em “evolver”. É muito interessante o debate etimológico – e seu impacto nas correntes de pensamento da época – em torno do conceito de “evolução”. Para maiores informações veja GOULD, Stephen Jay. O dilema de Darwin: a odisseia da evolução. In: **Darwin e os Grandes Enigmas da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, pp. 25-29.



responsável por transplantar ideias e conceitos das ciências naturais para as ciências sociais e, por conta disso, é considerado o “pai do darwinismo social”<sup>510</sup>.

O evolucionismo cultural, por sua vez, foi a corrente hegemônica da antropologia no final do século XIX<sup>511</sup>. Sob a influência de Darwin e Spencer,

O evolucionismo na antropologia deu uma resposta clara à antiga questão de como se poderia compreender a enorme diversidade cultural humana: as diferenças culturais passavam a ser reduzidas a estágios históricos de um mesmo caminho evolutivo. Dois postulados básicos eram: o da unidade psíquica de toda a espécie humana, responsável pela uniformidade de seu pensamento; e o de que, em todas as partes do mundo, a sociedade humana teria se desenvolvido em estágios sucessivos e obrigatórios, numa trajetória basicamente unilinear e ascendente.<sup>512</sup>

Destacamos aqui o trabalho de três grandes expoentes do evolucionismo cultural: Edward Burnett Tylor (1832-1917), Lewis Henry Morgan (1818-1881) e James George Frazer (1854-1941). Tendo em mente as noções de uma escala evolutiva linear e da existência de uma unidade psíquica, E.B.Tylor propõe “[...] tratar a humanidade como homogênea em natureza, embora situada em diferentes graus de civilização.”<sup>513</sup> De forma geral, Tylor divide as sociedades humanas em animistas, politeístas e monoteístas, enquanto Morgan classifica os níveis de desenvolvimento cultural humano em selvageria, barbarismo e civilização, e, por fim, Frazer ordena os diferentes estágios em três níveis: magia, religião e ciência.

Em 1871, na obra *A Ciência da Cultura*, Tylor escreve que:

Comparando os vários estágios de civilização entre raças conhecidas da história, com a ajuda de inferência arqueológica derivada dos restos de tribos pré-históricas, parece possível formar uma opinião, ainda que grosseira, sobre uma condição anterior geral do homem. Do nosso ponto de vista, essa condição deve ser tomada como a primitiva, mesmo que, na realidade, algum estágio ainda mais remoto possa ter existido antes dela. [...] apesar da contínua interferência da degeneração, a tendência central da cultura, desde os tempos

---

<sup>510</sup> BOLSANELLO, Maria Augusta, “Darwinismo social, eugenia, racismo ‘científico’: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira”. **Educar**, Curitiba, nº 12, p. 154, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 out. 2022.

<sup>511</sup> ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 29.

<sup>512</sup> CASTRO, Celso. **Textos básicos de Antropologia**. Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. São Paulo: Zahar, 2016, p. 8.

<sup>513</sup> TYLOR, Edward Burnett. **A Ciência da Cultura** [1871]. In: CASTRO, Celso. (Org.). **Evolucionismo Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 76.

primevos até os modernos, foi avançar, a partir da selvageria, na direção da civilização.<sup>514</sup>

É importante ter em mente que esses três autores – Tylor, Morgan e Frazer – dialogam entre si e inspiram uns aos outros, por isso as ideias defendidas por eles são muito parecidas. É nesse sentido que em 1877, na obra *A Sociedade Antiga*, Morgan afirma que:

As mais recentes investigações a respeito das condições primitivas da raça humana estão tendendo à conclusão de que a humanidade começou sua carreira na base da escala e seguiu um caminho ascendente, desde a selvageria até a civilização, através de lentas acumulações de conhecimento experimental.<sup>515</sup>

Em consonância com as ideias de Tylor e Morgan, Frazer escreve em 1908 na obra *O Escopo da Antropologia Social* que “[...] a civilização, sempre e em toda parte, tem evoluído a partir da selvageria” e que um selvagem “[...] está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto.”<sup>516</sup> Ele defende ainda que “[...] as raças selvagens [...] pararam em diferentes pontos do caminho ascendente” e que “[...] podemos construir uma escala de progressão social e demarcar, grosseiramente, alguns dos estágios na longa estrada que leva da selvageria à civilização.”<sup>517</sup> Como podemos observar, esses três autores compartilham das mesmas ideias e pressupostos teóricos embasados no evolucionismo cultural, que se resumem aos seguintes aspectos: estágios sucessivos e obrigatórios de trajetória unilinear e ascendente; processo evolutivo partindo do mais simples para o mais complexo; origem única e desenvolvimento desigual da humanidade e um ritmo de evolução influenciado por condições externas, como isolamento geográfico ou influências ambientais (determinismo ambiental).

De qualquer forma, o que monogenismo, poligenismo, evolucionismo cultural e darwinismo social têm em comum é o racismo científico, uma vez que todas essas tentativas de determinar qual é a origem do ser humano foram usadas, em alguma medida, para sustentar que alguns grupos humanos são melhores do que outros, seja nos seus aspectos físico, mental ou cultural, sobressaindo sempre o grupo

---

<sup>514</sup> *Ibidem*, p. 93.

<sup>515</sup> MORGAN, Lewis Henry. **A Sociedade Antiga** [1877]. In: CASTRO, Celso. (Org.). *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 49.

<sup>516</sup> FRAZER, James George. **O Escopo da Antropologia Social** [1908]. In: CASTRO, Celso. (Org.). *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 107.

<sup>517</sup> *Ibidem*, pp. 120-121.

ocidental/europeu/branco, o que supostamente justificaria o domínio colonial da Europa sobre os demais povos de todos os outros continentes. A onda do racismo científico vem acompanhada das teorias da degeneração pois, uma vez que existe uma raça superior às demais, é desejável que a raça considerada superior não se misture com as demais raças consideradas inferiores em termos socioculturais e de pureza racial. Para os seguidores das teorias da degeneração,

[...] a miscigenação entre as diferentes raças humanas ou o hibridismo levava à degenerescência. A base dessa crença era que as 'raças cruzadas', ao invés de carregarem as melhores características de seu ancestrais, levavam a que traços atávicos viessem à superfície, expondo os descendentes de uniões mistas a todos os riscos de uma progressiva degenerescência.<sup>518</sup>

Partindo da linha de pensamento presente nos escritos de P. H. Fawcett, verificamos que ele combina poligenismo (baseando-se nas raças-raízes de Helena Blavatsky) com a teoria da degeneração, também presente na obra de Blavatsky, conforme observado no trecho a seguir:

Houve uma evolução espiritual, uma evolução psíquica, uma evolução intelectual e uma evolução animal, do mais elevado ao mais baixo, assim como um desenvolvimento físico – do simples e homogêneo ao mais complexo e heterogêneo; sem que isso, porém, tenha ocorrido segundo as linhas traçadas pelos evolucionistas modernos. Essa dupla evolução, em dois sentidos contrários, exigiu várias eras, de natureza e graus diversos de espiritualidade e intelectualidade, para construir o ser agora conhecido como homem.<sup>519</sup>

A teoria de Blavatsky pressupõe um duplo movimento na escala evolutiva: tanto de ascensão quanto de regressão, o que permite que uma raça evolua e/ou se degenere, portanto é preferível que os elementos de uma mesma raça se reproduzam entre si para evitar a degenerescência, conforme explicitado por Fawcett em suas observações sobre a população brasileira:

O negro não é considerado como um igual pelos brancos, e, embora haja liberdade e certa medida de camaradagem entre todas as classes, nota-se debaixo da superfície tanta distinção de classe quanto em qualquer outra parte do mundo. [...] Tal fato [miscigenação entre negros e brancos] e as preferências de seleção das classes abastadas estão eliminando gradualmente o negro [...]. Contínuas levas de europeus chegam ao país, se casam e produzem – nas altas classes, sem dúvida – belas crianças. Eventualmente

---

<sup>518</sup> MACHADO, Maria Helena P. T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo "degeneracionista". Revista USP, São Paulo, n. 75, set./nov. 2007, p. 73.

<sup>519</sup> BLAVATSKY, Helena. **A doutrina secreta**. São Paulo: Pensamento, 2012, p. 89.

haverá uma raça robusta e vigorosa, livre das fraquezas inerentes aos povos nativos. O Brasil sofreu muito no século XVII com as comunidades independentes e sem lei que haviam sido formadas por negros que tinham escapado do cativeiro, aos quais se tinham unido as mulheres de sua própria raça e as que eles haviam arrebatado das tribos indígenas. Essas comunidades costumavam destruir povoados e estâncias e eram culpadas de horríveis atrocidades, pois, sob a influência do álcool, conhecido por pinga, o negro, e especialmente o negro mestiço com índio, transforma-se em um animal selvagem.<sup>520</sup>

Temos aqui mais um aspecto contraditório das teorias que se propuseram a explicar a origem das diferenças entre os seres humanos – e a origem da própria humanidade –, que consiste no fato dessas teorias afirmarem, ao mesmo tempo, que a miscigenação era indesejável e que a introdução do elemento branco na população resolveria essa questão, uma vez que, aos poucos, ele prevaleceria sobre as demais raças. É nesse sentido que o crítico literário Silvio Romero<sup>521</sup> escreve em 1880 que

A minha these, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que este, para essa mesma vitória, atentas as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com quem tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o typo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e bello como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dous factos contribuirão largamente para esse resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro a emigração europeia.<sup>522</sup>

Diz Romero ainda que

---

<sup>520</sup> “*The Negro is not regarded as an equal by the whites, and while there is freedom and a measure of camaraderie among all classes, there is below the surface as much class distinction as in any other part of the world. [...] This, and the selective preferences of the well-to-do classes, are breeding out the Negro [...]. More and more Europeans come to the country, marry locally, and produce – in the upper classes, at any rate – very good-looking children. Eventually there will be a fine and vigorous race free from the inherent weaknesses of inbred nations. In the seventeenth century Brazil suffered much from lawless and independent communities of escaped Negro slaves, who were either joined by women of their own race or obtained them by raiding Indian tribes. These communities destroyed settlements and estancias, and were guilty of appalling atrocities – for under the influence of the liquor known as spinga the Negro, and particularly the Negro-Indian mestizo, becomes a wild animal.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 266, tradução nossa.

<sup>521</sup> Sobre as ideias eugênicas de Silvio Romero ver MORAES FILHO, Evaristo de. **Medo à utopia: o pensamento social de Tobias Barreto e Silvio Romero**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Ver também: VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>522</sup> ROMERO, Silvio. **A litteratura brasileira e a crítica moderna**. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880, p. 53.

Applicando as leis de Darwin à litteratura e ao povo brasileiro, é fácil perceber que a raça que há de vir a triumphar na lucta pela vida, neste paiz, é a raça branca. A família selvagem e a negra, uma espoliada pela conquista, outra embrutecida pela escravidão, pouco, bem pouco, conseguirão directamente para si.<sup>523</sup>

Ao relacionarem diretamente a miscigenação aos problemas sociais e às questões de saúde pública da população (os mestiços seriam o motivo do atraso no desenvolvimento de países muito miscigenados, como o Brasil), os degeneracionistas abriram caminho para o movimento eugênico, ou seja, para os projetos de tentativa de aprimoramento da raça. O antropólogo, meteorologista, matemático e estatístico inglês Francis Galton (1822-1911), primo de Charles Darwin, cunhou em 1883<sup>524</sup> o conceito de “eugenia” para caracterizar o esforço de seleção artificial, cujo propósito seria aperfeiçoar a seleção natural de Darwin visando a melhoria da raça. Galton defendia o uso de métodos na época considerados científicos para colocar em prática a seleção artificial, como a antropometria, por exemplo, o que evidencia a influência da ciência na consolidação do racismo. No campo teórico, as críticas aos modelos do darwinismo social e do evolucionismo cultural partirão da escola culturalista de Franz Boas (1858-1942), pois para ele “[...] as raças, as línguas e as culturas não podiam ser estudadas nem apreciadas de um ponto de vista eurocêntrico.”<sup>525</sup>

Sobre a importância da discussão relativa à miscigenação entre 1870 e 1930, Schwarcz pontua que

Observado com cuidado pelos viajantes estrangeiros, analisado com ceticismo por cientistas americanos e europeus interessados na questão racial, temido por boa parte das elites pensantes locais, o cruzamento de raças era entendido, com efeito, como uma questão central para a compreensão dos destinos dessa nação.<sup>526</sup>

Dentro desse contexto teórico-científico, influenciado por Blavatsky e, claro, devido ao seu etnocentrismo – a partir de tudo o que ele pensa, daquilo que ele acredita e

---

<sup>523</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>524</sup> GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. London: Macmillan and Co., 1893, pp. 24-25.

<sup>525</sup> STOCKING, George W. **Os pressupostos básicos da Antropologia de Boas**. In: BOAS, Franz. A formação da Antropologia americana 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, p. 31.

<sup>526</sup> SCHWARCZ, Lília. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 18.

de quem ele é –, P. H. Fawcett aposta na existência de índios brancos, uma vez que os supostos habitantes de Z, ocupando a posição mais alta da escala evolutiva das raças-raízes, só podem ter a pele clara, característica condizente com o seu estágio de desenvolvimento sociocultural. Segundo P. H. Fawcett “Há gente que diz que não existem esses índios brancos e quando fica provado que existem, dizem então que são mestiços de espanhóis e índios. É o que dizem aqueles que nunca os viram. Aquelles que os viram já pensam bem diferente.”<sup>527</sup>

### 3.2 O desaparecimento de P. H. Fawcett e seu grupo

Foi no encaço dos “índios brancos” e de Z que Percy, Jack e Raleigh desapareceram em meados de 1925. Conforme supracitado, o epílogo do livro do coronel Fawcett foi elaborado pelo filho e editor Brian a partir da correspondência trocada entre ele e os três expedicionários. Numa dessas cartas, datada de setembro de 1924, Percy escreve ao filho que “Vamos ter uma viagem agradabilíssima até desaparecermos nas matas durante três ou mais anos [...]. Ninguém mais tomará parte na expedição, exceto dois brasileiros que nos acompanharão somente até certo trecho.”<sup>528</sup> Sobre esses dois guias Percy relata em outra carta enviada a Brian no ano seguinte que “Contamos com [...] um ajudante chamado Gardênia [...] e um moço negro muito trabalhador que atende a todo o mundo. Esses dois homens serão dispensados assim que descobrirmos pegadas de índios, pois a cor deles envolve barulho e desconfiança.”<sup>529</sup> Fawcett alega que vai dispensar ambos os guias porque eles supostamente gerariam desconforto e desconfiança entre os nativos, porém é preciso pontuar que a maior preocupação de Fawcett nas duas últimas expedições foi realizar prospecções sem informar a ninguém seus reais objetivos e itinerários. Logo, é provável que a dispensa dos guias se deve muito mais ao aspecto sigiloso da expedição do que a uma preocupação de Fawcett com comunidades indígenas

---

<sup>527</sup> “People say these white Indians don’t exist, and, when it’s proved they do, that they are half-breed mixtures of Spanish and Indian. That’s what people say who never saw them, but those who have seen them think differently.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 83, tradução nossa.

<sup>528</sup> “We are going to have a thoroughly good time going out, and in Brazil until we vanish into the forests for three years or so [...]. On the expedition, no one else will be with the party, except two Brazilians up to a certain point.” *Ibidem*, p. 278, tradução nossa.

<sup>529</sup> “There are [...] an assistant named Gardenia [...] and a hard-working negroid mouço who answers to everyone’s call. These two men will be released as soon as we find traces of wild Indians, as their colour involves trouble and suspicion.” *Ibidem*, p. 284, tradução nossa.

hostis, pois é igualmente provável que três homens brancos gerassem tanto desconforto e desconfiança quanto o ajudante Gardênia e o moço negro.

No Rio de Janeiro eles se hospedaram no Grand Hotel Internacional<sup>530</sup>, em Santa Teresa, e aproveitaram para conhecer as praias da então capital brasileira<sup>531</sup>. Segundo Brian, “O equipamento da expedição foi testado no ‘mato’ do jardim do hotel e julgado satisfatório. Em fevereiro de 1925, partiram, indo primeiro a São Paulo.”<sup>532</sup> Lá o coronel visita o Instituto Butantan pela segunda vez,

[...] onde o Senhor Brasil, o fundador, nos fez uma preleção sobre cobras, como elas atacam, quanto veneno injetam, os vários remédios, etc. Ele presenteou-nos com um bom número de soros. Um funcionário entrou no cercado onde se acham as cobras; ali ficam elas em seus covis, cercadas por um fosso. Com uma vara de gancho<sup>533</sup>, ele tirou uma para fora. Colocou-a no chão, abaixou-se e apanhou-a pelo pescoço antes que ela pudesse dar um bote. Trouxe-a depois para perto de nós, mostrou-nos as suas presas curvas juntamente com as outras que tinha ao nível do queixo para o caso em que as presas principais se quebrassem. O Sr. Brasil deixou-a morder um pires de vidro, quando então delas destilou muito veneno.<sup>534</sup>

Finalmente no dia 4 de março de 1925 eles chegam em Cuiabá onde realizam os preparativos finais para a tão aguardada expedição. Na correspondência datada do dia 14 de abril de 1925 tanto Percy quanto Jack fornecem informações importantes para Brian a respeito dos planos do grupo. O irmão escreve:

Tentei fazer alguns desenhos aqui, porém os motivos são tão comuns que não consigo dar vida a eles, e o resultado é que não valem nada! O que procuro é

---

<sup>530</sup> O Grand Hotel Internacional era um hotel de luxo localizado na Rua do Aqueducto, 108, no bairro de Santa Teresa. Pertencia a um francês chamado Ferdinand Mentges. Foi demolido na década de 1950 para dar lugar a um condomínio. SAUER, Arthur. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brasil, p. 507, 1898. O fato de P. H. Fawcett se hospedar nesse hotel com mais dois companheiros sugere que o grupo estava sendo bem remunerado pela *North American Newspaper Alliance*.

<sup>531</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 210.

<sup>532</sup> “Expedition kit was tried out in the ‘jungle’ of the hotel garden and found satisfactory, and in February 1925 they set off, going first to São Paulo.” *Ibidem*, p. 279, tradução nossa.

<sup>533</sup> Instrumento chamado de “Laço de Lutz”, em homenagem a Adolfo Lutz, que o inventou.

<sup>534</sup> “[...] where Senhor Brasil, the founder, gave us a talk on snakes – how they strike, how much poison they eject, the various remedies, and so on. He presented us with a whole lot of serum. An attendant entered the enclosure where the snakes are kept, in beehive huts, surrounded by a moat, and with a hooked rod took out a bushmaster. He placed it on the ground, reached down, and caught it by the neck before it could do anything. Then he brought it over and showed us the fangs, which are hinged, and have spare ones lying flat with the jaw in case the principal ones are broken. Senhor Brasil let it bite on a glass saucer, and a whole lot of venom squirted out.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 280-281, tradução nossa.

um motivo realmente bom quando então poderei produzir alguma coisa que valha a pena. Quando chegarmos ao local em que serão vistas as primeiras inscrições, terei que desenhar, pois todas essas coisas devem ser copiadas cuidadosamente.<sup>535</sup>

É interessante a menção a função de desenhista da expedição desempenhada por Jack, pois encontramos na bibliografia sobre o coronel Fawcett a informação que ele “Dominava um pouco as artes plásticas e no Museu D. José, em Cuiabá, existe, entre alguns objetos seus, um quadro chamado ‘A matula no sertão’.”<sup>536</sup> A dupla descoberta nos pegou de surpresa: além de existirem fontes materiais que não eram de nosso conhecimento, descobrimos na mesma toada que Fawcett era supostamente um artista plástico. Na ânsia de ter acesso a objetos que pertenceram a Fawcett, partimos em busca da localização de nossa miragem historiográfica: o referido Museu Dom José (MDJ). Veio então o primeiro revés: o museu não existe mais. Mas descobrimos outro dado valioso: parte do acervo do extinto museu havia sido vendido para o Museu Paulista (MP) da Universidade de São Paulo, popularmente conhecido como Museu do Ipiranga. Lá encontramos mais informações sobre aquisição de parte do acervo do Museu Dom José no relatório anual referente ao ano de 1946, datado de 31 de janeiro de 1947, de autoria do então diretor, Sérgio Buarque de Holanda. Nesse relatório há uma subseção denominada “Enriquecimento do Acervo”, em que Sérgio Buarque escreve que:

[...] centenas de peças novas, algumas particularmente valiosas, foram incorporadas às nossas coleções mediante compra ou doações e depósito. Cabe mencionar especialmente a aquisição, em condições excepcionalmente favoráveis, da melhor parte do Museu Dom José, da cidade de Cuiabá, constituída de material histórico, folclorístico, etnográfico, além de numerosos manuscritos e importante conjunto de arte religiosa.<sup>537</sup>

---

<sup>535</sup> “I have tried to get some sketching done here, but the subjects are so commonplace that I can’t put any pep into them, and the result is they are not worth a damn! What I am always looking for is a really good subject, and then possibly something worth while will be produced. When we reach the place where the first inscriptions are to be seen I shall have to sketch, for all those things must be carefully copied.” *Ibidem*, p. 284, tradução nossa.

<sup>536</sup> BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia, corpo e alma**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

<sup>537</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Relatório referente ao ano de 1946 apresentado ao Sr. Dr. Plínio Caiado de Castro, digníssimo Secretário da Educação e Saúde Pública, pelo Diretor do Museu Paulista, Sérgio Buarque de Holanda**. Fundo Museu Paulista (Museu Paulista da USP, São Paulo). 31 de jan. 1947.



Os itens adquiridos pelo MP abrangem liteiras, arte plumária, relíquias da Guerra do Paraguai, “[...] utilizando-se na compra o saldo disponível da verba orçamentária, num total de Cr.\$21.600,00.”<sup>538</sup> O próprio Sérgio Buarque foi até Cuiabá, onde, permaneceu “[...] entre 28 de setembro a 5 de outubro de 1946 tendo examinado e escolhido o que pareceu de maior interesse e conveniência.”<sup>539</sup> Mas, entre os itens cautelosamente escolhidos pelo então diretor do MP não constava nenhum item referente ao coronel Fawcett, nosso segundo revés.

Nossa desdita, contudo, começa a mudar com um importante achado: entre os documentos que Sérgio Buarque trouxe do MDJ, estava uma pasta que continha papéis amarrados com um barbante, onde lia-se na primeira página “Catálogo do Museu Dom José – Instituído em prédio próprio a Rua Antonio João N. 58 Cuiabá – Matto Grosso, Primeira Edição, 1942”. Nessa espécie de catálogo improvisado encontramos uma “Secção P. H. Fawcett”, onde estavam arrolados diversos itens como armas, equipamento fotográfico, papéis e uma “Pintura (jocosério) feita pelo Cel. Inglez Fawcett, num vidro da porta dos seus aposentos no Hotel Gama, intitulada (Matula no Sertão) no anno de 1925”. O “quadro” *Matula no Sertão*, do artista-coronel-explorador se tratava então de um desenho feito na porta do quarto do hotel onde Fawcett se hospedou em Cuiabá.

De qualquer forma, a referência ao “quadro” foi muito proveitosa, menos pela informação duvidosa de que Fawcett seria um artista plástico e mais pela menção ao MDJ. Valiosa também foi a contribuição da Professora Maria Aparecido Borrego, docente do Museu Paulista da USP<sup>540</sup>, quando nos encontrávamos num beco sem saída: de fato havia uma considerável quantidade de itens referentes a Fawcett que pertenciam ao MDJ, mas que não foram adquiridos pelo MP. Onde estariam, então? Segundo informação verbal fornecida pela supracitada professora<sup>541</sup>, o acervo correspondente ao período colonial brasileiro fora comprado pelo MP, enquanto o acervo correspondente aos períodos imperial e republicano, fora adquirido pelo Museu Histórico Nacional (MHN), localizado na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>538</sup> *Ibidem.*

<sup>539</sup> *Ibidem.*

<sup>540</sup> O Museu Paulista foi incorporado à Universidade de São Paulo (USP) em 1963, mas desde 1934 era um órgão complementar da USP.

<sup>541</sup> Informação fornecida em reunião de orientação em outubro de 2018.

Fizemos pesquisas online na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional, onde pudemos traçar um panorama mais detalhado sobre o destino do acervo do extinto MDJ através do acesso remoto aos Processos de Entrada de Acervo. O processo nº14/41 continha uma carta datilografada do fundador do MDJ, o advogado Euphrasio da Cunha Cavalcanti, em papel timbrado, datada de junho de 1941 e endereçada ao diretor do MHN na época, Gustavo Barroso. Na carta, Euphrasio relata que havia criado o museu 26 anos antes, ou seja, por volta de 1915, e que, desde então, vinha se dedicando à sua organização, mas que desejava “[...] transferi-lo ao Governo Federal ou ao Estado de Mato-Grosso, do qual é ele bem particularizado”<sup>542</sup>, porque ele havia sido aposentado compulsoriamente e seus rendimentos foram reduzidos, obrigando-o a dispensar os funcionários do museu. Ele conclui a carta dizendo que “Não tenho o propósito de efetuar negócio vantajoso, e se pudesse, faria essa transferência sem ônus para a União. O que desejo é perpetuar esta pequena obra creada com tanto trabalho e sacrifício de minha parte.”<sup>543</sup> O próximo documento do processo é a resposta de Gustavo Barroso ao sr. Euphrasio<sup>544</sup>, seguido pela carta que Barroso enviou ao diretor do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)<sup>545</sup>, mediando as partes.

Há um hiato na documentação referente às transações entre MHN e MDJ, que se estende de junho de 1941 a novembro de 1949, quando aparecem novos documentos mencionando a transferência de acervos entre essas instituições. O processo nº03/49 contém uma “Relação de aquisições”, em que aparece novamente o “quadro” *Matula no Sertão*, desta vez descrito como “Caricatura executada pelo coronel P. H. Fawcett em uma lâmina de vidro”. Quando fomos ao Arquivo Histórico do MHN realizar a consulta presencial ao acervo, a equipe de atendimento ao pesquisador alegou não ter localizado em sua reserva técnica a referida lâmina de vidro, caracterizada como um quadro, que virou “jocosério” e foi descrita, por fim, como caricatura numa lâmina de vidro. De qualquer forma, a consulta ao acervo do MHN não foi em vão e tivemos acesso a outro

---

<sup>542</sup> CAVALCANTI, Euphrasio da Cunha. **Carta a Gustavo Barroso**. Destinatário: Gustavo Barroso. Cuiabá, jun. 1941. 1 carta. 3 f. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.3.

<sup>543</sup> *Ibidem*.

<sup>544</sup> BARROSO, Gustavo. **Carta a Euphrasio da Cunha Cavalcanti**. Destinatário: Euphrasio da Cunha Cavalcanti. Rio de Janeiro, 24 jun. 1941. 1 carta. 1 f. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.4.

<sup>545</sup> BARROSO, Gustavo. **Carta a Rodrigo M. F. de Andrade**. Destinatário: Rodrigo M. F. de Andrade. Rio de Janeiro, 26 de jun. 1941. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.5.

importante documento relativo à expedição de 1925: um bilhete do coronel Fawcett para o coronel Hermenegildo Galvão<sup>546</sup>.

A continuidade de nossa pesquisa trouxe à tona dados disponíveis em outras fontes que acabaram complementando as informações limitadas que tínhamos obtido até então sobre a obra *Matula no Sertão*. De uma forma alternativa, através da pesquisa online em periódicos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), acabamos encontrando uma reprodução fotográfica (Imagem 7) de *Matula no Sertão* publicada numa reportagem escrita por Edmar Morel para o jornal carioca *Diário da Noite* no dia 17 de maio de 1940<sup>547</sup>, o que representou um grande achado, uma vez não tínhamos conseguido recuperar a fonte primária em seu local de guarda.

Todos esses dados, esses pequenos indícios reunidos, viabilizaram a reconstrução de uma longa trilha de vestígios que, interpretados dentro de um contexto histórico específico – a expedição de 1925 – nos conduziu à conclusão de que o autor de *Matula no Sertão* possa ser Jack, e não Percy Fawcett. Essa possibilidade é reforçada no Epílogo escrito por Brian, segundo o qual Jack, era “Um desenhista habilidoso, porém não instruído, ele produziu algumas ilustrações para o *Los Angeles Times*.”<sup>548</sup> Portanto, além de companheiro de viagem do pai, o papel de Jack na expedição era de desenhista, cujo objetivo seria registrar os caracteres que esperavam encontrar em Z e nas demais cidades abandonadas.

---

<sup>546</sup> Para mais informações sobre esse bilhete ver LEME, Deborah Lavorato. Registros da última expedição do Coronel P. H. Fawcett no Brasil. **Revista LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, pp. 354-369, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/42365>. Acesso em 16 dez. 2022.

<sup>547</sup> MOREL, Edmar. Fawcett nos seus últimos dias de vida. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1940, p. 8.

<sup>548</sup> “A clever but untutored draughtsman, he also did some artwork for the *Los Angeles Times*.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 277, tradução nossa.

**Imagem 7 – Reprodução da caricatura *Matula no Sertão* no jornal *Diário da Noite***



Fonte: MOREL, Edmar. Fawcett nos seus últimos dias de vida. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 mai. 1940, p. 8.

É evidente em 1925 a permanência do apego às inscrições e a preocupação em registrá-las devidamente para que servissem como provas materiais de que o coronel tinha razão em suas elocubrações. Tanto é que no dia 14 de abril de 1925 ele escreve para Brian que

Um sitiante amigo meu contou-me que há no rio Paranatinga, nas proximidades de seu sítio, uma grande rocha retangular com três buracos nela perfurados [...]. Atrás dela, cuidadosamente escondida, há uma inscrição com catorze caracteres estranhos. Ele vai levar-nos até lá para que possamos

fotografá-la. Um índio de seu sítio sabe de outra rocha coberta com tais caracteres, e planejamos visitá-la também. Outro homem, que vive na chapada – o planalto elevado ao norte daqui, que foi outrora a linha costeira dessa velha ilha – diz-me que viu os esqueletos de grandes animais bem como árvores petrificadas, e diz que sabe de inscrições e até de fundações de construções pré-históricas nessa mesma chapada. Uma ampla planície gramada perto daqui tem no seu centro uma grande pedra esculpida em forma de cogumelo – um monumento misterioso e inexplicável.<sup>549</sup>

Temos aqui um continuum desde as inscrições de *Hingaray Galla* no Ceilão, passando pelo Documento 512 até culminar com o envolvimento do próprio filho do coronel nessa empreitada em busca dos caracteres misteriosos. Podemos observar, então, como até o último momento a fixação com caracteres e inscrições esteve presente no pensamento e nas ações do coronel Fawcett.

Partindo de Cuiabá eles seguem para o norte (vide mapa 7) e desde os primeiros dias de caminhada Rimmel apresenta problemas nos pés que o impediam de caminhar, executar tarefas como a condução dos animais que transportavam a carga e realizar a transposição de rios. Jack relata que “Raleigh foi mordido [por carrapatos] tão gravemente que seu pé inflamou [...] e ele ficou melancólico durante todo o trajeto até o rio Cuiabá. [...] papai e eu tivemos que cuidar da carga enquanto os peões cuidavam dos animais.”<sup>550</sup>

Após atravessarem o rio Cuiabá, os expedicionários ficam hospedados na fazenda do coronel Hermenegildo Galvão por cinco dias, durante os quais eles tentam se recompor da caminhada que praticamente tinham acabado de começar. Em 15 de maio de 1925 o grupo chega ao Posto Bacairy, de onde conseguem enviar mais cartas para Brian. Numa delas, do dia 17 de maio de 1925, Jack conta que

Hoje tiramos algumas fotografias dos índios Mehinaku, as quais naturalmente serão enviadas à *North American Newspaper Alliance*. [...] A três semanas de viagem daqui, esperamos atingir a cachoeira mencionada por Hermenegildo

---

<sup>549</sup> “My ranching friend tells me that near his place there is in the River Paranatinga a long rectangular rock pierced with three holes [...]. Behind it, some- what carefully concealed, is an inscription of fourteen strange characters. He is going to take us there to photograph it. An Indian on his ranch knows of a rock covered with such characters, and this we also propose to visit. Another man, who lives up on the chapada – the high plateau just north of this, which was once the coastline of the old island – tells me he has seen the skeletons of large animals and petrified trees, and knows of inscriptions, and even foundations of prehistoric buildings, on the same chapada. [...] One wide grassy plain near here has in its centre a great stone carved in the shape of a mushroom – a mysterious and inexplicable monument.” *Ibidem*, p. 285, tradução nossa.

<sup>550</sup> “[...] Raleigh was bitten so severely that his foot was poisoned. [...] Raleigh gloomed all the way to the Rio Cuyaba [...]. Daddy and I attended to the cargo, while the peons looked after the animals.” *Ibidem*, p. 287, tradução nossa.

Galvão, que ouviu falar dela por intermédio do índio bacairy Roberto, que visitaremos amanhã. Ela é praticamente desconhecida [...]. Pode ser ouvida a cinco léguas de distância e há uma rocha vertical, protegida das águas e que está coberta com pinturas de homens e cavalos. Ele mencionou também uma torre de vigia, que se supõe estar a meio caminho da cidade.<sup>551</sup>

No dia 19 de maio de 1925, Roberto encontra o grupo de Fawcett e lhes fornece uma descrição detalhada da região além da localização da queda d'água que supostamente escondia a rocha com inscrições, informações que ele havia obtido com um tio dele. Jack afirma que o tio de Roberto “[...] falou a respeito de cidades construídas por antepassados seus”<sup>552</sup>, ou seja, se existissem de fato vestígios de natureza arqueológica naquela região, provavelmente seriam provenientes de comunidades indígenas pré-colombianas, e não rastros de descendentes dos atlantes. No entanto, Fawcett questiona a veracidade das alegações de Roberto, informando a Brian que ele

[...] declarou que tinham sido os seus antepassados os construtores das velhas cidades. Duvido, pois, à semelhança dos índios Mehinaku, ele é do tipo escuro ou polinésio, ao passo que a minha ideia sobre os daquelas cidades é de que eles sejam do tipo claro ou vermelho.<sup>553</sup>

Raleigh experimenta uma ligeira melhora em seu estado de saúde, mas logo volta a piorar e Jack registra no dia 20 de maio que “O outro pé de Raleigh inflamou. Ele andou coçando-o numa manhã e, à tarde, quando tirou a meia para se banhar, a pele saiu junto, ficando aquela parte em carne viva. Agora começou a inchar. Ele também está com uma ferida no braço.”<sup>554</sup> No mesmo dia o coronel Fawcett também registrou na correspondência para Brian suas preocupações quanto a “[...] capacidade de Raleigh de suportar a parte mais difícil da viagem, pois foi mordido no caminho por um carrapato

---

<sup>551</sup> “Today we took some photos of the Mehinaku Indians which will of course go to the North American Newspaper Alliance. [...] About three weeks’ journey from here we expect to strike the waterfall mentioned by Hermenegildo Galvao, who heard about it from the Bacairy Indian Roberto, whom we visit tomorrow. It is entirely unknown to anyone [...]. wild. It can be heard five leagues away, and there is to be seen an upright rock, protected from the waters, which is covered with painted pictures of men and horses. He also mentioned the watch tower, supposed to be about half-way to the city.” *Ibidem*, p. 288, tradução nossa.

<sup>552</sup> “His uncle talked about the cities, and he alleges that his very ancient ancestors made them.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>553</sup> “[...] committed himself to the statement that his ancestors had built the old cities. This I am inclined to doubt, for he, like the Mehinaku Indians, is of the brown or Polynesian type, and it is the fair or red type I associate with the cities.” *Ibidem*, p. 290, tradução nossa.

<sup>554</sup> “Raleigh’s other foot is swollen. He rubbed it or scratched it one morning, and in the afternoon when he took his sock off to bathe the skin came off with it, leaving a raw place. Now it has started to swell – and he has a raw place on his arm, too.” *Ibidem*, p. 289, tradução nossa.

que deixou o pé inchado e com uma úlcera, e ultimamente ele tem coçado a ferida repetidamente, até que grandes pedaços de pele tenham se soltado.”<sup>555</sup> Na mesma missiva Percy avisa que “Uma carta será enviada do último ponto, de onde os peões voltarão [...]. Espero entrar em contato com a antiga civilização dentro de um mês e atingir o objetivo principal em agosto. Depois disso, nosso destino estará nas mãos dos deuses!”<sup>556</sup>

De fato, a última correspondência que Brian recebeu data do dia 29 de maio de 1925 e “[...] tinha sido trazida pelos peões. Depois disso não recebemos nenhuma outra carta deles, e até hoje a sorte do trio permanece um mistério.”<sup>557</sup> Nesse último registro escrito de que temos conhecimento até o momento, Percy repete as mesmas preocupações das cartas enviadas anteriormente:

Jack está bem e em forma [...]. Estou apreensivo com Raleigh. Ele ainda está com uma perna enfaixada, mas não quer voltar. Até aqui dispomos de muita comida e não temos necessidade de andar a pé, porém não sei quanto tempo isso vai durar. Pode ser que comece a escassear alimento para os animais. [...] Calculo entrar em contato com os índios dentro de uma semana ou dez dias, quando já deveremos ter atingido a famigerada cachoeira. Estamos no Acampamento do Cavalão Morto, Lat. 11° 43’ S. e 54° 35’ O., local onde meu cavalo morreu em 1920.<sup>558</sup>

A previsão de Percy era, portanto, encontrar os primeiros vestígios arqueológicos de Z em meados de junho, ao chegar a uma queda d’água que escondia uma pedra com inscrições. De Cuiabá até esse ponto cujas coordenadas Fawcett informa na carta, a distância é de quase seiscentos quilômetros. No entanto, há muita controvérsia se o coronel teria fornecido as coordenadas corretas de latitude e longitude uma vez que ele não queria que seus rastros fossem seguidos e, além disso, especulou-se depois que seu grupo não teria conseguido chegar a uma latitude tão ao norte<sup>559</sup> nas condições em que se

---

<sup>555</sup> “[...] Raleigh’s being able to stand the more difficult part of the journey, for on the trail the bite of a tick developed into a swollen and ulcerous foot, and of late he has been scratching again till great lumps of skin have come away.” *Ibidem*, p. 290, tradução nossa.

<sup>556</sup> “A letter will be sent back from the last point, where our peons return [...]. I expect to be in touch with the old civilization within a month, and to be at the main objective in August. Thereafter, our fate is in the lap of the gods!” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>557</sup> “[...] sent back with the peons. After this not another thing was heard from them, and to this day their fate has remained a mystery.” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>558</sup> “Jack is well and fit [...]. Raleigh I am anxious about. He still has one leg in a bandage, but won’t go back. So far we have plenty of food, and no need to walk, but I am not sure how long this will last. There may be so little for the animals to eat. [...] I calculate to contact the Indians in about a week or ten days, when we should be able to reach the waterfall so much talked about. Here we are at Dead Horse Camp, Lat. 11° 43’ S. and 54° 35’ W., the spot where my horse died in 1920.” *Ibidem*, pp. 308-309.

<sup>559</sup> MR. DYOTT’S Expedition in Search of Colonel Fawcett. *Geographical Journal*, v. 73, No. 6, pp. 540-542, jun. 1929. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1785337>. Acesso em: 16 dez. 2022.

encontravam de acordo com o que foi relatado por eles nas correspondências. Brian ainda se recorda que seu pai lhe disse que, caso não retornasse, ele não gostaria que expedições de resgate fossem organizadas, pois “Corre-se muito risco. Se com toda a minha experiência não puder levar a cabo a empresa, poucas esperanças poderão ter os outros nesse particular. Essa é a razão por que não digo exatamente para onde vamos.”<sup>560</sup>

O explorador inglês George Dyott e os irmãos Claudio e Orlando Villas Boas eram partidários da hipótese de que o grupo de Fawcett não foi para o norte, em direção ao ponto indicado pelas coordenadas do *Dead Horse Camp*, mas que, na verdade, eles teriam seguido para o leste, conforme relatado pelos nativos. Os Villas Boas inclusive afirmaram que

Pelas coordenadas citadas nas cartas do explorador, estaria ele e seus acompanhantes nas proximidades do rio Maritsauá-Missu. Esse nome – “Cavalo Morto” – e a respectiva coordenada sem dúvida alguma foram a melhor maneira encontrada para despistar a sua caminhada. Jamais ele poderia ter alcançado esse ponto. Para chegar até lá teria que enfrentar umas duas centenas de quilômetros de mata fechada, áspera e hostil, onde só em pensamento se poderia andar a cavalo. Essa região surgiu no roteiro de nossa Expedição, muitos anos depois. Nós a enfrentamos a pé. Perdemos dez jegues no transporte de carga. Nem o burro e muito menos o cavalo com gente em cima enfrentariam a caminhada.<sup>561</sup>

Os Villas Boas desacreditam totalmente as informações fornecidas pelo coronel Fawcett e compiladas por seu filho Brian, questionando desde o nome escolhido por ele para o ponto em que seu cavalo teria morrido em 1920: para os sertanistas não seria possível existir um *Dead Horse Camp* onde cavalos não conseguissem chegar. Independentemente da direção que tomou, a última frase escrita pelo coronel Fawcett – que temos conhecimento até hoje – foi: “Não tenha receio de que possa haver algum fracasso...”<sup>562</sup>

---

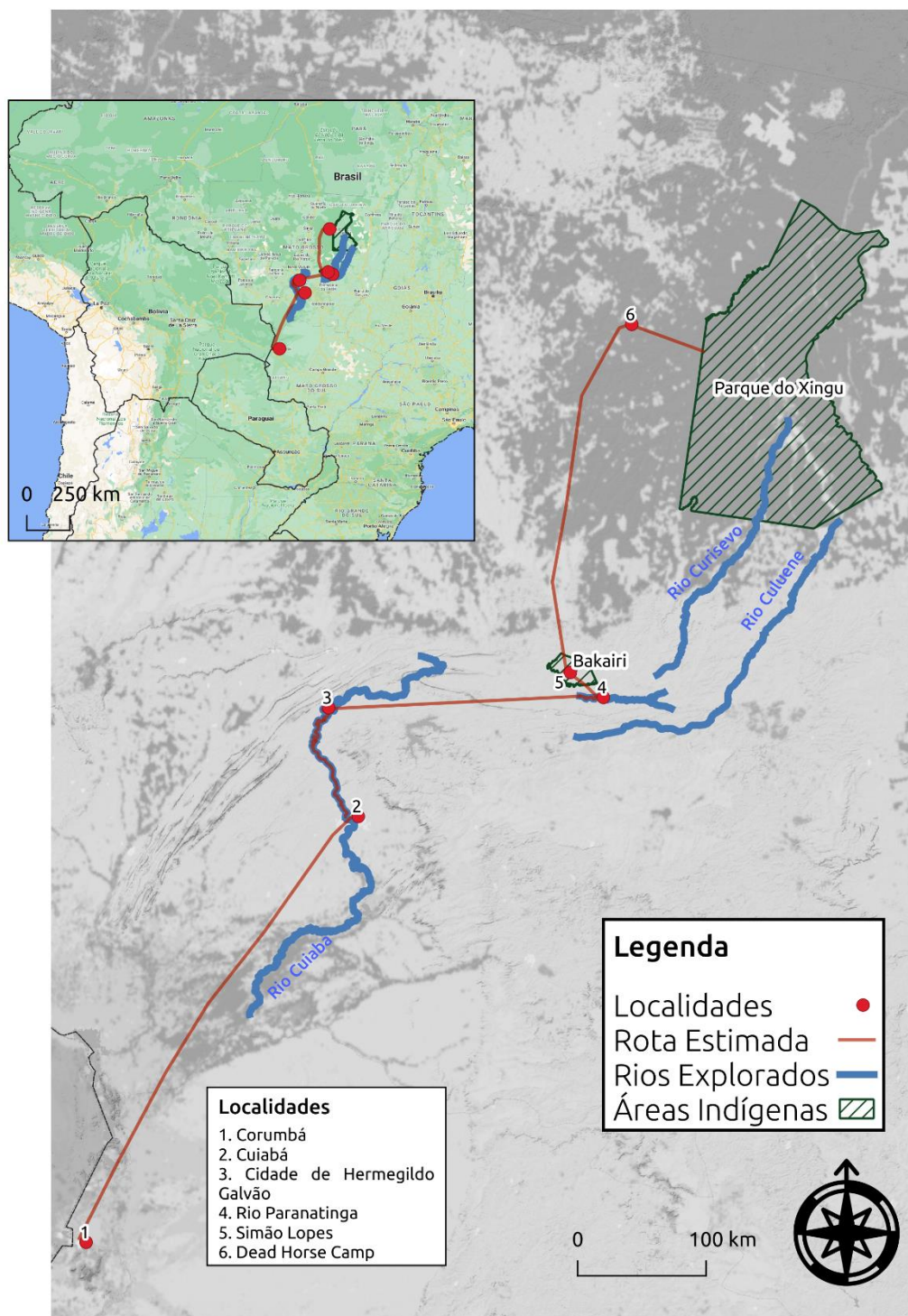
<sup>560</sup> “It’s too risky. If with all my experience we can’t make it, there’s not much hope for others. That’s one reason why I’m not telling exactly where we’re going.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 304, tradução nossa.

<sup>561</sup> VILLAS BOAS, Claudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Almanaque do Sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 105.

<sup>562</sup> “You need have no fear of any failure...” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 291, tradução nossa.



**Mapa 7 – Itinerário aproximado da 7ª expedição de P. H. Fawcett na América do Sul (setembro de 1924 a maio de 1925)**



Fonte: ALMEIDA, Cintia R. de.; NASCIMENTO, Luanna G M. do.

### 3.3 As expedições de resgate

Uma vez que o próprio coronel Fawcett havia previsto um grande hiato na comunicação entre seu grupo e o que ele chamava de “mundo civilizado”, passaram-se anos até que alguém desconfiasse que algo estava errado<sup>563</sup>, que eles precisavam de ajuda e que era preciso organizar uma expedição de resgate. Após a carta de 29 de maio de 1925, Brian só recebeu supostas notícias do pai em 1927, quando o engenheiro francês Roger Courteville o contactou no Peru, onde Brian estava trabalhando na Seção Montanhosa da Estrada de Ferro Central do Peru, e lhe disse que havia encontrado com o coronel Fawcett em Minas Gerais enquanto viajava de carro pelo interior do Brasil acompanhado pela esposa. Courteville disse ainda que “[...] viram sentado a beira do caminho um velho esfarrapado e doente. Interrogaram-no, dizendo ele chamar-se Fawcett.”<sup>564</sup> O engenheiro francês convence então Brian a entrar em contato com a *North American Newspaper Alliance* (NANA) para solicitar o dinheiro necessário para se organizar uma expedição de resgate. “Contudo, a Aliança de Jornais Norte-Americanos pensou diferente. Nenhuma perspectiva de fundos para a expedição. Não era ainda a época das grandes expedições de ‘salvamento’ bem financiadas, com aparelhos cinematográficos e rádios.”<sup>565</sup>

Somente no ano seguinte, em 1928, a NANA concordou em organizar e financiar uma grande expedição de resgate. Para liderá-la contrataram o comandante George Miller Dyott, um veterano da I Guerra Mundial, *fellow* da RGS, explorador e cinegrafista inglês considerado pioneiro no uso da aviação para explorar áreas remotas e gravar documentários. A equipe de Dyott era formada por dois assistentes, J. J. Whitehead e Samuel K. Martin, um telegrafista português chamado Guilherme William “Bill” de Mello e Gerard Martin, que auxiliaria Bill com o aparelho de telégrafo usado para se comunicarem diariamente com a NANA. A estratégia de Dyott foi refazer passo a passo

---

<sup>563</sup> Em abril de 1926, por exemplo, quase um ano após o último contato conhecido de Fawcett com a família, E. W. Shaw e J. L. Darnell Jr. publicaram um artigo sobre as fronteiras brasileiras na *Geographical Review* no qual eles escreveram que “*The interfluvial areas, such as that between the Xingú and Tapajóz wick is the objective of Colonel Fawcett’s present expedition, remain enveloped in mystery.*” SHAW, E. W; DARNELL, J. L. A Frontier Region in Brazil: Southwestern Maranhao. **Geographical Review**, vol. 16, no. 2, April 1926, p. 177.

<sup>564</sup> VILLAS BOAS, Cláudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Almanaque do Sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 311.

<sup>565</sup> *Ibidem*, p. 312.

o itinerário de Fawcett e seu grupo, sendo, portanto, Cuiabá, o ponto de partida da expedição de resgate, de onde saíram em maio de 1928.

Brian relata que o grupo de Dyott foi em direção ao rio Kuliseu<sup>566</sup> até a comunidade dos Nafaquas<sup>567</sup> onde, na oca do chefe Aloique, o comandante viu uma mala de metal (*metal trunk*) e observou que o filho de Aloique utilizava pendurado no pescoço um cordão com uma placa de latão na qual estava escrito “*Silver & Co., London*”, o nome do fabricante da mala. Para Dyott, Aloique alegou que a mala tinha sido presente de um velho *caraiíba* (homem branco) que estava acompanhado por dois jovens, *caraiibas* como ele, que manquejavam. Os três tinham sido guiados por Aloique até a aldeia dos índios Kalapalos à margem do rio Kuluene, depois atravessaram o rio e continuaram viagem na direção leste. Durante cinco dias os Kalapalos tinham visto a fumaça da fogueira dos *caraiibas*, mas depois disso não viram mais nenhum sinal deles. Brian escreve que

A expedição de Dyott voltou sem uma prova qualquer – nem mesmo a de que o grupo de Fawcett tivesse estado ali, pois, se bem que a mala, identificada pelo fabricante, tivesse pertencido a meu pai, o fato é que ele havia se livrado dela em 1920. Acreditava o comandante Dyott que meu pai tinha sido morto.<sup>568</sup>

Essa foi a primeira expedição realizada com o propósito exclusivo de tentar resgatar o grupo de Fawcett e foi relatada em detalhes no livro *Man hunting in the jungle*<sup>569</sup>, publicado em 1930 pelo comandante Dyott, que já havia escrito outros dois livros contendo relatos de expedições realizadas nas regiões andina<sup>570</sup> e amazônica<sup>571</sup>. É muito provável que a escolha da NANA tenha levado em consideração a habilidade jornalística e documental de Dyott e sua propensão para transformar o relato de mais uma de suas aventuras em material passível de ser comercializado, gerando, dessa forma, uma

---

<sup>566</sup> Rio Curisero, segundo a grafia presente no Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Também conhecido como “Curisevo”.

<sup>567</sup> Nahukua, segundo a grafia presente no Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Também conhecidos como “Nauquás”.

<sup>568</sup> “*The Dyott expedition returned with no proof of anything – not even that the Fawcett party had been there, for while the uniform case, identified by the maker, had belonged to my father, it was one discarded by him in 1920. It was Commander Dyott’s belief that my father had been killed.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 293, tradução nossa.

<sup>569</sup> DYOTT, George Miller. **Man hunting in the jungle**. Being the story of a search for three explorers lost in the Brazilian wilds. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, 1930.

<sup>570</sup> *Idem*. **Silent Highways of the Jungle**: Being the Adventures of an Explorer in the Andes and Reaches of the Upper Amazon. London: Chapman & Dodd Ltd., 1922.

<sup>571</sup> *Idem*. **On the Trail of the Unknown**. In the wilds of Ecuador and the Amazon. With plates and a map. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1926.

fonte de lucros para a NANA, que já havia financiado a expedição de Fawcett sem, contudo, obter um retorno financeiro por isso. O envolvimento da NANA na última expedição de Fawcett inaugura o fenômeno da apropriação jornalística do assim chamado “Caso Fawcett”, fenômeno que pode ser resumido como um derivado do jornalismo investigativo que aspira resolver desde meados da década de 1920 o grande mistério em torno do sumiço de Fawcett e seus companheiros. É nessa linha que surgem os livros do próprio Dyott, depois o de Peter Fleming<sup>572</sup>, Edmar Morel<sup>573</sup>, Antonio Callado<sup>574</sup>, Hermes Leal<sup>575</sup> e David Grann<sup>576</sup>, todos jornalistas que em algum momento da carreira mergulharam de cabeça no caso Fawcett.

A segunda expedição de resgate foi realizada por Robert Churchward, *fellow* da RGS, que também escreveu um livro<sup>577</sup> sobre a sua empreitada. O jornalista Peter Fleming, irmão do escritor Ian Fleming<sup>578</sup>, foi recrutado por Churchward ao responder um anúncio publicado no jornal *The Times* em abril de 1932, cuja proposta era partir da Inglaterra no mês de junho em direção a *jungle* brasileira à procura do coronel Fawcett. Durante a expedição ocorreram desentendimentos e o grupo original se dividiu em dois: um liderado por Churchward e outro por Fleming. O cisma foi tão grande que em seu livro Fleming sequer cita o nome de Churchward, preferindo adotar o criptônimo “Major Pingle” para se referir a ele. Churchward, por sua vez, opta por culpabilizar Fleming pelos problemas enfrentados pela expedição de resgate desde o seu início. Ambos retornaram para a Inglaterra no final de 1932 sem nenhuma pista conclusiva do destino de Fawcett e de seus companheiros.

Apesar de não se tratar de uma expedição de resgate, achamos que vale a pena mencionar que em agosto de 1931 o etnólogo italiano Vincenzo Petruolo esteve na

---

<sup>572</sup> FLEMING, Peter. **Brazilian Adventure**. Exploring the Brazilian jungle in search of the lost Colonel Percy Fawcett. London: Toronto J. Cape, 1933.

<sup>573</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944.

<sup>574</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>575</sup> LEAL, Hermes. **Coronel Fawcett**. A verdadeira história do Indiana Jones. São Paulo, Geração Editorial, 2000.

<sup>576</sup> GRANN, David. **Z, a cidade perdida**: A obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>577</sup> CHURCHWARD, Robert. **Wilderness of Fools**: An Account of the Adventures in Search of Lieut.-Colonel P. H. Fawcett. London: George Routledge & Sons Ltd., 1936.

<sup>578</sup> Criador do personagem James Bond.

comunidade dos kalapalos e, assim como Dyott, falou com Aloike e obteve praticamente as mesmas informações dos nativos:

Dois nativos vieram me contar sobre a visita e partida de três homens brancos há alguns anos atrás. Tendo sido essa a segunda vez que forasteiros entraram em seu país, o incidente foi claramente lembrado... De forma resumida, eles contaram como os homens brancos chegaram à aldeia Kalapalu na companhia de alguns índios Anahukua que os guiaram desde sua aldeia no Kuluseu, uma marcha de quatro dias. Os brancos carregavam mochilas e armas, mas não traziam nenhum presente para os índios como eu tinha trazido. Os Kalapalu deram-lhes comida, biju e peixe, e pela manhã, após falharem em dissuadir o líder, o homem mais velho, de seu projeto, eles transportaram os três homens através do rio Kuluene... Os índios explicaram que seguindo na direção leste eles alcançariam um grande rio onde encontrariam grandes canoas que os levaria para casa. Os jovens estavam doentes e sofrendo por conta das feridas de picada de Borrachudo [Black Flies], e aparentemente estavam relutantes em seguir viagem. Depois disso por cinco dias os Kalapalu viram a fumaça dos viajantes [ao acenderem uma fogueira todas as noites]. Presume-se que no sexto dia eles alcançaram a floresta a leste, pois a fumaça não foi mais vista. Mais tarde, um grupo de Kalapalu encontrou vestígios dos acampamentos feitos, mas não dos homens brancos.<sup>579</sup>

Petrullo integrava uma expedição financiada pelo *Penn's Museum* ao Mato Grosso cujo objetivo era gravar um documentário na região e acabou se dando conta de que estava próximo ao local em que Fawcett foi visto pela última vez. A conclusão de Petrullo é parecida com a de Dyott: Fawcett teria “[...] morrido de sede, fome ou doença. Em algum lugar nas florestas densas a leste do rio Kuluene.”<sup>580</sup> Petrullo ainda acrescenta que seria praticamente impossível Fawcett e seus companheiros estarem vivos naquela

---

<sup>579</sup> “Two of the natives came to tell me of the visit and departure of three white men a number of years ago. That having been the second time outsiders had come into their country, the incident was clearly remembered... Briefly, they told how the white men arrived at Kalapalu village in the company of some Anahukua Indians who had guided them from their village on the Kuluseu, a march of four days. The white men carried packs and arms, but no presents for the Indians such as I had. The Kalapalu gave them food, biju and fish, and in the morning, having failed to dissuade the leader, the older man, from his project, they ferried the three men across the Kuluene River... It was explained by the Indians that by going east a large river would be reached where large canoes could be found which would take the party home. The younger men were ill and were suffering from Borachudo sores [from Black Flies], and apparently were reluctant to go any farther. Subsequently for five days the Kalapalu saw the smoke of the travelers [as they lit a campfire each night]. It is presumed that on the sixth day they reached the forest to the east, for the smoke was not seen any more. Later a party of the Kalapalu found traces of the camps made but not the white men.” PETRULLO, Vincenzo. *apud* PEZZATI, Alessandro. The Lost Explorer. **Expedition Magazine**, Volume 59, Number 2, pp. 55-56, Fall 2017, tradução nossa. Disponível em: <http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=25565>. Acesso em: 16 dez. 2022, tradução nossa,

<sup>580</sup> “[...] died of thirst, or hunger, or disease. Somewhere in the dense forests to the east of the Kuluene River.” *Ibidem*, p. 56, tradução nossa.

região sem que os nativos soubessem o seu paradeiro, pois “As notícias correm rápido por lá. Especialmente notícias sobre homens brancos, porque existem poucos deles.”<sup>581</sup>

Essas declarações de Petruzzo vieram a público em 1932 como uma resposta às alegações de Stefan Rattin, um caçador suíço que disse ter se encontrado com Fawcett em uma aldeia próxima ao rio Ximari, um tributário do rio São Manuel (também conhecido como Teles Pires), onde o coronel era supostamente mantido como prisioneiro. O rio Ximari está a aproximadamente 400 quilômetros a noroeste do *Dead Horse Camp*, quase na fronteira do estado do Mato Grosso com o Pará e, tanto na opinião de Petruzzo quanto na de Dyott, Fawcett não teria conseguido ir tão ao norte. Além disso, em sua longa descrição sobre o encontro com Fawcett<sup>582</sup>, Rattin diz que viu “um velho vestido de peles”<sup>583</sup>, e para Petruzzo essa alegação era ridícula, pois “Ninguém usa peles de animais naquela região. Você morreria com o fedor, se não com o calor. Os índios andam absolutamente nus.”<sup>584</sup> Brian Fawcett não se convence de que o depoimento de Rattin diz respeito ao seu pai, pois há muitos aspectos discrepantes entre a aparência física do homem que Rattin encontrou e o coronel Fawcett. Brian conclui o seguinte: “Creio que Rattin estava falando substancialmente a verdade, porém a identidade do velho é que não posso aceitar como verdadeira.”<sup>585</sup>

A terceira expedição de resgate foi encabeçada por Albert de Winton, ator e jornalista inglês – segundo Edmar Morel<sup>586</sup>. Em março de 1934 de Winton estava em Cuiabá “[...] esperando permissão do governo brasileiro para organizar uma expedição com elementos nacionais afim de partir rumo das cabeceiras do Coluene e dali seguir à procura do coronel Fawcett.”<sup>587</sup> Porém, ele não consegue a autorização para prosseguir e “Sentindo a realidade de não poder partir legalmente, de Winton fez o que todo repórter

---

<sup>581</sup> “*News travels fast there. Especially news concerning white men, because there are so few of them.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>582</sup> FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 293-294.

<sup>583</sup> “[...] *an old man clad in skins.*” *Ibidem*, p. 293, tradução nossa.

<sup>584</sup> “*No one wears animal skins in that region. You would die from the stench if not from the heat. The Indians go absolutely naked*” PETRULLO, Vincenzo. *apud* PEZZATI, Alessandro. *The Lost Explorer. Expedition Magazine*, Volume 59, Number 2, p. 56, Fall 2017, tradução nossa. Disponível em: <http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=25565>. Acesso em: 16 dez. 2022.

<sup>585</sup> “*Rattin was speaking substantially the truth, but the identity of the old man I cannot accept.*” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 295, tradução nossa.

<sup>586</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 114.

<sup>587</sup> MAIS uma expedição que se organiza para procurar o famoso explorador Fawcett nas selvas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 3 de março de 1934, p. 1.

faria em seu lugar! Burlou a vigilância.”<sup>588</sup> Somente Edmar Morel descreve de Winton não apenas como jornalista, mas como enviado especial da *American and Foreign Newspaper*, e é o autor que mais simpatiza com ele, provavelmente por enxergar nele um colega de profissão. Morel escreveu que “Albert de Winton jamais será compreendido pelos criadores de romances que, na calma dos gabinetes e à sombra de *abat-jours* escreveram fantasias e mentiras sobre Fawcett.”<sup>589</sup> O fato é que, tal como o grupo de Fawcett, de Winton desapareceu sem deixar vestígios. Eventualmente, enquanto realizava sua própria cruzada à procura de Fawcett, Morel acabou descobrindo o destino de Albert de Winton: ele teria sido envenenado pelos Calapalos por fazer muitas perguntas sobre os *caraibas* que estiveram na aldeia deles anos antes e desapareceram logo em seguida<sup>590</sup>.

Em 1933 uma bússola de teodolito que teria pertencido a Fawcett é encontrada e enviada para a Inglaterra para ser inspecionada. Brian afirma que a bússola foi “[...] identificada pelos fabricantes como sendo de um instrumento que tinha sido fornecido a meu pai em Devonshire, em 13 de fevereiro de 1913.”<sup>591</sup> Junto com a bússola há um bilhete explicando todo o caminho percorrido pelo instrumento até ser entregue em junho de 1933 à esposa de Fawcett, Nina. O bilhete dizia o seguinte:

Bússola de teodolito. Encontrada perto do acampamento dos índios Bacairys de Mato Grosso pelo coronel Aniceto Botelho, ex-deputado deste estado, e entregue por ele ao inspetor dos índios, dr. Antonio Estigarriba, o qual o deu de presente a Frederick C. Glass (missionário), em 14 de abril de 1933.<sup>592</sup>

Brian complementa essas informações dizendo que Frederick Glass<sup>593</sup> foi o responsável por fazer a bússola chegar à Inglaterra, enviando-a para o senhor Stuart

---

<sup>588</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 115.

<sup>589</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>590</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>591</sup> “[...] identified by the makers as being part of an instrument supplied to my father in Devonshire on February 13, 1913.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 296, tradução nossa.

<sup>592</sup> “*Theodolite Compass. Found near the camp of the Bacairy Indians of Matto Grosso by Col. Aniceto Botelho, late deputy of that State, and given by him to the Inspector of Indians, Dr. Antonio Estigarriba, who presented the same to Frederick C. Glass (missionary), on April 14, 1933.*” *Ibidem*, tradução nossa.

<sup>593</sup> Segundo Carlos Barros Gonçalves: “O reverendo Frederico C. Glass atuou como missionário da Igreja Cristã no Brasil, sobretudo no trabalho de colportagem (venda/distribuição de Bíblias). [...] O colporteur publicou, originalmente em inglês, um livro intitulado “*Adventures With the Bible in Brazil*” (Aventuras com a Bíblia no Brasil, 1914), no qual narrou suas viagens no interior do país como vendedor/distribuidor de Bíblias. In: GONÇALVES, Carlos Barros. **O movimento ecumênico protestante no Brasil e a implantação da Missão Caiuá em Dourados**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009, p. 104.

McNairn, membro da União Evangélica da América do Sul residente em Londres, o qual, por fim, entregou o instrumento para o secretário da *Royal Geographical Society* que contactou Nina. Cético, Brian não vê na bússola nenhum significado especial e, como no caso da mala encontrada por Dyott com Aloique, sua opinião é que a bússola foi doada pelo seu pai aos nativos como um presente ou foi encontrada pelos nativos em meio ao material abandonado pelo coronel em 1920, quando do fracasso dessa expedição. Mas para Nina Fawcett, a bússola era um sinal de que seu marido estava vivo e precisava de ajuda:

A conclusão a que minha mãe chegou foi que o próprio P. H. F. colocou a bússola no caminho do coronel Botelho, o qual ele sabia achar-se nas vizinhanças, com o propósito de ser encontrada e identificada. A mensagem que se pretendia fosse endereçada a ela era de que o trabalho estava feito e que P. H. F. estava pronto para vir com as provas – possivelmente uma grande laje de pedra com inscrições – e necessitava de uma pequena escolta para auxiliá-lo. Ele discutira tal probabilidade com minha mãe em 1924.<sup>594</sup>

Nesse contexto de fracasso de todas as expedições de resgate em encontrar fatos conclusivos sobre o paradeiro de seu marido, de seu filho mais velho e do amigo deste, e com a descoberta da bússola, Nina Fawcett sente-se impelida a organizar ela mesma uma expedição de salvamento. Nina contava com o apoio do coronel Hermenegildo Galvão, que numa carta datada de 08 de julho de 1932 se dispõe a ajudá-la a organizar uma expedição pois, segundo ele, as expedições de resgate “[...] são formadas apenas de aventureiros que, enquanto dizem estar à procura de seu esposo, estão mais é fazendo uma espécie de pique nique.”<sup>595</sup> No acervo do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) há um dossiê<sup>596</sup> contendo uma troca de correspondências entre funcionários do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB) sobre a vinda de Nina Fawcett ao Brasil com o objetivo de procurar pelo marido. As cartas

---

<sup>594</sup> “The conclusion reached by my mother was that P.H.F. himself placed this compass in the path of Colonel Botelho, whom he knew to be in the vicinity, with the object of its being found and identified. The message intended to be conveyed to her was that the work was done and P.H.F. was ready to come out with his proofs – possibly a great slab of stone with inscriptions – and needed a small escort to help him. He discussed such a possibility with my mother in 1924.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 296-297, tradução nossa.

<sup>595</sup> “[...] are composed merely of adventurers who, while saying that they are looking for your husband, make it a sort of picnic.” *Ibidem*, p. 295, tradução nossa.

<sup>596</sup> **CORRESPONDÊNCIA sobre a vinda da Sra. Fawcett (Grã-Bretanha) para fazer uma expedição**. Museu de Astronomia e Ciências Afins; Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições; fundo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil CFE; série Expedição e exportação de material: CFE.T.2.230 (Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro). 1946.



e telegramas datam de 9 a 16 de dezembro de 1946 e consistem em pedidos de embargo da expedição, que não tinha autorização do referido órgão para ser realizada. Não encontramos qualquer outra referência à vinda de Nina Fawcett ao Brasil a não ser nos documentos sob a guarda do MAST<sup>597</sup>.

Embora sejam numerosos os avistamentos, as expedições de resgate e as teorias<sup>598</sup> sobre o paradeiro de Fawcett, aqui nos dedicamos às principais, aquelas que foram citadas por Brian Fawcett e/ou que tiveram grande destaque na imprensa. Foram tantas incursões em busca do coronel Fawcett que o governo brasileiro se viu obrigado a regular de alguma maneira esse afluxo de forasteiros desprevenidos que só faziam aumentar as estatísticas de desaparecimentos na região do Mato Grosso. Além dos que vinham à procura de Fawcett, também havia expedicionários que vinham ao Brasil recolher itens etnográficos e espécimes oriundas da fauna e flora locais para comporem as coleções de zoologia e botânica de museus e instituições científicas estrangeiras. Diante desse cenário e no contexto do projeto nacionalista da Era Vargas (1930-1945)<sup>599</sup> foi criado em 1933 o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFEACB), “Instituído com o objetivo de normalizar a realização de expedições em território brasileiro, fiscalizando-as, e de proteger o patrimônio científico e cultural nacional.”<sup>600</sup>

Com a alta do número de pessoas desaparecidas e a associação automática dessas ocorrências com a ideia de que o Brasil seria um país perigoso para os estrangeiros e incivilizado, escritores e jornalistas protestaram contra a realização indiscriminada dessas expedições pelo Brasil. Dentre eles podemos citar Gastão Cruls, filho do astrônomo belga

---

<sup>597</sup> Mariana Sombrio fez a mesma constatação em sua tese de doutorado. SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Em busca pelo campo**: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX. 2014. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014, p. 38.

<sup>598</sup> Até o pai da cantora Rita Lee caiu numa dessas teorias, conforme ela relata em sua autobiografia: “Certa vez, Charles [seu pai] e o primo Cícero ouviram falar de uma entrada para o centro da Terra onde uma civilização de altíssima inteligência vivia em perfeita harmonia. Chamava-se serra do Roncador e ficava ‘logo ali’ no Mato Grosso. Fizeram uma vaquinha e por intermédio de não-sei-quem compraram um terreno não-sei-onde, que era vizinho da misteriosa montanha e ponto de partida para uma aventura supimpa nunca dantes navegada. A lenda dizia que os guardiões da tal entrada intraterrestre eram uma tribo de bugres que não hesitaria em matar o faraó caso tentasse entrar sem ser convidado. A lenda também dizia que em tempos idos o explorador inglês Percy Fawcett havia conseguido o feito e nunca mais saíra de lá. A serra do Roncador tinha esse nome porque se ouvia um ruído forte vindo das profundezas do lugar.” LEE, Rita. **Rita Lee**: uma autobiografia. São Paulo: Editora Globo, 2016, pp. 20-21.

<sup>599</sup> Para mais informações sobre a relação entre o nacionalismo da Era Vargas e a criação do CFEACB, ver CASAZZA, Ingrid Fonseca. O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil e a proteção do patrimônio natural brasileiro (1930-1940). **História (São Paulo)**, v. 41, 2022.

<sup>600</sup> GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas**: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1998, p. 45.

Luís Cruls, que em setembro de 1933 publicou no *Boletim de Ariel* um artigo intitulado “Os ‘descobridores’ de Fawcett”, no qual criticava a expedição do aviador estadunidense Jimmy Burke e do alemão Tex Harding ao Mato Grosso e defendia a criação do Conselho de Fiscalização das Expedições, pois para ele

Não há dúvida de que, diante de tudo isso, vem mesmo a propósito o já anunciado decreto do Governo que, por sugestão do General Rondon, regulamentará o ingresso no nosso país de forasteiros que, visando fins científicos e outros, a cada passo e sem a menor cerimônia, se adentram pelo nosso território.<sup>601</sup>

Gastão Cruls, a convite de Rondon, atuou em 1928 como climatologista junto à Comissão Rondon no processo de inspeção da fronteira entre o Brasil e a Guiana Holandesa, portanto não é de se surpreender que manifestasse publicamente sua concordância com o marechal. É interessante que nesse artigo de 1933 Gastão Cruls aponte Rondon como um agente influente na política governamental de Vargas uma vez que, três anos antes, em 1930, quando da tomada do poder por Getúlio após a chamada Revolução de 30, Rondon tinha sido detido por tropas getulistas enquanto viajava de trem na fronteira entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul<sup>602</sup>. O fato é que Rondon tinha amigos tanto no governo que estava sendo deposto quanto no governo que estava tomando o poder, mas ele era, sobretudo, contrário ao movimento Tenentista<sup>603</sup>, o qual havia ajudado a tomada de poder pelos getulistas por meio da adesão à chamada Aliança Liberal.

De qualquer forma, assim que Getúlio Vargas assume oficialmente o poder, Rondon renuncia ao cargo de diretor do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) e às funções políticas e militares que ele exercia no governo brasileiro. Após os eventos de 1930

---

<sup>601</sup> CRULS, Gastão. Os ‘descobridores’ de Fawcett. **Boletim de Ariel**, Rio de Janeiro, setembro de 1933, p. 209.

<sup>602</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, pp. 485-491.

<sup>603</sup> Em 1924 Rondon comandou as tropas legalistas em Catanduvas, no Paraná, contra os tenentistas, liderados por Luís Carlos Prestes e Miguel Costa que, após a deserção da maioria dos tenentistas para o lado legalista, fugiram para Foz do Iguaçu e formaram a chamada Coluna Prestes. Foi Miguel Costa quem, anos depois, deu voz de prisão a Rondon no contexto da Revolução de 1930, quando Rondon, mais uma vez, estava do lado legalista e era favorável à posse de Júlio Prestes como presidente do Brasil. Sobre o episódio da prisão de Rondon, Edmar Morel escreve que “Estamos em outubro de 1930. Rondon, fiel ao Presidente da República não aderiu, no sul do país, aos rebeldes que vinham depor o sr. Washington Luís. Homem de convicção política, defendendo a ordem legal, não quis fazer parte da Revolução, sendo preso no interior do Rio Grande do Sul, pelo Gal. Miguel Couto.” *In*: MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 113. Para mais informações sobre a Coluna Prestes, veja PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Rondon ainda era uma figura pública influente e era amplamente reconhecido como um grande patriota e explorador experiente, o que pode explicar o fato dele continuar sendo consultado no tocante a temas que pautaram sua carreira como militar, explorador e indigenista. Assim, Rondon também utiliza o espaço de livre manifestação de que dispõe na imprensa nacional para protestar contra o crescente número de estrangeiros que se dirigem ao interior do Brasil dizendo que “Infelizmente o que se constata é que essas expedições se transformaram em instrumentos de morticínio contra índios. Contra isso é que protestei e continuo a protestar com vehemencia.”<sup>604</sup>

É Rondon quem escreve o prefácio do livro *E Fawcett não voltou* (1944), do jornalista Edmar Morel, no qual está contida a narrativa da última e provavelmente mais sensacionalista expedição de resgate de Fawcett, organizada e financiada pelos *Diários Associados* e liderada por Morel. O marechal Rondon escreve que “O Caso Fawcett, verdadeiramente, começou comigo.”<sup>605</sup> Essa frase, apesar de sintaticamente enxuta, tem muito a nos dizer. Dela depreendemos o lugar que o próprio Rondon toma para si no que se refere ao tema “Fawcett”: tudo começa com ele, Rondon. Por sua vez, o advérbio de modo no meio da frase levanta a bandeira da “busca pela verdade”, evidenciando a forma como se pretende contar essa história: desvelando a verdade, revelando-a para o mundo, que precisa conhecê-la do ponto de vista privilegiado do agente que se coloca como o elemento primordial de toda a cadeia de eventos. É como se Rondon nos dissesse: não existiria um caso Fawcett sem mim. E nesse ponto ele reivindica para si praticamente todo o protagonismo do assim chamado “Caso Fawcett”.

Rondon nos diz que em 1920 conversou “[...] várias vezes com o coronel Percy Harrison Fawcett, que veio ao Brasil, na ânsia de descobrir um tesouro encantado...”<sup>606</sup> Nas cinco primeiras linhas do prefácio já temos definidos os personagens principais, o espaço-tempo, e qual a força motriz por trás de cada agente: a busca pela verdade, no caso de Rondon, e a busca por um tesouro encantado, no caso de Fawcett. Não é preciso ler o livro inteiro para perceber que um antagonismo está posto desde o início e para entender que Rondon cria os vieses “bom” e “mau”, posicionando-se no flanco dos “bonzinhos”

---

<sup>604</sup> RONDON, Cândido Mariano da Silva. “Eu protesto!”: O general Rondon fala contra as expedições dos turistas nas selvas. **O Radical**, Rio de Janeiro, março de 1939, pp. 1 e 5.

<sup>605</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 13.

<sup>606</sup> *Ibidem*.

em contraposição aos “*bad guys*” representados por Fawcett. Temos aí a luta do patriota versus o invasor, do nativo<sup>607</sup> versus o conquistador.

O grande triunfo – e posterior equívoco monumental – do livro-reportagem de Morel é a descoberta de um suposto neto do coronel Fawcett, filho de Jack Fawcett com uma nativa, o “índio Dulipé”. Rondon compra essa ideia ao afirmar que “[...] congratulome com Edmar Morel pelo seu serviço nas florestas do Brasil-Central, onde constatou a existência de um índio branco – Dulipé – reconhecido pelos caciques como neto do Cel. Percy H. Fawcett.”<sup>608</sup> O grande desacerto desse episódio consistiu no fato que Dulipé não se tratava de um “índio branco”, mas sim de um indígena albino. E nem mesmo o marechal Rondon foi capaz de enxergar que a branquitude de Dulipé era devido ao albinismo, encerrando o prefácio dizendo que com “[...] as pesquisas de Edmar Morel, feitas com critério e paciência, o chamado caso Fawcett está devidamente esclarecido.”<sup>609</sup> É como se Rondon e Morel estivessem posicionados lado a lado na trincheira da luta pela verdade e pelo domínio da narrativa, e o resultado dessa guerra fosse que a história que começou no passado com Rondon, encerrava-se agora, no presente, com Morel. Rondon bate o martelo e agora o jornalista Edmar Morel pode começar a contar a sua grandiloquente aventura.

Morel inicia pontuando que, para ele, “Há cerca de 20 anos que o famoso ‘Caso Fawcett’ reclamava a sua elucidação de maneira clara e irretorquível” e que “[...] tenho a consciência tranquila de ter feito um trabalho honesto. Muitos, porém, fracassaram.”<sup>610</sup> É interessante o uso desse adjetivo “irretorquível” para classificar a forma como o Caso Fawcett deveria ser resolvido. Implica afirmar que, do ponto de vista de Morel – e muito provavelmente de Rondon também – seu livro seria o ponto final dessa história e forneceria a versão definitiva dos fatos. Assim como Rondon, Morel reafirma seu compromisso com a verdade, asseverando que “Nas minhas três excursões a Mato Grosso, em busca da verdade sobre Fawcett, andei mais de 14.000 quilômetros [...]”<sup>611</sup>

Acontece que não demorou muito para que a versão irretorquível de Morel fosse questionada. Assis Chateaubriand e Morel tentaram apresentar Dulipé à família Fawcett como se ele fosse um de seus descendentes. Mas tanto Nina quanto Brian Fawcett logo

---

<sup>607</sup> Rondon, inclusive, vinha de uma descendência indígena.

<sup>608</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 14.

<sup>609</sup> *Ibidem*.

<sup>610</sup> *Ibidem*, p. 17

<sup>611</sup> *Ibidem*, p. 18

perceberam que se tratava de um indígena albino e se recusaram a aceitá-lo como parte integrante da família. Nos parece que Chateaubriand e Morel tentaram forçar no achamento de Dulipé a reprodução de uma atitude colonialista tipicamente portuguesa, inculcando esse comportamento no filho mais velho de Fawcett, Jack, que veio ao Brasil com o pai e, do ponto de vista de Morel e Chateaubriand, seria natural que ele tivesse engravidado uma nativa na primeira oportunidade que teve. A narrativa de Morel é repleta de comparações do Caso Fawcett com eventos anteriores. Na introdução Morel equipara Fawcett a David Livingstone<sup>612</sup> e compara-se a si mesmo com Henry Morton Stanley, o repórter do *New York Herald* encarregado pelo editor James Gordon Bennett de ir procurar Livingstone na África e contar sua história. Tivesse Morel topado com o coronel nos sertões mato-grossenses, teria reproduzido a famosa frase de Stanley<sup>613</sup> aqui no Brasil: “Coronel Fawcett, eu presumo?”.

O curioso é que, segundo Morel, “Fawcett e Livingstone tinham certa afinidade. Ambos contavam com cinquenta e sete anos, falavam a mesma língua e eram missionários.”<sup>614</sup> Mas Fawcett nunca foi um missionário. Ao mencionar as ideias de Fawcett sobre Atlântida, Morel o compara ao imperador macedônio Alexandre, que “[...] empolgado pelo mesmo sonho, desta vez voltado para o Oriente, levou a falange macedônia até as margens do Hindus, em busca do reino imaginário.”<sup>615</sup> Morel incorre em outro erro ao afirmar que “A Bolívia, para estudos de ordem etnográfica, contratou vários técnicos, que eram indicados pela Real Sociedade de Geografia de Londres. Numa destas levas veio Fawcett com a patente de Major”<sup>616</sup>, dando a entender que o trabalho desempenhado por Fawcett na Bolívia foi o de etnógrafo, embora saibamos que Fawcett veio realizar o trabalho de topógrafo. Fawcett até chegou a fazer um compilado de palavras da língua dos Maxubi, mas isso se deu no Brasil e esse tipo de trabalho nunca foi seu objetivo principal na América do Sul. Os erros e imprecisões de Morel se repetem

---

<sup>612</sup> David Livingstone (1813-1873) foi um médico, missionário e explorador britânico. Após ficar incomunicável durante anos e ser dado como morto, o jornalista Henry Morton Stanley foi enviado à África Central para procurá-lo e acabou encontrando-o no dia 10 de novembro de 1871, em Ujiji, próximo ao Lago Tanganica, onde Livingstone estava procurando pelas nascentes do Rio Nilo. Para mais informações sobre David Livingstone, veja WALLER, Horace. **The last journals of David Livingstone in Central Africa.** From eighteen and sixty-five to his death. New York: Harper & Brothers Publishers, 1875.

<sup>613</sup> STANLEY, Henry Morton. **How I found Livingstone.** Travels, adventures and discoveries in Central Africa. London: Sampson Low, Marston, Searle and Rivington, 1894, p. 331. Para mais informações sobre a expedição de Henry Morton Stanley em busca de David Livingstone, veja LEDUC-GRIMALDI, Mathilde; NEWMAN, James L. **Finding Dr. Livingstone: A history in documents from the Henry Morton Stanley Archives.** Athens: Ohio University Press, 2020.

<sup>614</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou.** Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 26.

<sup>615</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>616</sup> *Ibidem*.

ao longo de toda a obra<sup>617</sup>, chegando ao ápice com a identificação de Dulipé, um nativo albino, como sendo neto de Percy Fawcett.

A família Fawcett já sabia da existência de Dulipé antes de Edmar Morel telefonar para Brian em 13 de fevereiro de 1944 dizendo

[...] que tinha consigo um menino índio de nome Dulipé, na realidade um menino branco que era filho de meu irmão Jack. Eu estava, na ocasião, em Lima, Peru, e por conta do barulho na linha, devido ao mau tempo, e do português do sr. Morel, língua com a qual eu não estava familiarizado, compreendi que o menino estava pronto para seguir no primeiro avião para o Peru assim que eu dissesse que o receberia. Ele tinha trazido o jovem da tribo dos Kuikuros, na região do Xingú, onde haviam obtido provas definitivas do desaparecimento do meu pai. Eu não estava inclinado a aceitar tal informação, pois não era a primeira vez que ouvira falar de Dulipé. Em 1937, minha mãe tinha recebido uma longa carta de miss Martha Moennich, uma missionária recém-chegada do Xingú, que enviou juntamente com a carta muitas fotografias excelentes, de um ‘menino branco’, chamado Duh-ri-pe da tribo dos Kuikuros.<sup>618</sup>

Como podemos observar, os numerosos missionários que circulavam pela região do interior do Mato Grosso não foram responsáveis apenas por remeterem a bússola de Fawcett para a Inglaterra; eles também foram fundamentais na criação e consolidação do factóide sobre a existência de um descendente de Percy Fawcett, supostamente filho de Jack com uma nativa, de nome Dulipé. De alguma forma o boato sobre Dulipé chegou até Morel, que, em 1944, entrevistou Marta Moennich e outros dois missionários protestantes chamados Emilio Halverson e Thomas Young na chamada “Casa da Missão” Os três reafirmaram que Dulipé era filho de Jack Fawcett e disseram que viram o menino

---

<sup>617</sup> Sobre esses erros e imprecisões de Morel, o etnólogo Herbert Baldus (1899-1970) escreveu o seguinte: “Seja-me permitido apontar um lapso que me toca de perto. À página 138 fui surpreendido pelas seguintes afirmações: ‘Lendo-se o interessante livro de Herbert Baldus, volume de 700 páginas, sobre a sua viagem pelo Xingu, em 1877, sente-se a ausência de datas. E Baldus era tido como um espírito minucioso e organizado...’. Tomo a liberdade de declarar que não escrevi tal livro e tenho fortes razões para supor que, no mencionado ano, isto é, antes da primeira viagem de Karl von den Steinen ao Xingu, eu não existia nem sequer em projeto.” BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954, v. 1, p. 472.

<sup>618</sup> “[...] he had with him an Indian boy named Dulipe, in reality a white boy, and son of my brother Jack. I was in Lima, Peru, at the time, and what with the noise on the wire, due to bad weather, and the dim sound of Senhor Morel’s unfamiliar Portuguese, I found it most difficult to understand all that was said to me, but what I did get was that the boy was all ready to be put on the next plane to Peru as soon as I accepted him! He had brought the boy out from the Kuicuro tribe in the Xingú region, where definite proof had been obtained of the wiping out of my father’s party. I was not at all ready to swallow this, for it was not the first I had heard of Dulipe. In 1937 my mother received a long letter from Miss Martha Moennich, a missionary just arrived out from the Xingú, who sent a batch of excellent photographs of a ‘white boy’ named Duh-ri-pe with the Kuicuro tribe.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, pp. 299-300, tradução nossa.

branco e loiro de olhos azuis pela primeira vez em 1926, quando ainda era um bebê. Eles mostram para Morel diversas fotografias do menino em meio aos Kuikuros e eles reconhecem que “À primeira vista, [Dulipé] parece um albino.”<sup>619</sup>

Fotografias similares a essas foram enviadas para a família Fawcett, e para Brian “Nas fotografias [...] vê-se que o menino parece ser filho de homem branco, porém os seus olhos repuxados e as sobrancelhas sem cor são os de um albino. Existem albinos entre as tribos de índios [...]. Por que haveria Jack de ser seu pai?”<sup>620</sup> Mesmo quando encontra Dulipé pessoalmente Morel não se dá conta que o menino é um albino, e chega a registrar que “[...] verifiquei que ele possui um acentuado defeito de visão. É muito míope e estrábico, razão por que vive sempre de olhos semi-cerrados à luz do dia. É uma espécie de fotofobia.”<sup>621</sup> Essas características que Morel descreve são todas em decorrência do albinismo, mas aparentemente Dulipé não era o único ali com problemas de visão.

Edmar Morel basicamente seguiu os passos do comandante Dyott a partir das informações presentes no livro *Man hunting in the jungle* e em entrevistas que lhe foram concedidas por João Clímaco de Araújo, ex-diretor do Posto Simão Lopes e que fora guia de Dyott em 1928 e de Petrullo em 1932. Além do neto de Fawcett, Morel também se vangloria em seu livro-reportagem de ter encontrado o assassino de Fawcett, afirmando que “De investigação em investigação cheguei à dedução de que foram os índios Kalapalos que deram sumiço ao coronel e ao seu filho Jack. Quanto a Ralleigh Rimell, este morreu de febre na taba dos Kuricuros, aldeia onde nasceu Dulipé.”<sup>622</sup> Morel relata que, com a ajuda de um intérprete chamado Luiz Apacano, ele conseguiu gravar a confissão do chefe dos Calapalos, Izarari, o qual teria ordenado em 1925 a morte do coronel Fawcett<sup>623</sup>.

Seguindo a trilha de Dyott, Morel chega à aldeia dos nafuquás e lá ele encontra a indígena Uiune, uma das viúvas do cacique Ialoique – cujo nome no livro de Dyott foi grafado como Aloique. Uiune confirma a história que Aloique contara para Dyott em

---

<sup>619</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 133.

<sup>620</sup> “In the photographs [...] the boy certainly looks like the son of a white man, but the screwed-up eyes and colourless brows are those of an albino. Albinos do exist amongst the savage tribes [...]. Why should Jack be the father?” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 301, tradução nossa.

<sup>621</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 168.

<sup>622</sup> *Ibidem*, p. 186.

<sup>623</sup> *Ibidem*, pp. 198-202.

1928: “[...] certa vez, um *caraíba* deixou com Ialoique uma mala de ferro e uma espingarda.”<sup>624</sup> Para Morel, a investigação de Dyott tinha sido incompleta pois, a partir do momento em que Dyott encontrara a mala de metal na oca do chefe Aloique e a placa de latão na qual estava escrito “*Silver & Co., London*” pendurada em seu pescoço, o comandante atribuíra automaticamente o desaparecimento de Fawcett aos nafuquás, o que para Morel foi um erro e diz ele que Dyott “[...] não fez pesquisas naquelas paragens [para além da aldeia dos nafuquás]. A sua atenção voltou-se particularmente para os nafuquás e sobretudo para Ialoique sobre quem recaíam todas as dúvidas de ser o assassino dos três brancos.”<sup>625</sup> No entanto, Dyott foi até a aldeia dos calapalos, onde perguntou por Fawcett. Mas os nativos não lhes disseram nada e Morel atribuiu isso ao fato de os indígenas temerem sofrer represálias do *caraíba* que vinha à procura de outros *caraíbas* como ele. “Difícilmente Dyott poderia ter êxito em sua missão. Receosos de uma vingança, os índios não relatariam nada sobre Fawcett”<sup>626</sup>, escreve Morel.

Mas Morel era diferente de Dyott: ele contava com o suporte financeiro de Assis Chateaubriand, com o apoio do intérprete Luiz Apacano e com fontes alternativas<sup>627</sup> sobre o destino de Fawcett e de seu filho, missionários protestantes que alegavam existir no Xingu um neto do explorador inglês. Munido com o que acreditava ser vantagens em relação a Dyott, Morel se sente impelido a ir mais longe do que qualquer outra expedição de resgate tinha ido, determinado a encontrar Dulipé. E assim ele começa a indagar a todos que encontra pelo caminho sobre um “índio branco”, ao que João Clímaco responde não ter conhecimento: “Não, senhor! Já estive duas vezes entre os Kuricuros. Fui com Dyott e Petrullo, e nenhum de nós viu este menino.”<sup>628</sup> Mas Uiune afirma o contrário a Morel, que o menino existe e que “[...] ele era bonito e branco.”<sup>629</sup> É por meio de Dulipé – apresentado a ele por intermédio de Apacano – que Morel tem acesso ao cacique Izarari, o chefe dos chefes do Xingu.

Astuto, o repórter dos *Diários Associados* se aproxima de Izarari sob o pretexto de lhe pedir autorização para levar Dulipé para Cuiabá – ao que o cacique responde

---

<sup>624</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>625</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>626</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>627</sup> Fontes alternativas que o próprio Morel não achava totalmente confiáveis, tendo registrado que “O fato de Dulipé só ser conhecido por um reduzido número de missionários, implicou-me. [...] Vários grupos de exploradores e de funcionários do Governo Federal já passaram pelas aldeias do Xingu. E nenhum deles viu Dulipé!” *Ibidem*, p. 139.

<sup>628</sup> *Ibidem*, p. 91.

<sup>629</sup> *Ibidem*.



positivamente, o que para Brian Fawcett (e muitos outros) foi mais um ato inconsequente e irresponsável da parte de Morel. Para Brian, subtrair o nativo Dulipé de sua comunidade seria extremamente prejudicial a ele, o que depois acabou se confirmando. Escreve Brian em 1953 que Dulipé, “[...] indesejado e desprezado, foi alvo de uma farsa jornalística.”<sup>630</sup> A confissão de Izarari foi obtida apenas dois dias antes de Morel retornar ao Rio de Janeiro e quando questionado sobre o motivo pelo qual os kalapalos mataram Fawcett,

Izarari respondeu com firmeza: *caraíba e caraíba* queriam levar os kalapalos para os caiapós. Os kalapalos não gostam de invadir terreno de ninguém, e por isso não foram com os dois *caraibas*. Os *caraibas* empurraram o kalapalos... [...] A briga dos *caraibas* com os kalapalos foi depois da aldeia, quatro dias de viagem... Eles morreram e os kalapalos voltaram.<sup>631</sup>

Ainda com a ajuda do intérprete Apacano, Morel descobriu que Raleigh Rimmel teria morrido por conta de alguma doença antes de chegar na aldeia dos kalapalos, pois Izarari “[...] só viu dois *caraibas*. [...] O outro *caraíba* morreu nos kuicuros.”<sup>632</sup> Portanto a morte de Rimmel se deu na mesma tribo onde Jack supostamente teria se relacionado com uma nativa, engravidando-a. Morel perguntou ainda sobre onde estariam enterrados os corpos dos dois *caraibas* mortos pelos kalapalos, ao que Izarari respondeu: “Lá não tem mais nada. Os *caraibas* ficaram na mata. Depois a chuva levou tudo. Os bichos também comeram...”<sup>633</sup> Após essa confissão, Morel deu o caso como encerrado. No entanto, alguns anos depois, uma nova descoberta iria derrubar todas as certezas de Morel.

### 3.4 Os ossos de Fawcett

Após as fases dos governos provisório (1930-1934) e constitucional (1934-1937), Getúlio Vargas engendrou um autogolpe que culminou com a instauração do chamado Estado Novo (1937-1945) e com a outorga da Constituição de 1937, eventos que viabilizaram sua permanência na presidência até 1945. Em um pronunciamento denominado “No limiar do ano de 1938” e transmitido para todo o país via rádio a partir de meia-noite do dia 31 de dezembro de 1937, Vargas diz que

---

<sup>630</sup> “[...] unwanted and despised, he was seized upon for the purpose of a journalistic hoax.” FAWCETT, Percy Harrison. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953, p. 302, tradução nossa.

<sup>631</sup> MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944, p. 202.

<sup>632</sup> *Ibidem*, 197.

<sup>633</sup> *Ibidem*, 203.

A civilização brasileira, mercê dos fatores geográficos, estendeu-se no sentido da longitude, ocupando o vasto litoral, onde se localizaram os centros principais de atividade, riqueza e vida. Mais do que uma simples imagem, é uma realidade urgente e necessária galgar a montanha, transpor os planaltos e expandir-nos no sentido das latitudes. Retomando a trilha dos pioneiros que plantaram no coração do Continente, em vigorosa e épica arremetida, os marcos das fronteiras territoriais, precisamos de novo suprimir obstáculos, encurtar distâncias, abrir caminhos e estender as fronteiras econômicas, consolidando, definitivamente, os alicerces da Nação. O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o Oeste.<sup>634</sup>

Com esse discurso estava dado o pontapé inicial da chamada Marcha para o Oeste, empreendimento político-militar estadonovista cujo objetivo era integrar e desenvolver a região centro-oeste do Brasil. Ecoando as palavras de Frei Vicente do Salvador, que em 1627 já denunciava que os portugueses, “sendo grandes conquistadores de terras, não se aproveitam delas, mas contentam-se de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”<sup>635</sup>, Getúlio Vargas incitava os brasileiros a participarem de um projeto de autocolonização ou, nas palavras de Affonso Taunay, a “conquista do Brasil pelos brasileiros”<sup>636</sup>.

Os irmãos Orlando (1914-2022), Cláudio (1916-1998) e Leonardo Villas Boas (1918-1961) foram alguns dos brasileiros que atenderam à exortação do presidente e se apresentaram para atuar na Expedição Roncador-Xingu (1943-1948), um dos diversos desdobramentos da Marcha para o Oeste. Inicialmente eles não foram contratados porque, segundo os recrutadores, eram muito letrados. Numa segunda tentativa, se apresentaram como analfabetos vestindo roupas maltrapilhas e foram aceitos.

O olhar voltado para a região centro-oeste como um território a ser explorado data de muito antes do contexto da Marcha para o Oeste<sup>637</sup>. Esse tema remonta aos tempos coloniais, com a descoberta das Minas Gerais, das minas de Mato Grosso e de Goiás, e ganha corpo a partir do século XIX com a discussão sobre a transferência da capital do litoral para o interior. Francisco Adolfo de Varnhagen foi um dos defensores da

---

<sup>634</sup> VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938, p. 124. v. 5.

<sup>635</sup> SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2010, p. 70.

<sup>636</sup> TAUNAY, Affonso. **História Geral das Bandeiras Paulistas**. Escripta à vista de avultada documentação inédita dos arquivos brasileiros, hespanhoes e portugueses, Tomo V. São Paulo: Typographia Ideal, 1929, p. 168.

<sup>637</sup> SCHNEIDER, Alberto Luiz; ALMEIDA, Thays Fregolent de. A Expedição Roncador-Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 49, n. 3, pp. 243–287, nov. 2018/fev. 2019.

transferência da capital para o sertão de Goiás e em 1902, já no período republicano, o presidente Floriano Peixoto criou a “Comissão Exploradora do Planalto Central” (1892-1893), liderada pelo astrônomo belga Luís Cruls, com o objetivo de fazer um levantamento dos aspectos geológicos, climáticos e hídricos do planalto central onde, posteriormente, seria erigida a nova capital Brasília. A novidade introduzida pela proposta da Marcha para o Oeste consistia em articular a necessidade econômica de explorar a região centro-oeste com a afirmação da identidade nacional por meio da integração do elemento nativo, símbolo de uma suposta brasilidade original, evidenciando o escopo nacionalista do projeto ideológico do Estado Novo de Getúlio Vargas. Não é por acaso que o poeta e jornalista Cassiano Ricardo, “[...] um dos principais ideólogos do Estado Novo, insiste no sentido patriótico e nacionalista da ‘Marcha para o Oeste’, caráter esse que também acabou por revestir a Expedição Roncador-Xingu.”<sup>638</sup>

Está presente também no ideário de Cassiano Ricardo a associação direta entre os bandeirantes do Brasil Colônia e os integrantes da Expedição Roncador-Xingu, como se os últimos fossem “modernos bandeirantes”. Cassiano Ricardo enaltece a figura do bandeirante como “[...] desbravador do Brasil, evocando as origens da nação na ‘saga bandeirante’ dos séculos XVI e XVII, quando os sertanistas da capitania de São Vicente, depois São Paulo, adentraram o inóspito sertão, iniciando, segundo essa narrativa, a formação do Brasil nação.”<sup>639</sup> A imprensa, principalmente a paulista, vai potencializar esse processo de engrandecimento da memória bandeirante ao incumbir-se da missão de propagar em suas páginas essa imagem dos sertanistas do século XX como os bandeirantes de seu tempo. Diante desse cenário de ocupação do interior e de invenção de uma brasilidade, os indígenas aparecem representados como imaculados, símbolo de “um Brasil ainda autêntico, não contaminado por estrangeirismos”, e a fronteira entre a borda do litoral e os rincões do centro-oeste “Seria, portanto, o espaço ideal para construção de uma nacionalidade equilibrada e harmonizada, vislumbrada pelo governo.”<sup>640</sup>

---

<sup>638</sup> *Ibidem*, p. 248.

<sup>639</sup> *Ibidem*, p. 247.

<sup>640</sup> GALVÃO, Maria Eduarda Capanema Guerra. **A Expedição Roncador-Xingu e a tarefa de ocupar, civilizar e urbanizar o Brasil Central**. 2014. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014, p. 26. *apud* SCHNEIDER, Alberto Luiz; ALMEIDA, Thays Fregolent de. A Expedição Roncador-Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 49, n. 3, nov. 2018/fev. 2019, p. 275.

No primeiro capítulo de seu “Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett”, Antonio Callado escreve que

O índio (a menos que tenha sido civilizado) não faz perguntas embaraçosas pelo simples fato de não conhecer o embaraço. É uma criança. Ainda vive aquém do Bem e do Mal. Mas como explicar então que aqueles índios que nos maravilharam com sua castanha nudez e seu riso puro, ao chegarmos, sejam os mesmos que, através de cerrados e varjões, nos levaram à beira da lagoinha esverdeada para nos apontar a cova de um homem que assassinaram? Como estão aquém do Bem e do Mal se mataram e esconderam o morto, como qualquer criminoso de novela policial?<sup>641</sup>

Essa interpretação remonta a um longo debate que, no decorrer dos séculos criou uma visão dicotômica dos nativos, ora vistos como incivilizados e imperfectíveis – tendo inclusive sua humanidade negada – ora vistos como imaculados e símbolos de um estágio de desenvolvimento humano chamado de bom selvagem. Antonio Candido aponta que o historiador francês e viajante Ferdinand Denis teria sido o possível responsável por lançar as sementes dessa apropriação simbólica do indígena como figura autenticamente brasileira – e, portanto, representante de uma certa brasilidade – que seria um dos alicerces do romantismo brasileiro<sup>642</sup>, ideia que continuaria viva no século XX por meio da realização de empreendimentos e eventos como a Expedição Roncador-Xingu e as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, em 1954<sup>643</sup>.

Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, que financiara a expedição de Edmar Morel em busca de pistas sobre o desaparecimento de Fawcett em 1944 e que, em 1952, repetiu o feito financiando Antonio Callado em sua jornada ao suposto local de desova dos restos mortais de Fawcett, desfilou nos festejos do IV Centenário da Cidade

---

<sup>641</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

<sup>642</sup> CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 26.

<sup>643</sup> LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da Cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004, pp. 29-32.

de São Paulo<sup>644</sup> ao lado de um “curumim”<sup>645</sup>, conforme se pode observar em uma das fotos presentes no livro-reportagem de Callado (Imagem 8). Na biografia “Chatô, o rei do Brasil”, Fawcett é descrito como “[...] um personagem cuja sombra acompanharia Chateaubriand por muitas décadas.”<sup>646</sup> No entanto, a realidade parece demonstrar o oposto: Chateaubriand como uma sombra que perseguiu o mistério em torno de Fawcett por anos, tendo usado seu dinheiro para financiar duas grandes expedições que fabricaram factoides relativos ao coronel: o suposto neto e a suposta ossada de Fawcett, duas histórias boas demais para serem verdade.

Ambos os factoides foram contestados a partir de evidências científicas. Contestar a ascendência de Dulipé não foi muito difícil: bastava um olhar mais atento para se notar que ele era um indígena albino. Contestar a identificação da ossada atribuída ao coronel Fawcett exigiu mais recursos e esforços de diversos cientistas e estudiosos. Antonio Callado, indefinidamente mais sincero com o seu público leitor do que Edmar Morel, adverte já nas primeiras páginas de seu livro-reportagem sobre a sua ida ao Xingu que

[...] quando lá estivemos nós em janeiro de 1952, convidados pelo sr. Assis Chateaubriand [...], já então sabíamos que os ossos não eram do coronel Fawcett. [...] Assim, fique desde já sabendo o leitor que neste romance policial a falta de ortodoxia é insuportável: não conseguimos identificar o cadáver encontrado nem conseguimos apontar o assassino ou os motivos do crime. Achamos que a história vale a pena graças à personalidade simbólica do coronel Fawcett e também porque o nosso tipo de colonização do interior merece algumas observações, principalmente ao vermos que lida com homens que ainda desconhecemos profundamente, os índios.<sup>647</sup>

---

<sup>644</sup> Segundo seu biógrafo, “[...] em 1954, Chateaubriand se ofereceria ao prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, para abrir o desfile comemorativo das festividades do IV Centenário da capital paulista. Logo depois que a banda da Polícia Militar acabou de tocar o Hino Nacional, ele saiu dos camarins improvisados, à frente das tropas que iriam desfilar, e tomou o microfone:

-Estou aqui como descendente direto dos índios que devoraram o bispo Sardinha na foz do rio Coruripe. Trago para abrir a vossa comemoração, caros paulistas, dois irmãozinhos peles-vermelhas recém-chegados da selva. Pode começar a festa, seu prefeito!

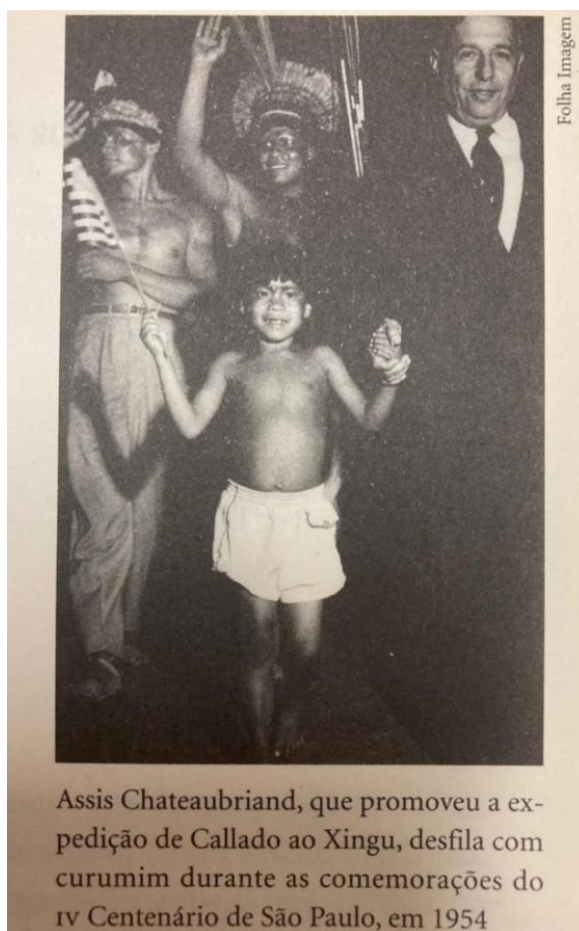
Dito isso, o jornalista atravessou a pé todo o vale do Anhangabaú – sob os olhares incrédulos de 100 mil pessoas que não conseguiam entender o que fazia ali aquele homem de terno preto –, levando pelas mãos dois indiozinhos vestidos só de calção: eram os pequenos caiapós Arutsavi e Tofut, que ele mandara o repórter Jorge Ferreira buscar de avião em uma aldeia junto à cachoeira Von Martius, nos confins da Amazônia”. In: MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 409-410.

<sup>645</sup> Segundo o professor Eduardo Navarro, o termo tupi original era *kunumim* (“criança”), que teria evoluído, na língua geral paulista e no nheengatu, para *kurumim* e *coromim*. NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**. São Paulo: Global, 2005, p.33.

<sup>646</sup> MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 105.

<sup>647</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 16-17.

**Imagem 8 – Fotografia de Assis Chateaubriand desfilando nos festejos do IV Centenário da Cidade de São Paulo ao lado de um “curumim”**



Fonte: CALLADO, Antonio. *Esqueleto na Lagoa Verde. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 7.

Elucidar onde estariam enterrados os restos mortais do coronel Fawcett ou de seus companheiros não era o objetivo dos irmãos Villas Boas<sup>648</sup>. O propósito deles era dar continuidade ao projeto indigenista de Rondon, um projeto pautado na integração nacional e levado a cabo por meio de uma abordagem pacífica e humanitária<sup>649</sup> do contato

<sup>648</sup> Quando o grupo de Antonio Callado estava à beira da suposta cova de Fawcett e um dos repórteres que o acompanhava começou fazer muitas perguntas aos indígenas, um dos Villas Boas interrompeu o jornalista dizendo que “A morte de quinze Fawcetts me interessa menos do que a amizade desses índios.” CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 80. Mais tarde, num livro de memórias, Claudio e Orlando Villas Boas escreveram que “Nunca tomou parte nas nossas preocupações a história e o desaparecimento do explorador. Nossa missão era outra. A Expedição Roncador-Xingu, vanguarda da Fundação Brasil Central, tinha por objetivo o desbravamento.” VILLAS BOAS, Claudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Almanaque do Sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 104.

<sup>649</sup> Há pelo menos um episódio nebuloso na carreira dos irmãos Villas Boas: o caso entre a nativa Pele de Reclusa e Leonardo Villas Boas, o mais jovem dos três irmãos. Pele de Reclusa era esposa de Kutamapù,

entre diferentes culturas, cujo ápice se deu em 1961 com a criação do Parque Nacional do Xingu, uma das maiores reservas indígenas do mundo. Além dos Villas Boas, participaram ativamente da mobilização em torno da criação do Parque o antropólogo Darcy Ribeiro, funcionário do Serviço de Proteção ao Índio, a então diretora do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Heloísa Alberto Torres e o próprio Rondon, que inspirou a todos com o seu lema “Morrer, se preciso for. Matar, nunca.”<sup>650</sup>

Apesar desta não ser a meta deles, desde outubro de 1946 os irmãos Villas Boas estavam em contato com os Calapalos e, segundo a versão dos fatos presente no livro de Edmar Morel, tentavam obter informações mais detalhadas sobre o paradeiro de Fawcett. Passaram-se anos até que, em abril de 1951, Orlando Villas Boas conseguiu fazer com alguns calapalos admitissem ter conhecimento do local onde o corpo do coronel Fawcett estaria enterrado. E não apenas isso, conseguiu que eles o conduzissem até o local exato – a ponta de um braço do rio Culuene que no período da seca ficava isolado e se transformava numa lagoa –, escavassem e recuperassem os supostos restos mortais do coronel Fawcett e/ou de seus companheiros, Jack e Raleigh. Na cova rasa, de pouco menos de meio metro de profundidade, havia uma ossada que, num primeiro momento, parecia corroborar a versão de Edmar Morel.

Desde o livro-reportagem de Morel nos deparamos com uma multiplicidade de versões e informações cruzadas que apresentam algumas discrepâncias entre si. A começar pelo nativo que revelou o local da cova aos Villas Boas; não há como saber exatamente quem foi, pois os diversos autores fornecem versões em que são identificados diferentes responsáveis por revelar essa informação. Callado, por exemplo, registrou que em abril de 1951 “[...] o atual cacique dos calapalos, o índio Cumatsi, falou das 11h15 da manhã às 2h30 da tarde, contando como ali [na Lagoa Verde] haviam sido assassinados três homens – aparentemente Fawcett, seu filho Jack e um amigo deste, Raleigh Rimmel.”<sup>651</sup> Enquanto os irmãos Claudio e Orlando escreveram em seu livro de memórias que

---

chefe e xamã dos Kamayurás. Por conta desse envolvimento com Leonardo, Pele de Reclusa sofreu um estupro coletivo e foi banida da comunidade, enquanto os irmãos Villas Boas foram afastados do convívio com os Kamayurás. Para mais detalhes, ver BASTOS, Rafael José de Menezes. Leonardo, a flauta: uns sentimentos selvagens. *Revista de Antropologia (USP)*, São Paulo, v. 49, n. 2, pp. 557-579, 2006.

<sup>650</sup> ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019, p. 17.

<sup>651</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 15.

Toda história com detalhes nos foi contada por Izarari, confirmada por Komatsi, diante de inúmeros homens da tribo, num discurso que foi das 11h15 às 14h10!!! – isso em plena mata, quando pisávamos, sem saber, no local em que pouco depois tiraríamos, ante a surpresa dos jovens, os ossos que segundo a narrativa dos índios pertenciam a um branco idoso [...] que eles chamavam de “Miguelese”. Isso porque esse cidadão batia no peito e gritava: ‘Mim inglês’. Junto com o inglês velho havia dois ingleses moços, que também foram mortos.<sup>652</sup>

O problema na versão dos Villas Boas é que, segundo eles mesmos escreveram em outra obra, Izarari morreu no dia 1º de janeiro de 1947<sup>653</sup>, apenas três meses após o primeiro contato deles com os Calapalos em 6 de outubro de 1946, ocasião em que Izarari já se encontrava enfermo<sup>654</sup> e, portanto, é pouco provável que ele tenha falado por horas seguidas e tenha conduzido os Villas Boas até a cova, além disso, se o que Callado escreveu se deu mesmo em abril de 1951, Izarari já estaria morto há anos.

Foi necessário mais uma vez o método indiciário para entendermos em que ocasião foi recolhida a ossada e qual o caminho percorrido por ela até o *Royal Anthropological Institute* (RAI), em Londres, onde foram realizados os testes que acabaram comprovando que não pertencia ao coronel Fawcett. Na dissertação de Cecilia Ewbank descobrimos que, durante sua pesquisa, ela localizou

[...] um ofício de Heloísa A. Torres – que já havia solicitado autorização à FBC [Fundação Brasil Central] para proceder ao estudo dos ossos do Coronel Fawcett – em que menciona que o naturalista Pedro Lima, ao ser levado por Orlando Villas Boas a ver os ossos, escreve que estes parecem “muito engordurados já exalam mau cheiro e correm risco de estragar-se”, sugere que foi encontrada a sua ossada (Ofício de Heloísa A.T. para Manoel Ferreira, 17 jul 1951. Cópia de avisos e ofícios, RA 143, DA 143, mai-ago 1951, of. 57. SEMEAR/MN).<sup>655</sup>

---

<sup>652</sup> VILLAS BOAS, Claudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Almanaque do Sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. São Paulo: Editora Globo, 1997, p. 109.

<sup>653</sup> *Idem*. **A marcha para o oeste**. A epopeia da expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Editora Globo, 1994, p. 188.

<sup>654</sup> “Ao chegarmos a aldeia calapalo presenciamos um quadro desolador. Nove sepulturas recentes indicavam a situação angustiada da tribo. Izarari – seu chefe geral – estava à morte. A desolação e a fome corriam pela aldeia. Tratamos de aplicar em Izarari a penicilina que levamos”. *Ibidem*, p. 184.

<sup>655</sup> EW BANK, Cecilia de Oliveira. **A parte que lhe cabe deste patrimônio: o projeto indigenista de Heloísa Alberto Torres para o Museu Nacional (1938-1955)**. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017, p. 152.



Esse ofício de Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional na época, pode indicar que os Villas Boas tiveram acesso aos ossos em 1951, conforme informado por Antonio Callado. Ainda Segundo Callado,

Tanto o Royal Anthropological Institute [...] como os antropólogos do Museu Nacional de S. Cristóvão concordavam num ponto básico. Aqueles eram os restos mortais de um homem bem mais baixo do que o coronel Fawcett, que media 1,86 metro. [...] e, segundo o laudo do dr. Tarcísio Messias<sup>656</sup>, do Museu Nacional, o cálculo feito pelo comprimento dos fêmures, cúbitos e rádios [do esqueleto] dá uma altura de 1,66 ou 1,68 metro. [...] Ora, segundo Brian Fawcett, seu irmão Jack era mais alto do que o pai, e Raleigh Rimmel, o mais baixo dos três, seria homem de 1,78 ou 1,80 metro.<sup>657</sup>

Descobrimos também que consta arrolado no acervo do RAI um relatório reportando [...] a chegada do Sr. Assis Chateaubriand do Brasil com os supostos restos mortais do coronel Fawcett. Chateaubriand propõe dar uma entrevista coletiva e entregar os restos mortais ao filho de Fawcett, Brian; ele também sugere que seja feito um exame dos restos mortais.”<sup>658</sup> Esse relatório é do dia 18 de setembro de 1951, o que sugere que os Villas Boas recolheram os ossos assim que foram notificados de seu paradeiro e entregaram-nos nas mãos de Assis Chateaubriand, que se encarregou do destino deles a partir daí. Na biografia de Chateaubriand encontramos a informação de que uma caixa contendo o esqueleto de Fawcett

[...] foi levada para o apartamento do diplomata Hugo Gouthier, onde um legista o remontou, osso por osso, sobre a senhorial mesa de jantar da casa. Fartamente fotografado por *O Cruzeiro* e *O Jornal*, o esqueleto permaneceu sobre a mesa por vários dias, até que se decidiu que fim dar a ele [...]. Chateaubriand se vangloriava de finalmente ter esclarecido o mistério de décadas que cercava o desaparecimento de Fawcett, quando alguém descobriu um dentista do Rio com quem o explorador britânico se consultara antes de se embrenhar selva adentro. Chamado à casa de Gouthier, o dentista examinou detalhadamente a arcada do esqueleto, sob a luz dos flashes dos fotógrafos,

---

<sup>656</sup> Encontramos no Inventário Analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional a seguinte referência a documentos iconográficos relativos à análise da ossada conduzida por Tarcísio Messias: “AF.F.0009 – Fotografias da arcada dentária e da radiografia do suposto esqueleto do Coronel Fawcett, remetidas ao Museu Nacional por Tarcísio Messias. Em anexo, envelope da Liga de Higiene Dentária. – S.l., s.d. 4 fotos: p&b; 7x7,5 a 11,5x8 cm. No verso da foto, carimbo do Instituto Odonto-Pedagógico “Zefferino de Oliveira”. SANTOS, Ricardo Ventura; SILVA Maria Celina Soares de Mello e. **Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006, p. 102.

<sup>657</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 16.

<sup>658</sup> “[...] *the arrival of Sr. Assis Chateaubriand from Brazil with skeletal remains purporting to be those of Col. Fawcett; Chateaubriand proposes to hold a press conference and to hand the remains to Fawcett's son, Brian; he also suggests an examination of the remains.*” ARCHIVE contents. Fawcett Papers (A69). Royal Anthropological Institute, tradução nossa. Disponível em: <https://www.therai.org.uk/archives-and-manuscripts/archive-contents/fawcett-papers-a69>. Acesso em: 25 jan. 2023.

comparando-a com as fichas de Fawcett que tinha nas mãos. Ao final do exame, chamou Chateaubriand e Gauthier à cozinha da casa e decretou o fim da aventura:

-Lamento informar aos senhores que esses restos não são do coronel Fawcett. O exame da arcada dentária comprova o que digo.<sup>659</sup>

Chateaubriand reagiu mal diante da constatação de que aquele conjunto de ossos não pertenciam ao coronel Fawcett. Segundo o seu biógrafo, Chateaubriand teria ameaçado liquidar com a carreira do dentista caso ele desse alguma declaração pública a respeito da identificação da arcada dentária: “Se o senhor abrir a boca uma única vez para repetir o que acabou de dizer, os *Associados* arrebatam com a sua carreira! [...] Seu trabalho está encerrado, o senhor pode sair aqui pelos fundos, saia pela porta da cozinha que é melhor.” – é o que teria dito Chateaubriand que, logo em seguida, anunciou aos seus repórteres que “O dentista já se retirou. Mas antes de sair confirmou as nossas suspeitas: estamos mesmo diante dos restos mortais do coronel Percy Fawcett. O mistério chegou ao fim.”<sup>660</sup>

Em reportagem de *O Jornal* publicada no dia 6 de setembro de 1951 encontramos informações que corroboram a versão do biógrafo Fernando Morais:

Sob a guarda do ministro Hugo Gauthier [*sic*] os ossos do coronel Fawcett foram ontem minuciosamente examinados na residência daquele diplomata pelo professor Cryso Fontes, diretor da Faculdade Nacional de Odontologia, juntamente com os odontólogos Mauricio Graça e Jorge Arthur Graça. O exame durou cerca de duas horas, tendo inicialmente o ministro Gauthier [*sic*] feito uma ampla exposição sobre o assunto, principalmente sobre a viagem recentemente empreendida pela caravana dos “Diários Associados” a fim de recolher os despojos do explorador inglês. O professor Cryso Fontes examinou não somente a ossada do coronel Fawcett, mas também a sua dentadura parcial enviada de Londres. Reputada autoridade na matéria, considerou o prof. Cryso Fontes interessantíssimas as provas testemunhais obtidas, bem como de valor excepcional o ajustamento da dentadura à mandíbula encontrada. Para um esclarecimento definitivo acha, porém, que os ossos devem ser enviados a Londres e submetidos à comprovação pela viúva Fawcett e seu dentista. Nessa ocasião, seria de grande alcance uma mesa redonda na capital britânica, com a participação de cientistas.<sup>661</sup>

---

<sup>659</sup> MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, pp. 576-577.

<sup>660</sup> *Ibidem*, p. 577.

<sup>661</sup> IDENTIFICAÇÃO do cel. Fawcett. Ajustada a dentadura à mandíbula encontrada. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1951, p. 1-2.

Ora, já vimos que a proposta de uma “mesa redonda com a participação de cientistas” foi uma sugestão de Chateaubriand feita ao *Royal Anthropological Institute* assim que chegou em Londres com os ossos, e não do pobre Cryso Fontes, o qual foi evidentemente silenciado por Chateaubriand sob ameaças de sofrer represálias do magnata das comunicações. Chateaubriand possivelmente mandou publicar a supracitada matéria no periódico *O Jornal*, um dos principais órgão dos *Diários Associados*, com informações totalmente contrárias ao que foi constatado por Cryso Fontes e sua equipe de dentistas para manter viva a farsa de que o mistério em torno do desaparecimento do coronel Fawcett estava resolvido, abrindo caminho para que ele se vangloriasse desse feito<sup>662</sup>. No dia 7 de setembro de 1951 *O Jornal* informou que “Exames complementares serão realizados em Londres, para onde segue hoje, conduzindo a ossada, o diretor dos ‘*Diários Associados*’.”<sup>663</sup> Uma vez em Londres, “[...] bastou uma sumária medição das tíbias do esqueleto pela Sociedade de Antropologia de Londres para ficar claro que aqueles não eram mesmo os despojos de Fawcett.”<sup>664</sup>

Sobre como os ossos foram parar nas mãos de Chateaubriand, encontramos alguns esclarecimentos numa reportagem da revista *O Cruzeiro*:

Ao primeiro dia de setembro de 1951, na localidade de Xavantina, Base da Fundação Brasil Central, à margem do Rio das Mortes, o Presidente da Fundação Dr. Arquimedes Pereira Lima, em companhia de seus assistentes, Engenheiros-civis Olívio Souza e Cássio Veiga de Sá, chefes, respectivamente, das bases de Xavantina e Aragarças, da aludida Fundação, e na presença do Reverendo Padre Antônio Colbacchini, chefe da Missão Salesiana do Rio das Mortes, que há quarenta anos reside entre os índios da região, foi feita entrega ao Dr. Assis Chateaubriand, diretor dos “*Diários Associados*”, dos ossos e da lâmina de um facão de marca estrangeira arrecadados pelo sertanista Orlando Villas-Boas aos índios Kalapalos, como pertencentes ao explorador inglês Coronel Percival Fawcett, desaparecido nas matas do Rio Coluene no ano de 1925. Na mesma ocasião, foi feita entrega pelo Presidente da Fundação Brasil Central ao Diretor dos *Diários Associados*, de uma duplicata da dentadura pertencente ao Coronel Fawcett, enviada à Fundação Brasil Central, como peça de identificação, pela família do aludido explorador, por intermédio do escritório no Brasil da Agência Reuters. Assistiram ao ato de entrega dos ossos, da lâmina do facão e da duplicata da dentadura, o Conde e a Condessa de Paris, o Ministro Hugo Gouthier de Oliveira Gondim, o Secretário de Embaixada José Jobim, os jornalistas João Martins, Nelson Gatto e Nicolau Leite, todos

---

<sup>662</sup> Avultamos a possibilidade de que a obsessão de Chateaubriand pelo caso Fawcett esteja relacionada à uma outra obsessão: a de ser embaixador do Brasil na Inglaterra, cargo alcançado em 1956, ao ser nomeado pelo presidente Juscelino Kubitschek para representar o Brasil na embaixada em Londres, o que teria sido uma promessa de campanha de JK em troca do apoio dos *Diários Associados* de Chateaubriand. MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 573.

<sup>663</sup> OS OSSOS do coronel Fawcett. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1951, p. 1.

<sup>664</sup> MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.577.

dos “Diários Associados”, e o Conde André de Robillant. Dado e passado nesta localidade de Xavantina, vai este termo por todos assinados, exceto pelo sertanista Orlando Villas-Boas, por se encontrar, no momento, em missão da Fundação Brasil Central, em lugar inacessível à comunicação rápida, declarando ainda o Presidente da Fundação que o referido sertanista estará à disposição das autoridades e centros de pesquisas para reiterar seu depoimento e dizer das investigações pelo mesmo feitas sobre o assunto, os quais já foram amplamente divulgados pela imprensa.<sup>665</sup>

Temos aqui a explanação sobre como o esqueleto foi parar nas mãos de Chateaubriand, evidenciando que houve uma cerimônia oficial com a presença de personagens ilustres como testemunhas, como o conde e a condessa de Paris, o Príncipe Dom Henrique e a Princesa Isabel de Orléans, neta da princesa Isabel e bisneta de Dom Pedro II. Sobre o que aconteceu com os ossos após os exames no RAI e depois de ser constatado que não pertenciam a P. H. Fawcett, Fernando Morais afirma que uma caixa com os ossos “[...] foi devolvida à embaixada brasileira, onde passou muitos anos transformada em problema diplomático. [...] Passados muitos anos os ossos retornaram ao Brasil – onde permanecem até hoje em um depósito da Fundação Nacional do Índio (Funai).”<sup>666</sup> Sobre a permanência do esqueleto na Funai, há margem para questionamentos, pois encontramos no Inventário Analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional a seguinte descrição de um documento:

AF.T.1.3.010 – Recibo de Roberto Cardoso de Oliveira, diretor da Divisão de Antropologia, informando haver entregue, por ordem de Castro Faria, diretor do Museu Nacional, a Orlando Villas-Boas, uma ossada, supostamente do Coronel Fawcett, guardada no Museu Nacional desde 1958. – Rio de Janeiro, 2 dez. 1964. 1d., 1f. Datilografado.<sup>667</sup>

Sendo essa a última referência aos ossos que encontramos, ela indica que eles estavam sob a guarda do Museu Nacional desde 1958 e que, em 2 de dezembro de 1964, Orlando Villas-Boas requisitou a posse deles ao diretor Castro Faria. Depois dessa data não conseguimos averiguar qual o paradeiro dos supostos despojos do coronel Fawcett. Aparentemente os Villas Boas não acataram o resultado dos exames feitos tanto no Brasil

---

<sup>665</sup> MARTINS, João. Uma princesa nas selvas. Capítulo final do mistério Fawcett. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 23, n. 49, 22 de setembro de 1951, p. 120.

<sup>666</sup> MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 577.

<sup>667</sup> SANTOS, Ricardo Ventura; SILVA Maria Celina Soares de Mello e. **Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006, p. 40.

quanto na Inglaterra. É evidente que os exames osteológico e odontológico representaram uma frustração para muitas pessoas envolvidas no caso Fawcett, principalmente para os irmãos Villas Boas, Assis Chateaubriand e Edmar Morel esses dois últimos tendo optado por ignorar as evidências científicas sem nunca se retratarem publicamente por terem espalhado inverdades tanto sobre Dulipé<sup>668</sup> quanto sobre os ossos.

Indignado com esse desfecho, Callado escreve: “Que os ossos achados por Villas Boas não sejam de nenhum dos três ingleses é coisa realmente de assombrar. A vida não imita a arte coisa nenhuma. Artisticamente falando, os ossos da lagoinha são de P. H. Fawcett.”<sup>669</sup> É curioso como Fawcett, o explorador e arqueólogo que buscava uma cidade perdida misteriosa que, do seu ponto de vista, tinha potencial para vir a ser um sítio arqueológico, se tornou ele mesmo um mistério a ser resolvido e teve sua suposta ossada desenterrada como remanescentes humanos encontrados numa escavação. Mas, assim como Z, o paradeiro de Fawcett permanece desconhecido até hoje.

---

<sup>668</sup> Nas palavras do jornalista Luiz Maklouf Carvalho, “Morel não fez nenhuma checagem sobre a paternidade de Dulipé – e também omitiu dos leitores o fato de que a história já era conhecida. Confiou nos depoimentos que ouviu e mandou brasa. Quebrou a cara mais tarde, quando um simples exame de sangue provou que o índio era albino. Os veículos de Chatô nunca corrigiram o erro. Morel também não. Nem no livro que escreveu sobre a história, nem no mais recente *Histórias de um repórter*, em que mantém a versão original. Dulipé morreu na miséria, abandonado e alcoólatra. Não foi a última vez que o jornalismo dos *Associados* provocou tragédia entre os índios.” CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas**: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 96. *apud* SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora FGV, 2010, p. 92.

<sup>669</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 22.

## Considerações finais: Por que Fawcett?

Pouco conhecido e pouco explicado, entrevisto em Ceilão, vislumbrado no Guaporé, apontado na Bahia e nos campos da grande guerra, na Bolívia e no Palácio do Catete, os mais estranhos ecos são despertados por Fawcett, que atravessou como um fogo-fátuo tantas florestas e ruínas neste mundo.<sup>670</sup>

**Antonio Callado**

Ao longo dos três capítulos desse trabalho nos confrontamos com “os mais estranhos ecos despertados por Fawcett”: suas andanças, suas correspondências, suas crenças e convicções, seus mapas e seus familiares. Um ser humano é composto de todos esses e muitos outros ecos – vestígios de seu passado. No entanto, Fawcett se tornou, ele mesmo, um eco que insiste em ressoar em alto e bom som mesmo quase um século após o seu desaparecimento. Seu nome foi dado a uma rua na cidade de São Paulo<sup>671</sup> e aparece arrolado em listas de teoria da conspiração na internet, ele é tema de reportagens, roteiros de filmes<sup>672</sup>, jogos de videogame<sup>673</sup>, jogos de tabuleiro<sup>674</sup>, histórias em quadrinhos<sup>675</sup> e livros infantis<sup>676</sup>. Como explicar tamanha popularidade?

Esperamos que o conjunto de dados e suas respectivas análises calcadas na contextualização histórica tenham ajudado a responder essa questão. É quase inviável entender o curso da trajetória de Fawcett no Brasil sem antes ter um panorama de Fawcett no Ceilão sob domínio inglês, na cena intelectual e literária da Era Vitoriana, na Amazônia durante o ciclo da borraca, na *Royal Geographical Society*, na Teosofia, na I Guerra Mundial, na arqueologia e na demarcação de fronteiras.

---

<sup>670</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 98.

<sup>671</sup> Trata-se da Rua Coronel Fawcett, no bairro da Saúde. Logradouro oficializado via Decreto nº 6.042, de 20 de janeiro de 1965. Processo administrativo nº 167.435/64. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/> Acesso em: 25 jan. 2023.

<sup>672</sup> **THE Lost City of Z**. Direção: James Gray. Produção de Anthony Katagas, Dede Gardner, Dale Armin Johnson, James Gray, Jeremy Kleiner. United States: Amazon Studios, Bleecker Street Media, 2017. DVD (141 min.).

<sup>673</sup> **SHADOW of the Tomb Raider**. Desenvolvedor: Eidos Montréal, Crystal Dynamics. United States: Square Enix Europe, 2018 (jogo eletrônico).

<sup>674</sup> **THE Lost Expedition**. Desenvolvedor: Filip Hartelius, Duncan Molloy. United States: Osprey Games, 2017 (jogo de tabuleiro).

<sup>675</sup> COLIN, Flavio (Ilustr.); DINIZ, André (Rot.). **Fawcett**. São Paulo: Nona Arte, 2000.

<sup>676</sup> PIZZOLI, Greg. **The Quest for Z: The True Story of Explorer Percy Fawcett and a Lost City in the Amazon**. New York: Viking, 2017.

A chave de leitura da história transnacional proposta por Barbara Weinstein<sup>677</sup> e Maria Ligia Prado se mostrou muito pertinente ao nosso objetivo de analisar historicamente a trajetória de Percy Harrison Fawcett, dado que os temas pensados para “[...] serem examinados por la Historia Transnacional se vinculan especialmente a las diásporas sociales o políticas, a los impactos de las migraciones, a los movimientos de grupos, a las mercancías o personas que circulan entre fronteras nacionales.”<sup>678</sup> O coronel Fawcett, na condição de topógrafo que veio à América do Sul para realizar a delimitação das divisas entre alguns países, representa um bom objeto de análise do viés transnacional, porque ele não apenas circula entre as fronteiras, ele, um inglês, as está definindo juntamente com brasileiros, bolivianos e peruanos, enquanto desfruta do privilégio colonial de transitar livremente por amplas regiões. Além disso, Fawcett faz circular pela América do Sul as ideias sobre a origem do ser humano no continente – as ideias sobre a Atlântida – que não são exclusivamente suas, como vimos ao longo da pesquisa; havia outros que compartilhavam dessa mesma crença, como Alberto Childe, interlocutor de Fawcett, Gustavo Barroso<sup>679</sup> e Câmara Cascudo.

A conjugação do viés transnacional com a análise de fontes biográficas enriqueceu nossa abordagem, pois, não obstante se tratar de perspectivas muito diferentes em ordem de escala, na trajetória de Fawcett no Brasil esses dois referenciais convergem, uma vez que tanto o cenário global quanto o cenário pessoal, resultaram na vinda e na permanência de Fawcett na América do Sul por anos. Ao escrever sobre o uso de processos de tribunais e de biografias como fontes históricas, Carlo Ginzburg afirma que “O objetivo específico desse tipo de pesquisa histórica deveria ser, penso, a reconstrução do relacionamento (sobre o qual tão pouco sabemos) entre as vidas individuais e os contextos em que elas se desdobram.”<sup>680</sup>

Foi esse o procedimento que almejamos realizar nessa pesquisa. Para tanto, nos utilizamos do paradigma indiciário, proposto por Ginzburg<sup>681</sup>, principalmente nos tópicos sobre o episódio no rio Verde, sobre o embate entre Fawcett e Rondon e sobre os ossos

---

<sup>677</sup> WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, pp. 9-36, jan./jun. 2013.

<sup>678</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario digital**, Escuela de Historia, Facultad de Humanidades y artes de la Universidad Nacional de Rosario, v. 24, p. 19, 2012.

<sup>679</sup> BARROSO, Gustavo. **Aquém da Atlântida**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1931.

<sup>680</sup> GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. *In*: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. (Orgs). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 357. v. 1.

<sup>681</sup> *Idem*. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

do explorador, sempre tendo em mente que é preciso analisar as fontes documentais em seus respectivos contextos de produção, reprodução e circulação, conceitos que coincidem com a noção “[...] do mundo como representação, moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam.”<sup>682</sup>

Portanto, concordamos com Ginzburg quando ele afirma que

Uma evidência histórica pode ser tanto involuntária (um crânio, uma pegada, despojos de comida) quanto voluntária (uma crônica, um ato notorial, um garfo). Mas, em ambos os casos, um paradigma interpretativo específico é necessário, devendo ser relacionado (no último caso) a um código específico, segundo o qual a evidência se constrói. As evidências de ambos os tipos podem ser comparadas a um espelho produtor de distorções. Sem uma ampla análise da distorção que lhe é inerente (os códigos com que ela foi construída e / ou deve ser percebida), uma reconstrução histórica correta é impossível.<sup>683</sup>

Estamos cientes de que o relato e a memória de viagem carregam, no seu âmbito de produção, o ponto de vista dos viajantes e exploradores que, como Fawcett, observam o mundo a partir de suas lentes socioculturais, científicas, políticas, econômicas e, por isso, é fundamental a leitura desses relatos e memórias de forma contextualizada. Conscientes de sua particularidade como forma de representação específica elaborada por Fawcett, não vemos nisso, entretanto, um demérito da fonte, pois sabemos que ela não condiz com a realidade, mas é uma representação desta. Ginzburg faz essa mesma ponderação sobre documentos e evidências históricas que, em geral, não correspondem a uma verdade absoluta, e alerta que, se nos restringirmos a uma abordagem extremamente cética, cairemos no que o ele denomina como “armadilha às avessas” pois,

Em vez de lidar com a evidência como uma janela aberta, os céticos contemporâneos a tomam como um muro, que por definição bloqueia qualquer acesso à realidade. Essa atitude antipositivista radical, que considera todos os pressupostos referenciais como ingenuidade teórica, acaba se tornando, à sua maneira, um positivismo invertido.<sup>684</sup>

Nosso objetivo aqui foi abrir essa janela e, por meio dela, olhar para o passado de Fawcett, relatando o que vimos ao longo da pesquisa: evidências diversas de sua passagem pelo Brasil, como cartas, relatórios, mapas, telegramas, artigos, entre outros. Essa foi a nossa contribuição à historiografia: a localização dessas fontes – inéditas não,

---

<sup>682</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 23.

<sup>683</sup> GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. (Orgs). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 348. v. 1.

<sup>684</sup> *Ibidem*, p. 347.



mas espalhadas e dissociadas entre si – alinhada a uma abordagem histórica, buscando um equilíbrio entre o relativismo e o dogmatismo teóricos. Para tanto, foi necessário seguir um fio emaranhado de fatos, datas e nomes para acessarmos às vezes um único documento – como a caricatura *Matula no Sertão*, por exemplo – que, não só apresentamos aqui, como também nos propomos a realizar uma leitura crítica e contextualizada dele.

Por muito tempo a atuação de Fawcett foi examinada pela ótica de seus relatos e memórias de viagem, do ponto de vista de seus escritos ocultistas ou então a partir de seus relatórios oficiais, cada um deles representando diferentes tipos de linguagem (informal, religiosa e científica, respectivamente) e voltados para um público-alvo também diverso. A abordagem histórica de uma parte da trajetória de Fawcett propiciou um olhar mais amplo sobre esse personagem, sem nos restringirmos a um único ponto de vista. Um olhar que o enxergou como um homem de seu tempo ao aumentar a amplitude de sua rede de contatos, de suas influências e representações. Surgiram evidências de interações com estrangeiros vivendo no Brasil – Alberto Childe e Amy Fowler – juntamente com sinais de sua passagem pelos círculos intelectuais, literários e científicos não só do Brasil, mas de quase todos os lugares que ele visitou. Em muitos desses círculos a relação entre a ciência e o mundo sobrenatural estava posta, assim como um latente racismo científico.

Não queremos nos colocar em oposição a outras narrativas (jornalísticas, céticas ou místicas), como uma abordagem objetiva e imparcial da trajetória de Fawcett, estamos cientes de nossas escolhas epistemológicas e teórico-metodológicas, deixando claro desde o início e no decorrer de toda a pesquisa quais foram elas. Ao utilizarmos o paradigma indiciário para destrincharmos o episódio no rio Verde e o embate entre Fawcett e Rondon, por exemplo, tentamos nos desvencilhar de “[...] uma bem divulgada falácia erudita, segundo a qual diferentes peças de evidências, escritas sob vários (às vezes mesmo conflitantes) pontos de vista, podem ser combinadas para estabelecer uma narrativa fluente e homogênea.”<sup>685</sup> Por meio do paradigma indiciário nosso objetivo foi justamente demonstrar que cada versão composta por múltiplas ou nenhuma evidência histórica carregava um arsenal de representações e códigos.

---

<sup>685</sup> *Ibidem*, p. 348.

No caso de Fawcett o sistema de códigos que se sobressai é o da cidade perdida, cujo símbolo máximo é Z. Acreditamos que a intrincada relação entre as ideias de Fawcett, suas crenças e sua posição social – o que ele pensa, no que ele crê e quem ele é – combinaram-se num contexto histórico específico que viabilizou não apenas que ele aventasse a possibilidade de Z estar localizada no Brasil bem como permitiu que ele se dedicasse a essa busca por anos a fio, levando sua investigação até as últimas consequências. Por conta desse conjunto de evidências impregnadas de simbolismos, é que Fawcett segue desfrutando de uma popularidade espantosa e “[...] ainda será lembrado de muita gente no mundo inteiro. Por quê? Porque não há nada mais sólido do que as lendas, e Fawcett se identificou com uma das lendas matrizes da humanidade: a da cidade abandonada.”<sup>686</sup>

Além disso, o próprio Fawcett acabou perdido, o que também contribuiu para a manutenção de sua relevância. Afinal, desaparecido não é o mesmo que morto, e a natureza das crenças que ele propagava deixam margem para que alguns grupos religiosos – como a Sociedade Brasileira de Eubiose<sup>687</sup> – sigam acreditando na possibilidade do coronel e de seu filho Jack estarem vivos até hoje e liderarem uma comunidade esotérica na Serra do Roncador. Essa versão foi corroborada pelo dramaturgo inglês e produtor da BBC Misha Williams, que recentemente “[...] teve acesso a anotações de Fawcett e afirma que a publicação das memórias do explorador que se conheciam haviam sido substancialmente reescritas por Brian, seu editor.”<sup>688</sup> Ainda segundo Williams, “[...] antes de buscar cidades perdidas, Fawcett queria, na verdade, estabelecer comunidades esotéricas na Amazônia – colônias de um superpovo que iria assumir o poder no lugar dos governos existentes e iniciar uma nova raça.”<sup>689</sup>

Por conta da natureza editada dos escritos de Fawcett aos quais tivemos acesso, uma possibilidade de pesquisa futura seria realizar um estudo comparativo entre os escritos reunidos em formato de livro e os escritos originais de Fawcett, que estão sob a

---

<sup>686</sup> CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**. Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 28.

<sup>687</sup> A Sociedade Brasileira de Eubiose foi fundada em 1924 e inicialmente se chamava Dhâranâ Sociedade Mental Espiritualista. “Com um trabalho então muito próximo ao do budismo esotérico, Dhâranâ ergueu as bases para o que viria a se tornar a Sociedade Teosófica Brasileira, nome assumido em 1928, e que de certa forma homenageava a Sociedade Teosófica fundada por Helena Petrovna Blavatsky, que, por sua vez, buscava desenvolver uma doutrina espiritualista na América.” EUBIOSE. Disponível em <https://www.eubiose.org.br/a-sociedade/> Acesso em: 14 jan. 2023.

<sup>688</sup> BURDEN, Chris. Em busca da cidade perdida. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, p. 23, jun. 2007.

<sup>689</sup> *Ibidem*.

guarda do *Torquay Museum*, na Inglaterra<sup>690</sup>. Além desse acervo, sugerimos ainda a possibilidade de pesquisa no *Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolivia*, onde no fundo *Papeles Personales de José Manuel Pando* (1871-1913) encontramos listados, por exemplo, documentos denominados *Comprobantes del Mayor Fawcett* (1906-198).

As possibilidades de dar continuidade à pesquisa sobre Fawcett são intermináveis, aqui demos conta apenas de uma pequena parte desse tema, que nos parece inesgotável. Infinita também é a linha do tempo da história. A trajetória de Fawcett é como um ponto dessa linha. No tempo infinito, dados dois recortes temporais – o passado e o presente – sempre existirá um ponto que se interpõe entre o antes e o agora, inatingível. Por mais que o historiador dele se aproxime, jamais o alcançará em sua totalidade. Pois, “[...] os historiadores – lidem eles com fenômenos recentes, distantes ou mesmo em processo – nunca se aproximam diretamente da realidade.”<sup>691</sup>

Em algum momento no decorrer da pesquisa – como é usual – nos deparamos com uma fonte bibliográfica que mencionava um livro que por sua vez citava um terceiro, e descobrimos que nele havia um tópico inteiro dedicado a Fawcett<sup>692</sup>. Encontramos o livro usado e o adquirimos em um sebo online. Ele chegou e seu estado de conservação, aparentemente, era bom, apesar das páginas amareladas. Abrimos o livro e o folheamos na ânsia de descobrir o que seu conteúdo nos guardava. Mas então veio a surpresa: aparentemente três folhas inteiras haviam sido arrancadas do miolo do livro. Fomos conferir no índice para ter certeza, mas só poderia ser Fawcett, que mais uma vez nos escapava – e segue escapando –, como um fenômeno magnífico e instável, mas permanente da cultura e do imaginário ocidentais.

---

<sup>690</sup> HOLGATE, Mike. Percy Fawcett – The lost explorer (1867- c. 1925). In: **Local Studies Education Series**, Torquay Museum. Disponível em: <https://www.torbay.gov.uk/media/8995/percy-fawcett-the-lost-explorer.pdf> Acesso em: 18 fev. 2023.

<sup>691</sup> GINZBURG, Carlo. Controlando a evidência: o juiz e o historiador. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. (Orgs). **Nova história em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 348. v. 1.

<sup>692</sup> FIGUEIREDO, Capitão Lima. **Limites do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Editora Henrique Velho, 1936, pp. 105-108.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Fontes primárias principais

FAWCETT, Percy Harrison. **A expedição Fawcett**: compilação de seus manuscritos, cartas, diários e registros por Brian Fawcett. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1954.

\_\_\_\_\_. A new touring ground: Morocco, the country of the future. **Pall Mall Magazine**, v. 28, pp. 155-166, set./dec. 1902.

\_\_\_\_\_. At the hot wells of Koniar. **Occult Review**, v. 42, n. 2, pp. 114-119, aug. 1925.

\_\_\_\_\_. Bolivian exploration, 1913-1914. **Geographical Journal**, v. 45, n. 3, pp. 219-228, mar. 1915.

\_\_\_\_\_. **Carta ao professor Childe**. Destinatário: Alberto Childe. Kensington Gore, 03 mar. 1922. 1 carta. 6 f. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Manuscritos – 24, 4, 20 n°002.

\_\_\_\_\_. **Carta à Mrs. Lutz**. Destinatário: Mrs. Lutz. Stoke Canon, 26 mar. 1923. 1 carta. 1 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, BR RJANRIO Q0.BLZ, COR. TXT, A923.19, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Carta à Miss Lutz**. Destinatário: Miss Lutz. Stoke Canon, 18 jun. 1923. 1 carta. 2 f. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, BR RJANRIO Q0.BLZ, COR. TXT, A923.19, pp. 2-3.

\_\_\_\_\_. **Exploration Fawcett**. Arranged from his manuscripts, letters, log-books, and records by Brian Fawcett. London: Hutchinson, 1953.

\_\_\_\_\_. Explorations in Bolivia. **Geographical Journal**, v. 35, n. 5, pp. 513-529, may. 1910.

\_\_\_\_\_. Further explorations in Bolivia: The River Heath. **Geographical Journal**, v. 37, n. 4, pp. 377-397. apr. 1911.

\_\_\_\_\_. Gold bricks at Badulla. **Blackwood's Magazine**, v. 297, n. 1793, pp. 222-234, mar. 1965.

\_\_\_\_\_. In the heart of South America. **Wide World Magazine**: an illustrated monthly of true narrative, adventure, travel, customs and sport, v. 29, may./oct. 1912.

\_\_\_\_\_. Journey to Morocco City. **Geographical Journal**, v. 19, n. 2, pp. 189-192, feb. 1902.

\_\_\_\_\_. Links with the planetary control. **Occult Review**, v. 38, n. 11, pp. 297-302, nov. 1923.

\_\_\_\_\_. Matter: some reflections. **Occult Review**, v. 39, n. 6, pp. 352-360. jun. 1924.

\_\_\_\_\_. Obsession. **Light**, 29 jul. 1922.

\_\_\_\_\_. South American forests. **Geographical Journal**, v. 40, n. 6, pp. 635-636, dec. 1912.

\_\_\_\_\_. Survey work on the Bolivia-Brazil boundary. **Geographical Journal**, v. 35, n. 2, pp. 163-166, feb. 1910.

\_\_\_\_\_. Survey work on the frontier between Bolivia and Brazil. **Geographical Journal**, v. 33, n. 2, pp. 181-185, feb. 1909.

\_\_\_\_\_. The lost city of my quest. **Blackwood's Magazine**, v. 233, n. 1407, pp. 88-97, jan. 1933.

\_\_\_\_\_. The occult life. **Occult Review**, v. 38, n. 8, pp. 93-99, aug. 1923.

\_\_\_\_\_. The passing of Trinco. **Blackwood's Magazine**, v. 285, n. 1720, pp. 110-121, feb. 1959.

\_\_\_\_\_. The planetary control. **Occult Review**, v. 36, n. 12, pp. 347-356, dec. 1922.

\_\_\_\_\_. The source of the river heath. **Geographical Journal**, v. 47, n. 4, p. 317, apr. 1916.

## 2. Fontes primárias complementares

ALBERTO Childe. Obituário. **Ciência para Todos**: Suplemento de Divulgação Científica de “A Manhã”, Rio de Janeiro, 29 out.1950, p. 8.

BARROSO, Gustavo. **Carta a Euphrasio da Cunha Cavalcanti**. Destinatário: Euphrasio da Cunha Cavalcanti. Rio de Janeiro, 24 jun. 1941. 1 carta. 1 f. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.4.

\_\_\_\_\_. **Carta a Rodrigo M. F. de Andrade**. Destinatário: Rodrigo M. F. de Andrade. Rio de Janeiro, 26 de jun. 1941. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.5.

BASTA de explorações... Os descobridores de cousas sensacionaes e as commissões scientificas têm custado caro ao Brasil. **A Esquerda**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1931, p. 2.

BLAVATSKY, Helena. **A Doutrina Secreta**. São Paulo: Pensamento, 2012.

BRASIL. **Ata da comissão permanente de relações exteriores**. In: Diário do Congresso Nacional, Seção I, ano XIV, nº 73, capital federal, terça-feira, 16 de junho de 1959, pp. 3069-3075.

BRASIL. **Decreto nº 5.161**, de 10 de março de 1904. Artigo I, Parágrafo 5º. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1900-1909/D05161.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1900-1909/D05161.html). Acesso em: 25 jan. 2021.

CALLADO, Antonio. **Esqueleto na Lagoa Verde**: Ensaio sobre a vida e o sumiço do Coronel Fawcett. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASPAR, Franz. A expedição de P. H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, número XXXI, 23 a 28 de agosto de 1954, São Paulo. BALDUS, Herbert (Org.). **Anais...** São Paulo: Editora Anhembi, 1954, pp. 113-120.

CAVALCANTI, Euphrasio da Cunha. **Carta a Gustavo Barroso**. Destinatário: Gustavo Barroso. Cuiabá, jun. 1941. 1 carta. 3 f. Arquivo Histórico do Museu Histórico Nacional, série Processos de Entrada de Acervo; Proc. Nº 14/41 Doc.3.

COLONEL FAWCETT'S Expedition in Matto Grosso. **Geographical Journal**, v. 71, n. 2, pp. 176-185, feb. 1928.

**CORRESPONDÊNCIA sobre a vinda da Sra. Fawcett (Grã-Bretanha) para fazer uma expedição.** Museu de Astronomia e Ciências Afins; Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições; fundo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil CFE; série Expedição e exportação de material: CFE.T.2.230 (Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro). 1946.

CRULS, Luiz. **Livro de Actas da Comissão de Limites Entre o Brasil e a Bolívia.** Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil (1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 369, prateleira 4, lata 454, maço 12 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1901-1902.

CRUZ, Sebastião Claudino de Oliveira. Roboré, o infeliz instrumento diplomático. **O Semanário**, Rio de Janeiro, 5 a 11 de setembro de 1959, número 175, ano IV, p. 7 e 10.

DESBRAVANDO os nossos sertões. O insucesso da expedição do coronel Fawcet. **A Noite**, Rio de Janeiro, 15 dez. 1920, p. 1.

DESBRAVANDO os nossos sertões. O insucesso da expedição do coronel Fawcet. **A Noite**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1921, p. 2.

GENERAL Rondon e os nossos sertões. Uma carta preciosa do capitão Amílcar Botelho. **A Noite**, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1921, p. 2.

GRANN, David. **The lost city of Z: a tale of deadly obsession in the Amazon.** New York: Random House, 2005.

\_\_\_\_\_. **Z, a cidade perdida: a obsessão mortal do coronel Fawcett em busca do Eldorado brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GUILLOBEL, José Candido. **Relatório da exploração do rio 'Verde' da sua confluência com o Guaporé às suas cabeceiras, e do terreno no qual, em 1877, foi levantado o marco das supostas nascentes d'aquelle rio.** Arquivo Histórico do Itamaraty; fundo Ministério das Relações Exteriores da República Federativa do Brasil

(1889-1959); série Limites e Fronteiras, subsérie Países Andinos: Bolívia; estante 370, prateleira 1, lata 458, maço 3 (Arquivo Histórico do Itamaraty, Rio de Janeiro). 1910.

MARRIAGES. **The Gentleman's Magazine and Historical Review**, v. 219. p. 109, jul./dec. 1865.

MOREL, Edmar. **E Fawcett não voltou**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1944.

\_\_\_\_\_. Fawcett nos seus últimos dias de vida. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1940, p. 8.

MR. DYOTT'S Expedition in Search of Colonel Fawcett. **Geographical Journal**, v. 73, n. 6, pp. 540-542, jun. 1929. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1785337>. Acesso em: 16 dez. 2022.

RELAÇÃO histórica de uma oculta e grande povoação antiquíssima sem moradores, que se descobriu no anno de 1753, nos sertões do Brazil. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo I, n. 3, pp. 181-189, out. 1839.

REZENDE, Garcia de. A Caça ao Mysterio. **A.B.C. Politicas, Actualidades, Questões Sociais, Lettras e Artes**, Rio de Janeiro, 23 jun. 1928, p. 5.

ROHTER, Larry. **Rondon, uma biografia**. São Paulo: Objetiva, 2019.

VILLAS BOAS, Claudio; VILLAS BOAS, Orlando. **Almanaque do Sertão**: histórias de visitantes, sertanejos e índios. São Paulo: Editora Globo, 1997.

\_\_\_\_\_. **A marcha para o oeste**. A epopéia da expedição Roncador-Xingu. São Paulo: Editora Globo, 1994.



### 3. Bibliografia

ALMEIDA, Sérgio Luiz Muricy de. **Cônego Benigno José de Carvalho: Imaginário e Ciência na Bahia do século XIX**. 2003. 134 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Lucas de Melo. **Romantismo e ciência em O Doutor Benignus (1875): Augusto Emílio Zaluar e seu romance científico e instrutivo**. 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia brasileira**. São Paulo: Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954, v. 1.

BARRETO, Lima. **Diário do hospício**. O cemitério dos vivos. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

BASTOS, Rafael José de Menezes. Leonardo, a flauta: uns sentimentos selvagens. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 49, n. 2, pp. 557-579, 2006.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Adolpho Lutz: um esboço biográfico. **Revista de História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 10, pp.13-83, jan./abr. 2003.

BENTES, Rosineide. A apropriação ecológica de seringais na Amazônia e a advocacia das *Rubber Plantations*. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 151, pp. 115-150, 2004.

BERNUCCI, Leopoldo M. **Paraíso suspeito: a voragem amazônica**. São Paulo: Edusp, 2017.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. v. 1.

BLUM, Deborah. **Ghost hunters**. William James and the search for scientific proof of life after death. Penguin Books, 2006.

BOLSANELLO, Maria Augusta, “Darwinismo social, eugenia, racismo ‘científico’: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira”. **Educar**, Curitiba, nº 12, pp. 153-165, 1996. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/sNH6RP4vvMk6wtPSZztNDyt/?format=pdf&lang=pt>

Acesso em: 03 out. 2022.

BORGES, Durval Rosa. **Rio Araguaia, corpo e alma**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183-191.

BÜCHMANN, Georg. **Geflügelte Worte**: Der Citatenschatz des deutschen Volkes. Berlin: Haude und Spener (F. Weidling), 1898.

BURDEN, Chris. Em busca da cidade perdida. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 21, pp 16-25, jun. 2007.

BURTON, Richard Francis. **Explorations of the Highlands of Brazil**. A full account of the gold and diamond mines. London: Tinsley Brothers, 1869. v. 2.

\_\_\_\_\_. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

CALMON, Pedro. **O segredo das minas de prata**. Novos aspectos da conquista da terra. Rio de Janeiro: S.N., 1950.

CAMASSA, José Bento de Oliveira. **Os icebergs e os seringais: representações e projetos políticos nos relatos de viagem de Roberto Payró sobre a Patagônia (1898) e de Euclides da Cunha sobre a Amazônia (1904-1905)**. 2021. 401 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2002.

CARTUM, Leda; NESTROVSKI, Sofia. **As vinte mil léguas de Charles Darwin: o caminho até “A origem das espécies”**. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas**: David Nasser e O Cruzeiro. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O Homem Americano e seus Temas**, ed. Facsimilar, Coleção Mossoroense, Série C, vol. 746, 1992.

CASEMENT, Roger. **Diário da Amazônia de Roger Casement**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CASTRO, Celso. **Textos básicos de Antropologia**. Cem anos de tradição: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. São Paulo: Zahar, 2016.

CASAZZA, Ingrid Fonseca. O Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil e a proteção do patrimônio natural brasileiro (1930-1940). **História (São Paulo)**, v. 41, 2022.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CHURCHWARD, Robert. **Wilderness of Fools**: An Account of the Adventures in Search of Lieut.-Colonel P. H. Fawcett. London: George Routledge & Sons Ltd., 1936.

CLARK, Leonard. **The rivers ran east**. San Francisco: Travelers' Tales, 2001

COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, pp. 51-71, set./dez. 2015.

CUNHA, Cônego Benigno José de Carvalho e. Correspondência do Sr. Cônego Benigno José de Carvalho e Cunha, ocupado nos sertões da Bahia em descobrimento da cidade abandonada. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo VI, pp. 298-318, 1844.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: UNESP, 2019.

\_\_\_\_\_. **Os Sertões**. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.

DALZIELL, Rosamund. The Curious Case of Sir Everard im Thurn and Sir Arthur Conan Doyle: Exploration & the Imperial Adventure Novel, The Lost World. **English Literature in Transition 1880-1920**, v. 45, n. 2, pp. 131-157, 2002.

DEAN, Warren. **A luta pela borracha no Brasil**: um estudo de história ecológica. São Paulo: Nobel, 1989.

DIEGO, José Luis de. **Los autores no escriben libros**: Nuevos aportes a la historia de la edición. Buenos Aires: Ampersand, 2019.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015.

DOYLE, Arthur Conan. **O mundo perdido**: relato das maravilhosas aventuras recentes do professor George E. Challenger, lorde John Roxton, professor Summerlee e do sr. E. D. Malone da Daily Gazette. São Paulo: Todavia, 2018.

\_\_\_\_\_. **The lost world**: being an account of the recent amazing adventures of professor George E. Challenger, lord John Roxton, professor Summerlee, and mr. E. D. Malone of the “Daily Gazette”. Nova York: Oxford University Press, 1998.

DYOTT, George Miller. **Man hunting in the jungle**. Being the story of a search for three explores lost in the Brazilian wilds. Indianapolis: The Bobbs-Merrill Company, 1930.

\_\_\_\_\_. **On the Trail of the Unknown**. In the wilds of Ecuador and the Amazon. With plates and a map. New York: G. P. Putnam’s Sons, 1926.

\_\_\_\_\_. **Silent Highways of the Jungle**: Being the Adventures of an Explorer in the Andes and Reaches of the Upper Amazon. London: Chapman & Dodd Ltd., 1922.

ECO, Umberto. **História das terras e lugares lendários**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ESTEVES, Bernardo. Os seixos da discórdia. Arqueólogos não conseguem entrar em acordo sobre a ocupação da América. **Revista Piauí**, São Paulo, Janeiro, 2014. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-seixos-da-discordia/> Acesso em: 3 out. 2022.

EWBANK, Cecília de Oliveira. **A parte que lhe cabe deste patrimônio: o projeto indigenista de Heloísa Alberto Torres para o Museu Nacional (1938-1955)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985.

FIGUEIREDO, Capitão Lima. **Limites do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Editora Henrique Velho, 1936.

FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **História do Brasil para ocupados**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

FIORAVANTI, Carlos. Doutor Benignus e os Extraterrestres. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 250, pp. 88-91, dez. 2016.

FLEMING, Peter. **Brazilian Adventure**. Exploring the Brazilian jungle in search of the lost Colonel Percy Fawcett. London: Toronto J. Cape, 1933.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**, São Paulo, v. 2, Editora Humanitas, 2011.

FRAZER, James George. **O Escopo da Antropologia Social** [1908]. In: CASTRO, Celso. (Org.). **Evolucionismo Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. London: Macmillan and Co., 1893.

GALVÃO, Maria Eduarda Capanema Guerra. **A Expedição Roncador-Xingu e a tarefa de ocupar, civilizar e urbanizar o Brasil Central**. 2014. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

GOBINEAU, Arthur de. **The inequality of human races**. London: William Heinemann, 1915.

- GOELDI, Emilio. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, pp. 6-7, 1894.
- GONÇALVES, Carlos Barros. **O movimento ecumênico protestante no Brasil e a implantação da Missão Caiuá em Dourados**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.
- GOULD, Stephen Jay. **Darwin e os Grandes Enigmas da Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 2, pp. 175-195, 2001.
- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal; HOLTEN, Birgitte. Desfazendo as ilusões: O Dr. Lund e a suposta presença escandinava na Terra de Santa Cruz. **Locus**, Juiz de Fora, v. 3, n.1, pp. 32-44, 1997.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HAAG, Carlos. O sonho do Eldorado Amazônico. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 160, pp. 78-83, jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. As sementes da discórdia: Pesquisas discutem impacto do contrabando de sementes da seringueira por ingleses. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 158, pp. 22-25, abr. 2009.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem-fantasma: A ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HERODOTUS. **Histories**. Translated by A. D. Godley. London: William Heinemann Ltd., 1921. v. 3.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era Dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo**. Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso**. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

HOLGATE, Mike. Percy Fawcett – The lost explorer (1867- c. 1925). In: **Local Studies Education Series**, Torquay Museum. Disponível em: <https://www.torbay.gov.uk/media/8995/percy-fawcett-the-lost-explorer.pdf> Acesso em: 30 ago. 2019.

HOLTEN, B.; GUIMARÃES, L. M. P. Desfazendo as Ilusões: o Dr. Lund e a suposta presença escandinava na terra de Santa Cruz. Locus: **Revista de História**, [S. l.], v. 3, n. 1, pp. 32-44, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20437> Acesso em: 2 nov. 2022.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e introdução: Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HOOKER, J. D.; TRIMEN, H. **A Handbook to the Flora of Ceylon**, Containing Descriptions of all the Species of Flowering Plants Indigenous to the Island, and Notes on their History, Distribution, and Uses. London: Dulau & Co., 1893.

HUMBOLDT, Alexander von. **Travels to the Equinoctial Regions of America during the Years 1799-1804**. London: G. Routledge & Sons, 1804.

IWAI, Marcia Miyuki. **O romance de aventura europeu e a construção do Outro: uma análise de O mundo perdido (1912), de Arthur Conan Doyle**. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

JACKSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueiras e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

JORGE, Arthur Guimarães de Araújo. **Rio Branco e as fronteiras do Brasil**: uma introdução às obras do Barão do Rio Branco. Brasília: Senado Federal, 1999.

KELTIE, John Scott. **Geographical Education**: Report to the Council of the Royal Geographical Society. London: John Murray, 1886.

KENNY, Kevin (Ed.) **Ireland and the British Empire**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KEULER, Adriana Tavares do Amaral. **Os estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro**: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939). 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

KIPLING, Rudyard. **Rudyard Kipling's Verse**. New York: Doubleday, 1940.

LANGER, Johnni. A cidade perdida da Bahia: mito e arqueologia no Brasil império. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 43, pp. 127-152, 2002.

LEAL, Hermes. **Coronel Fawcett**. A verdadeira história do Indiana Jones. São Paulo, Geração Editorial, 2000.

LEDUC-GRIMALDI, Mathilde; NEWMAN, James L. **Finding Dr. Livingstone**: A history in documents from the Henry Morton Stanley Archives. Athens: Ohio University Press, 2020.

LEE, Rita. **Rita Lee**: uma autobiografia. São Paulo: Editora Globo, 2016.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. **Carta geografica de projecção espherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portugueza, e Estado do Brazil**. [193-?]. 1 mapa, cópia em ozalid, 136 x 150,1 cm. Escala [ca.1:3.820.000] Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart530285/cart530285.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart530285/cart530285.jpg). Acesso em: 6 out. de 2022.

LEME, Antônio Pires da Silva Pontes. **Carta geographica de projecção espherica orthogonal da Nova Lusitania ou America Portugueza e Estado do Brazil**. [193-?]. 1 mapa em 4 f., cópia em ozalid, 69 x 75,1cm. Escala [ca.1:3.820.000] Disponível em:



[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart164663/cart164663.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164663/cart164663.jpg). Acesso em: 6 out. de 2022.

LEME, Deborah Lavorato. Registros da última expedição do Coronel P. H. Fawcett no Brasil. **Revista LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, pp. 354-369, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/42365>. Acesso em 16 dez. 2022.

LEVASSER, Édouard Louis. **Le Brésil**, avec la collaboration de MM. de Rio de Branco, Eduardo Prado, d'Ourém, Henri Gorceix, Paul Maury, E. Trouessart et Zaborowski. Paris: H. Lamirault, 1889.

LOFEGO, Silvio Luiz. **IV Centenário da Cidade de São Paulo**: uma cidade entre o passado e o futuro. São Paulo: Annablume, 2004.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MACHADO, Maria Helena P. T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo "degeneracionista". **Revista USP**, São Paulo, n. 75, pp. 68-75, set./nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Raça, ciência e viagem no século XIX**. São Paulo: Intermeios, 2018.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos viajantes**. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MEGGERS, Betty. **Amazônia**: A Ilusão de um Paraíso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELLES FILHO, João; MARTINS, Fernanda. Amazônias viajantes. Os viajantes e a reflexão sobre a Amazônia nos últimos cem anos. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 6, n. 11, pp. 13-31, 2019.

MELVILLE, Herman. **Moby Dick or, The Whale**. New York: Penguin Books, 1992.

MITCHELL, Angus. **Roger Casement no Brasil**: a borracha, a Amazônia e o mundo atlântico, 1884-1916. São Paulo: Humanitas, 2011.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Medo à utopia**: o pensamento social de Tobias Barreto e Silvio Romero. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MORAIS, Fernando. **Chatô, o rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos deste século. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORGAN, Lewis Henry. **A Sociedade Antiga** [1877]. In: CASTRO, Celso. (Org.). *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MUELLER, Geisa. A arqueologia ficcional de As Minas de Prata: um romance brasileiro de capa e espada. **Revista Labirinto**, ano XVI, v.25, jul./dez., pp.194-210, 2016.

MUSEU de Astronomia e Ciências Afins. **Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil**: inventário. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2012.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**. São Paulo: Global, 2005.

NETTO, Ladislau. **Archivos do Museu Nacional**, Volume VI, 1885.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu, 2022.

NÓBREGA, Thelma Mé dici. Transcrição e hiperfidelidade. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 7, p. 249-255.

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. A luta pela borracha no Brasil e a história ecológica de Warren Dean. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 3, n. 2, pp. 105-122, 2010.

PARANAVITANA, Senarat. **Inscriptions of Ceylon**. Colombo: Dept. of Archaeology, 1970.

PEREIRA, Cel. Renato Barbosa Rodrigues. O Barão do Rio Branco e o traçado das fronteiras do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, pp. 187-244, abr./jun. 1945.

PEZZATI, Alessandro. The Lost Explorer. **Expedition Magazine**, Volume 59, Number 2, p. 56, Fall 2017. Disponível em: <http://www.penn.museum/sites/expedition/?p=25565>. Acesso em: 16 dez. 2022.

PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

PLATÃO. **Timeu-Crítias**; tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

PRADO JÚNIOR. Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario digital**, Escuela de Historia, Facultad de Humanidades y artes de la Universidad Nacional de Rosário, v. 24, pp. 9-22, 2012.

\_\_\_\_\_. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História (USP)**, São Paulo, v. 153, pp. 11-33, 2005.

PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. “A Borracha na economia brasileira da Primeira República”. In: FAUSTO, Boris (Org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985.

PRATT, Mary-Louise. **Os olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: Editora EDUSC, 1999.

PRESTES, Anita Leocádia. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

QUINTELA, Antón Corbacho; REDEL, Carina. Kruse, Hermann: Goyaz, das wahre Herz Brasiliens. **Revista UFG**, ano XIII, n. 14, pp. 367-375, dez. 2013.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Cartografias do passado, arqueologias do presente: as ideias de Percy Harrison Fawcett sobre a Amazônia. **Revista de História da UEG**, Anápolis, v.4, n.2, pp. 97-113, ago./dez. 2015.

RANAWELLA, Sirimal. Lahugala Slab Inscription. **Vidyodaya J. Soc. Sc.**, v. 7, pp. 47-53, 1996. Disponível em: <http://dr.lib.sjp.ac.lk/bitstream/handle/123456789/690/Lahugala%20slab%20inscription.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 jan. 2023.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde** (cenas e cenários do Amazonas). Desenhos por Arthur Lucas. Gênova: S. A. I. clichês celulóides Bacigalupe, 1908.

RIVET, Paul. La Langue Masubi. **Journal de la Société des Américanistes**, Paris, v. 42, pp. 119-126, 1953.

RODRIGUES, Sérgio. Rastaquera, uma herança do racismo francês. **Revista Veja**, 20 de setembro de 2011. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/rastaquera-uma-heranca-do-racismo-frances/> Acesso em: 1 abr. 2021.

RODÓ, José Enrique. **Motivos de Proteo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1985.

ROMERO, Silvio. **A litteratura brasileira e a crítica moderna**. Rio de Janeiro: Imprensa Industrial, 1880.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre poesia popular no Brasil (1879-1880)**. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1888.

ROY, Gabriel. A Busca do El Dourado. **Revista de História (USP)**, v. 49, n. 99, pp. 45-60, 1974.

RUTHVEN, K. K. **O Mito**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SALOMÃO, Waly. **Jet Lag: poemas para viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SALVADOR, Frei Vicente do. **História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2010.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas dos; VERANI, Ana Carolina. Alcoolismo e medicina psiquiátrica no Brasil do início do século XX. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 17, pp. 400-420, 2010.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. **Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Ricardo Ventura; SILVA Maria Celina Soares de Mello e. **Inventário analítico do Arquivo de Antropologia Física do Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SAUER, Arthur. **Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brasil, 1898.

SCHNEIDER, Alberto Luiz; ALMEIDA, Thays Fregolent de. A Expedição Roncador-Xingu: (novos e velhos) bandeirantes na conquista da Fronteira Oeste. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 49, n. 3, p. 243-287, nov. 2018/fev. 2019.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloísa. **A Bailarina da Morte**: a gripe espanhola no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SHAW, E. W; DARNELL, J. L. A Frontier Region in Brazil: Southwestern Maranhao. **Geographical Review**, v. 16, n. 2, pp. 177-95, April 1926.

SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (Org.). **Os diários de Langsdorff**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. v. 1.

SILVA, Ricardo José Barbosa da. **História Invisível: uma análise psicossocial das raízes mágico-religiosas do Nacional-socialismo**. 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SINGER, Paul. “O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930”. *In*: FAUSTO, Boris (Org.) **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985.

SKINNER, E. Benjamin. **A Crime So Monstrous**: Face-to-Face with Modern-day Slavery. New York: Free Press, 2008.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX**. 2014. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. O legado de Betty Meggers na constituição de acervos museológicos no Brasil. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. 50, p. 69-84, 2018.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Editora FGV, 2010.

STANLEY, Henry Morton. **How I found Livingstone**. Travels, adventures and discoveries in Central Africa. London: Sampson Low, Marston, Searle and Rivington, 1894.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

STOCKING, George W. **Os pressupostos básicos da Antropologia de Boas**. In: BOAS, Franz. A formação da Antropologia americana 1883-1911. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STODDARD, Roger E. Morphology and the Book from an American Perspective. **Printing History**, n.17, pp. 2-14, 1987.

TAUNAY, Affonso. **História Geral das Bandeiras Paulistas**. Escripta à vista de avultada documentação inédita dos arquivos brasileiros, hespanhoes e portugueses, Tomo V. São Paulo: Typographia Ideal, 1929.

\_\_\_\_\_. **Zoologia Fantástica do Brasil – Séculos XVI e XVII**. São Paulo: Edusp, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo, uma planificação ecológica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TRIGGER, Bruce. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

TYLOR, Edward Burnett. **A Ciência da Cultura** [1871]. In: CASTRO, Celso. (Org.). *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

VALENTE, Rubens. O dom de Rondon. Biografia feita por jornalista americano tem narrativa hábil e organizada, mas não tira o marechal do pedestal. **Revista Quatro Cinco Um**, Edição número 22, p. 19, mai. 2019.

VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. v. 5.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Biografias de brasileiros ilustres ou de pessoas eminentes que serviram no Brasil ou ao Brasil. **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro, Tomo XXXVI, v. 46, pt. 1, pp. 184-187, 1873.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha: Esboço biográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da Monarquia à República**. In: MOTTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta*. São Paulo: Senac, 2000. v. 1.

VERGARA, Moema de Rezende. Ciência, fronteiras e nação: comissões brasileiras na demarcação dos limites territoriais entre Brasil e Bolívia, 1895-1901. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 2, pp. 345-361, mai./ago. 2010.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Atlântida: pequena história de um mito platônico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VISITA do Professor Larry Rohter ao AHEx. **Últimas notícias**. Rio de Janeiro: 05 de novembro de 2019. Disponível em: <http://www.ahex.eb.mil.br/ultimas-noticias/119-visita-do-professor-larry-rohter-ao-ahex> Acesso em: 7 out. 2022.

VOORT, Hein Van der. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett's vocabulary. **Cadernos de Etnolingüística**, v. 4, n. 1, pp. 1-20, mai./2012.

WALLER, Horace. **The last journals of David Livingstone in Central Africa**. From eighteen and sixty-five to his death. New York: Harper & Brothers Publishers, 1875.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920.** São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n.14, pp. 9-36, jan./jun. 2013.

WISE, M. J. The Scott Keltie Report 1885 and the Teaching of Geography in Great Britain. **Geographical Journal**, v. 152, n. 3, pp. 367-382, nov. 1886.

YANG, Alexander Chung Yuan. O comércio dos “coolie” (1819-1920). **Revista de História**, [S. l.], n. 112, pp. 419-428, 1977.